



## NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária

**MANIFESTACIONES DE LA CUESTIÓN AGRÁRIA EN URUGUAY**

Rita Bruschi

**O DISCURSO DO AGRONEGÓCIO: MODERNIDADE, PODER E 'VERDADE'**

José Renato Sant'Anna Porto

**ENCONTROS E DESENCONTROS:**

**FRONTEIRA, AGRONEGÓCIO DA SOJA E CAMPESINATO NO PLANALTO SANTARENO (PA)**

João Santos Nahum e Paulo Roberto Carneiro da Paixão Júnior

**PRODUÇÃO DE SUBSISTÊNCIA E AUTOCONSUMO NO CONTEXTO DE EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO**

Douglas Cristian Coelho e João Edmilson Fabrini

**REFORMA AGRÁRIA NOS MUNICÍPIOS DE CÁCERES/MT E SELVÍRIA/MS:  
AGRONEGÓCIO, SUBORDINAÇÃO E EMANCIPAÇÃO CAMPONESA**

Mariele de Oliveira Silva e Rosemeire Aparecida de Almeida

**A EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO SOBRE OS ASSENTAMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA:**

**O CASO DO PA FAZENDA PRIMAVERA (ANDRADINA-SP)**

Rafael de Oliveira Coelho dos Santos

**ASSENTAMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA COMO AGENTES DE RECUPERAÇÃO DA COBERTURA VEGETAL  
EM PAISAGENS DEGRADADAS DE MATA ATLÂNTICA NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE**

Vinicius Rocha Leite, Marcos Antônio Pedlowski e Ludmila Neves Haddad

**POLÍTICAS PÚBLICAS E COMUNIDADES TRADICIONAIS:**

**UMA ANÁLISE DOS PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL NA MATA ATLÂNTICA**

Rafael Navas, Andréa Yumi Sugishita Kanikadan, Kátia Maria Pacheco dos Santos e Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello

**UM PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS REMANESCENTES  
DE QUILOMBOLAS DOS CAETANOS DE CAPUAN, CAUCAIA - CEARÁ**

Simone Fernandes Soares

**RESENHA: POLÍTICAS FUNDIÁRIAS NO BRASIL:**

**UMA ANÁLISE GEO-HISTÓRICA DA GOVERNANÇA DA TERRA NO BRASIL**

Lorena Izá Pereira

**RESENHA: A DIALÉTICA DA AGROECOLOGIA: CONTRIBUIÇÃO PARA UM MUNDO COM ALIMENTOS SEM VENENO**

Leandro Nieves Ribeiro

Jul./Dez.

# 2014



# **Revista NERA nº. 25**

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera>

## **EDITORES**

**Djoni Roos**  
**Estevan Leopoldo de Freitas Coca**  
**Camila Ferracini Origuéla**  
**Lara Cardoso Dalpério**  
**José Sobreiro Filho**  
**Eduardo Paulon Girardi**  
**Bernardo Mançano Fernandes**  
**Janaina Francisca de Souza Campos Vinha**

**NERA**  
**Núcleo de Estudos,**  
**Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária**  
**Jul.-Dez./2014**

## Revista NERA (RNERA) nº. 25

### EDITORES

Djoni Roos  
Estevan Leopoldo de Freitas Coca  
Camila Ferracini Origuéla  
Lara Cardoso Dalpério  
José Sobreiro Filho  
Eduardo Paulon Girardi  
Bernardo Mançano Fernandes  
Janaina Francisca de Souza Campos Vinha

### CORPO EDITORIAL

Elizabeth Alice Clements  
Hellen Charlot Cristancho Garrido  
Leandro Nieves Ribeiro  
Luis Felipe Rincón Manrique  
Rafael de Oliveira Coelho dos Santos

### CONSELHO CIENTÍFICO

Adriano Rodrigues de Oliveira – UFG (Goiânia, GO, Brasil)  
Ana Domínguez Sandoval – UDELAR (Montevideu, Uruguai)  
Anderson Antônio da Silva – FATEC (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Antonio Thomaz Júnior – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Ariovaldo Umbelino de Oliveira – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
Bernardo Mançano Fernandes – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Camila Ferracini Origuéla - UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Carlos Alberto Feliciano – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Ciro de Oliveira Bezerra – UFAL (Maceió, AL, Brasil)  
Clifford Andrew Welch – UNIFESP (São Paulo, SP, Brasil)  
Djoni Roos – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)  
Douglas Cristian Coelho – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)  
Eduardo Paulon Girardi – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Eliane Tomiasi Paulino – UEL (Londrina, PR, Brasil)  
Emilia de Rodat Fernandes Moreira – UFPB (João Pessoa, PB, Brasil)  
Eraldo da Silva Ramos Filho – UFS (Aracaju, SE, Brasil)  
Estevan Leopoldo de Freitas Coca – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Fernando Mendonça Heck – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Flavio Bladimir Rodríguez Muñoz – Universidad Externado de Colômbia (Bogotá, Cundinamarca, Colômbia)  
Francilane Eulália de Souza – UEG (Formosa, GO, Brasil);  
Francisco Hidalgo Flor – Universidad Central del Ecuador (Quito, Pichincha, Equador)  
Gláucio Marafon – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)  
Hannah Wittman – UBC (Vancouver, British Columbia, Canadá)  
Hellen Charlot Cristancho Garrido – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Hervé Théry – USP (São Paulo, SP, Brasil) e CNRS (França)  
Isaías Tobasura Acuña – Universidad de Caldas (Manizales, Caldas, Colômbia)  
Jacob Binsztok – UFF (Niterói, RJ, Brasil)  
Janaina Francisca de Souza Campos – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
João Cleps Júnior – UFU (Uberlândia, MG, Brasil)  
João Edmilson Fabrini – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)  
João Márcio Mendes Pereira – UFRRJ (Seropédica, RJ, Brasil)  
João Rua – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)  
Jorge Ramón Montenegro Gómez – UFPR (Curitiba, PR, Brasil)  
José Antonio Segrelles Serrano – Universidad de Alicante (Alicante, Espanha)  
José Aparecido Lima Dourado – UEA (Tabatinga, AM, Brasil)  
José Sobreiro Filho – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Juliana Grasiéli Bueno Mota – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Julio Cesar Suzuki – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
Juscelino Eudâmidas Bezerra – UPE (Petrolina, PE, Brasil)  
Luciano Concheiro Borquez – UAM-X (Cidade do México, Distrito Federal, México)  
Luis Daniel Hocsman - Universidad Nacional de Córdoba (Córdoba, Argentina)  
Luis Felipe Rincón Manrique – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Manoel Calaça – UFG (Goiânia, GO, Brasil)  
Mara Edilara Batista de Oliveira – UFPR (Curitiba, PR, Brasil)  
Márcio Freitas Eduardo – UFFS (Erechim, RS, Brasil)

Marta Beatriz Chiappe Hernández – UDELAR (Montevideu, Uruguai)  
 Marta Inez Medeiros Marques – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
 Matías Carámbula Pareja – UDELAR (Montevideu, Uruguai)  
 Munir Jorge Felício – UNOESTE (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
 Neli Aparecida de Mello – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
 Nelson Rodrigo Pedon – UNESP (Ourinhos, SP, Brasil)  
 Noemia Ramos Vieira – UNESP (Marília, SP, Brasil)  
 Omar Angel Arach – Universidad Nacional de Córdoba (Córdoba, Argentina)  
 Onélia Carmem Rossetto – UFMT (Cuiabá, MT, Brasil)  
 Oscar Bazoberry Chali – UMSA (La Paz, Bolívia)  
 Paulo Roberto Alentejano – UERJ (São Gonçalo, RJ, Brasil)  
 Renato Emerson Nascimento dos Santos – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)  
 Ricardo Pires de Paula – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
 Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
 Rodrigo Simão Camacho – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
 Rosa Maria Vieira Medeiros – UFRGS (Porto Alegre, RS, Brasil)  
 Rosemeire Aparecida de Almeida – UFMS (Três Lagoas, MS, Brasil)  
 Sam Moyo – African Institute for Agrarian Studies (Harare, Zimbábue)  
 Sedeval Nardoque – UFMS (Três Lagoas, MS, Brasil)  
 Sílvio Simione da Silva – UFAC (Rio Branco, AC, Brasil)  
 Tiago Egídio Avanço Cubas – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
 Valéria de Marcos – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
 Víctor Martín Martín – Universidad de La Laguna (Espanha)  
 Virgínia Marina Rossi Rodriguez – UDELAR (Paysandú, Uruguai)  
 Wendy Wolford – Cornell University (Ithaca, New York, Estados Unidos da América)  
 Wilder Robles – University of Manitoba (Winnipeg, Canadá)

## Revista NERA

Distribuída por



Indexada por



### Ficha Catalográfica

Revista NERA. A.1, n. 1, 1998. Presidente Prudente: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – FCT/UNESP.

1998 – ano 1, nº. 1, nº. 2	2009 – ano 12, nº. 14
1999 – interrompida	2009 – ano 12, nº. 15
2000 – ano 3, nº. 3	2010 – ano 13, nº. 16
2001 – interrompida	2010 – ano 13, nº. 17
2002 – interrompida	2011 – ano 14, nº. 18
2003 – interrompida	2011 – ano 14, nº. 19
2004 – ano 7, nº. 4	2012 – ano 15, nº. 20
2004 – ano 7, nº. 5	2012 – ano 15, Edição Especial
2005 – ano 8, nº. 6	2012 – ano 15, nº. 21
2005 – ano 8, nº. 7	2013 – ano 16, nº. 22
2006 – ano 9, nº. 8	2013 – ano 16, nº. 23
2006 – ano 9, nº. 9	2014 – ano 17, nº. 24
2007 – ano 10, nº. 10	2014 – ano 17, nº. 25
2007 – ano 10, nº. 11	
2008 – ano 11, nº. 12	Semestral
2008 – ano 11, nº. 13	ISSN 1806-6755

1. Geografia - Periódicos - Grupo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária - FCT/Unesp

### ENDEREÇO

Rua Roberto Simonsen, 305, Centro Educacional, 19.060-900, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
 FCT/UNESP – Bloco Docente I – Sala 19  
 Fone: (18) 3229-5388 – Ramal: 5552

Site: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera> - e-mail: [revistanera@fct.unesp.br](mailto:revistanera@fct.unesp.br)

# Sumário

---

## **APRESENTAÇÃO**

07

PRESENTACIÓN

PRESENTATION

**José Sobreiro Filho**

---

## **MANIFESTACIONES DE LA CUESTIÓN AGRARIA EN URUGUAY**

10

MANIFESTAÇÕES DA QUESTÃO AGRÁRIA NO URUGUAY

MANIFESTATIONS OF AGRARIAN QUESTION IN URUGUAY

**Rita Bruschi**

---

## **O DISCURSO DO AGRONEGÓCIO: MODERNIDADE, PODER E “VERDADE”**

25

EL DISCURSO DEL AGRONEGOCIO: MODERNIDAD, PODER Y “VERDAD”

THE DISCOURSE OF AGRIBUSINESS: MODERNITY, POWER AND “TRUTH”

**José Renato Sant’Anna Porto**

---

## **ENCONTROS E DESENCONTROS: FRONTEIRA, AGRONEGÓCIO DA SOJA E CAMPESINATO NO PLANALTO SANTARENO (PA)**

47

RENCONTRES ET MESENCONTRES: FRONTIER, AGROBUSINESS DE SOJA ET PAYSANNERIE DANS LE PLATEAU DE SANTAREM (PA)

MATCHES AND MISMATCHES: FRONTIER, SOYBEAN AGRIBUSINESS AND THE PEASANTRY PLATEAU SANTARENO (PA)

**João Santos Nahum e Paulo Roberto Carneiro da Paixão Júnior**

---

## **PRODUÇÃO DE SUBSISTÊNCIA E AUTOCONSUMO NO CONTEXTO DE EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO**

71

PRODUCCIÓN DE SUBSISTENCIA Y AUTOCONSUMO EN EL CONTEXTO DE LA EXPANSIÓN DEL AGRONEGOCIO

SUBSISTENCE PRODUCTION AND SELF-CONSUMPTION IN THE CONTEXT OF AGRIBUSINESS EXPANSION

**Douglas Cristian Coelho e João Edmilson Fabrini**

---

88

**REFORMA AGRÁRIA NOS MUNICÍPIOS DE CÁCERES/MT E SELVÍRIA/MS: AGRONEGÓCIO, SUBORDINAÇÃO E EMANCIPAÇÃO CAMPONESA**

REFORMA AGRARIA EN LAS CIUDADES DE CÁCERES/MT Y SELVÍRIA/MS:

AGRONEGOCIO, SUBORDINACIÓN Y EMANCIPACIÓN CAMPONESA

AGRARIAN REFORM IN THE CITIES OF CÁCERES/MT AND SELVÍRIA/MS:  
AGRIBUSINESS, SUBORDINATION AND PEASANT EMANCIPATION

**Mariele de Oliveira Silva e Rosemeire Aparecida de Almeida**

---

102

**A EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO SOBRE OS ASSENTAMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA: O CASO DO PA FAZENDA PRIMAVERA (ANDRADINA-SP)**

LA EXPANSIÓN DEL AGRONEGOCIO SOBRE LOS ASENTAMIENTOS DE LA REFORMA AGRARIA: EL CASO DEL PA FAZENDA PRIMAVERA (ANDRADINA-SP)

THE EXPANSION OF AGRIBUSINESS ON THE SETTLEMENTS OF AGRARIAN REFORM: THE CASE OF THE PA FAZENDA PRIMAVERA (ANDRADINA-SP)

**Rafael de Oliveira Coelho dos Santos**

---

136

**ASSENTAMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA COMO AGENTES DE RECUPERAÇÃO DA COBERTURA VEGETAL EM PAISAGENS DEGRADADAS DE MATA ATLÂNTICA NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE**

ASENTAMIENTOS DE REFORMA AGRARIA COMO AGENTES DE RECUPERACIÓN DE LA COBERTURA VEGETAL EN PAISAJES DEGRADADAS EN LA MATA ATLÂNTICA EN EL NORTE FLUMINENSE

LAND REFORM SETTLEMENTS AS AGENTS OF VEGETATION COVER RECOVERY OF ATLANTIC FOREST DEGRADED LANDSCAPES IN THE NORTH FLUMINENSE REGION

**Vinicius Rocha Leite, Marcos Antonio Pedlowski e Ludmila Neves Haddad**

---

147

**POLÍTICAS PÚBLICAS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: UMA ANÁLISE DOS PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL NA MATA ATLÂNTICA**

POLÍTICAS PUBLICAS Y COMUNIDADES TRADICIONALES: UNA ANALISIS DE LOS PROYECTOS DE DESARROLLO LOCAL SOSTENIBLE EN LA MATA ATLÂNTICA

TRADITIONAL COMMUNITIES AND PUBLIC POLICY: AN ANALYSIS OF LOCAL SUSTAINABLE DEVELOPMENT PROJECTS IN THE ATLANTICS FOREST

**Rafael Navas, Andréa Yumi Sugishita Kanikadan, Kátia Maria Pacheco dos Santos e Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello**

---

162

**UM PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS DOS CAETANOS DE CAPUAN, CAUCAIA – CEARÁ**

UN PROCESO DE ENTRENAMIENTO DE LOS JÓVENES Y ADULTOS REMANENTE DE QUILOMBOLAS DE LOS CAETANOS DE CAPUAN, CAUCAIA –

CEARÁ

A PROCESS OF EMPOWERMENT OF YOUNG AND ADULTS REMAINS OF THE  
QUILOMBOLAS DE LOS CAETANOS DE CAPUAN, CAUCAIA – CEARÁ

**Simone Fernandes Soares**

---

**RESENHA: POLÍTICAS FUNDIÁRIAS NO BRASIL: UMA ANÁLISE GEO-  
HISTÓRICA DA GOVERNANÇA DA TERRA NO BRASIL**

**182**

POLÍTICAS DE LA TIERRA EM BRASIL: UM ANÁLISIS GEO-HISTÓRICA DE LA  
GOVERNANÇA DE LA TIERRA EM BRASIL

POLICIES LAND IN BRASIL: AN ANALYSIS OF GOVERNANCE GEO-HISTORIC  
LAND IN BRASIL

**Lorena Izá Pereira**

---

**RESENHA: A DIALÉTICA DA AGROECOLOGIA: CONTRIBUIÇÃO PARA UM  
MUNDO COM ALIMENTOS SEM VENENO**

**186**

LA DIALÉCTICA DE LA AGROECOLOGÍA: CONTRIBUCIÓN A UN MUNDO COM  
ALIMENTOS SIN VENENO

THE DIALECTIC OF AGROECOLOGY: CONTRIBUTION A WORLD WITH NO FOOD  
POISON

**Leandro Nieves Ribeiro**

---

**COMPÊNDIO EDIÇÕES**

**193**

COMPENDIO EDICIONES

COMPENDIUM EDITIONS

---

**COMPÊNDIO AUTORES**

**205**

COMPENDIO AUTORES

COMPENDIUM AUTHORS

---

## APRESENTAÇÃO

Mais um número da Revista NERA é lançado e, portanto, mais uma vez tem-se no amplo debate dos paradigmas e disputas territoriais no ambiente acadêmico um avanço na luta da Memória contra o Esquecimento. Assim, o 25º número da Revista NERA, composto por nove artigos e duas resenhas, apresenta não somente uma ampla quantidade de discussões modernas e questões caras aos que se silenciam e se furtam ao debate da Questão Agrária nas investigações acadêmicas, mas também temas múltiplos e uma ampla pluralidade de contextos e escalas. Um olhar holístico sobre este número nos permitiria não só observar a multiplicidade dos processos no Brasil e na América do Sul, mas também as potencialidades e as ricas e intrigantes produções acadêmicas sobre o mundo agrário, que neste número compreende agronegócio, reforma agrária, campesinato, conflito, políticas públicas, quilombolas, movimentos socioterritoriais, etc. e cujos resultados são artigos com arcabouços teórico-metodológicos interessantes e, conseqüentemente, questões relevantes para nossas pesquisas diárias e trabalho nos ambientes pedagógicos, especialmente pela linguagem acessível.

No artigo *Manifestaciones de la cuestión agraria en Uruguay*, como um dos produtos teóricos e analíticos do projeto de cooperação Internacional “Questão agrária e desenvolvimento territorial rural no Brasil e no Uruguai” entre a UNESP e a UDELAR, Rita Bruschi apresenta uma leitura sobre a questão agrária uruguaia dando especial destaque para as formas de luta omitidas pelo discurso dominante. A principal contribuição de sua abordagem, cujos pilares destacam o histórico de conflitos e construção de riquezas em detrimento de setores subalternos e movimentos socioterritoriais, é oferecer ao leitor uma reflexão acessível e que esteja de acordo com a história e geografia dos conflitos no Uruguai (laborais, ambientais, por terra, água e entre setores socioeconômicos). Assim o faz, contemplando tanto elementos quantitativos quanto qualitativos, rompendo com as velhas dicotomias, como parte de olhar maduro apinhado de conceitos geográficos sobre o mundo agrário e, especialmente, a questão da terra no Uruguai.

O autor José Renato Sant’Anna Porto no artigo intitulado *O discurso do agronegócio: modernidade e “verdade”* apresenta uma questão atual e que muito contribui para compreendermos os meios e perspectivas dos agentes formuladores do discurso do agronegócio brasileiro. Tomando as intensas transformações contemporâneas no campo, promovidas pelo agronegócio, o autor apresenta uma interessante leitura sobre a remodelação e produção de um discurso amparado em diversos argumentos (sustentabilidade, modernidade, desenvolvimento, etc.) para dar sustentação às práticas e aceitação pública do agronegócio. Ademais, o autor apresenta também duas questões interessante na análise do discurso criado, sendo a primeira o Estado que passa de epicentro dos problemas para o salvador da lavoura e, segundo, a modernização como uma panaceia para a agricultura e para o agricultor familiar.

No artigo *Encontros e Desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campesinato no Planalto Santareno (PA)*, João Santos Nahum e Paulo Roberto Carneiro da Paixão Junior analisam os impactos do agronegócio sojeiro a partir de 1994 em Santarém, Jenipapo e Belterra no estado do Pará dando especial enfoque para sua relação com o campesinato. Aqui, “*Encontros e desencontros*” tem significativo potencial explicativo, especialmente por se tratar tanto da chegada do agronegócio e da partida do campesinato quanto também do desencontro do gênero

de vida com a lógica de produção ditada pelo agronegócio. Por fim, a temática, abordada e tratada aos auspícios da requintada e selecionada bibliografia, surge-nos como instigante e intrigante pelos diferentes encontros de lógicas tempo-espaciais distintas que tem configurado a fronteira no estado do Pará e na Amazônia.

Douglas Cristian Coelho e João Edmilson Fabrini, tendo como pano de fundo a expansão do agronegócio, em *Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio* analisam a produção de subsistência e autoconsumo no município de Pato Bragado (PR) à luz de clássicos da literatura universal e nacionais do mundo agrário. A riqueza teórica nesta análise torna-se ainda mais clara e importante, especialmente, pelo encontro e tensionamento dos respectivos potenciais explicativos perante a realidade atual e seus novos elementos, sendo assim a abordagem de autores clássicos internacionais como Chayanov, Kautsky, Lênin e Wolf, encontram-se com elementos e processos atuais que transbordam a literatura e, portanto, demandam novas reflexões teóricas por meio de imediato contato com a realidade. Ademais às reflexões teóricas, constata-se também que apesar do processo de espacialização e territorialização do agronegócio, com sua lógica homogeneizadora e hegemônica, o campesinato tem conseguido, através de formas de resistência e recriação, se manter no campo. Parcela significativa deste processo refere-se tanto à lógica contraditória do agronegócio no campo que simultaneamente promove o fim e a recriação do campesinato, quanto também à produção de subsistência e autoconsumo que caracteriza-se como importante forma de resistência.

Tendo como pano de fundo uma abordagem sobre dois municípios em estados historicamente marcados pela expressiva concentração de terras e pelos latifúndios da pecuária e, na atualidade, pela forte expansão da monocultura para produção de *commodities* (soja, cana-de-açúcar e eucalipto), Mariele de Oliveira Silva e Rosimeire Aparecida de Almeida buscam compreender os desdobramentos tanto das políticas públicas quanto do avanço do agronegócio, com o cerco do monocultivo, para com o campesinato. Assim, o artigo *Reforma Agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa* apresenta-se como uma interessante análise para se pensar experiências de integração/subordinação, resistência e emancipação do campesinato assentado.

A disputa territorial entre o agronegócio e os assentamentos de reforma agrária é discussão central de Rafael de Oliveira Coelho dos Santos no artigo *A expansão do agronegócio sobre os assentamentos da reforma agrária: o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP)*. Nesta abordagem, sobre uma temática extremamente pertinente para se analisar o presente e pensar o futuro das políticas de reforma agrária no Brasil, o autor busca analisar fatores, especialmente a emancipação dos assentamentos e a insuficiência de políticas públicas, que interferem e criam condições para acirrar e tensionar ainda mais a disputa territorial.

Outra questão extremamente relevante nos é oferecida por Vinicius Rocha Leite, Marco Antonio Pedlowski e Ludmila Neves. Diante das poucas pesquisas sobre os efeitos da criação de assentamentos rurais de reforma agrária na Mata Atlântica, dos poucos e majoritariamente inconclusivos resultados de suas repercussões globais e da importância de se realizar uma análise sob o marco de integração da visão ambiental e social, o artigo *Assentamentos de Reforma Agrária como agentes de recuperação da cobertura vegetal em paisagens degradadas de Mata Atlântica na Região Norte Fluminense*, a partir de uma metodologia sólida, nos

traz uma avaliação da dinâmica da cobertura vegetal e uso da terra nas regiões onde estão localizados ambos os assentamentos de reforma agrária no Norte Fluminense e, conseqüentemente, as mudanças decorrentes dos respectivos modelos de exploração da terra. O caminho percorrido pelos autores, dentre outros elementos e detalhes corroboram críticas atuais e pertinentes que sinalizam o significativo potencial dos assentamentos com suporte para a sustentação de sistemas policulturais na recuperação da dinâmica natural da paisagem.

Os autores Rafael Navas, Andréa Yumi Sugishita Kanikadan, Kátia Maria Pacheco dos Santos e Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello apresentam uma reflexão sobre políticas públicas e comunidades tradicionais, especificamente quilombolas. O artigo *Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica* busca assim discutir e avaliar tanto os desdobramentos do resultado de uma política pública na comunidade remanescente de quilombo Mandira em Cananéia (SP) quanto também às diversas atividades realizadas na comunidade (manejo florestal, agricultura de subsistência, agroecologia, cultivo da *crassostrea brasiliana*, etc.).

No artigo *Um processo de capacitação de jovens e adultos remanescentes de quilombolas dos Caetanos de Capuan, Caucaia* – Ceará, Simone Fernandes Soares faz uma análise sobre a importância da educação como prática social e na construção histórica da sociedade. A autora parte da discussão dos diversos aspectos da Educação do Campo, assim valorizando os espaços não formais de educação e as formações dos movimentos sociais (como práticas políticas, econômicas, etc.), e analisa a apropriação desta pelo *Projeto de fortalecimento da agricultura familiar, através da capacitação social de jovens e adultos agricultores* na comunidade remanescente de quilombolas dos Caetanos de Capuan em Caucaia no estado do Ceará.

Ademais, este volume da revista Nera conta também com resenhas de dois livros atuais: *Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geohistórica da governança da terra no Brasil* de Lorena Izá Pereira; e *A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno* de Leandro Nieves Ribeiro. Ambas as obras, além de atuais, apresentam elementos e reflexões de extrema relevância para se compreender a atualidade e também significativo potencial de uso pedagógico.

Por fim, a Revista NERA registra aqui sinceros agradecimentos aos autores, pareceristas e a toda equipe de trabalho pelas respectivas contribuições e dedicação com a revista e torna público também o convite para submissão de novos artigos, resenhas e notas para os próximos volumes. Aos leitores e pesquisadores, aos camponeses e aos povos indígenas e/ou tradicionais dos campos e das florestas fica também nosso agradecimento por serem a essência da Revista NERA.

Bom trabalho e boa leitura!

**José Sobreiro Filho**  
Editor da Revista NERA

# Manifestaciones de la cuestión agraria en Uruguay<sup>1</sup>

**Rita Bruschi**

Diplomando en Geografía – IPES (CFE-ANEP)  
Profesora de Ciencias Geográficas (IPA)  
Docente del Consejo de Formación en Educación –ANEP  
e-mail: ritayces@gmail.com

## Resumen

La Cuestión Agraria en el Uruguay, omitida en el discurso dominante y, en el mejor de los casos, remitida al pasado histórico, subsiste como producto de un conflicto por la tierra y la riqueza generada a partir de ella que se ha mantenido a lo largo del tiempo. Se pretende, por medio de este trabajo, poner en relieve la vigencia de la discusión de la cuestión agraria en el país, a partir del relevamiento de las manifestaciones que reflejan el conflicto agrario producidas en los últimos cinco años.

**Palabras clave:** cuestión agraria; conflicto agrario; movimientos socioterritoriales; manifestación social; Uruguay

## Resumo

### Manifestações da Questão Agrária no Uruguai

A Questão Agrária no Uruguai, omitida no discurso dominante e, no melhor dos casos, referiu-se ao passado histórico, permanece como um resultado de um conflito sobre a terra e a riqueza gerada a partir dela mantido ao longo do tempo. Procura-se, através deste trabalho, destacar a validade da discussão sobre a questão da terra no país, a partir do levantamento das manifestações que refletem o conflito agrário produzidas nos últimos cinco anos.

**Palavras-chave:** questão agraria; conflito agrário; movimentos sócioterritoriais; manifestação social; Uruguai.

## Abstract

### Manifestations of Agrarian Question in Uruguay

The Agrarian Question in Uruguay, omitted in the dominant discourse and, in the best case, referred to the historical past, remains as a result of a conflict over land and the wealth generated from it, has been maintained over time. It aims, through this work, to highlight the validity of the discussion of the land question in the country, from the survey of the manifestations that reflect the agrarian conflict produced in the last five years.

**Keywords:** agrarian question; agrarian conflict; socioterritorial movements; social manifestation; Uruguay

---

<sup>1</sup> Artículo producido en el marco del Projeto CAPES/PFG 014/2011 – UNESP/UEDELAR, “Questão agrária e desenvolvimento territorial rural no Brasil e Uruguai”.

## Introducción

El presente trabajo tiene como objetivo relevar la conflictividad rural en Uruguay a partir de sus manifestaciones en los últimos cinco años. Se inscribe dentro de la discusión de la cuestión agraria en nuestro país.

Como es de suponer, esta cuestión ha estado siempre presente. Tomando las palabras de Achkar (2005), siendo Uruguay un país con base agraria, el conflicto por la tierra ha sido permanente, y se remonta a épocas previas a nuestra independencia. Existe una contradicción constante entre los latifundistas cuyo objetivo es la producción con destino a la exportación y los pequeños productores que mantienen el mercado interno.

Los conflictos de los trabajadores rurales como tales tampoco son tema nuevo. Los primeros sindicatos rurales se constituyen a principios de los años '40 del siglo XX, cuando los sindicatos urbanos habían superado las cuatro décadas de presencia sostenida (GONZÁLEZ, 1994). En principio, la dificultad para establecer claramente cuáles son las clases sociales a nivel rural, hace que las reivindicaciones planteadas por la plataforma de la central sindical del momento (UGT) fuera tan dispar como: “[...] indemnización por la caída de granizo, créditos, moratorias de arrendamientos, ‘sub-división de la tierra’ y aumento de salario para los peones.” (GONZÁLEZ, 1994, p.57). Este autor supone que unir las reivindicaciones de pequeños productores y asalariados rurales tuvo que ver con las coincidencias ideológicas y económicas de quienes oponían resistencia a los latifundistas, lo que denota el conflicto histórico subyacente entre éstos y los sectores subalternos.

Este proceso de conformación de sindicatos rurales se ve interrumpido por la dictadura militar entre 1973 y 1985. En 1984 el PIT-CNT logra reunificar los sindicatos y en 1985 hay un auge de sindicalización rural, cuando surgen en un plazo de 17 meses 14 sindicatos rurales, con un total de 5.000 trabajadores afiliados. Si bien no cambian las condiciones de trabajo para los trabajadores rurales, la introducción de nuevas tecnologías en los '90 y la persecución sindical hacen que se debilite el movimiento sindical rural.

Esto se revierte a fines del 2004 y a principios del 2005 –el 30 de abril, que este año se declaró como el día del trabajador rural-, cuando se constituye la UNATRA –Unión Nacional de Asalariados, Trabajadores Rurales y Afines-. Es cuando asume el primer gobierno frenteamplista de la historia de nuestro país, quien pone en funcionamiento, también por primera vez, un Consejo de Salarios para el sector, lo que valida los sindicatos y les da un gran empuje para continuar organizándose. Los Consejos de Salarios son ámbitos tripartitos de negociación (trabajadores, patronales y gobierno), que siempre tuvieron una enorme resistencia por parte de las asociaciones tradicionales que representan a los capitalistas rurales.

Las negociaciones se han dado más satisfactoriamente por rubros, por ejemplo los trabajadores del arroz, pero hay reivindicaciones de carácter general, como la libertad sindical, las pautas de aumentos de salarios y la jornada laboral de 8 horas. La libertad sindical se obtiene a partir de la Ley de Fuero Sindical, del 6 de enero del 2006; el primer consejo de salarios rural se crea en marzo del 2005 y en julio del 2009 se crea el Decreto 321 sobre salud y seguridad laboral de los trabajadores rurales.

Es decir, que todos estos avances se han dado a partir de la asunción de una nueva fuerza política en nuestro país, la que se plantea, de acuerdo a Díaz (2009), también herramientas para incidir en el agro en la cuestión de la distribución y tenencia de la tierra. Estas herramientas serían: el Impuesto a las Transmisiones Patrimoniales, la ley de Sociedades Anónimas, la Reforma Tributaria y la Ley “Campaña. Normas para repoblarla”. A excepción de la ley de Sociedades Anónimas, las otras medidas están enfocadas hacia la capitalización del Instituto Nacional de Colonización y su posterior reparto de tierras entre los interesados, unos 6.600 aspirantes a colonos en el período 1997-2006.

Por otro parte, estamos en un período de consolidación del agronegocio, el cual, por las relaciones fundiarias y de trabajo que genera, concentra la riqueza, degrada al ambiente y expulsa la población rural. La expansión de los cultivos orientados hacia la exportación (soja, forestación y arroz) determina una retracción de la agricultura familiar y otras actividades tradicionales como la ganadería extensiva y la lechería, por entrar en disputa

territorial con los anteriores. A raíz de esto se ha dado un proceso importante y acelerado de extranjerización de la tierra, fruto de la expansión de las fronteras agrícolas argentina y brasileña.

A su vez, el incremento de la productividad de las tierras que es parte de la aplicación de los paquetes tecnológicos que conllevan los cultivos sojeros, forestales y arroceros, la creciente demanda de estos productos y el aumento de los precios en el mercado internacional ha conllevado una importante suba del valor de la tierra en nuestro territorio. Esto deriva en un reforzamiento en el proceso de desprendimiento de la tierra por parte de los pequeños y medianos productores, una mayor concentración de la tierra, la continuidad del éxodo rural y la transformación de antiguos productores rurales hacia el sector terciario urbano o en asalariados rurales. Por otro lado, el viejo reclamo de “la tierra p’al que trabaja” se diluye frente a la imposibilidad de acceder a la tierra para quienes sí quieren trabajarla por los altos precios que tendrían que pagar. La opción que queda para la clase trabajadora es a través del Instituto Nacional de Colonización, al que no se le asignan recursos suficientes, o la ocupación de tierras por vías de la fuerza.

## Los movimientos socioterritoriales y sus manifestaciones en nuestro país

Cuando hablamos de Cuestión Agraria, tomamos como referencia la definición brindada por Fernandes:

A questão agrária é o movimento do conjunto de problemas relativos ao desenvolvimento da agropecuária e das lutas de resistência dos trabalhadores, que são inerentes ao processo desigual e contraditório das relações capitalistas de produção [...] os problemas referentes à questão agrária estão relacionados, essencialmente, à propriedade da terra, conseqüentemente à concentração da estrutura fundiária; aos processos de expropriação, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; à luta pela terra, pela reforma agrária e pela resistência na terra; à violência extrema contra os trabalhadores, à produção, abastecimento e segurança alimentar; aos modelos de desenvolvimento da agropecuária e seus padrões tecnológicos, às políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e à cidade, à qualidade de vida e dignidade humana [...] a questão agrária compreende as dimensões econômica, social e política. (FERNANDES *apud* DE AMORIM, 2004, p.4).

Por tanto, para el presente trabajo, se tomará la conflictividad de los trabajadores rurales asalariados y los productores familiares como clases subalternas, dejando específicamente de lado a la conflictividad que plantean los asociados a la Asociación Rural del Uruguay y a la Federación Rural, que responden al agronegocio y al sector empresarial, o sea a las clases dominantes en nuestro país.

Es decir que por un lado están los trabajadores rurales asalariados, defendidos por sus respectivos sindicatos, y por otro los pequeños productores – que tiene que ver con una cuestión de escala del predio, menos de 100há, a los efectos censales- y los productores familiares, donde lo fundamental no es la cantidad de tierra sino las relaciones de producción. Son unidades con mano de obra básicamente familiar – aunque pueda contar con asalariados permanentes o zafrales y que producen para los mercados. Es aquí donde Piñeiro (1991) establece la diferencia con los agricultores campesinos, quienes poseen una producción diversificada para el autoconsumo y venden los excedentes.

Para el relevamiento de las manifestaciones de la conflictividad, se tomaron cinco años – desde abril del 2008 a mayo del 2013- de prensa escrita, en el periódico de alcance nacional la diaria. La elección de este diario es su frecuencia, su alcance nacional y su enfoque ideológico que suele dar espacio a las reivindicaciones de los sectores sociales oprimidos y los movimientos sociales que los representan.

El contexto de estos últimos cinco años desde el punto de vista político tiene que ver con un gobierno frenteamplista consolidado –en el 2005 asume Tabaré Vázquez como primer presidente y en el 2010 asume José Mujica la segunda presidencia de esta fuerza política que se define de izquierda.

El proceso desigual y contradictorio de las relaciones capitalistas de producción en el agro, es quien ha generado movimientos sociales en reclamo de mayor justicia en el acceso a los bienes de la naturaleza y de la transformación de las condiciones existentes. De acuerdo a Feliciano, los movimientos sociales son movimientos de cambio, que pueden implicar cambios a nivel individual o colectivo, coyunturales o estructurales, dependiendo de la fuerza y la organización de estos movimientos (2009:110). Los movimientos sociales surgen precisamente por la necesidad de cambios, de no quedar paralizados y resignados frente a la situación reinante. Implican la participación de masas en ese proceso de construcción de una nueva realidad social y por tanto, como destaca Gohn (1997) del pensamiento de Rosa Luxemburgo, estos movimientos cuentan con la espontaneidad de las masas y sus iniciativas creadoras.

¿Por qué hablar de movimientos socioterritoriales en lugar de simplemente movimientos sociales? Esto tiene que ver con que todas las acciones sociales se realizan en el espacio y producen nuevo espacio. Por tanto todo movimiento social es también un movimiento socioespacial, y, en la medida en que configura o busca configurar nuevas relaciones de poder, también los podemos considerar como movimientos socioterritoriales. No son conceptos contrapuestos, sino que tienen que ver, como dice Fernandes, con la perspectiva de estudio: más sociológica o más geográfica.

Os movimentos socioterritoriais têm o território não só como trunfo, mas este é essencial para sua existência. Os movimentos camponeses, os indígenas, as empresas, os sindicatos e os estados podem-se constituir em movimentos socioterritoriais e socioespaciais. Porque criam relações sociais para tratarem diretamente de seus interesses e assim produzem seus próprios espaços e seus territórios. (FERNANDES, 2005a, p.31).

Por la desigualdad y contradicciones es que la cuestión agraria ha generado, y continúa generando, conflictividad. “Porque es movimiento de destrucción y recreación de relaciones sociales: de territorialización, desterritorialización y reterritorialización del capital y del campesinado; del monopolio del territorio campesino por el capital”. (FERNANDES, 2005b, p.5).

En nuestro país uno de los actores sociales más importantes ha sido el estado. El estado, como conjunto de instituciones, y como sumatoria de las sociedades civil y política, no es en sí un inductor de cambios sociales. La sociedad civil ejerce presión frente al estado, en reclamo de sus derechos y de ello podrían resultar nuevas políticas que alivien las tensiones sociales. Por ejemplo, los Consejos de Salarios, las Leyes Laborales, la Ley del Agua, han sido fruto de la conflictividad social que ha reclamado por sus derechos laborales y los derechos sobre los bienes comunes.

La tierra, el agua, el suelo, las semillas, son bienes comunes, es decir “[...] son las redes de la vida que nos sustentan. [...] Son una red tejida para gestar los procesos productivos, reproductivos y creativos. Son o nos proporcionan los medios para alimentarnos, comunicarnos, educarnos y trasportarnos; hasta absorben los desechos de nuestro consumo” (HELFRICH, 2008, p.21). No es en vano la cuestión agraria: gran parte de estos bienes –“regalos de la naturaleza”– están asociados a las áreas rurales. La tierra y el agua son de los más codiciados. Su valor en realidad es tan grande, que no deberían tener precio. La apropiación y concentración de estos bienes por parte de una minoría, dentro de nuestro sistema capitalista, ha llevado al hambre a un gran número de seres humanos y a la lucha de quienes los reivindican.

Por ello, se comparte totalmente la consideración de

[...] que la tierra debería ser usufructuada como bien social, no debiéndose permitir por la legislación el uso especulativo. El acceso a tierra para

trabajar y desarrollar proyectos de vida rural debería estar garantizado por las políticas públicas, especialmente para los asalariados rurales y los productores familiares. La tierra debe ser considerada un recurso estratégico nacional y regional por su capacidad de generar alimentos, materias primas, riqueza, trabajo, afianzar a la familia en el medio rural y por garantizar a la población y futuras generaciones la seguridad y soberanía alimentaria de nuestros países. Por tales motivos debemos reivindicar la función social de la tierra, su uso regulado legalmente en función del interés social comprendiendo la conservación y mejoramiento frente a los que la consideran como un bien económico, especulativo, y activo de reserva y valor. (CADESYC, 2011).

La privatización de los bienes de la naturaleza en general y de la tierra en particular, y la apropiación desigual de las riquezas generadas a partir de este cercamiento, lleva consigo el conflicto, que se expresa de diferentes formas.

Las manifestaciones sociales han sido clasificadas por muchos autores. Gohn (1997), agrupa los movimientos en cuatro categorías: aquellos constituidos a partir del origen social de instituciones como los sindicatos, la iglesia, partidos, etc.; aquellos constituidos a partir de la naturaleza humana como raza o sexo; los constituidos a partir de ciertos problemas sociales, como pueden ser los ambientales y en cuarto lugar los constituidos en función de coyunturas políticas de una nación como revoluciones, motines, etc. Los conflictos detectados en nuestro relevamiento corresponden en este caso a la primer y tercer categoría antes citadas.

Para nuestro trabajo en cuestión, tomamos cinco tipos de conflictos, de acuerdo a la reivindicación que los generan. La tipología y las problemáticas que abarca cada tipo tienen que ver con aquellas que fueron efectivamente encontradas en el correr de los cinco años de la prensa analizada. No quita que la tipología hubiera podido ser más amplia o abarcar otro tipo de problemáticas si se hubieran encontrado casos.

Tipos de conflictos:

I – **Laborales.** Se incluyen aquí las reivindicaciones individuales, colectivas o sindicales sobre el derecho al trabajo, a la vivienda para el trabajador rural, al cumplimiento de los convenios laborales en materia salarial y de la jornada laboral, a condiciones laborales adecuadas, a la salud y seguridad laboral y a la persecución sindical. Es de destacar que, de acuerdo a Walter Migliónico, el coordinador del Departamento de Salud Laboral del PIT-CNT, los trabajadores rurales son los que cuentan con más accidentes laborales fatales (por lo menos declarados frente al Banco de Previsión Social).

II – **Ambientales.** Los conflictos aquí incluidos tienen que ver con los problemas del uso de agrotóxicos en nuestro país, que determinan problemas de contaminación de suelos, aguas y aire. También se incluye la resistencia al cultivo de transgénicos en Uruguay.

III – **Por la tierra.** Involucra conflictos de reclamo de tierras para trabajar, sea bajo concesión pública o usufructo de tierras privadas. También los reclamos por concentración y extranjerización de la tierra.

IV – **Con otros sectores socioeconómicos.** Aquí están incluidos aquellos que se han generado cuando algunas actividades agropecuarias ocasionan problemas en otras actividades que se encuentran en las vecindades.

V – **Por el agua.** Estos conflictos tienen que ver con el acceso al agua y los sistemas de riego en lugares donde ha quedado en manos privadas. En general corresponde a reclamos de estatización de los sistemas de riego.

Los tipos de manifestación, son caracterizados de acuerdo a su ocurrencia en estos últimos años y aparición en el diario. Para su clasificación, se toman en cuenta otras previas, específicas de la realidad brasileña, como son la de CPT (2013, p.10-11) o la de Dataluta (PEREIRA, 2012, p.56).

Tipos de manifestación:

1. Ocupación de tierras o de la planta industrial;
2. Corte de rutas;
3. Obstrucción de la entrada y/o salida de materias primas y/o productos;

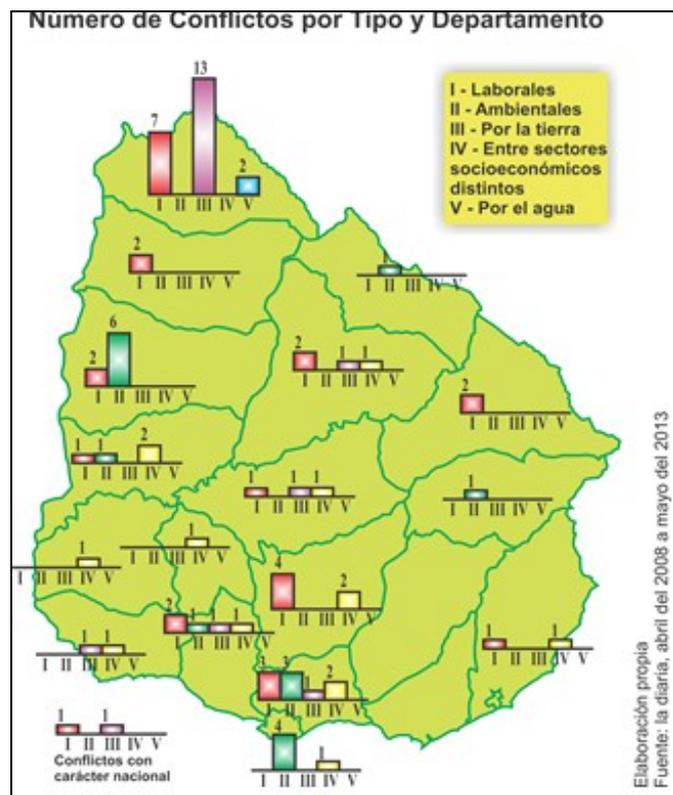
4. Denuncias frente a organismos públicos;
5. Denuncias en la prensa;
6. Acampada;
7. Festivales, exposiciones informativas, congresos;
8. Paro de actividades;
9. Recolección de firmas;
10. Manifestaciones públicas;

## Cartografía y análisis

A los efectos de la espacialización y el análisis de los datos, se elaboraron mapas que integran estas clasificaciones junto a la de los rubros agropecuarios involucrados y los departamentos dentro de los cuales se plantean los conflictos, que no necesariamente han de coincidir con los departamentos donde se dan las manifestaciones. Basta el ejemplo de una concentración por el acceso a la tierra de Bella Unión, frente al Palacio Legislativo en Montevideo.

### Número de Conflictos por tipo y por departamento

Como se puede apreciar, los conflictos se han dado en prácticamente todos los departamentos, a excepción de Lavalleja y Maldonado.



Destacan los conflictos laborales en Artigas y en Florida, que han sido departamentos que históricamente han poseído sindicatos como el de los trabajadores de los tambos en Florida o los cañeros en Artigas, en particular en Bella Unión.

Los conflictos ambientales, a excepción de Paysandú, que tiene que ver con las denuncias de varias escuelas públicas rurales que sufrieron la fumigación con agrotóxicos a menos de 20m del edificio en horarios de clase, se localizan en el sur del país, Canelones y Montevideo, las zonas con mayor densidad de población urbana y rural del país.

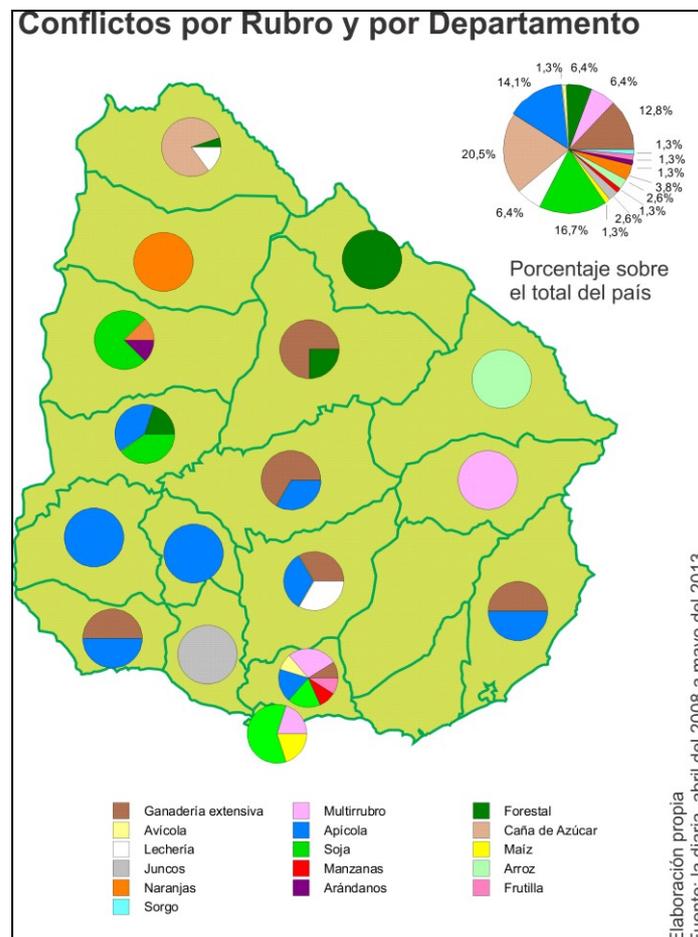
Los conflictos por la tierra son ampliamente mayoritarios en Artigas, y responden a una larga historia de lucha de los cañeros nucleados en la UTAA, desde su fundación en 1961.

Aquellos conflictos que implican problemas entre distintos sectores socioeconómicos, se dan sobre todo en el centro, suroeste y sur del país, asociados a los problemas del uso de agrotóxicos en el cultivo de la soja y la forestación, por la contaminación de aguas y suelos y la muerte de abejas y ganado.

Los conflictos por el agua en este período, se dieron exclusivamente en la zona de Bella Unión, exigiendo la expropiación de los sistemas de riego que dependen de las empresas privadas Calagua, Calprica y Soforuse, en el momento en el cual se discutía en el Parlamento la ley que establecía la Política Nacional de Aguas y reglamentaba la disposición constitucional que la considera bien común.

### Conflictos por rubro y por departamento

Los conflictos por rubro tienen un fuerte contenido espacial, puesto que reflejan la distribución de las actividades agropecuarias en nuestro territorio. De todas formas, no necesariamente porque se dé cierto tipo de actividad en una zona, va a estar generando conflictividad.



En el departamento de Artigas, es claro el predominio de los conflictos de la caña de azúcar, pero también tenemos presentes aquellos relacionados al Grupo Mandiyú, que desde el 2007 ocupan tierras para la lechería, a pesar de no estar en una región lechera tradicional. La tradición de movimientos sindicales y sociales tiene su peso local y regional.

En Salto así como en Paysandú, se dan graves problemas con empresas como el Grupo Caputto que cultivan naranjas y tienen además las etapas posteriores de empaque o

elaboración de derivados. Caputto contrata cientos de trabajadores zafrales en época de cosecha. Tiene denuncias por represión sindical y despido de trabajadores, bajos salarios, tercerización de las etapas de recolección que ocasiona que no se cumplan los acuerdos laborales alcanzados y falta de pagos de salarios y aguinaldos. Otra empresa que además trabaja con mandarinas y arándanos es Forbel S.A., quien fue denunciada por el despido de 160 zafrales de la naranja en 2012, por no querer trabajar en la media hora de descanso. Para las zafras de mandarina y arándano posteriores tercerizaron la contratación de personal para no tener que cumplir con los convenios laborales.

En los departamentos del litoral y centro sur, el cultivo de soja es el que genera conflictos por su uso indiscriminado de agrotóxicos, más allá de la resistencia a los transgénicos. La fumigación excesiva y sin tomar precauciones y el desecho de los envases con agroquímicos, lleva a denuncias por parte de numerosos actores sociales, como lo son pequeños productores, apicultores o escuelas rurales.

Los conflictos en la ganadería extensiva, que abarca gran parte del territorio tienen que ver con las malas condiciones de trabajo de los peones de las estancias. Son numerosas las muertes por ahogamiento, por descargas eléctricas, las lesiones y muertes durante el manejo del ganado o de la maquinaria pesada, todo esto relacionado con la escasa seguridad laboral y la falta de protección hacia el trabajador rural.

En Florida, la lechería es quien destaca pues es la actividad predominante, pero además ha habido en estos últimos años un reforzamiento de los sindicatos rurales. Por tanto, los despidos, el incumplimiento de la jornada laboral de 8 horas, los desalojos y la persecución sindical son problemas sentidos en esta zona.

En San José, en particular en la zona de los Bañados Del Tigre, destacan los problemas de los trabajadores de los juncos, que reclaman mejoras en la calidad de su trabajo, el acceso a las tierras para realizar la extracción y solucionar el problema de los agroquímicos que impactan directamente en su salud al tener que trabajar sumergidos en el bañado.

Los accidentes fatales por el apuro de los empresarios al momento de la cosecha, el incumplimiento de los convenios colectivos, las condiciones de salud e higiene de los trabajadores, el uso de agrotóxicos y la persecución sindical, son los problemas denunciados en la cuenca arrocerá del este del país.

En el norte, en los departamentos de Tacuarembó y Rivera la problemática tiene que ver con la forestación. Las malas condiciones laborales, el despido de trabajadores, la persecución sindical y el enorme riesgo de incendios en las poblaciones que, como Tranqueras, han quedado encerradas en medio de los campos forestados, son características de la intensidad de esta actividad en la región.

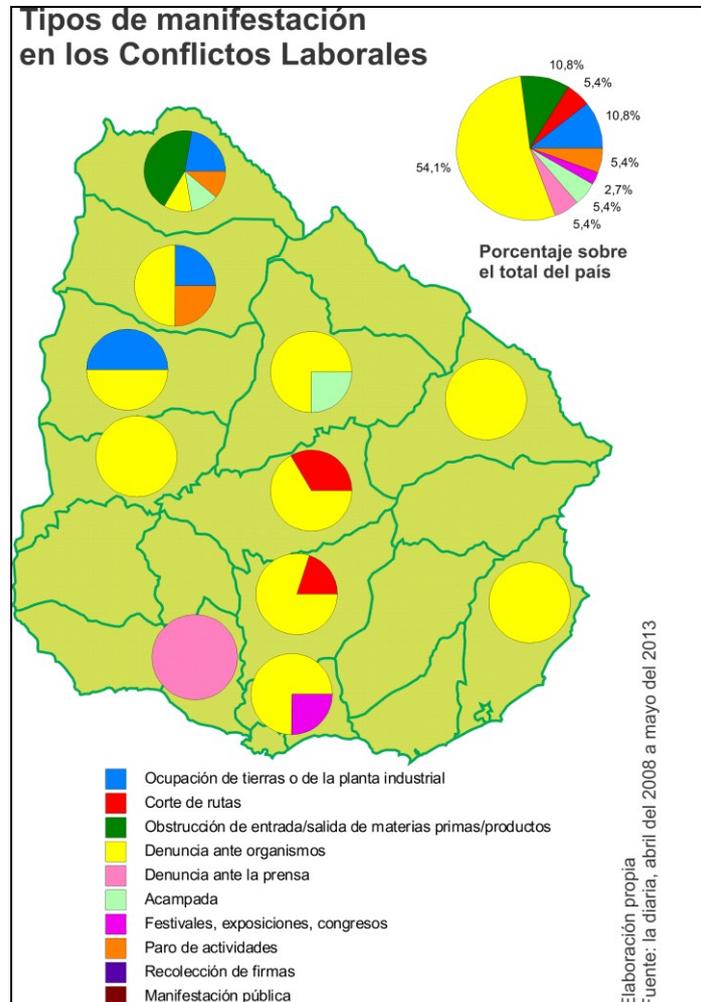
Finalmente, en los departamentos más poblados del país, en Montevideo pero sobre todo en Canelones, los rubros son más variados. Hay problemas con el avance de la soja en estas áreas rurales tradicionalmente hortifrutícolas, el uso de agrotóxicos con la consecuente contaminación de aguas, suelo y aire y la muerte de colmenas, los problemas laborales en las empresas rurales y la reivindicación y el reclamo de protección de los productores familiares.

### Tipos de Manifestación en los Conflictos Laborales

En este mapa es posible apreciar cómo los conflictos laborales tienden a ser, en más de un 50%, denunciados ante las instituciones consideradas pertinentes. Las instituciones que recibieron este tipo de denuncias fueron: el Ministerio de Trabajo y Seguridad Social (MTSS), el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), la Comisión de Legislación del Trabajo en Diputados, la UNATRA y la SUTAA (dentro del PIT-CNT, el Ministerio de Desarrollo Social (MIDES), el Poder Ejecutivo en general, los Consejos de Salarios, el Poder Legislativo y la Justicia Penal.

Hay conflictos que son denunciados exclusivamente a la prensa, como es el caso de los trabajadores de los juncos en San José.

En Artigas, la modalidad más frecuente para manifestar los problemas laborales es la obstrucción de la entrada y salida de materias primas y productos de las plantas industriales, en general en los conflictos de los cañeros con ALUR –Alcoholes del Uruguay-. También implica una paralización de las actividades laborales y pueden estar acompañadas estas manifestaciones con acampadas y ocupaciones en los campos de trabajo, en las plantas industriales o frente al Palacio Legislativo en Montevideo.

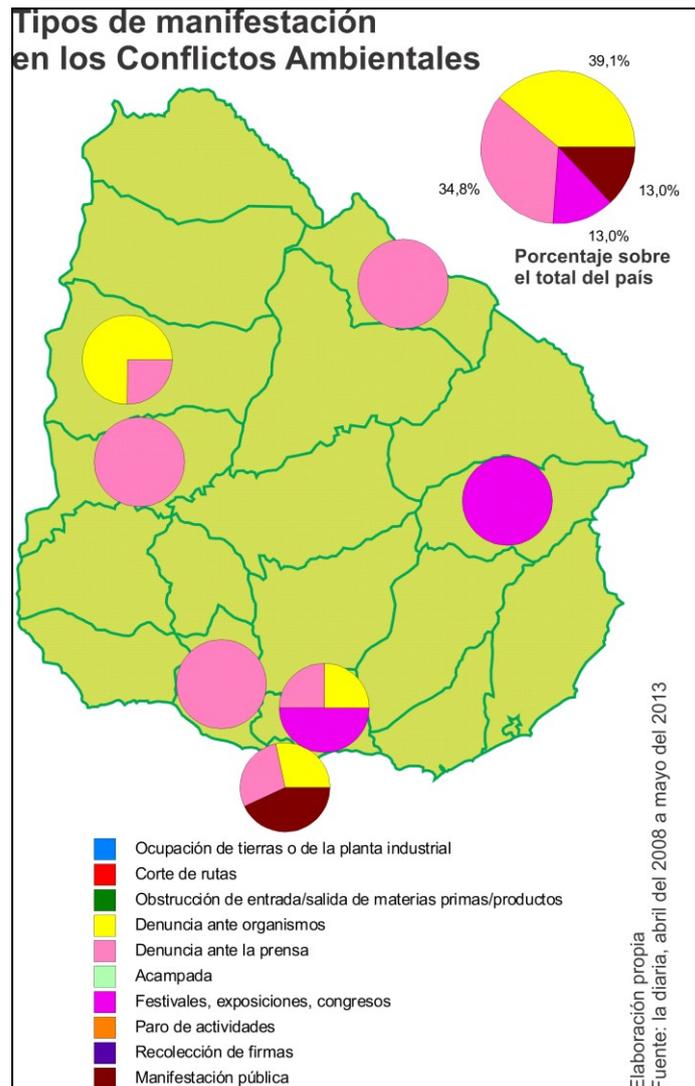


En Florida y Durazno, por casos de persecución sindical, se ha cortado la ruta 5 para manifestar. Y, finalmente, en el caso de Canelones, se apostó al debate en la Expo Avícola de San Bautista del 2009, sobre la necesidad de reglamentar las relaciones económicas entre los façoneros y las empresas que les compran la producción.

### Tipos de Manifestación en los Conflictos Ambientales

Para este tipo de conflictos las manifestaciones son de cuatro tipos: una mayoría opta por la denuncia ante organismos tales como las Intendencias y Juntas Departamentales, el MGAP, y en los casos exclusivos de fumigación a menos de 20m de numerosas escuelas rurales en Paysandú, se denunció ante el Instituto Nacional de DD.HH. y Defensoría del Pueblo.

En un segundo modo, se opta por las denuncias frente a la prensa, que también se hizo en los casos de las escuelas antes mencionadas, en los trabajadores de los juncos de los Bañados Del Tigre, en el pueblo de Tranqueras en Rivera frente a los riesgos de incendio de las áreas forestales que lo rodean, y en Paysandú y Rio Negro por los desechos de envases de agrotóxicos encontrados a la vera del camino y en canteras.

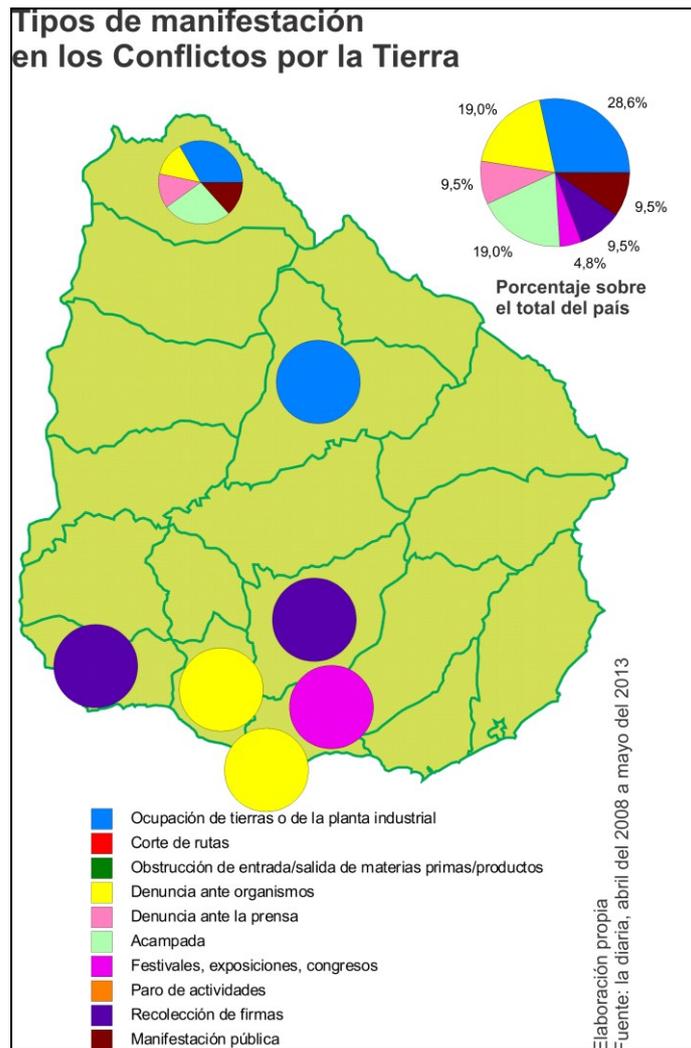


En Canelones transcurrieron festivales con información sobre el cultivo de transgénicos y en Treinta y Tres se dio la Tercer Fiesta Popular de la Semilla Criolla, donde se manifestaba la necesidad de contar con políticas públicas que defiendan la producción agroecológica y al productor familiar. En Montevideo, por su parte, hubo una manifestación pública en defensa del agua, la tierra y los bienes de la naturaleza.

### Tipos de Manifestación en los Conflictos por la Tierra

Destacan en este caso las ocupaciones de tierras, sobre todo en Artigas, pero también en Tacuarembó. Las tierras ocupadas han sido aquellas del Instituto Nacional de Colonización (INC), en reclamo de que se cumplan las promesas del reparto para las familias de los trabajadores de la caña de azúcar y para la ganadería en el caso de Tacuarembó y un caso de ocupación en el 2011 de 470 hás en Bella Unión pertenecientes a un empresario brasileño, ganadero y arrocero, por parte de 47 familias.

Las denuncias ante organismos ocupan un segundo lugar. Es el caso de los trabajadores de los juncos y pequeños y medianos productores rurales montevideanos que se presentan ante referentes frenteamplistas reclamando por los problemas de concentración y extranjerización de la tierra y cambios tributarios para redireccionar recursos hacia la agricultura familiar. Podemos incluir en esta modalidad a los cañeros de Bella Unión acampando y reclamando frente al Palacio Legislativo por las tierras del INC. Las acampadas también se dieron en los predios reclamados.



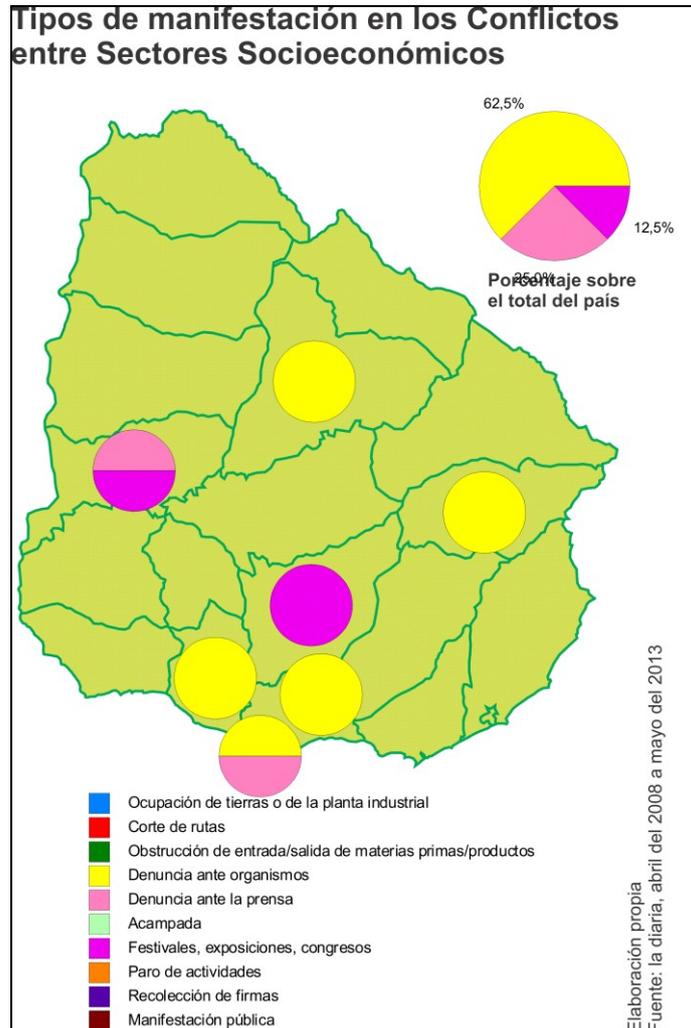
En el caso del grupo Mandiyú, también en Artigas, que ocupó tierras en el 2007 para la lechería, realizan manifestaciones públicas y denuncian ante la prensa la intimación a su desalojo. El lanzamiento fue desactivado y se abrieron instancias de negociación gracias a ello.

En Colonia y Durazno, el Movimiento Nacional en Defensa de la Tierra, que denuncia la concentración y extranjerización de la tierra en nuestro país, solicita al PIT-CNT la recolección de firmas para una reforma constitucional que las regule. En Canelones, por su parte, pequeños productores de rubros varios en el entorno de Sauce, realizan el Segundo Encuentro Nacional de la Producción Agropecuaria Nacional, reclamando el derecho al acceso a la tierra.

### Tipos de Manifestación en los Conflictos entre Sectores Socioeconómicos

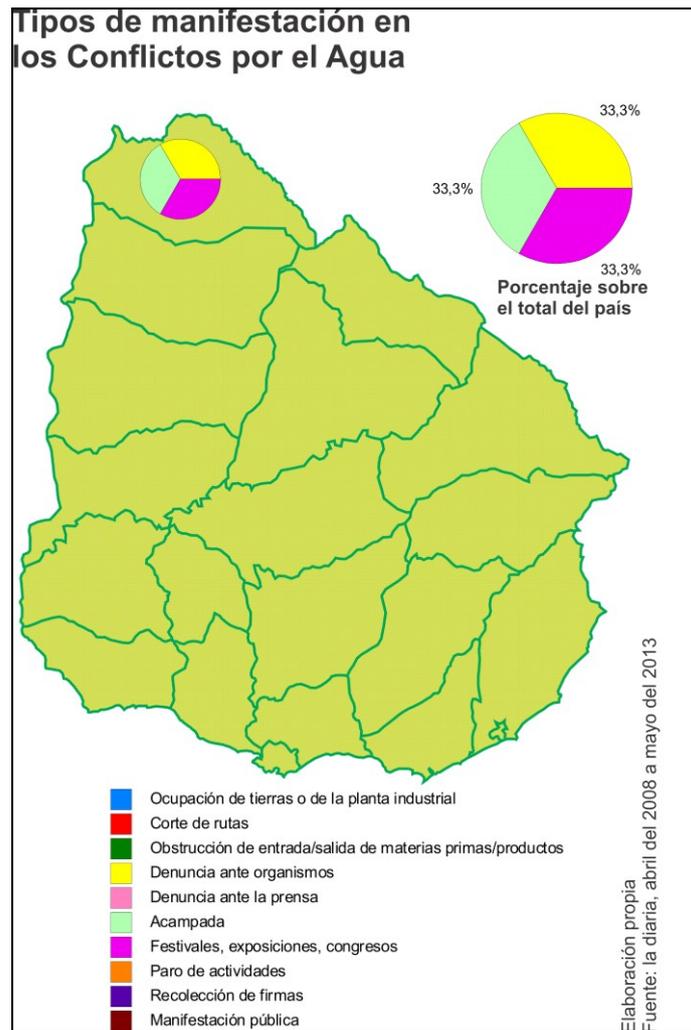
Las manifestaciones que se dieron por todo el centro y sur del país fueron mayoritariamente la de los productores apícolas nucleados en la Sociedad Apícola del Uruguay, que denuncian la enorme mortalidad de abejas desde que la Dirección General de Servicios Agrícolas liberó el uso del insecticida Fipronil para el combate contra las hormigas y la langosta en el 2004. Se solicita entonces al MGAP la prohibición del uso de este insecticida. En Sarandí Grande, Florida, en abril del 2010, fue el Primer Congreso Nacional de Apicultura, donde se trató la problemática y en agosto del mismo año hubo un encuentro en Nuevo Berlín, denunciando la situación a la prensa.

El otro conflicto se dio con productores ganaderos de Rincón del Bonete en Tacuarembó, donde hubo gran mortalidad de ovejas debido a las aguas contaminadas por agroquímicos utilizados en la forestación y el cultivo de soja. Se denunció frente al MGAP.



### Tipos de Manifestación en los Conflictos por el Agua

Los conflictos por el agua, como se explicara en su momento, se dieron en la zona de Bella Unión. Se denunció en el 2009 el lucro de las empresas privadas que controlaban el riego frente al MGAP y a la Oficina de Planeamiento y Presupuesto (OPP) y a fines del 2012, reclamando la estatización del sistema de riego, se hizo el Tercer Campamento de Formación y Trabajo en el Centro de Formación Popular de Colonia España.



## Conclusiones

La cuestión agraria, lejos de estar saldada, sigue vigente, pese a los avances en materia legislativa que ha habido durante estos dos últimos gobiernos frenteamplistas y pese a la sistemática omisión de los medios de comunicación y su ausencia del debate político.

El conflicto entre sectores hegemónicos y subalternos del campo uruguayo se expresa a través de manifestaciones de diferentes movimientos socioterritoriales.

Dichos movimientos se desarrollan y manifiestan a partir del respaldo que generan los cambios legislativos y, al mismo tiempo, de una transformación del mundo rural nacional con la irrupción del agronegocio y sus nuevas formas de producción y de relaciones sociales, tanto con los asalariados como con otros rubros productivos.

Es de destacar que en el período de cinco años abarcado en el presente trabajo, se hayan relevado 76 manifestaciones de movimientos socioterritoriales vinculadas a la cuestión agraria. Más aún cuando desde el discurso impuesto oficialmente en las últimas décadas se dio por saldada la discusión sobre el tema como un hecho del pasado.

De cualquier modo, las nuevas relaciones de producción se expresan en un lugar destacado, por medio de los conflictos laborales en detrimento a los vinculados a la tierra. Esto podría implicar un retroceso de las reivindicaciones de corte campesino o el surgimiento de los sindicatos rurales como actor de importancia.

Asimismo, es destacar el peso de los conflictos ambientales, como posible expresión de nuevos movimientos socioterritoriales que incluyen las problemáticas ambientales en el

centro de sus reivindicaciones, producto de la incorporación de nuevos paquetes tecnológicos y de la concientización acerca del ambiente.

Los rubros agropecuarios más conflictivos, de acuerdo a sus manifestaciones, son la caña de azúcar, la soja y la apicultura. El primero manteniéndose desde hace 50 años como el de mayor permanencia como movimiento organizado y con capacidad de manifestarse, conservando una matriz reivindicativa que incluye lo laboral y lo campesino (tierra y agua). Los segundos, como expresión de las disputas intra e inter rubros de las nuevas modalidades del agronegocio.

En cuanto a las manifestaciones, la alta proporción de denuncias ante organismos públicos podría reflejar confianza en el aparato estatal y su rol como mediador de los conflictos. Pero los bloqueos y ocupaciones de tierras, que les siguen en importancia, expresan la insuficiencia de los mecanismos legales y la necesidad de tomar medidas de presión más fuertes para alcanzar sus objetivos.

En la medida en que se siga fomentando el agronegocio, en la medida en que no se limiten las áreas a forestar y se siga promoviendo la instalación de plantas industriales que usen los productos forestales como materia prima, se continuará dando un proceso de despojo de las tierras difícil de revertir.

Sería ingenuo esperar que la conflictividad rural acabara, porque es inherente a las desigualdades generadas por las relaciones capitalistas de producción. Pero la asunción de un gobierno de izquierda en el 2005 generó grandes esperanzas de que la balanza se inclinara hacia los más desposeídos, y hasta en la posibilidad de poder volver a poner en el tapete una reforma agraria.

La discusión de la reforma agraria se sacó de la plataforma del gobierno. La herramienta clave fue reforzar al INC, pero ha sido totalmente insuficiente la cantidad de tierras con las que se cuenta para cubrir las demandas de los que quieren tierra para trabajar. Las leyes laborales y de protección de los bienes de la naturaleza están aprobadas, pero, sobre todo las primeras, son muy difíciles de llevar hasta el último rincón de nuestro territorio. Los grandes empresarios del agronegocio y los grandes estancieros encuentran siempre nuevas formas de evadir las normas legales y las inspecciones por parte del Ministerio de Trabajo y Seguridad Social son muy escasas y en general responden a denuncias concretas de los sindicatos rurales.

Las asociaciones de los pequeños productores, los sindicatos rurales fortalecidos, la creciente conciencia de la población sobre todo en temáticas ambientales y en cuanto a la concentración y extranjerización de la tierra, son las esperanzas que tenemos para tensar de tal forma la situación como para poder hacer frente al avance arrasador de las nuevas formas de producción rural.

Por otra parte, sería importante poder comenzar a desarrollar una base de datos, en forma similar a lo que sucede en Brasil, que dé cuenta de las manifestaciones de la conflictividad agraria de forma de darle visibilidad y comenzar una nueva discusión sobre la cuestión agraria en nuestro país.

## Referencias

ACHKAR, M. Soberanía Alimentaria y Reforma Agraria en Uruguay. In: CÓRDOBA, L. (ed.). **Colonización y Reforma Agraria**. Montevideo: CADESYC, 2005. pp.107-42.

AMORIM, J.M. de. Capitalismo, questão agrária e os movimentos sociais. **Geoambiente On-line**, Jataí, nº 7, jul./dic. 2006. Disponible en: <http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/geoambiente/article/view/38/33>.

CADESYC. **Aportes al proyecto de ley sobre concentración de tierras**. Montevideo, 2011. Disponible en: [http://www.cadesyc.org/Aportes\\_al\\_proyecto\\_de\\_ley\\_sobre\\_concentracion\\_de\\_tierras.pdf](http://www.cadesyc.org/Aportes_al_proyecto_de_ley_sobre_concentracion_de_tierras.pdf)

CPT. **Conflitos no Campo – Brasil 2012**. Goiânia, 2013.

DÍAZ, P. **Sociología de las ocupaciones de tierras**. Acción colectiva de los trabajadores rurales de Artigas, Uruguay 2005-2007. Montevideo: Nordan, 2009.

FELICIANO, Carlos Alberto. **Território em disputa**: Terras (re)tomadas no Pontal do Paranapanema. 2009. 575 f. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERNANDES, B.M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, Presidente Prudente, año 8, n.6, ene/jun, pp.24-34, 2005a.

\_\_\_\_\_. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, A. (ed.). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2005b.

GOHN, M.G. **Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GONZÁLEZ, Y. **Los olvidados de la tierra**. Vida, organización y luchas de los sindicatos rurales. Montevideo: Nordan, 1994.

HELFRICH, S. Bienes comunes y Ciudadanía: una invitación a compartir. In: \_\_\_\_\_. (comp.). **Genes, bytes y emisiones: bienes comunes y ciudadanía**. México: Heinrich Böll, 2008, pp.21-6.

**La diaria**. Montevideo, 6/3/2008-30/5/2013. Diário, lunes a viernes.

PEREIRA, D.V. **Estudo sobre os tipos de manifestações no campo paulista no período 2000-2011**. Monografia de Bacharelado em Geografia. Presidente Prudente: UNESP, 2012.

PIÑEIRO, D. La agricultura familiar: el fin de una época. In: \_\_\_\_\_ (ed.). **Nuevos y no tanto**. Los actores sociales para la modernización del agro uruguayo. Montevideo: CIESU/Banda Oriental, 1991.

Recebido para publicação em 09 de novembro de 2013

Devolvido para revisão em 07 de abril de 2014

Aceito para publicação em 20 de maio de 2014

# O discurso do agronegócio: modernidade, poder e “verdade”

**José Renato Sant’Anna Porto**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Sociedade e Agricultura, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

Assistente de pesquisa do Observatório de Políticas Públicas para Agricultura (OPPA/CPDA).

e-mail: jreporto3@gmail.com

## Resumo

No contexto contemporâneo, especialmente nas duas últimas décadas, o chamado agronegócio vem se consolidando no Brasil sustentado por processos políticos e econômicos que transcendem a esfera nacional e que lhe permitem taxas de crescimento significativas, configurando, juntamente com o setor energético e com o setor mineral, o que vem sendo chamado de “re-primarização” da economia nacional. Em que pese essa guinada mais recente, o que não pode ser deixado de lado é o fato de que tal fenômeno está intimamente ligado à capacidade de reprodução e de renovação da classe política historicamente vinculada à posse da terra, que soube remodelar sua imagem a partir de uma produção discursiva complexa e que, ao apropriar novos elementos, busca obscurecer as práticas tradicionais dessa elite ligada diretamente aos conflitos fundiários. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo realizar uma leitura de alguns canais em que o discurso do agronegócio ganha forma, em especial na mídia impressa que tem papel significativo na formação da opinião pública. Pode-se observar que ao fazer uma bricolagem de uma série de elementos (sustentabilidade, modernidade, desenvolvimento, legalismo, etc.), a produção discursiva que dá sustentação e aceitabilidade às práticas do agronegócio visam, sobretudo, promover uma conotação benfazeja ao agronegócio e seu modelo de exploração agrícola.

**Palavras-chave:** agronegócio; poder; discurso; modernidade; terra.

## Resumen

### El discurso del agronegocio: modernidad, poder y "verdad"

En el contexto contemporáneo, especialmente en las últimas dos décadas, el llamado agronegocio viene consolidándose en Brasil, sostenido por procesos políticos y económicos que no se restringen a la esfera nacional, y que le permiten niveles de crecimiento significativos, configurando, en conjunto con los sectores energético y minero, lo que viene siendo llamado como “re-primarización” de la economía. No obstante esos cambios recientes, lo que no podemos dejar de lado es que este fenómeno está íntimamente ligado a la capacidad de reproducción de una clase política históricamente vinculada al control de la tierra, que supo remodelar su imagen a partir de una producción discursiva compleja que, al apropiarse de nuevos elementos, busca tender una cortina de humo sobre las prácticas tradicionales de esa élite ligada directamente a los conflictos por la tierra. En ese sentido, este artículo tiene como objetivo realizar una lectura de algunos canales en que el discurso del agronegocio toma forma, en especial en los medios impresos que tienen un papel significativo en la formación de la opinión pública. Podemos observar que al mezclar una serie de elementos como sustentabilidad, modernidad, desarrollo, legalismo, etc., la producción discursiva que da sustento y aceptabilidad a las practicas del agronegocio buscan, sobre todo, promover una connotación positiva de este último y de su modelo de explotación agrícola.

**Palabras clave:** agronegocio; poder; discurso; modernidad; tierra.

## Abstract

### The discourse of agribusiness: modernity, power and "truth"

In the contemporary context, especially during the last two decades, the so-called agribusiness has been consolidating in Brazil, supported by political and economic processes not restricted to the national range allowing significant growth rates. Setting along with the energy and mineral sector, it has been called "re-primarization of the economy". Despite this latest twist, what cannot be overlooked is the fact that this phenomenon is closely linked to the reproductive capacity and renewal of a political class historically linked to land ownership, that knew how to reshape your image making use of a complex discursive production, that propose new elements trying to obscure traditional practices of this very elite linked directly to land conflicts. Accordingly, this article aims to perform a reading of some means in which the agribusiness discourse takes shape, particularly in the print media that plays a significant role in the consolidation of public opinion. It is possible to observe that when doing a combination of a series of elements (sustainability, modernity, development, legalism, etc.), the discursive production that gives support and acceptability to agribusiness practices aimed, above all, to promote a beneficial connotation to agribusiness and to its agricultural production model.

**Keywords:** agribusiness; power; discourse; modernity; land.

## Introdução

O Brasil vive hoje o que alguns estudiosos denominam de "re-primarização da economia" (GONÇALVES, 2012; DELGADO, 2013) fenômeno retomado em meados da década de 1990 e que seria caracterizado por um intenso processo de produção de *commodities*. Como exemplo, vê-se o fato de que, de 2004 a 2011, o valor percentual da pauta de exportações referente às principais *commodities* cresceu mais de 20 %, sendo que no montante total das exportações nacionais, esses produtos já são responsáveis por 48,7 %. Desse total, baseados nos números e registros do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, mais da metade é relativa a produtos de origem agropecuária, que são exportados praticamente *in natura*. Segundo dados da ESALQ/USP, atualmente o setor do agronegócio já é responsável por 22,15% do PIB brasileiro (TEIXEIRA, 2013).

É nesse contexto, relacionado não só aos arranjos econômicos e políticos nacionais (sobretudo na forma de investimentos de recurso públicos, na apropriação intensiva e degradante dos recursos naturais e em um sem-número de estratégias de flexibilização legislativa e tributária), mas também ao cenário internacional que recoloca o Brasil e outros países latino-americanos quase que exclusivamente na posição de fornecedores de *commodities*, em que ocorre esse pujante crescimento das atividades de exploração agro-hidro-mineral.

Mas, tomando as evidências dos argumentos macroeconômicos apenas como um referencial mais geral que nos ajuda a manter em vista as proporções desse fenômeno recente, em especial no âmbito do setor agrícola, o que não pode ser deixado de lado é o fato de que tal fenômeno está intimamente ligado à capacidade de reprodução e de renovação do discurso da classe política vinculada à posse da terra, presente historicamente no contexto nacional e que soube renovar-se de maneira bastante significativa, acoplando e reconfigurando semanticamente suas bandeiras no que chamamos hoje, mesmo que genericamente, de agronegócio<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Para uma análise mais consistente do processo de constituição da sociedade e da economia do agronegócio, ver Heredia, Leite e Palmeira (2010).

Mais do que simplesmente revigorar-se como um grupo de interesse, conquistando (ou reconquistando) de maneira progressiva espaços no Legislativo<sup>2</sup>, no Executivo, e executando pressão de forma significativa também no Judiciário, o agronegócio encampa hoje um poderoso “discurso de verdade” (Foucault, 2010; 2011), capaz de atrelar elementos cuja força de persuasão é enorme. Dentre esses elementos, destacam-se, por exemplo, (i) a disputa pela ideia de “sustentabilidade”, (ii) a narrativa da modernização, (iii) a bandeira do combate à fome, e (iv) mais recentemente, parece figurar também na linha argumentativa dos representantes do agronegócio uma defesa incólume da legalidade, dos princípios democráticos, do “Estado de Direito”, obviamente não pelas afinidades às bases desses conceitos, mas sim como uma maneira eficiente de travestir os interesses e as práticas dos agronegócios. Essas dimensões, quando apropriadas, entrelaçadas e postas a serviço de determinados interesses específicos, figuram como metáforas mobilizadoras muito eficientes, capazes de convencer a opinião pública e legitimar a expansão de um modelo de produção agrícola e, por extensão, do próprio grupo político ligado ao agronegócio.

Buscando retratar esse processo difuso e complexo de formação discursiva que faz uso de estratégias e canais muito variados para concretizar e colocar em prática um determinado tipo de “história” que enquadra passado, presente e futuro através de uma perspectiva teleológica altamente enviesada, este artigo tem como objetivo mapear um eixo específico desse conjunto capilar por onde o discurso do agronegócio ganha forma. Nesse sentido, o recorte metodológico escolhido diz respeito às mensagens veiculadas na mídia convencional. Entendendo que esse é um canal nada desprezível e que tem papel importante na construção da opinião pública<sup>3</sup>, foi realizado um acompanhamento de alguns dos principais jornais impressos do país<sup>4</sup>. Foram também avaliadas as informações publicadas no site da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), principal entidade de representação do agronegócio atualmente no Brasil<sup>5</sup>.

Como recorte mais pontual para a análise, foi realizada uma seleção de depoimentos da senadora Kátia Abreu, eleita em 2010 pelo estado de Tocantins, e que se apresenta como porta-voz e liderança do agronegócio não só no congresso, mas também no estabelecimento do trânsito de interesses entre agronegócio e a presidência da república. Em menor medida, também foram analisados alguns depoimentos de Blairo Maggi, empresário e ex-governador do Estado de Mato Grosso (2003 a 2007 e 2007 a 2010), considerado um dos maiores responsáveis pelo avanço da fronteira agrícola e pelo desmatamento da floresta amazônica, é conhecido também pelo apelido de “rei da soja”. As enfáticas declarações proferidas por Kátia Abreu e Blairo Maggi são exemplos consistentes de como a bandeira do agronegócio investe energias para se mostrar como opção única, como verdade absoluta, ao mesmo tempo em que encobre práticas nada sustentáveis, muitas vezes ilegais, que encaminham o país para à manutenção do perfil agrário-exportador e que, em definitivo, não contribuem para a segurança alimentar do país.

A título de organização das discussões, este artigo está dividido em cinco partes. A primeira trata-se desta pequena contextualização e apresentação da proposta em questão. A segunda, a terceira e a quarta seções procuram apresentar os fragmentos extraídos dos jornais, bem como realizar algumas análises e discussões temáticas acerca dos mesmos, acionando uma literatura que nos permitirá pensar tais questões como componentes de uma construção discursiva bastante específica, sustentada por interesses e visões de mundo peculiares. Por fim, a quinta e última seção deste artigo buscará refletir brevemente sobre

<sup>2</sup> A respeito da capilaridade do setor do agronegócio no legislativo, em especial, dos trabalhos da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), conhecida popularmente como “bancada ruralista”, ver Intini e Fernandes (2013).

<sup>3</sup> Um trabalho interessante e recente que utilizou as notícias veiculadas na mídia, local e nacional, como forma de mapear as formas como o agronegócio se impõe, no caso específico, com relação à questão agrária, é a dissertação de Tiago Cubas (2012) que retrata as inúmeras nuances da disputa semântica em torno da luta pela terra no Pontal do Paranapanema, no estado de São Paulo.

<sup>4</sup> Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo e Valor Econômico.

<sup>5</sup> O trabalho de clipping de notícias foi realizado no período de junho de 2012 a janeiro de 2014, e fez parte de um conjunto de atividades de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Observatório de Políticas Públicas para Agricultura (OPPA/UFRRJ/CPDA), do qual o autor é membro e atua como assistente de pesquisa.

material apresentado a partir de alguns conceitos propostos por Foucault (2010), no sentido de compreender tal processo como uma produção discursiva própria ao agronegócio, que busca configurá-lo, a partir de uma conotação benfazeja, como “verdade” incontestável e irrevogável.

### **Sustentabilidade, produtividade e o “ambientalismo republicano”: as muitas formas de apropriação de um conceito em disputa.**

A ideia de sustentabilidade parece sempre ter estado em disputa. Desde o início da década de 1990, quando começa a ganhar espaço, principalmente no escopo das discussões sobre novos modelos de desenvolvimento, a sustentabilidade adentrou aos mais diversos tipos de discursos, configurando uma espécie de obrigatoriedade de se levar em conta tal dimensão nos dias atuais, mesmo que como retórica e independentemente da área ou assunto de que se esteja tratando.

Para uns, é justamente por esse uso indiscriminado e pouco preocupado com a essência do conceito que a ideia de sustentabilidade teria se tornado cada vez mais um termo sem sentido. Para outros, (e é isso que mais nos interessa aqui), pelo contrário, essa grande difusão de modos de apropriação da ideia de sustentabilidade (ou da “questão ambiental”) parece indicar outro processo, menos preocupado com o que de fato seria a sustentabilidade como um conceito e mais interessado no potencial de mobilização que tal ideia garante junto à sociedade.

Para iniciarmos as apresentações dos fragmentos selecionados nos periódicos analisados, acredito ser interessante começar por uma frase bastante contundente da senadora Kátia Abreu, em um artigo publicado na Folha de São Paulo cujo título é “Ambientalismo Republicano” e que exemplifica de maneira clara o que estamos chamando atenção: “O termo sustentabilidade é bom de marketing, está na moda, mas não tem referencial concreto em nosso universo mental. Trata-se de palavra criada para a ela atribuímos um significado”. (ABREU, 2012I, Não paginado).

A indefinição da ideia de sustentabilidade configura-se como um impulso para tal processo de apropriação difusa e abre espaço para o uso indiscriminado do termo, ao mesmo tempo em que permite um processo de mobilização da opinião pública, alimentado também pela imprecisão do termo. O termo sustentabilidade possui um potencial intrínseco de mobilização, capaz de revestir práticas nada responsáveis, ambiental e socialmente, em “práticas sustentáveis”. Ou seja, a adjetivação “sustentável” é genérica, e, por essa razão, é capaz de articular ou convencer diferentes grupos na sociedade, que não necessariamente se preocupam com o que de fato seria a sustentabilidade, mas que entendem que o uso desta palavra indica algo bom, algo que é responsável com relação à natureza.

Além desse cenário de diversificação do uso do termo, vemos também operar um processo de busca pela “verdadeira sustentabilidade”, que opõem não exatamente pontos de vistas ou interpretações sobre o conceito de sustentabilidade, mas sim atores e grupos sociais com interesses divergentes que entram em conflito, ou dão sequência a conflitos anteriores, através da disputa pelo termo sustentabilidade. “Não é preciso provar nada. Basta erguer a bandeira sagrada da defesa da natureza e afirmar que o código aumentará o desmatamento e anistiou infratores. Duas mentiras, ditas com o maior cinismo.” (ABREU, 2012g, Não paginado).

Na frase acima, Kátia Abreu busca desconstruir a imagem do grupo opositor, o qual é portador de interesses contrários aos do agronegócio. Especificamente neste caso, a senadora argumenta contra o movimento ambientalista e sua resistência ao projeto do Novo Código Florestal, e, ao fazê-lo, tenta também desqualificar a ideia de sustentabilidade mobilizada por esse grupo, tencionando a disputa semântica a seu favor.

É também neste intuito de se fazer valer como grupo portador do “bastião da sustentabilidade”, que Kátia Abreu lança mão do termo, “ambientalismo republicano”, no sentido de criticar a até então “situação de monopólio” que, segundo ela, imperava no que tange às questões ambientais no Brasil, muito em função da ausência antes existente da

representação dos interesses do agronegócio nas instâncias de tomada de decisão acerca das questões ambientais. Hoje o cenário é radicalmente distinto, sendo que toda e qualquer discussão a respeito da temática ambiental, em especial àquelas que se relacionam à regulação do uso da terra e dos recursos naturais, é rapidamente pautada pelo forte poder de influência que os representantes do agronegócio dispõem.

Nesse sentido, percebe-se um esforço de grande magnitude do agronegócio para se atrelar à bandeira da sustentabilidade. Algo como, *se não é capaz de vencê-lo, junte-se a ele*. Ou melhor, reapropriando o dito popular ao contexto em questão, *se não é capaz de vencê-lo, aproprie-se dele*. Ou seja, para eximir-se das inúmeras críticas impostas pelo movimento ambientalista no que diz respeito ao caráter degradante e concentrador de terras do modelo agrícola implementado pelo agronegócio, opta-se pela negação da crítica e pela apropriação da bandeira de luta de quem critica. Nas palavras de Kátia Abreu:

Eu temia agressão física no (Ministério do) Meio Ambiente; os radicais agora perderam espaço para o ‘ambientalismo republicano’. (...) A coexistência entre produção e preservação confere tranquilidade ao campo, agrega valor à produção sustentável e não esvazia o verdadeiro movimento ambientalista republicano, cuja vigilância, mais do que útil, é fundamental a qualquer sociedade. (ABREU, 2012I, Não paginado).

A trajetória do senador Blairo Maggi também é interessante de se observada levando em consideração esse processo de apropriação do discurso ambiental pelos representantes do agronegócio. Em que pese o seu histórico como latifundiário e grande produtor de soja, que lhe rendeu o apelido de “o rei da soja” e o prêmio Motosserra de Ouro, concedido em 2004 pela ONG Greenpeace, quando ainda era governador de Mato Grosso, Blairo Maggi, muito provavelmente por preocupações políticas, parece ter mudado sua estratégia e buscou reconstruir sua imagem pública, fazendo-se como um homem público “defensor do meio ambiente”. Se, em 2003, em uma reportagem editada pelo *The New York Times*, Maggi ainda declarava que *“um aumento de 40 por cento no desmatamento não significa nada, e eu não sinto a menor culpa pelo que estamos fazendo aqui”*, anos mais tarde, como podemos ver nos trechos abaixo, é nítida a mudança de orientação de Maggi, embora saibamos que a mesma tenha se dado apenas no sentido retórico e com fins políticos bastante claros.

Mato Grosso foi o Estado com a maior taxa de desmatamento do país quando cheguei ao poder. Portanto, o governador deste estado recebeu o Prêmio Motosserra de Ouro. Tal simbolismo me fez perceber que eu deveria focar em mostrar que nós faríamos as coisas de forma diferente. (...) Como governador do Mato Grosso fiz a minha parte. Saí reconhecido pelas ONGs, com as quais tenho uma grande parceria – ainda hoje (ontem) tive visita deles no gabinete e temos participação deles na comissão. (MIDIA NEWS, 2013, Não paginado).

A mudança no relacionamento ocorreu depois de 2007, quando o Rei da Soja se tornou governador (2003-2010) e adotou medidas pró-meio ambiente. “Tenho um trabalho reconhecido, feito a quatro mãos com os setores produtivos. O Mato Grosso é um exemplo de como se produz e se preserva ao mesmo tempo: aumentamos a produtividade enormemente e não elevamos a área de desmatamento”.(MIDIA NEWS, 2013, Não paginado).

Vê-se, portanto, que o agronegócio vem pouco a pouco se inserindo como ator importante no que diz respeito às decisões acerca das questões ambientais. Muito desse movimento, encapsulado na ideia de sustentabilidade, está ligado a outras questões mais pontuais e vitais para a reprodução dos interesses do agronegócio. Por exemplo, no caso do Código Florestal, apesar do que por vezes foi veiculado nas declarações dos representantes do agronegócio sobre a máscara da “agricultura sustentável”, da “produção sustentável”,

etc., o que na realidade esteve em jogo para este grupo é a questão fundiária, que nunca deixou de ser um gargalo importante para a ampliação do modelo agrícola do agronegócio.

Outro exemplo bastante claro nesse sentido refere-se ao debate sobre o uso de agrotóxicos, que, tratados com um eufemismo impróprio, assume a denominação de “*produtos fitossanitários*”, nas palavras de Kátia Abreu. “O uso desses produtos não é uma opção. É uma imposição para proteger a nossa agricultura tropical das pragas e das ervas daninhas, assim como é fundamental para melhorar a produtividade das lavouras, em qualquer parte do planeta”. (ABREU, 2012j, Não paginado).

Neste caso específico, a questão a qual estamos chamando atenção fica ainda mais evidente. A mesma agricultura que evoca-se insistentemente como sustentável, “exige” a utilização de uma série de substâncias químicas extremamente danosas à natureza e à saúde humana, e que despense ao país anualmente, como mesmo diz Kátia Abreu na reportagem do fragmento acima, nada menos que R\$ 15 bilhões na compra de tais produtos. Por vezes a movimentação financeira desse montante em compras de agrotóxicos também é tomada como um fator positivo nas declarações da senadora, em nome da valorização de um mercado significativo da economia brasileira, negligenciando completamente os males que esses produtos trazem à saúde pública e ao meio ambiente e também a enorme concentração em cartel de empresas estrangeiras que monopolizam o mercado de insumos agrícolas<sup>6</sup>.

Aqui se observa também mais um procedimento muito hábil de mudança de foco no debate. Enquanto a crítica se esforça em verificar os problemas ambientais e os danos causados à saúde pelo uso dos agrotóxicos, a opção de resposta, ou melhor, de não-resposta, é desviar o foco do debate e contra-argumentar calcando-se na necessidade de manutenção dos “*índices de produtividade*”, outra ideia-força, também com viés economicista, que tem apreciação quase que garantida na opinião pública.

Não é preciso muito esforço para entender o porquê a bandeira da “produtividade”, em se tratando de alimentos, tem tanto apelo público. Em um país onde a insegurança alimentar ainda é uma realidade preocupante, a defesa da produção de alimentos em larga escala parece ser quase irrevogável. De todo modo, sabe-se que a produção proveniente do agronegócio é extremamente concentrada em alguns poucos gêneros, como, por exemplo, soja, cana, café, algodão (HEINBERG, 2009), sendo a maior parte da produção destinada à exportação, no caso brasileiro. O Censo Agropecuário de 2006 demonstra que cerca de 70% dos alimentos componentes da dieta média dos brasileiros são provenientes da agricultura familiar. Porém, o senso comum tende quase que inevitavelmente a associar a expansão do agronegócio como uma estratégia consistente e bem estruturada de se combater o problema da fome, mesmo que as evidências apontem justamente o contrário.

É grande equívoco separar produção agrícola do universo da preservação. A agricultura é uma das atividades ambientalmente mais sustentáveis. Não fosse assim, não se produziria mais trigo no Velho Mundo, passados milênios de safras consecutivas<sup>7</sup> (...) A coexistência entre produção e preservação confere tranquilidade ao campo, agrega valor à produção sustentável e não esvazia o verdadeiro movimento ambientalista republicano, cuja vigilância, mais do que útil, é fundamental a qualquer sociedade. (...) Agricultores e pecuaristas eram vendidos à opinião pública como vilões do ambiente no Brasil, e não como trabalhadores e empresários que produzem alimentos. (ABREU, 2012i, Não paginado).

A força da conjunção entre as ideias-força sustentabilidade e produção de alimentos (ou combate à fome), ganha ainda maior peso quando articulada a uma linguagem específica, de fácil acesso ao público em geral e que utiliza elementos e metáforas de forte

<sup>6</sup>Análises mais consistentes acerca do debate sobre agrotóxicos pode ser encontrada nos materiais produzidos pela Campanha Permanente Contra o Uso dos Agrotóxicos e Pela Vida - [www.contraosagrototoxicos.org](http://www.contraosagrototoxicos.org).

<sup>7</sup> Para uma visão contrária a cerca dos desdobramentos e transformações históricas na produção de trigo a partir dos efeitos da Revolução Verde, ver Perkins (2007).

apelo, cognitivamente atrativas. Refiro-me ao fato do agronegócio utilizar como estratégia de marketing uma associação entre agricultura e futebol, denominada “Time Agro Brasil”, um desdobramento aprimorado do que ficou conhecido nacionalmente como “Movimento Sou Agro”, através da vinculação de mensagens pró-agronegócio em rede nacional com a participação de artistas e figuras conhecidas popularmente (BRUNO, 2012).

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, CNA, e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, SEBRAE, lançam, na TV, a campanha Time Agro Brasil. Estrelada pelo Rei Pelé, vai mostrar ao Brasil e ao mundo que também somos campeões no campo da agropecuária – 27%,7 do território do País. Campeões na produção de alimentos e na preservação de 61% dos nossos seis biomas (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA, 2012c, Não paginado).

Esta articulação, para além de fortemente imagética, também se dá através da linguagem adaptada. Como dito, o intuito central é acessar uma parcela significativa da sociedade no intuito de persuadi-la à “causa” do agronegócio, tornando-o uma questão familiar e de aceitação mais perene na opinião pública. Isso fica ainda mais claro e evidente quando comparamos o texto apresentado a seguir com outros publicados pela senadora, onde é possível perceber uma transformação do vocabulário utilizado, muito diferente de outros textos<sup>8</sup> onde faz inclusive inflexões pseudo-filosóficas para discutir determinadas questões de seu interesse.

Temos mais de cinco milhões de craques, que são nossos produtores rurais, que devem jogar junto com a pesquisa, com a tecnologia, com as políticas para o campo. Em agricultura, estamos na primeira divisão mundial e devemos ter um time bem preparado. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA, 2012c, Não paginado).

Não bastasse o futebol, o carnaval também já foi objeto de veiculação da imagem do agronegócio. Sem adentrar em detalhes acerca do processo através do qual tal aproximação foi feita, o fato é que a Vila Isabel, campeã do concurso de escolas-de-samba do Rio de Janeiro no ano de 2013, teve como tema de seu samba-enredo a agricultura, e foi financiada pela BASF, uma das principais empresas produtoras de insumos químicos agrícolas. Isso demonstra uma intencionalidade cada vez mais crescente de difundir, naturalizar e normalizar as práticas, os instrumentos e o *modus operandi* do agronegócio no dia-a-dia popular, tornando-o cada vez mais aceitável, mais cotidiano, mais normal.

### **A panaceia da modernização: “porque o agricultor familiar precisa de tecnologia!”.**

Outro argumento quase onipresente nos discursos colocados em prática pelos representantes do agronegócio diz respeito à associação constante deste a uma ideia particular de modernidade e de progresso. Não apenas do ponto de vista da opinião pública em geral, mas também em meios mais especializados de produção de conhecimento e informação, esses elementos apresentam-se como códigos cognitivos “consistentes” e “sedutores” que embasam e dão sustentação a uma ideia de sociedade em movimento, que estaria rumando a um futuro melhor e isento dos problemas do passado e do presente. Configura-se o que James Scott (1998) chamou de *ideologia da modernização*, calcada em um discurso apologético posto em prática através de ideias-forças que se difundem e passam a orientar a ação e intervenção, sem que existam reflexões críticas sobre o que se faz. Dentre os principais elementos dessa ideologia da modernização, estão alguns chavões

<sup>8</sup> Nesse sentido é válido notar o vocabulário empregado no artigo “Desde os tempos da onça”, publicado pela senadora na Folha de São Paulo, no dia 05 de janeiro de 2013.

como, por exemplo, “progresso científico”, “expansão da produção”, “crescimento” e, porque não, “desenvolvimento”. A própria ideia de desenvolvimento é também outra ideia-força bastante utilizada, que qualifica e garante a autoridade e a “asepsia política” necessária para que um discurso, independente dos interesses que ele esteja carregando, se espraie e ganhe aceitação em diferentes contextos, em diferentes públicos, na maioria das vezes, obscurecendo a dimensão política que lhe é constituinte (Ferguson, 1994).

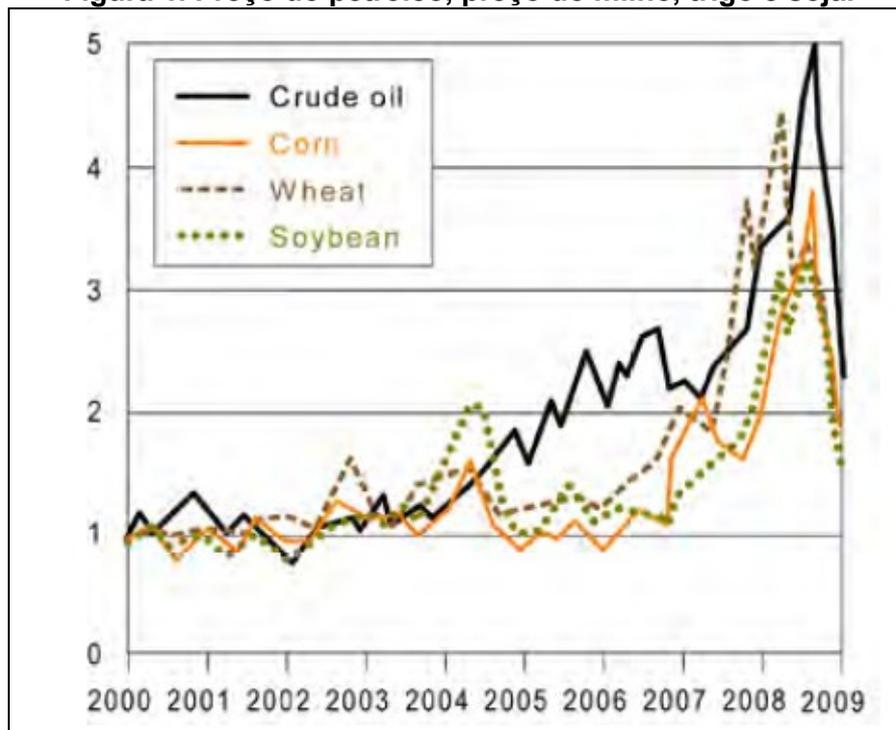
Negar uma proposta que se diz moderna, que promete trazer o desenvolvimento e que caminha rumo ao progresso seria voltar-se para trás; seria negar o “fluxo natural” que orienta a ação em direção ao futuro moderno. Ou seja, tais conceitos carregam consigo uma força quase que irrefutável do ponto de vista desta narrativa teleológica calcada na necessidade imposta ao ser humano de “desenvolver-se” a todo custo. Essa ideia-força é manuseada e apropriada em distintos contextos e mobilizada por variados discursos de interesse. No caso do setor do agronegócio, podemos ver um exemplo claro dessa apropriação nas palavras de Kátia Abreu: “O Brasil realizou extraordinários progressos nos últimos 20 anos. Em muitos aspectos, não somos mais o eterno país do futuro. No entanto, acumulamos tantos atrasos em relação ao mundo desenvolvido que continuar crescendo é, para nós, um imperativo.” (ABREU, 2012e, Não paginado).

Para além do imperativo do desenvolvimento, ou melhor, do imperativo do desenvolvimento como crescimento, vale também ressaltar para a noção unilinear em que tal proposta é propalada. Às avessas ao que propôs Hirschman (1971) com a ideia das “sequências invertidas”, as quais abririam um leque de possibilidades e caminhos bastante heterogêneos para se trilhar os rumos (no plural, propositalmente) do desenvolvimento, assistimos ainda a evocação de um modelo *etapista*, que exige que passemos pelos mesmos caminhos das trajetórias de países hoje tidos como desenvolvidos, mesmo que o contexto e as possibilidades concretas sejam outras.

Os países ricos podem começar a especular sobre como empregar suas populações numa economia de baixo crescimento, pois suas sociedades têm um nível de consumo muito elevado, sob qualquer ponto de vista. Mas nós, que estamos na América Latina, na Ásia e na África, ainda precisamos de muito crescimento para dar às nossas sociedades um padrão decente de vida e de bem-estar. (ABREU, 2012e, Não paginado).

Vejamos então como os representantes do agronegócio acoplam a seu discurso vários desses elementos de persuasão e os ordenam de modo a corroborar com determinados interesses específicos. O primeiro ponto que podemos tomar para o debate resgata a discussão sobre a blindagem do discurso do agronegócio por meio da “máscara” da produção de alimentos, e associa esse elemento diretamente ao padrão tecnológico utilizado pelas iniciativas do agronegócio. “Foram o acesso à tecnologia e a difusão do conhecimento científico aplicado à agricultura que evitaram, todos esses anos, carestia, crise de abastecimento e ameaça à estabilidade política.” (ABREU, 2012d, Não paginado). “O Brasil ainda tem uma extensa área para o cultivo de alimentos. Se olharmos para o futuro, teremos um papel fundamental quando o mundo precisar de mais alimentos do que consome hoje. Para isso, a tecnologia é importantíssima”. (SITE OFICIAL SENADOR BLAIRO MAGGI, 2014, Não paginado).

Ora, não foi esse mesmo processo de difusão tecnológica calcado nos princípios da Revolução Verde que desencadeou uma das mais significativas crises no sistema agroalimentar nos anos recentes, em 2008 e 2009? A figura a seguir mostra como o preço dos alimentos segue muito proximamente o comportamento do preço do petróleo.

**Figura 1. Preço do petróleo, preço do milho, trigo e soja.**

Fonte: Heinberg, 2009.

Como bem demonstra Heinberg (2009), isso decorre em função do modelo tecnológico de produção agrícola que hoje é utilizado em larga escala, estruturado e dependente dos combustíveis fósseis. A agricultura com base nos princípios da Revolução Verde prega um modelo de produção agrícola onde a utilização de máquinas (gasolina, diesel, etc) e de insumos químicos (fertilizantes a base de amônia, principalmente) são peças fundamentais, o que vincula a “produção de alimentos” a outras áreas da economia, tornando-a dependente e vulnerável a abalos e desestabilizações.

Outra questão mobilizada pelo discurso do agronegócio e que esta diretamente relacionada à “temática da modernização” é a narrativa que contrapõem urbano e rural, enquadrando o primeiro como sinônimo de progresso, de modernidade e desenvolvimento, e o segundo como o ambiente do atraso, como o espaço das práticas arcaicas. Obviamente, ao fazer referência a esse “senso comum”, o intuito de Katia Abreu, como veremos no fragmento a seguir, é precisamente justificar a necessidade de adoção de determinado padrão tecnológico, o qual seria capaz de “trazer o progresso”.

Após o enriquecimento no meio urbano, chegou a hora de o campo também colher os frutos do avanço do país (...) É preciso dar a todos condições iguais de acesso a insumos tecnológicos modernos, democratizando o conhecimento produzido por pesquisadores país afora, em especial na Embrapa, nas nossas excelentes universidades rurais e em um número cada vez maior de empresas privadas. (ABREU, 2012a, Não paginado).

Ao tratar o rural como arcaico, no sentido de um “vazio” que necessitaria ser preenchido com conhecimento e tecnologia “de ponta”, Kátia Abreu negligencia toda e qualquer experiência de produção de tecnologias através de sistemas locais de conhecimento e inovação (SABOURIN, 2001), mais adaptados às realidades locais e elaborados com base na diversidade do conhecimento tradicional dos agricultores.

Explorando mais a fundo a contraposição urbano/rural, no sentido atribuído de moderno/arcaico, Katia Abreu ainda faz um apelo à necessidade de divulgarmos que o rural estaria deixando de ser arcaico, justamente por esse *boom* de difusão tecnológica atinente aos anos recentes. Segundo a senadora, não seria mais possível tomar o rural como

representação do atraso, uma vez que o agronegócio (vejam que não é o rural como um todo, mas apenas o setor do agronegócio) estaria capitaneando um “processo de modernização” capaz de mudar esta situação. Estaria, portanto, trazendo o progresso para o campo.

Só que essa verdade incontestável e estatisticamente demonstrável (o agronegócio), que faz da vida rural, combinada com tecnologia, uma novidade material e econômica, ainda não tem, para toda a sociedade, a visibilidade simbólica que lhe faça justiça. (...) outros fingem não saber, por má-fé e apego aos mitos do país arcaico, o que reduz o ímpeto do crescimento do Brasil. (...) Falar de agricultura no Brasil atual é discorrer sobre um universo rural de alta tecnologia, do qual a população urbana desfruta, mas pouco vê. (ABREU, 2012d, Não paginado).

Mais do que categorizar o outro<sup>9</sup> a partir de uma conotação negativa, referente ao atraso e ao arcaico, negando uma série de dimensões complexas do modo de vida camponês, o que parece pregar o discurso do agronegócio é justamente a anulação, seguida da incorporação do outro, como uma espécie de estratégia que mescla autoafirmação e negação. Nas palavras da senadora, tratar-se-ia de “*convencer gradativamente o país que o moderno deve assimilar o arcaico e torná-lo disfuncional e desnecessário.*” (ABREU, 2012k.)

Ainda a respeito deste “efeito padronização” (SCOTT, 1998), desencadeado pela implementação da Revolução Verde com princípio orientador do modelo de produção agrícola, é interessante também notar como, no discurso dos representantes do agronegócio, a figura da “gestão empresarial” assume destaque importante. Um indício significativo disso é a recente parceria do setor com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), justamente no sentido de avançar a fronteira do modelo tecnológico e do padrão do agronegócio em direção aos agricultores familiares ou camponeses. “Nós queremos ajudar o pequeno agricultor a produzir e a ter renda como o médio e o grande produtor. Estamos sugerindo um programa para ajudar esse produtor a cuidar da propriedade como se ela fosse uma empresa” (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA, 2012a, Não paginado).

À custa da diversidade e da heterogeneidade dos modos de vida camponês (PLOEG, 2008), vê-se configurar um modelo orientado à produtividade, sedimentado em noções gerenciais de “eficiência”, “custos”, “empreendedorismo”, alheios à realidade do camponês e suas tradições, no sentido de que não atentam para a pluralidade de dimensões que envolvem a gestão de uma propriedade agrícola a partir de outras racionalidades complexas, próprias aos camponeses e distintas deste modelo fundado na “gerencial-produtividade”.

De todo modo, qualificar um camponês como “agricultor empreendedor”, ou melhor, fazer com que ele deixe de ser um camponês e torne-se um “produtor empreendedor”, é um processo de adjetivação deveras sedutor e coloca-se como um elemento significativo de persuasão no discurso do agronegócio, abrindo espaço para a entrada não só da ideia de empreendedorismo em si, mas também de uma série de práticas e tecnologias que passam a se impor sobre a realidade do agricultor. No sentido do que chamam atenção Pinch e Bijker (2008), tratar-se-ia de um processo em que não só o discurso, mas um determinado padrão tecnológico se impõe sobre os outros, estabelecendo hierarquizações funcionais e organizando as relações entre os indivíduos, de modo também semelhante ao que Foucault (2010) entende por tecnologias e dispositivos de poder. Ou seja, mais do que a simples mudança dos instrumentos tecnológicos é preciso compreender tal fenômeno como uma maneira de reordenamento das relações sociais e das formas que se configuram como permissíveis e pensáveis para a ação e a interação.

Não nos faltam exemplos para ver como o elemento da modernização permeia o discurso dos representantes do agronegócio. Vejamos mais alguns. O caso dos projetos de

<sup>9</sup> No caso o camponês do não-agronegócio, mesmo que essa ideia seja também muito genérica.

expansão portuária, amplamente debatidos nos anos de 2011 e 2012, é peculiar nesse sentido. Sabe-se que a dimensão do escoamento da produção, juntamente com a questão logística e dos transportes, compõem hoje um dos principais gargalos do setor do agronegócio, muito em função da ampliação das áreas agricultáveis para regiões que anteriormente não eram foco da atividade do agronegócio, e que, por essa razão, não possuem a infraestrutura necessária no pós-colheita.

Exemplo típico disso é a situação das novas fronteiras agrícolas, como a região que recentemente ficou conhecida como MAPITOBA, um recorte geográfico que engloba parcelas dos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia, e que não possui (ainda) uma estratégia dinâmica para escoar a produção agrícola, sendo que a mesma necessita seguir para os portos da região sul e sudeste para continuar o caminho do mercado internacional.

**Figura 2: Mapa da região do MAPITOBA**



Fonte: Agra FNP, Conab, Icone e Ministério da Agricultura

Ocorre que, em função das distâncias percorridas e dos meios de transportes utilizados (na grande maioria das vezes, o modal rodoviário) o preço do produto agrícola do agronegócio brasileiro eleva-se a um patamar muito alto em comparação com os outros países no comércio internacional, o que configura uma desvantagem competitiva de relevância para o setor.

À custa desse interesse específico, muito empenho político foi mobilizado para a construção de novas vias de escoamento da produção. Um caso emblemático<sup>10</sup> retratado na tese de Maria do Socorro Lima (2008) diz respeito à hidrovia do Rio Madeira, construída no meio da floresta amazônica, comprometendo áreas legais de preservação ambiental e favorecendo a pressão da fronteira agrícola sobre a região da Amazônia Legal, principalmente na divisa entre o norte de Rondônia e o sul do Amazonas. Vê-se, no caso, que enquanto o discurso propala o “desenvolvimento”, o que ocorre na prática é a concretização de complexos projetos de infraestrutura para solução de um problema específico, ou melhor, do interesse econômico de um grupo específico que se coloca como representante maior dos interesses da nação.

Atente-se para o fato de que o título do artigo, do qual o trecho apresentado abaixo foi extraído, é “*Os benefícios do consenso*”, aludindo à ideia de que tais empreendimentos seriam de interesse público.

As áreas de produção do interior do Brasil serão ligadas por ferrovia a todo o sistema portuário, do Sul ao Nordeste e ao Norte, criando amplo leque de

<sup>10</sup> Este já em outro fluxo fronteira agrícola, relacionado à expansão da atividade agropecuária, em especial da soja e da bovinocultura em regime extensivo, partindo do Centro-Oeste em direção à região Norte do Brasil.

opções que vão reduzir os custos de transportar e embarcar mercadorias. Além disso, uma rede de rodovias modernas servirá para integrar mais ainda todo o território nacional, encurtando distâncias, favorecendo os contatos e ampliando mercados. (ABREU, 2012c, Não paginado).

Sem pretensão de exaustão do debate, podemos tratar de mais um tema que se relaciona com as discussões desta seção e que se mostra como uma questão de significativa importância na atualidade. Trata-se do debate em curso a respeito do futuro da política de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) no Brasil.

Como um instrumento de acesso aos agricultores e intervenção em seus modos de vida e às práticas do processo agrícola, a ATER foi historicamente (e ainda é) um dos principais meios de difusão tecnológica, sendo um dos principais vetores utilizados para colocar em voga os princípios da chamada Revolução Verde. A partir de uma abordagem de convencimento/persuasão/difusão, foram sendo gradativamente substituídas as práticas tradicionais (muitas delas, ecológica e socialmente adaptadas ao contexto em que se inseriam) pelas práticas agrícolas ditas “modernas”.

Em 1990, durante governo Collor, foi extinta a EMBRATER (Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural) que se apresentava como o órgão público responsável pelo serviço de ATER no país. Desde então, a prestação desse serviço ao agricultor ficou carente de uma coordenação a nível nacional, deixando a realização da ATER sob responsabilidade dos estados, na maioria das vezes por meio das EMATERs estaduais (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), que, com quase nenhum recurso, pouco puderam fazer.

Mas creio ser importante voltarmos um pouco na história para entendermos o que foi a ATER no Brasil, e porque ela se mostra hoje como um tema em disputa. A ATER, como política pública, tem origem em meados dos anos 70, ainda na ditadura militar, mais especificamente no governo Geisel, quando se decide estatizar as atividades de assistência técnica, que até então vinham sendo promovidas por agentes privados, vinculados às empresas internacionais do setor agrícola, no caso, aquelas responsáveis (e interessadas) pela difusão da Revolução Verde.

Como aponta Antonio Gomes Barbosa, ao refletir sobre a evolução da ATER no Brasil, *“se no discurso, a extensão rural seria dirigida para a agricultura como um todo, a proposta de ‘desenvolvimento’ foi direcionada para os produtores médios e grandes, enquanto a agricultura familiar se mantinha marginalizada”* (2009:41)

Embora saibamos que os agricultores familiares não tenham sido o foco direto das ações da ATER governamental nesse período, não podemos descartar o papel da assimilação direta e indireta dos chamados “pacotes tecnológicos” da Revolução Verde e muito menos a capacidade das empresas do setor agropecuário em difundir suas novas tecnologias de maneira capilar, conseguindo acessar os agricultores (grandes, médios e pequenos) em contextos muito adversos.

Um exemplo clássico de assimilação involuntária é o caso das sementes transgênicas. O controle das sementes transgênicas sempre foi muito precário, e os agricultores que acessavam esse tipo de tecnologia não tinham muitos instrumentos para evitar a hibridização dessas sementes com as suas sementes crioulas. Com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais difícil encontrar e preservar as características genéticas das sementes crioulas, o que induziu forçosamente os pequenos agricultores a aderirem ao pacote tecnológico (agrotóxicos e fertilizantes químicos, principalmente), necessário para os contextos de utilização de sementes transgênicas.

Como dito acima, atualmente o debate sobre ATER parece ganhar força novamente. Desde 2003, com o início do primeiro governo Lula, as discussões sobre ATER foram retomadas, muito em função do *status* de relativo destaque que o tema da agricultura familiar ganhou naquela ocasião. O fato é que não é só o público ligado a agricultura familiar

que vem demonstrando interesse na construção da nova política de ATER<sup>11</sup>. O setor do agronegócio se mostra bastante atuante e interessado nessa temática nos tempos mais recentes. Vejamos alguns depoimentos da senadora Kátia Abreu a esse respeito.

Parece ter chegado a hora de recriar, de forma moderna, baseados em meritocracia, os sistemas de extensão rural no Brasil. O governo federal merece nosso aplauso por essa iniciativa de longo alcance. (...) Extensão e assistência técnica reduzirão o abismo entre os que praticam a boa gestão e os que nem sequer a conhecem, tirando milhões de agricultores da pobreza. (ABREU, 2012a, Não paginado).

Só há uma saída: a modernização da agricultura familiar, com a adoção de tecnologias adequadas. Sem a geração e a difusão de tecnologia, não adianta buscar soluções revolucionárias ou reacionárias, mágicas ou esotéricas.” (ABREU 2012f, Não paginado).

Uma das várias estratégias que o setor do agronegócio vem utilizando para colocar em prática (ou manter em prática, visto que nunca se extinguiu, pelo menos na dimensão do serviço privado desenvolvido pelas empresas do setor) um serviço de assistência técnica correspondente a seus interesses, é a parceria com o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), que vem servindo como um mecanismo de acesso aos agricultores familiares. O que parece estar em curso é um processo de intensificação dos esforços do agronegócio em direção à agricultura familiar, não no sentido de “destruí-lo” ou de fazê-lo “sucumbir”, mas sim no sentido de incorporá-lo, de assimilá-lo à lógica de funcionamento do agronegócio, estabelecendo uma série de conexões que, se não anulam, pelo menos conformam de modo significativo as estratégias de reprodução camponesa. Vejamos, por fim, mais alguns trechos que ilustram o que estamos dizendo: “Essa nova política pública, capaz de democratizar o acesso à tecnologia e modernizar a agricultura familiar e as pequenas propriedades pode ser o principal fator de inibição do arcaico que ainda persiste em várias regiões.” (ABREU, 2012a, Não paginado). “O grande desafio é ampliar o número de produtores que fazem parte do agronegócio de sucesso (...) Aumentar, fortalecer e consolidar uma classe média rural deve ser o esforço de todos, como foi com a classe média urbana.” (ABREU, 2012k, Não paginado).

## **Do Estado como epicentro dos problemas ao Estado como “salvação da lavoura”.**

Esta seção, como o próprio título já indica, tem como objetivo tratar sobre o que vem sendo veiculado nos discursos produzidos pelos representantes do agronegócio acerca da relação desse setor com o Estado. Se, por um lado, vemos declarações fortes em prol da ideia de “Estado mínimo” e do um desmonte progressivo das estruturas estatais, que, no caso, deveriam ser substituídas pela intervenção dos atores privados; por outro lado, não é incomum percebermos, nas mesmas formações discursivas, elementos que indicam a enorme dependência do setor do agronegócio com relação ao Estado. De modo complementar a essas discussões, veremos também como os discursos do agronegócio mobilizam uma série de conceitos e ideias com alto poder de mobilização e de convencimento da opinião pública. Dentre esses conceitos, merece razoável destaque a utilização dos termos “debate público” e “segurança jurídica”, conforme veremos adiante.

A discussão acerca do papel e do tamanho do Estado não é nova. Por conta da onda neoliberal e dos receituários de reforma do Estado, oriundos principalmente das cartilhas de

<sup>11</sup> A Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) foi construída em parceria com as organizações governamentais e não governamentais de ATER e a sociedade civil organizada, e foi instituída pelo Governo Federal em 2003. Atualmente a política encontra-se em fase de discussão do Sistema Nacional de ATER.

conduta dos organismos internacionais, passamos toda a década de 90 e início dos anos 2000 por momentos de intensas discussões com relação a quais seriam de fato as atribuições do Estado e que tipos de atividades deveriam ficar a seu encargo, bem como quais outras deveriam ser transferidas para a iniciativa privada. Sem entrar mais profundamente neste debate acerca das privatizações, o que gostaria de enfatizar é que o dilema do tamanho do Estado ainda continua vivo, principalmente quando se trata de situações que envolvem o interesse específico de grandes empresas privadas, como é o caso do agronegócio.

Parece que nem todo o peso dos fatos da história tem o poder de arejar certas mentes. A livre iniciativa precisa ser livre e não controlada de perto pela burocracia estatal, que tem sempre a grave presunção de determinar a vontade da população. Um bom exemplo de nossos pontos fortes é o sucesso do agronegócio. Em meio às mais sombrias condições, ele continua a crescer, sendo no momento o único setor cujo dinamismo resiste às crises. (...) E qual é o principal motivo desse sucesso? É uma atividade primordialmente privada. (...) Os frutos da livre empresa vão muito além dos ganhos dos seus proprietários, com resultados sociais nem sempre obtidos pelos órgãos de Estado. Essa é a lição que nos dão os países que tiveram sucesso como economias e como sociedades. (ABREU 2012e, Não paginado).

Mais uma vez, vê-se a capacidade argumentativa de Kátia Abreu na defesa de um ponto de vista específico. No caso, o intuito é enaltecer o papel do setor privado, especialmente as empresas e os produtores do agronegócio, que, segundo a senadora, mesmo em contexto de grande adversidade econômica, conseguem desempenhar suas funções em alto nível. Essas “*adversidades*” são atribuídas ao Estado, à sua morosidade burocrática e à sua “*presunção de determinar a vontade da população*”.

Este último trecho é bastante importante. Perceba que o caminho argumentativo utilizado por Kátia Abreu para legitimar a proposta de autonomia do setor agropecuário às “amarras do Estado” passa por uma espécie de “demonização” do Estado, enquadrando-o como um ente maléfico, que teria como função primordial “*determinar a vontade da população*”. Mais do que isso, vemos ainda uma associação, no mínimo duvidosa, entre a atividade privada do setor agropecuário e uma espécie de “benefício social” que seria fruto direto da mesma.

Em seguida, (e aí é o ponto em que gostaria de chegar) a senadora nos pergunta: “*E qual é o principal motivo desse sucesso? É uma atividade primordialmente privada.*”. Pois bem, tem-se aí um ponto em que é possível identificar o que chamamos acima de paradoxo da relação entre o setor do agronegócio e o Estado, pelo menos ao nível discursivo. Vejamos outras declarações da senadora Kátia Abreu que, quando comparadas com as anteriores, nos trazem algumas dúvidas e inquietações:

O Plano Agrícola e Pecuário 2012/13, lançado na semana passada, deve ser visto como um marco divisório. Reduziu juros, aumentou recursos para custeio e investimento e abriu novos e amplos caminhos que poderão fazer toda a diferença para o agronegócio brasileiro. (...) A primeira e mais profunda mudança de rumo na política agrícola do país é o aumento substancial do seguro rural. O volume era muito modesto e não cobria mais de 5% de nossa área plantada. (ABREU, 2012a, Não paginado).

Redução da taxa de juros, recursos para custeio e investimento, política de crédito, seguro rural, etc. O que são esses instrumentos se não formas através das quais o Estado privilegia (dado que o aporte de recursos nessas políticas não é nada desprezível) e impulsiona o setor do agronegócio? Não se trata, pois, de uma ode à ausência do Estado. Trata-se, na realidade, de um reclame à transformação das formas de ação do Estado, as quais se devem adequar à realidade econômica de contenção do gasto público em investimentos diretos, principalmente em termos produtivos, e privilegiar a dimensão da

regulação macroeconômica, adaptando os instrumentos no sentido da manutenção dos interesses do setor do agronegócio.

Como bem mostram Heredia, Leite e Palmeira, *“as políticas de interesse ao setor passavam notoriamente pelas esferas macroeconômicas mais amplas, como a política cambial, favorável ao interesse do setor exportador; a política de comércio exterior (antidumping); a política tributária e a política salarial”* (2010:166) e, é importante acrescentar, pelas estratégias de renegociação das dívidas da atividade agropecuária.

Ao contrário do que prega o “mito do pioneirismo”, o processo de consolidação do agronegócio não se deu de costas para o Estado. Sem a pretensão de remontar as origens da relação entre a agricultura patronal e o Estado (o que transcenderia os objetivos deste texto), é válido que façamos alguns apontamentos, ainda que superficiais, acerca dos processos mais recentes de consolidação e expansão do setor do agronegócio.

Mais uma vez nas palavras de Heredia, Leite e Palmeira, *“não se pode falar do agronegócio sem pensar no Estado e nas políticas públicas, que não só viabilizam sua origem, mas também sua expansão. No início, essa presença se traduziu na política de terras (assentamentos), mas logo se manifestou na política de inovações tecnológicas e de pesquisa”* (2010:164) e na política de crédito. Ou seja, a ideia de que o agronegócio adentrou “terras vazias” e que trouxe o “progresso civilizatório”, não pode ser dissociada do papel do Estado no provimento de investimentos públicos que viabilizaram esse processo.

Em termos da expansão das atividades, para além da importância clara do apoio inicial do Estado nas ações citadas acima, existem outros elementos que evidenciam o papel das políticas públicas no fortalecimento do agronegócio. Muito se disse que o esgotamento da política de crédito agrícola, ou melhor, que sua acentuada diminuição nos últimos anos seria um sinal de que o Estado não mais estaria fornecendo o aporte necessário ao setor do agronegócio, e que este estaria caminhando com suas próprias pernas. Porém, apesar da política de crédito agrícola ter, relativamente, perdido importância no contexto atual, o agronegócio passa a se beneficiar de outras políticas públicas que passam a estruturar as estratégias de expansão da atividade agropecuária, especialmente em um processo de flexibilização acerca de uma série de legislações atinentes à questão fundiária.

A questão fundiária é sempre central quando se trata das atividades do agronegócio. Outras duas questões podem ser lembradas, mesmo que rapidamente. O caso do Novo Código Florestal com suas disposições finais claramente em favor dos interesses ruralistas é um exemplo de como o agronegócio pode ser beneficiado em termos de transformações e afrouxamento nas disposições legislativas acerca das condições de uso e ocupação da terra e dos recursos naturais. Outro exemplo é o progressivo sucateamento das já frágeis políticas públicas de reforma agrária nos últimos anos. O governo Dilma assentou menos famílias que os governos Lula e FHC, e, ao que tudo indica, não parece ser algo com potencial de reversão no curto prazo.

Para encerrarmos este primeiro conjunto de discussões nesta seção, podemos apontar mais uma vez para a capacidade de mobilização política que Kátia Abreu possui. A respeito da construção da política nacional de ATER, a qual já nos referimos na seção anterior, vemos que a senadora empenha-se em costurar seus interesses acerca da mesma, e é capaz de juntar em uma mesma reunião cinco ministros, um feito nada desprezível e que demonstra o grau de importância que a CNA conquistou atualmente nas negociações com o Executivo. Há que se ressaltar que os ministros são de pastas do governo ligadas, direta ou indiretamente, a questões sociais e a agricultura familiar.

A presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, senadora Kátia Abreu, apresentou nesta terça-feira, 17 de julho, com as ministras Gleisy Hoffman, da Casa Civil, Tereza Campelo, do Desenvolvimento Social, e com os ministros Mendes Ribeiro, da Agricultura, e Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário, para apresentar o modelo de Agência de Extensão Rural com Meritocracia. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA, 2012a, Não paginado).

O segundo conjunto de elementos que gostaríamos de apresentar nesta seção diz respeito à mobilização de alguns conceitos e ideias-força que, juntamente com todos os outros apresentados até aqui, conferem ao discurso do agronegócio alto poder de persuasão e convencimento, e parecem ter a capacidade de colocar um “ponto final” em uma série de debates que, na realidade, estão muito pouco definidos. Vejamos então, como exemplo primeiro, a maneira como a ideia de “debate público” vem sendo empregada nos depoimentos da senadora Kátia Abreu. Não se trata de exigir rigorosidade, nem de debater conceitualmente o termo. O que nos interessa é entender por quais propósitos tal elemento é acionado. “As 19 condicionantes resultaram de amplo e consistente debate, político e jurídico, que a AGU, a seguir, resumiu em parecer, que embasou a presente portaria” (ABREU, 2012b, Não paginado)

Chega-se ao fim de um longo processo de discussão e votação democrática, que durou mais de uma década e que, sem dúvida, faz da nossa lei florestal o mais debatido de nossos estatutos legais. Os temas foram objeto de amplo e transparente contraditório, refletido em larga escala pelos meios de comunicação. É hora de darmos por findo esse debate e nos prepararmos para por em prática a nova lei. A busca interminável da perfeição em matéria de questões humanas é a maior inimiga dos bons resultados. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA, 2012b, Não paginado).

A primeira citação diz respeito à questão da demarcação de terras indígenas e o conhecido caso Raposa Serra do Sol que trata basicamente de questões de ordem fundiária. Já o segundo trecho, como é possível perceber no texto, diz respeito ao Novo Código Florestal. O que ambas têm em comum é o fato de que são qualificadas por Kátia Abreu como questões que foram objeto de “amplo debate público”. Mas, perguntaríamos nós, em que termos tal debate foi realizado? A mídia, como todos sabem, veicula as notícias a partir de um olhar específico, muito longe da neutralidade. No congresso, onde a bancada ruralista tem cada vez mais poder de influência e decisão, são estabelecidos os termos e o conteúdo do debate, e colocados na berlinda todo e qualquer intento de oposição. De fato, não foram suficientes as inúmeras manifestações provenientes de diversos grupos e movimentos, pois o debate ficou mesmo circunscrito a um domínio específico nada acessível.

Não caberia aqui entrar em um debate sobre representação política, mas apenas gostaríamos de apontar a fragilidade e a capacidade de manobra que certos grupos possuem no que tange à condução do fluxo de discussões de certos assuntos que de fato são de amplo interesse público. Quando as negociações apontam para um cenário que tende aos interesses do setor do agronegócio, parece ocorrer um movimento de colocar uma “pá de cal” no assunto, no sentido de tomá-lo como resolvido através da produção de uma série de “verdades”, independentemente do número de questões que ainda estejam em contradição ou em aberto. E é assim que o “ponto final” é comunicado à opinião pública, sem mais delongas.

A outra questão que gostaríamos de chamar atenção refere-se ao uso da ideia de “segurança jurídica”, principalmente no que tange ao direito de propriedade de terras dos produtores agropecuários. Vejamos alguns trechos onde o termo é empregado por Katia Abreu:

[...] o Congresso Nacional está tendo a oportunidade de decidir sobre o tema (demarcação de terras indígenas) e está construindo um texto que trouxe tranquilidade e segurança jurídica aos produtores. (...) Com essa iniciativa, a que se somam a atualização do Código Florestal e a adoção do seguro agrícola como uma das prioridades do novo Plano Safra, o mundo rural alcança um novo patamar de segurança jurídica, em benefício de todos os brasileiros. (ABREU, 2012a, Não paginado).

Equivoca-se quem vê um conflito entre 'indígenas' e 'agronegócio'. É a soberania nacional que está em jogo. (...) A insegurança jurídica se generaliza e joga os brasileiros uns contra os outros, ao arripio do Estado de direito. Pior ainda, contraria os interesses maiores do Brasil e da soberania nacional. (ABREU, 2012h, Não paginado).

O uso do termo “segurança jurídica” refere-se a uma estratégia de deslocamento semântico das questões relativas às disputas fundiárias. Resume-se toda uma complexa gama de questões históricas, atinente ao problema agrário-fundiário do país, à dimensão do direito à propriedade privada das elites latifundiárias do agronegócio. A intenção parece ser justamente mobilizar a opinião pública acionando a ideia de que o que estaria em questão é validade da propriedade privada em geral, garantida pelo Estado de direito. Esta operação redutora dos problemas agrário-fundiários que os traduzem intencionalmente a partir de códigos suficientemente simples e inteligíveis ao senso comum, mas que revela apenas “a parte que interessa” da questão, garante ao agronegócio uma legitimidade importante do embate de ideias, principalmente frente aos intentos dos movimentos sociais que lutam por terra e território. Ativa-se assim o medo junto à população de se constituir um cenário onde o direito a propriedade privada seja alienado, reforçando ainda mais a associação de terra como um bem passível de propriedade privada, inculcado e institucionalizado como natural/normal desde a Lei de Terras de 1850. Em outras palavras, a defesa da “segurança jurídica” neste caso está associada diretamente à defesa da concentração de terra como um requisito básico para a manutenção da estrutura de poder historicamente construída e que sustenta a classe política que hoje representa os interesses do agronegócio.

Ao mesmo tempo, para àqueles que conhecem mais de perto as táticas de expansão do agronegócio, é até irônico ver seus representantes clamando pela “segurança jurídica”, uma vez que, muito usualmente, a elite do agronegócio procedeu (e ainda procede) de maneira ilegal na ocupação de terras. A prática mais conhecida popularmente é a grilagem dos títulos das terras. O livro Partido da Terra, do jornalista Alceu Luís Castilho (2012) nos mostra de maneira embasada e extremamente detalhada como grandes proprietários de terra, na maioria das vezes políticos ligados ao setor do agronegócio, lançaram mão de procedimentos criminosos na apropriação de terras alheias ou de terras devolutas.

Enfim, o que gostaríamos de frisar é esta estratégia discursiva empregada pelos representantes do agronegócio, capaz de ocultar conflitos sociais de grande magnitude e reduzir tais questões através de procedimentos semânticos particulares. O resultado disso, ou melhor, o propósito maior desse esforço parece ser mesmo um interesse cada vez maior de se construir uma imagem positiva do agronegócio junto à opinião pública.

## Considerações finais

O filósofo Arthur Schopenhauer, em sua ‘Dialética Erística’, demonstrou que é possível vencer uma discussão mesmo sem ter razão. Para tanto, alinhavou uma série de estratégias que partem do pressuposto de que “ter razão” não é o mesmo que “estar com a verdade”. Ter razão, segundo ele, é triunfar perante a plateia, iludindo-a e confundindo o adversário. (ABREU, 2012g, Não paginado).

O trecho acima, retirado do artigo intitulado “Código sem fundamentalismo”, trata-se de um esforço de Kátia Abreu em desqualificar o movimento ambientalista e os atores que se colocavam em defesa da preservação da natureza no contexto de reforma do Código Florestal, em 2011. Mas poderíamos muito bem, usando as palavras da senadora, direcionar tal frase para indagar-nos sobre as formações discursivas do próprio agronegócio. É o caso, como diria Foucault, de “*restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante*” (2011:51).

No desafio de buscar conexões entre os diferentes temas aqui abordados, parece-nos interessante explorá-los sob a égide de componentes de uma *formação discursiva* provenientes dos interesses do agronegócio que buscam promovê-lo a partir de uma conotação positiva e benfazeja. Penso ser interessante voltarmos a algumas questões que apontamos no início do texto sobre o pensamento de Foucault, e que podem inspirar as reflexões acerca do que chamamos aqui de discurso do agronegócio.

Pensem primeiro na questão da naturalização/normalização das práticas, no sentido de torná-las cotidianas, inquestionáveis. Ao longo dos debates, vimos como normalização de uma determinada atividade (no nosso caso, o modelo agrícola do agronegócio) induz a formação de crenças através da estruturação de discursos que se estabelecem em um processo de disputa pela verdade, a qual tende, indubitavelmente, em favor dos interesses do agronegócio. Foucault, interessado na formação desse tipo de discurso e suas relações com a dimensão do poder, se pergunta “*qual é esse tipo de poder capaz de produzir discursos de verdade que são, numa sociedade como a nossa, dotados de efeitos tão potentes?*” (2010:22)

Nesse sentido, a dimensão do poder nas disputas pelas temáticas atinentes à agricultura, para ficarmos no nosso exemplo, se expressaria não só nas práticas, mas também na produção de verdades sobre a realidade, sendo esta verdade pertencente originalmente a um quadro de relações de força, de disputas. Assim, vemos se formar uma “*economia dos discursos de verdade*” que nos faz deslocar a análise das relações também para um plano semântico-discursivo. No nosso caso, o discurso não seria apenas um veículo pelo qual são retratados os fatos, mas, principalmente, um objeto de disputa política, algo que os grupos ligados à agricultura desejam se apropriar para colocar em operação determinada visão de mundo. Mais ainda, os discursos teriam um papel importante de legitimar, através da naturalização/normalização, determinadas práticas agrícolas. Assim, nessa perspectiva foucaultiana, não se dissociam os discursos das práticas.

Entremado à economia dos discursos de verdade, encontramos um processo intenso de disputa de paradigmas semânticos, fundamental para a condução das práticas e dos comportamentos, e que culmina em um processo de exclusão do que não se cristaliza como verdade. Ou seja, a emergência de um discurso que se promove como verdadeiro (o do agronegócio, por exemplo), se dá através dos embates, das lutas com outros discursos que se propõem a mesma pretensão (camponeses, indígenas, ambientalistas, etc.). O resultado final (ou pelo menos provisório, uma vez que é sempre possível - embora não seja simples - que estratégias alternativas venham revogar a verdade posta) é a consolidação de um só discurso como verdadeiro, seguido do rebaixamento e da exclusão dos outros.

Foucault nos inspira a pensar na produção da verdade não como um simples instrumento de contar uma história, mas como um mecanismo de construção da história verdadeira, um modificador da realidade. Isso possibilita a quem a controla não só uma reinterpretação do passado, mas também uma reorientação do presente e do futuro, a partir da construção de narrativas teleológicas, tomadas como “*arma discursiva utilizável, exibível por todos os adversários do campo político*” (2010:159)

Nessa perspectiva, parece ficar mais clara a pretensão de “*verdade*” que o discurso do agronegócio pleiteia. A normalização/naturalização segue como produto de um esforço cotidiano de deslegitimar o outro e de vangloriar a si próprio, através do uso de estratégias com grande apelo popular, e por meio de uma linguagem acessível e de alto poder de persuasão. Como bem diria Kátia Abreu acerca de suas declarações, “*São fatos, não opiniões*” (ABREU, 2012g), evidenciando justamente o que podemos chamar de aspiração ao *status* de verdade.

Todos os debates que apontamos nas seções anteriores sugerem um movimento intencional com essas características. Outros temas poderiam ter sido mais bem trabalhados, outras vozes poderiam ter sido ouvidas, mas por necessidade de escolha, ficaram de fora da análise. De todo modo, o que gostaríamos de enfatizar aqui é o fato do discurso do agronegócio se apresentar atualmente de maneira muito bem qualificada, com alta capacidade de convencimento da opinião pública e de se mostrar como “*verdade*”, utilizando estratégias que nos parecem muito bem definidas.

No confronto de pontos de vista ou de visões de mundo, o agronegócio parece levar relativa vantagem, já que o outro lado, os outros discursos, principalmente àqueles atinentes aos movimentos sociais, aos grupos e às campanhas que figuram como atores importantes neste campo de relações de força, não possuem recursos disponíveis (e talvez não tenham esse interesse) para produzir discursos tão bem elaborados e tratados a partir de técnicas de *marketing* que lhes permitiriam um maior acesso à opinião pública.

Ou seja, neste campo de disputa pela “verdade” perante a opinião pública, a vantagem é clara e pende para o lado do agronegócio. Ao alçar o debate para outros planos, promovendo discussões com base em uma série de temas, muitos dos quais foram aqui mencionados, parece haver um obscurecimento das práticas convencionais deste setor, principalmente aquelas relacionadas à concentração de terra e todos os conflitos a ela relacionados. Talvez no intuito de revogar a imagem historicamente depreciativa do “latifúndio” e de fortalecer a ideia de “agronegócio” como algo novo, funcional e eficiente, é que esse procedimento semântico venha sendo empreendido com tanto empenho. Em que pese tal esforço, é fato que a terra (a posse e a concentração desta, mais especificamente) ainda continua sendo um elemento central para a manutenção do modelo agrícola no qual o agronegócio se baseia. Desde a última década e especialmente após 2008, quando em função da crise financeira internacional, desencadeou-se uma tendência massiva de fixação de capital, sendo parte expressiva na compra de terras em países periféricos, em especial no Brasil (CARVALHO, 2013; DELGADO, 2013), o cenário foi marcado pela expressiva expansão da fronteira agrícola no contexto nacional. Seja na rota do chamado MAPITOBA ou na direção norte, rumo à Amazônia (casos aqui já mencionados) é visível a incorporação progressiva de terras para as atividades do agronegócio. O agronegócio, portanto, mesmo com todo o moderno marketing de que lança mão, ainda tem na dimensão da terra uma de suas principais estratégias de reprodução, o que não nos deixa esquecer de suas raízes e origens ligadas aos latifúndios e a especulação imobiliária.

## Referências

ABREU, Kátia. Uma nova política agrícola. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 jul. 2012a. Caderno Mercado, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1116603-uma-nova-politica-agricola.shtml>>. Acesso em 08 jul. 2012

\_\_\_\_\_. Segurança jurídica, um bem comum. **Folha de São Paulo**, 21 jul. 2012b. Caderno Mercado, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1123676-seguranca-juridica-um-bem-comum.shtml> - Acesso em 22 jul. 2012.

\_\_\_\_\_. Os benefícios do consenso. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2012c. Caderno Mercado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/61433-os-beneficios-do-consenso.shtml> - Acesso em 19 ago. 2012.

\_\_\_\_\_. Arcaico e moderno. **Folha de São Paulo**, São Paulo 15 set, 2012d. Caderno Mercado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1153946-arcaico-e-moderno.shtml> - Acesso em 16 set. 2012.

\_\_\_\_\_. Resistência à crise. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 out. 2012e, Caderno Mercado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1164873-resistencia-a-crise.shtml> - Acesso em 07 out. 2012.

\_\_\_\_\_. O Teorema de Eliseu. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 out. 2012f. Caderno Mercado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1168695-o-teorema-de-eliseu.shtml> - Acesso em 14 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Código sem fundamentalismo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 out. 2012g. Caderno Mercado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1172427-codigo-sem-fundamentalismo.shtml> - Acesso em 21 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Até abuso tem limite. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 out 2012h. Caderno Mercado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1175970-ate-abuso-tem-limite.shtml> - Acesso em 28 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Uma antropologia imóvel. **Folha de São Paulo**, São Paulo 17 nov. 2012i. Caderno Mercado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/78428-uma-antropologia-imovel.shtml> - Acesso em 18 nov. 2012.

ABREU, Kátia. ANVISA, a praga dos sete anos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 dez. 2012j. Caderno Mercado: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1194361-anvisa-a-praga-dos-sete-anos.shtml> - Acesso em 02 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Tecnologia que a cidade não vê. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 dez. 2012k. Caderno Mercado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1201842-tecnologia-que-a-cidade-nao-ve.shtml> - Acesso em 16 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Ambientalismo republicano. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 dez. 2012l. Caderno Mercado: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1207840-ambientalismo-republicano.shtml> - Acesso em 30 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Desde os tempos do onça. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 jan. 2013a. Caderno Mercado: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/1210461-desde-os-tempos-da-onca.shtml> - Acesso em 06 jan. 2013.

BARBOSA, Antonio Gomes. Encontros e desencontros da extensão rural brasileira na construção coletiva de conhecimentos e saberes. In. THEODORO, Suzi Huff; DUARTE, Laura Goulart; VIANNA, João Nildo. (Orgs.) **Agroecologia: um novo caminho para a extensão rural sustentável** – Rio de Janeiro, Garamond (Terra Mater). 2009.

BRUNO, Regina Landim. **Movimento Sou Agro: marketing, *habitus* e estratégia de poder do agronegócio**. Texto apresentado no 36º Encontro Anual da ANPOCS, 2012.

CARVALHO, Horácio Martins de. A expansão do capitalismo no campo e a desnacionalização do agrário no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA)**. Edição Especial, Julho, 2013.

CASTILHO, Alceu Luís. **Partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro**. São Paulo; Contexto, 2012.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA. Cinco ministros e a porta voz do Agro. **Notícias CNA**, Brasília, 18 jun. 2012a

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA. Código Florestal e a busca pela Perfeição. **Notícias CNA**, Brasília, 01 out. 2012b

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA. Campanha estrelada pelo Rei Pelé chega à TV. **Notícias CNA**, Brasília, 28 out. 2012c

DELGADO, Guilherme. Economia do Agronegócio (Anos 2000) como pacto do poder com os donos da terra. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA)**. Edição Especial, Julho, 2013.

IBGE. **Censo Agropecuário** – Brasil. Rio de Janeiro, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006.

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **São Paulo Agrário: representações da disputa territorial entre camponeses e ruralistas de 1988 a 2009**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, 2012.

FERGUSON, James. **The anti-politics machine. 'Development, Depoliticization, and Bureaucratic Power in Lesotho**. University of Minnesota Press. Minneapolis, 1994

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Editora Martins Fontes. 2010

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Editora Loyola. 2011

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Kátia Abreu, a antropóloga, criadora da abreugrafia**. Site do MST. 26/11/2012

GONÇALVES, Reinaldo. Governo Lula e o nacional-desenvolvimentismo às avessas. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 31, p. 5-30, 2012.

HEINBERG, Richard; BOMFORD, Michael. **The food and farming transition: towards a post-carbon food system**. Sebastopol-CA/US: Post Carbon Institute, 2009.

HEREDIA, Beatriz; LEITE, Sergio Pereira; PALMERA, Moacir. Sociedade e Economia do "Agronegócio" no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 74, 2010.

HIRSCHMAN, Albert. **A bias for hope: essays on development and Latin America**. New Haven: Yale University Press, 1971.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra. **Políticas públicas e território: uma discussão sobre os determinantes da expansão da soja no sul do Amazonas**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura (CPDA/UFRRJ). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2008.

MIDIA NEWS. **Revista Forbes: Blairo Maggi, um dos mais influentes do mundo**. 16 nov. 2013. Acesso: 19 de junho de 2014. Site: <http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=1&cid=179087>

PERKINS, John H. **Geopolitics and the Green Revolution: wheat, genes and the Cold War**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1997.

PINCH, Trevor J.; BJIKER, W. E. La construcción social de hechos y de artefactos: o acerca de cómo la sociología de la ciencia y la sociología de la tecnología pueden beneficiarse mutuamente. IN: THOMAS, Hernán; BUCH, Alfonso (coord.) **Actos, actores y artefactos. Sociología de la tecnología**. Bernal: Universidad de Quilmes Editorial, 2008.

PLOEG, J. D. Van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

ROTHER, Larry. Um inexorável inimigo para a Amazônia: a soja. **The New York Times**, 17. set. 2003

SABOURIN, Eric. Aprendizagem coletiva e construção social do saber local: o caso da inovação na agricultura familiar da Paraíba. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 16, abril, 2001.

SITE OFICIAL SENADOR BLAIRO MAGGI. **Palestra de Blairo Maggi em feira internacional impressiona participantes**. 26 mar. 2014. Acesso em: 19 de junho de 2014. Disponível em: <http://blairomaggi.com.br/noticia/palestra-de-blairo-maggi-em-feira-internacional-impressiona-participantes>

SCOTT, James. **Seeing like a State**. New Haven: Yale University Press, 1998.

TEIXEIRA, Gerson. A sustentação política e econômica do agronegócio no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA)**. Edição Especial, Julho, 2013

Recebido para publicação em 28 de fevereiro de 2014

Devolvido para revisão em 07 de junho de 2014

Aceito para publicação em 09 de julho de 2014

# **Encontros e desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campeonato no Planalto Santareno (PA)<sup>1</sup>**

**João Santos Nahum**

Doutor em Geografia pela UNESP-RC  
Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia  
e da Faculdade de Geografia e Cartografia da UFPA  
e-mail: joaonahum@ufpa.br

**Paulo Roberto Carneiro da Paixão Júnior**

Mestre em Geografia pela UFPA  
Docente da rede pública de ensino do Pará  
e-mail: paulopaixaojr@yahoo.com.br

## **Resumo**

Analisamos os impactos do agronegócio da soja na reprodução dos territórios camponeses do Planalto Santareno. Enfocamos esse evento tendo por marco inicial o ano de 1994, quando um conjunto de objetos e ações viabilizaram esta fração do espaço amazônico para a chegada dos primeiros sojicultores e, conseqüentemente, a saída dos camponeses. Metodologicamente concebemos esses encontros e desencontros como situação de fronteira, que reinventa a dinâmica dos lugares, suas paisagens e modo de vida. Mostramos isso nas comunidades de Tracua, no município de Santarém/PA e Jenipapo, no município de Belterra/PA, por representarem casos-limite, pois foram profundamente alteradas pelo avanço do agronegócio. Fundamentamos nossa análise em pesquisa de campo realizada nos anos de 2011 e 2012, onde realizamos entrevistas com moradores das comunidades em foco, bem como entidades representativas dos movimentos sociais. A primeira parte do texto é eminentemente conceitual, tendo como núcleo duro o conceito de fronteira enquanto encontro de usos diferenciados e desiguais do território, sendo por uns concebido como abrigo, enquanto por outros como recurso. Na segunda parte, enfocamos a situação geográfica onde houve o desencontro do agronegócio da soja com o gênero de vida do lugar.

**Palavras-chave:** fronteira; agronegócio; campeonato; capital; Amazônia.

## **Resumé**

### **Rencontres et mesencontres: frontier, agrobusiness de soja et paysannerie dans Le Plateau de Santarém (PA)**

Cet article analyse les impacts du agrobusiness de la soja dans la reproduction des territoires paysans du Plateau de Santarém, à l'État du Pará, Brésil. On prend comme point de départ l'année 1994, lorsqu'un ensemble d'objets et actions viabilisent cette morceau de l'espace amazonien pour l'arrivée des premiers cultivateurs de soja et, par consequence, la sortie des paysans. Du point de vue metodologique nous concevons ces rencontres et mesencontres communs à la situation de la frontiere qui reinvente la dynamique des lieux, leurs paysages et modes de vie. Nous montrerons cela dans les communautés de Tracua, dans la municipalité de Santarém, et Jenipapo, dans la municipalité de Belterra, parce qu'ils

---

<sup>1</sup> Artigo resultante do projeto de pesquisa "Usos do Território, Dendeicultura e Modo de Vida Quilombola na Amazônia: estudo da microrregião de Tomé-Açu (PA)" e conta com auxílio financeiro do CNPQ, Edital Chamada Universal 14/2011.

representent des cas limite, puisque ils ont été profondément modifiés par l'avancée de l'agrobusiness. On fonde notre analyse dans la recherche sur le terrain réalisée aux années 2011 et 2012, quand nous avons fait des interviews aux habitants de ces communautés, bien comme aux représentants des mouvements sociaux. La première partie du texte est essentiellement conceptuelle ayant comme noyau dur le concept de frontière entant que rencontre des usages différenciés et inégaux du territoire. Les uns le considèrent comme abrit, entant que d'autres le tient comme ressource. Dans la deuxième partie, nous prenons comme focus la situation géographique où il y a le mésencontre du agrobusiness de soja avec le genre de vie du lieu.

**Mot clés:** frontier; agrobusiness; paysannerie; capital; Amazonie.

### Abstract

#### **Matches and mismatches: frontier, soybean agribusiness and the peasantry Plateau Santareno (PA)**

Analyze the impacts of soybean agribusiness in the reproduction of peasant's territories in Plateau Santareno. We focus this event in early 1994, when a set of objects and actions permitted this fraction of Amazonian space receive the first soybean farmers and, consequently, the peasants has to leave the land. We conceive this matches and mismatches like a frontier situation, which reinvents the dynamics of places, landscapes and way of life. We point out such processes on Tracuá communities in the municipality of Santarém, places altered by the advance of agribusiness. We ground our analysis in field research conducted between the years 2011 and 2012. We interview local villagers, as well as representing of social movements. The first part of the text is analytic and discuss the concept of the frontier like place where we have differentiated and unequal uses of the territory. After, we analyze the geographical situation arising that match and mismatch between of soybean agribusiness and the way of life peasants.

**Keywords:** frontier; agribusiness; peasantry; capital; Amazon.

### Introdução

Para quem, partindo de Santarém (PA), percorria a rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163) em direção a Belterra (PA) antes da década de 1990 via, de modo geral e por ambos os lados, a mata, espalhada no horizonte, e, aqui e acolá, ramais de tabatinga empoeirados e quase intransitáveis em época de chuvas, levando a diversas comunidades camponesas do Planalto Santareno, região que abrange áreas dos municípios de Santarém, Belterra e Mojuí dos Campos, cada qual com suas casas e roçados de onde várias famílias extraíam o seu sustento e se reproduziam.

Tratam-se de comunidades heterogêneas, constituídas por colonos provenientes do nordeste ou do centro-sul do país, que migraram de forma espontânea para as margens dessa rodovia nas décadas de 1970 e 1980 (HÉBETTE; MARIN, 2004). Amalgamaram-se com temporalidades e territorialidades ditas tapuias, caboclas ou tradicionais amazônicas e passaram a desenvolver a agricultura de subsistência e a praticar o extrativismo em meio aos períodos de exploração de suas forças de trabalho. Tracuá, Jenipapo, Tabocal, Cipoal e tantas outras comunidades, remontam a bem antes da abertura da Cuiabá-Santarém na década de 1970 e da chegada da Companhia Ford à Belterra na década de 1930, com origens para além do século XIX.

Formavam-se da ocupação de terras devolutas, donde apenas havia a floresta que os servia. Esses camponeses tradicionais usavam a terra como valor de uso e praticamente eram esquecidos pelo Estado. Nesses lugares, frente ao nada, tinham que satisfazer suas

carências vitais de alimentação, vestimenta, moradia, dentre outras, conformando um gênero de vida marcado pela precariedade, em razão da necessidade de responder a um meio rigoroso, sem energia elétrica, de péssimas estradas, com escassez de água e transporte.

Relacionando-se com o mercado, o qual abasteciam de víveres, garantindo boa parte dos mantimentos da população regional, os camponeses do Planalto Santareno conseguiram garantir sua continuidade com relativa estabilidade, malgrado os conflitos e as relações subservientes com as elites locais, além das dificuldades inerentes ao abandono do lugar. Reproduziam-se, assim, quase em silêncio e invisíveis às políticas de estado, num ritmo temporal cadenciado e peculiar, comungando terra, técnicas, festejos e apertos.

No final da década de 1990, esta situação geográfica sofreu alterações significativas. Grandes e monótonas plantações mostraram-se aos olhos, com armazéns, secadores e silos de metal de semelhante magnitude à frente. Levas de produtores de soja, oriundos do Centro-Sul do país, avançaram sobre o Planalto Santareno, atraídos, dentre outros fatores, pela grande disponibilidade de terras a preços baixos, pela boa qualidade do solo e por sua localização privilegiada frente aos mercados internacionais, permitindo que, em 2003, a multinacional Cargill Agrícola S.A. inaugurasse na orla santarena um terminal graneleiro, articulado à hidrovia do Madeira/Amazonas e à rodovia BR-163, elevando os interesses e o estabelecimento das fazendas do agronegócio no lugar.

Entendemos por agronegócio o processo de incorporação, comandado pelo capital financeiro, das atividades produtivas dependentes do acesso à terra (agricultura, pecuárias e extrativismo) à reprodução ampliada do capital. No caso da Amazônia brasileira, isso foi possibilitado, como demonstra Ianni (1986; 1979), temos a articulação classista do capital agroindustrial monopolista com a grande propriedade fundiária, sob patrocínio de ações e/ou parceria fiscal, financeira e infraestrutural do Estado. Tal associação visa, além do mais-valor extraído diretamente dos vários setores que englobam o agronegócio, tais como a produção propriamente dita, serviços e consumo, o mais-valor na forma de renda da terra e aquele de posse do Estado. Contudo, tal negócio não significa unicamente a reprodução de relações especificamente capitalistas no campo e de sua base técnica avançada mas, como ressalta Martins (1997), a reprodução de traços antediluvianos, tais como o latifúndio, a grilagem de terra, o trabalho precário, os subcontratos trabalhistas, em suma as desigualdades sócio-espaciais e seus desequilíbrios ambientais.

Desencadeou-se intensa apropriação das terras do Planalto Santareno pelo agronegócio, seguida de um acelerado processo de esvaziamento populacional das comunidades camponesas. Isso porque as plantações de soja, para se tornarem rentáveis economicamente requerem solos que já sofreram alguma ação do homem. Logo, as terras há tempos cultivadas pelos camponeses serviriam convenientemente para o cultivo mecanizado. A isto associam-se as dificuldades encontradas pelos camponeses para a sua reprodução, em razão da precariedade da infraestrutura das comunidades, do baixo nível do consumo familiar e do trabalho degradante do roçado. Os camponeses venderam seus lotes aos chamados “gaúchos”, mas que também eram goianos, mato-grossenses, paranaenses, tocantinenses, a preços muito inferiores àqueles praticados nas regiões de onde vieram.

Assim, até 2011, de acordo com entrevista com os representantes da Comissão Pastoral da Terra da Diocese de Santarém, aproximadamente nove comunidades praticamente deixaram de existir e mais de trinta sofreram decréscimos populacionais significativos, sobretudo após a ativação do Porto da Cargill. Saídos de suas terras, muitos procuraram áreas de ocupação recente das cidades de Santarém e de Belterra; outros, permanecendo na agricultura, compraram lotes menores à beira das rodovias BR 163 e PA 370 com o propósito de ter um melhor acesso aos serviços urbanos, ou procuraram terras mais longínquas, devolutas, para se apossar, investindo o dinheiro recebido em meios de produção; e os mais jovens saíram convictos de que encontrariam empregos em municípios mais dinâmicos economicamente, como Juruti (PA), Trombetas (PA), Altamira (PA), Macapá (AP) e Manaus (AM). Aqueles que permaneceram, com as terras margeadas pelas plantações de soja, pressionados as transformações suscitadas por tal evento e a vontade de abandonar a situação precária que se encontram.

Este evento, entendido conforme Santos (2002, p. 95), como “o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente”, criou uma nova situação geográfica na região, ou seja, veio impor um conjunto de vetores ao meio preexistente, este já conformado por outros eventos geografizados (SILVEIRA, 1999), consubstanciando, então, a fronteira em lugar do encontro e do desencontro da riqueza do agronegócio com a pobreza do campesinato santareno, “que vive a roçar e queimar o mato” (OBERG, 2009, p. 182).

Analisamos os impactos da chegada do agronegócio da soja na reprodução dos territórios camponeses do Planalto Santareno. Metodologicamente concebemos esses encontros e desencontros como situação de fronteira, que reinventa a dinâmica dos lugares, suas paisagens e modo de vida; encontro que incorpora dialeticamente o lugar, *desenvolvendo-o*, subordinando-o a uma lógica estranha, que senão decreta a extinção do campesinato, promove sua reinvenção, recriação sobre novas condições espaciais. Escolhemos as comunidades de Tracúá, no município de Santarém/PA, e Jenipapo, no município de Belterra/PA, por representarem casos-limite, pois foram profundamente alteradas pelo avanço do agronegócio. Enfocamos esse evento tendo como marco inicial o ano de 1994, quando um conjunto de objetos e ações viabilizaram esta fração do espaço amazônico para a chegada dos primeiros sojicultores – e, conseqüentemente, a saída dos camponeses – aos territórios das aludidas comunidades.

Fundamentamo-nos em pesquisa de campo realizada nos anos de 2011 e 2012, onde realizamos entrevistas com moradores das comunidades em foco, bem como entidades representativas dos movimentos sociais. Ouvimos, em primeira pessoa, narrativas preocupadas com as transformações de seu modo de vida, historicamente caracterizado pela precariedade estrutural; metamorfoses de onde emergem o espaço do agronegócio. A primeira parte do texto é eminentemente conceitual, onde expomos o oriente metodológico desta reflexão, enfocando, sobretudo, o conceito de fronteira enquanto encontro de usos diferenciados e desiguais do território, sendo por uns concebido como abrigo, enquanto por outros como recurso. Na segunda parte, analisamos a situação geográfica onde houve o desencontro do agronegócio da soja com o gênero de vida do lugar, pontuando a reconfiguração do lugar. Pautando-nos nas histórias de alguns entrevistados, reconstituímos como suas vidas foram alteradas em função da compra de terras, da chegada do agronegócio da soja e da subordinação a que muitos ficaram em função de uma dinâmica exógena ao lugar.

## Encontros

De acordo com Silveira (1999), todo evento cria uma situação geográfica nova. O evento do agronegócio no Planalto Santareno, constituído por um feixe de vetores exógenos, produziu outra “coerência espacial” ao se somar ao “sistema de eventos” do lugar (SILVEIRA, 1999, p. 22). Nesse acontecer solidário de objetos e ações, afirmado por Santos (2008), os projetos realizados simultaneamente no lugar tendem a ser desiguais e, não raro, divergentes; os conflitos e as contradições se instalam entre o novo e o velho, entre um projeto construído organicamente e de forma precária no lugar, o gênero de vida camponês, pautado em relações *não-capitalistas* de produzir, e um projeto onde o território é visto meramente como recurso, funcional às redes agroindustriais, numa relação tipicamente capitalista do período atual.

O Planalto Santareno acumula, assim, relações sociais com diferentes e divergentes temporalidades. O entendimento desse encontro passa, portanto, pelo domínio da história, o nexos horizontal do espaço, pois toda situação geográfica é, ao mesmo tempo, um resultado e um processo:

Toda situação é, do ponto de vista estático, um resultado, e do ponto de vista dinâmico, um processo. Numa situação em movimento, os atores não têm o mesmo ritmo, movem-se segundo ritmos diversos. Portanto, se

tomarmos apenas um momento, perdemos a noção do todo em movimento. (SANTOS; SILVEIRA, 2010, p. 95).

Neste sentido, somos conduzidos a compreender os momentos da construção da situação geográfica atual do Planalto Santareno, apreendendo “o seu movimento histórico” (SILVEIRA, 1999, p. 22). Ao longo do tempo, os eventos construíram sucessivas situações geográficas cujo encadeamento pode ser recortado em períodos, que deixaram suas marcas, complexificando mais e mais este espaço numa coexistência de múltiplas territorialidades e temporalidades. Tendo isso em conta, interpretamos as dinâmicas territoriais do espaço agrário na Amazônia à luz do conceito de fronteira, uma vez que os encontros de temporalidades históricas, das diversas frentes que se territorializaram e desterritorializaram na região, delineiam-na, segundo Martins (2009), como o lugar da alteridade. As noções de frentes pioneiras e de frentes de expansão contribuem para o entendimento das especificidades de como o território é usado pelas diversas e sucessivas frentes. A temporalidade de cada frente indica um uso e uma história onde o exógeno teve um papel decisor; isto é, uma forma de reprodução da vida social que nos permite examinar o desencontro que se dá no Planalto Santareno entre a frente do agronegócio globalizado e a frente camponesa.

O encontro do agronegócio com o campesinato de Tracuí e de Jenipapo revela o desencontro de temporalidades históricas que, fundamentalmente, nada mais é que o encontro do desigual, suscitando toda uma série de estranhamentos. Engendrado por este metabolismo social onde impera a propriedade privada, o estranhamento é entendido aqui, com base em Marx (2004), como a *desefetivação* do ser genérico do homem, do transformar os meios de produção da vida social em meios da vida individual, pois apropriados/dominados de forma privada. Efetivamente, é a exploração do homem pelo homem, nesta forma social, a subsunção ideal, formal ou real, do trabalho ao capital. O estranhamento tem um caráter subjetivo cujo fundamento é a exploração, isto é, ele é a distorção das capacidades humano-genéricas gerada pela cisão da objetivação social do trabalho com sua apropriação social, separando a subjetividade do trabalho da sua objetividade. Assim, o homem, em razão da divisão social do trabalho (como sinônima de propriedade privada), estranha a sua vida genérica, a si mesmo de sua “função ativa” (já não vê sua atividade como trabalho social) e, por fim, o próprio homem (MARX, 2004, p. 84-86). É assim que os camponeses por nós entrevistados olham o agronegócio: ao mesmo tempo deslumbrados, pela avançada técnica utilizada, e *desefetivados*, no abismo do tempo que os separa:

Eu acho a produção deles, assim, bonita, porque eles trabalham muito, né? A gente ficou aqui nesse meio. Mas, eles têm como trabalhar, né? Eles têm o maquinário deles, nós não temos; nós temos que trabalhar braçal, né? Eu acho bonito, assim. Mas não é cobiçando, tendo inveja do trabalho de ninguém não. (Entrevistado 1).

Hoje, o cabra não quer mais trabalhar naquele tempo daquela ideia primitiva. Eles se admiram muito desse plantio moderno. Mas aí, quem é que tem condições, que é pobre? Que é mais de duzentos reais uma hora de uma máquina? (Entrevistado 2).

Agente plantava arroz, mas agora chegou esse pessoal aí que desanimou até a gente, pois a gente passava o mês cortando arroz naquele cachinho, e o cabra agora mete uma máquina. (Entrevistado 3).

Você os viu produzindo? Até arroz eu compro, porque... aqui a gente produzia, mas não tem onde a gente beneficiar. Nesse pilão velho o cabra mata é um de pilar. (Entrevistado 4).

Ora, esse desencontro marcou toda a história social amazônica e, conseqüentemente, a do Planalto Santareno. Diversas frentes assentaram-se na região,

introduzindo relações que passaram a coexistir contraditoriamente e conflituosamente com as já existentes, deixando-a aberta sempre ao novo, tornando-a um espaço de fronteira. Por isso sua virtualidade – expressada por Becker (1990) –, que é fruto das contingências dos vetores estabelecidos difusamente em seu tempo-espaço. Resgatando sua formação mais geral, num primeiro momento, são aqueles ligados à economia das chamadas drogas do sertão, do látex, da castanha; mais adiante, aqueles dos grandes projetos, do Programa de Integração Nacional, da mineração, do agronegócio. Nesse intermédio, engendraram conflitos específicos, pois se voltaram sobre os territórios ocupados por sociedades indígenas (originariamente) e sobre aqueles de populações territorializadas diversamente nesse devir, mas incluídos marginalmente nas formas produtivas mais modernas, como os camponeses.

Essa heterogeneidade da fronteira amazônica não se refere a modos de produção distintos. O que temos são relações com datações diferentes, pertencentes, de acordo com Martins (1990), a um mesmo processo social, que escapam à análise daqueles que pensam o presente (o espaço) como o “inteiramente presente e aparentemente dado”, como nos fala Lefebvre (1981b), sem desenvolvimento e estéril. Entender a contemporaneidade amazônica numa perspectiva geográfica significa reconhecer que o passado persiste.

Evidencia-se, assim, seu movimento contraditório, onde, a um só tempo, novas e antigas relações são incorporadas e/ou redefinidas, destroçadas e/ou “desfiguradas” (RIBEIRO, 1970) numa velocidade intensa. Os pesquisadores, segundo Martins (2009), atribuem noções explicativas particulares para entender a questão, não raro fragmentando-a ao privilegiar seus campos disciplinares. Este autor destaca dois olhares representativos. De um lado, aqueles interessados pela urbanização do território, por sua modernização: a *frente pioneira* dos geógrafos; do outro, os preocupados com os “avanços da civilização” sobre os territórios das populações indígenas e tradicionais: as *frentes de expansão* dos antropólogos. Lá e cá, expressam diferentes interpretações da dinâmica territorial da sociedade moderna, do processo do capital, tratando-se não de uma dualidade, mas de uma unidade: a frente pioneira, marcada pela precedência do capital na produção, e a frente de expansão, sem essa primazia, embora mediada (e dominada) de alguma forma por ele.

Martins (2009), indo além, afirma que as frentes, “mais do que momentos e modalidades de ocupação do espaço, referem-se a modos de ser e de viver no espaço novo” (MARTINS, 2009, p. 135). Esta ideia aproxima-se de nossa discussão: as frentes como movimento, pautado em novas relações sociais que recaem dialeticamente sobre um determinado substrato espacial, inserindo novos usos aos territórios. Nesse sentido, entendemos a fronteira amazônica a partir do entrecruzamento das frentes de expansão e das frentes pioneiras, em sua *unidade-desunidade*, percebendo-se a contradição que se circunscreve no desencontro de temporalidades e territorialidades ao longo do tempo.

Conta-nos Velho (1972) que, a partir da abertura da Transamazônica, surgia um novo camponês na região, nem pioneiro, nem não-pioneiro; estando distante dos limites da fronteira demográfica e da fronteira econômica e próximo à submarginalidade, como ele observara na região de Itacaiúnas, no estado do Pará. O autor mostra as fases desse processo, que culminaria com a inserção capitalista e expansão das frentes camponesas (submarginalizadas) para adiante:

(...) a região do Itacaiúnas estaria sendo um laboratório onde se engendrariam as soluções capitalistas para a conquista por etapas da Amazônia: agricultura marginal de subsistência, estradas, pequena produção agrícola mercantil, pecuária intensiva e grande exploração mineral; quando possível partindo de uma produção extrativa tradicional ou nova que auxiliasse uma acumulação local. (VELHO, 1972, p. 168).

Este esquema é representativo das dinâmicas territoriais do espaço agrário na Amazônia paraense, especialmente a partir da década de 1970. Baliza as etapas de sua incorporação pelas diversas frentes, acenando para uma mais avançada, a frente pioneira.

Mas esta é antecedida, em regra, por outra(s), não descartada(s), que daria(m) as condições necessárias à sua implantação: a(s) frente(s) de expansão.

Interpretada pelos antropólogos como movimento de “expansão da civilização” (MARTINS, 2009) pautado numa “imperfeita” relação com o mercado, as frentes de expansão se referem à ocupação de lugares que se encontram à margem, caso dos camponeses, que embora o uso de seus territórios seja limitado tecnicamente, conseguiram se reproduzir se apropriando estrategicamente do espaço por meio de seus gêneros de vida.

Parcela da fronteira demográfica precariamente absorvida pela fronteira econômica, as frentes de expansão são alicerçadas na economia de subsistência e/ou em trocas comerciais deficientes. As relações sociais de produção, desta forma, não se destinam à acumulação; a terra não resume-se a valor de troca e nem condição para empreendimento econômico capitalista. Para Martins (1975), “o que caracteriza a frente de expansão é justamente esse uso privado das terras devolutas, em que estas não assumem a equivalência de mercadoria. Por isso, a figura central da frente de expansão é a do ocupante ou posseiro” (p. 46).

As frentes pioneiras, por seu turno, representam o movimento da modernização, a urbanização técnica e “espírita” do território (expansão “num contexto urbano”, segundo Becker (1990)), base logística, mas também ideológica, para a sua rápida ocupação pelas diversas frentes capitalistas. A Amazônia pós-1960 é arquetípica deste processo, onde a urbanização do comportamento, provido, em grande medida, com a instauração das redes de comunicação, precedeu a da paisagem, facilitando, com isso, o fluxo requerido pelo mercado. Porém, o que substancialmente define a frente pioneira não são as novas relações de produção e de reprodução capitalistas, como o trabalho assalariado ou o modo de vida urbano, e sim a “instauração da propriedade privada da terra” (MARTINS, 1975, p. 49), a fundamentação da terra como valor de troca, condição essencial para o desenvolvimento da fronteira econômica.

Foi assim que se instalaram a maioria dos conflitos na região. Na luta pela reprodução das territorialidades ali alojadas, muitas foram desarticuladas pelo choque de diferentes direitos: o do uso e o da posse. Principia, segundo Martins (2009), uma relação de alteridade, comandada, em regra, pelo detentor das estratégias coadunadas ao aparelho de Estado, propiciando acesso ao poder institucional à produção de normas, à regulação que reduz as diferenças às repetições. Que é também, conforme Lefebvre (2000), um domínio do vivido pelo concebido, do uso em face da troca. Engendram-se processos redefinidores das condições políticas, culturais, técnicas e econômicas das classes e frações de classes.

Para Martins (2009, p. 134), “a fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece”. Na realidade, os conflitos são transportados para outra instância. A fronteira começa a se fechar quando o acesso à terra só é possível por meio da compra. Os espaços que outrora eram adquiridos por “iniciativa individual” agora só por intermédio do dinheiro. A questão do acesso à terra se transfere para o plano jurídico. A esfera estatal e seu ordenamento jurídico atuam mediando os conflitos, ao mesmo passo em que estes são internalizados pela sociedade. Tomemos um exemplo, Hébette (2004), quando analisa a ação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na Amazônia, mostra que a ação estatal teve um papel fundamental neste processo, ao difundir a ideologia capitalista da propriedade da terra, formalizando seu acesso para, ao fim, atender aos interesses da expansão capitalista na região.

Na situação de fronteira emerge um espaço de fenômenos sociais complexos, sendo insuficiente sua simples descrição. Descobrem-se relações que, se a intenção do pesquisador é a profundidade da análise, é necessário buscar o domínio da história, pois, como afirma Lefebvre (1973, 1981b), no espaço coexistem relações que pertencem a períodos diferentes do seu desenvolvimento social que agem sobre o atual. Esta tese, retomada por Martins (2009) para a discussão do conceito de fronteira, refere-se à noção de formação econômica e social, inicialmente encontrada em Marx (*apud* LEFEBVRE, 1969) e que Lefebvre (1969), ao examinar o pensamento de Lênin, mais particularmente o seu

conceito de desenvolvimento desigual (posteriormente aprofundado e complementado por Trotsky (1950)), a eleva, como afirma Martins (1996), a um patamar cujas possibilidades não foram suficientemente exploradas pelo pensador alemão.

A noção de formação econômico-social compreende a de desenvolvimento desigual e a ultrapassa. Abrange, além da unidade da diferenciação produzida e reproduzida pelo capital, a ideia de que nem toda relação social possui a mesma data. E mais, que essas relações estão em coexistência no atual: “o diverso não é – ou não é necessariamente – contemporâneo” (MARTINS, 1996, p. 17). As contradições não estão circunscritas, a nosso ver, unicamente aos conflitos entre as classes sociais, mas também ao encontro-desencontro – possibilitado pelo espaço – de diversas territorialidades resultantes de relações diferentemente datadas.

Para Lefebvre (1969) esta noção tem implicações também metodológica. Enquanto teoria, no seu núcleo está a própria constituição do homem que, ao agir sobre a natureza, transformando-a, muda a si próprio e sua relação com o meio. O homem, segundo Marx e Engels (2007), torna-se homem produzindo suas condições materiais de existência, objetivando sua “prévia-ideação” (determinação geral) (LESSA; TONET, 2008). Porém, ao mesmo tempo, por conta da propriedade privada dos meios de produção da vida (sob o domínio do capital – determinação específica), sua própria criação, sua objetivação, volta-se contra ele, em “uma natureza que não se humaniza e nem liberta o homem de suas limitações e reduções” (MARTINS, 1996, p. 15), não obstante todo o desenvolvimento das forças produtivas.

Temos um descompasso entre o econômico e o social, este estando aquém daquele. Esse desencontro assinala a história do capitalismo, onde as possibilidades produzidas pelo homem são amputadas, abrindo-se um fosso entre ele e sua obra, “condição da demora entre a criação da possibilidade da sua humanização crescente e essa mesma humanização” (MARTINS, 1996, p. 19). As raízes estruturais da coexistência de tempos históricos estariam aí, no “atraso do real em relação ao possível, o social em relação ao econômico” (MARTINS, 1996, p. 20) – inseridos aqui não somente o passado e o presente, mas o futuro, o possível, realizável ou não.

As possibilidades não concretizadas pelo homem (reflexos da alienação/estranhamento) envolvem a noção de formação econômico-social, que traduz a “sedimentação dos momentos da história humana” (MARTINS, 1996, p. 15). Significa dizer que, na contemporaneidade, “coexistem relações sociais que têm datas diferentes e que estão, portanto, numa relação de descompasso e desencontro” (MARTINS, 1996, p. 15).

Para Lefebvre (1981a) o atual comporta uma dupla complexidade. A primeira é relativa à mesma época histórica, refletindo antagonismos sociais e políticos contemporâneos; a segunda, à “coexistência de formações de épocas e datas diferentes” (LEFEBVRE, 1981a, p. 166), em uma “justaposição paradoxal”, onde é possível encontrar, lado a lado, o “mais arcaico” com o “ultra moderno” (LEFEBVRE, 1981a, p. 165). Essas duas complexidades (horizontal e vertical) “entrecruzam-se, recortam-se e agem uma sobre a outra” (LEFEBVRE, 1981a, p. 166). Nesse sentido, faz-se necessária uma metodologia adequada para desemaranhar relações tão distintas e distantes.

É este, conforme Martins (1996), o retorno a Marx realizado por Lefebvre, ao que lhe é irredutível: o método dialético. Na concepção lefebvriana, para se dar conta dessa dupla complexidade (presente de forma mais clara no mundo rural), deve-se proceder três momentos à investigação. No primeiro, descritivo, recorre-se à simples observação, porém munida de uma teoria geral. “Nele, o tempo de cada relação social ainda não está identificado” (MARTINS, 1996, p. 21). O segundo momento, analítico-regressivo, é o da análise, onde o pesquisador procede a um esforço para datar com precisão cada relação social, perdida no tempo social. “O que no primeiro momento parecia simultâneo e contemporâneo é descoberto agora como remanescente de época específica” (MARTINS, 1996, p. 21). E o terceiro momento, histórico-genético, é aquele em que o pesquisador retorna “ao atual anteriormente descrito para reencontrar o presente”, mas já “elucidado, compreendido: explicado” (LEFEBVRE, 1981a, p. 173).

O segundo momento é a ponte para a compreensão apropriada da realidade da fronteira, pois é aquele onde buscamos o conteúdo e os efeitos de cada frente. O que existe na fronteira são conflitos de territorialidades desencontradas no tempo da história. Enquanto implicação metodológica, o conceito de formação econômico-social é um aporte à análise, na decomposição das temporalidades sedimentadas e reunidas nesse espaço pelas frentes, produzindo-se uma datação histórica da fronteira.

Martins (2009) nos traz esse recurso. A partir da diferenciação de fronteira demográfica e fronteira econômica (que não coincidem, sendo a fronteira demográfica avançando, na maioria das vezes, antes da ocupação econômica) é possível propor:

(...) adiante da fronteira demográfica, da fronteira da “civilização”, estão as populações indígenas, sobre cujos territórios avança a frente de expansão. Entre a fronteira demográfica e a fronteira econômica está a frente de expansão, isto é, à frente da população não incluída na fronteira econômica. Atrás da linha da fronteira econômica está à frente pioneira, dominada não só pelos agentes da civilização, mas, nela, pelos agentes da modernização, sobretudo econômica, agentes da econômica capitalista (mais do que simplesmente agentes da economia de mercado), da mentalidade inovadora, urbana e empreendedora. (MARTINS, 2009, p. 138).

As frentes de expansão seguem a fronteira demográfica, significando, em um primeiro momento, os agentes da civilização. As frentes pioneiras, que necessitam da precedência das frentes de expansão, acompanham a fronteira econômica. Estes são os agentes da modernização. A fronteira é o lugar do encontro de temporalidades e territorialidades diversas, em unidade contraditória, com seus próprios ritmos e formas de utilizar o tempo e o espaço, apresentando, assim, lógicas diferentes de uso do território.

No Planalto Santareno, as frentes de expansão camponesas que se assentaram desde o período colonial, conformando vários pontos de produção de gêneros alimentícios para suprir a demanda santarena, acompanharam as diversas frentes pioneiras, seja como suporte à produção e reprodução da força de trabalho da cidade exportação (por exemplo, nos períodos das drogas do sertão e da borracha), seja como um movimento cooperador para as profundas transformações do território – isto é, provendo de mão-de-obra barata para os fins especificamente capitalistas; facilitando o desbravamento das frentes madeireiras, que sempre tiveram uma relação muito próxima com esse campesinato: extraíam a madeira e, em troca, proporcionavam-lhe alguma renda e ainda a abertura dos ramais necessários ao escoamento de suas produções, ou mesmo, em nosso caso, fornecendo as condições necessárias (as terras antropizadas e baratas e uma mão de obra volante) para o avanço do agronegócio na região.

## Desencontros

Desde a década de 1990 as terras usadas pela agropecuária no Planalto Santareno são cobiçadas por produtores de soja do centro-sul do país, pois representam uma economia significativa para o preparo do solo à mecanização, sobretudo aos pequenos produtores menos capitalizados. Assim iniciou o encontro do agronegócio com os camponeses da região, cujas condições de existência estavam extremamente fragilizadas. A partir de então, onde se abria a juquirá a terçado e machado e semeava-se e colhia-se com a mão, passou-se a ver máquinas que, em poucas horas, consumia esse trabalho de semanas, substituindo as poucas tarefas de mandioca que evitava a fome de várias famílias por grandes plantações de soja para o benefício de poucos.

Data de 1994 a primeira experiência de plantio de soja em Santarém. Foi uma empreitada de um grupo empresarial local, o Grupo Quincó, em sua propriedade na Serra do Diamantino, localizada a poucos quilômetros da sede do município. A iniciativa, mesmo supervisionada pela Embrapa, não foi bem sucedida, pois os cultivares testados

apresentaram encurtamento de ciclo. Isto levou o governo do Estado do Pará, em 1996, a contratar uma firma especializada para estudar, em parceria com aquele grupo privado, a viabilidade econômica da soja na região, induzido, principalmente, pelos rumores do asfaltamento da rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), visto como estratégico para o crescimento econômico do país.

A firma contratada, a paranaense Agrária Engenharia e Consultoria S.A., realizou diversos experimentos com cultivares de ciclos mais longos, visando padrões de produção comerciais, utilizando “tecnologia avançada e mecanização em todas suas fases” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM, 1997, p. 35). Esta colheita resultou na primeira exportação de soja (165t) de Santarém, em 1997, rumo a Roterdã na Holanda (HOMMA, *apud* ALMEIDA, 2005).

De posse desses resultados, que atestavam a viabilidade técnica e econômica da produção da soja no Planalto Santareno, representantes do governo, políticos profissionais (inclusive o próprio prefeito de Santarém à época) e empresários locais viajaram para o Mato Grosso para propagandear o potencial de produção do grão, que girava em torno de 50 sacas por hectare. Foi assim que, a partir de 1997, começaram a chegar os primeiros sojicultores do Sul e Centro-Oeste do país às terras desse “espetacular achado” (AGRÁRIA ENGENHARIA E CONSULTORIA S/A, 1997, p. 4). Esse movimento foi impulsionado em 1999, quando foi assinado, junto à Companhia Docas do Pará (CDP), um contrato de concessão para a instalação de um porto de granéis sólidos da multinacional Cargill S.A., a se localizar em frente à cidade de Santarém. Antecipando-se à conclusão da obra (inaugurada em 2003, sem qualquer consideração às leis ambientais do país), esta *trading*, a partir de 2000, já implantava a proposta do preço portuário da soja (estabelecido nas cotações do mercado de futuros), atraindo dezenas de produtores. A partir de 2003, com a inauguração do porto graneleiro da Cargill, os municípios de Santarém e de Belterra se consolidaram no cenário estadual de produção dessa importante *commodity*.

Como se vê, a abertura de tal fronteira agrícola contou com a participação direta do Estado. Na esfera estadual de governo, no final da década de 1990, elaborou-se uma série de medidas para incentivar a produção da soja na região, disponibilizando crédito para o desenvolvimento de pesquisas (sob o apoio do PROCEDER – Programa Nipo-Brasileiro de Desenvolvimento de Cerrados), instituindo programas de fornecimento de suporte técnico e logístico aos produtores (como o “Programa Pão-Nosso”, que previa a compra de máquinas agrícolas, armazéns de estocagem, apoio a melhoria da produtividade, dentre outras) e, até mesmo, propagandear a atratividade e a disponibilidade de terra do Planalto Santareno para tal fim agrícola (ALMEIDA, 2005).

A Prefeitura de Santarém, por sua vez, nessa mesma época, “com a intenção de aproveitar as áreas degradadas ou utilizadas em culturas de baixo retorno” e tornar “o município autossuficiente com relação aos produtos derivados da soja e transformá-lo, gradativamente, em um novo polo exportador” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM, 1997, p. 34-35), estabeleceu suas metas, transcritas abaixo:

1 – Integração com o Grupo Quincó e seus consorciados paranaenses para o completo acompanhamento dos plantios experimentais em desenvolvimento. 2 – Integração com as entidades de assistência técnica e extensão rural (EMATER, SAGRI E CEPLAC), com a EMBRAPA e com a iniciativa privada para a execução do programa. 3 – Promover cursos, seminários, treinamentos, dias de campo e outras atividades para difundir a tecnologia do cultivo da soja. 4 – Atrair empresários e agricultores das regiões produtoras para investir no cultivo e na industrialização da Soja. 5 – Adquirir sementes de cultivares mais adaptados às nossas condições de solo e clima para venda ou distribuição aos interessados na cultura. 5 – Adquirir uma patrulha mecanizada para apoiar pequenos e médios produtores que queiram investir na cultura da Soja, mas que ainda não dispõem de equipamentos próprios. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM, 1997, p. 36-37).

Iniciou-se uma intensa procura pelas terras do Planalto Santareno, sobretudo as utilizadas pela pecuária extensiva (que, acometida pela febre aftosa, vinha passando por uma grave crise de exportação) e pela agricultura camponesa, que já há muito passava por sérias dificuldades. No final da década de 1990, essas terras foram compradas a preços risíveis, a cinquenta, setenta, cem reais o hectare. Depois os preços saltaram para mil, mil e quinhentos reais, chegando, nas áreas mais valorizadas (às cercanias da cidade de Santarém), a três mil o hectare. Mas, ainda assim, preços bem abaixo do praticado no Centro-Sul do país, que, segundo Bickel (2004), beirava os vinte mil reais o hectare. Esta especulação fundiária despertou a ação ilegal de imobiliárias privadas (inclusive, com a participação de órgãos oficiais) para mediar a compra dessas terras públicas (MONTEIRO, 2008). Assim, grandes manchas do Planalto Santareno – um espaço não plenamente estruturado (BECKER, 2004) – foram então apropriadas, velozmente, pelo agronegócio da soja para os fins da acumulação capitalista.

Os novos adquiridores dessas terras, interessados em desenvolver as lavouras da soja nesse meio novo e particular, deveriam observar determinados ajustes. Foi com esse propósito que a Cargill, em 2001, preparou um relatório detalhado (CARGILL, 2001) para que esses produtores evitassem os equívocos das experiências anteriores e maximizassem o capital investido, para tornar a empreitada técnica e economicamente viável. Fora recomendado o seguinte: (a) introdução da safrinha (sobretudo do arroz e do milho) como forma de aplainar o terreno para receber o maquinário da soja; elevar o uso do capital fixo (maquinário, terra), fornecendo uma renda extra ao produtor (a ser investida, até mesmo, na capitalização da soja); proporcionar a rotação de culturas (no sentido de diminuir a exaustão do solo); adicionar uma cobertura morta ao solo (para protegê-lo contra erosões); controlar o alastramento de ervas daninhas (que competem com a soja por nutrientes); (b) correção da acidez do solo com calcário (anulando o surgimento de elementos tóxicos prejudiciais à planta); (c) uso de cultivares com ciclos mais longos (provenientes da região de Balsas/MA), que compensam o menor período de insolação da região; (d) uso de um calendário agrícola específico; (e) investimento em capital fixo próprio, sobretudo maquinário (tratores, colheitadeiras, plantadeiras, etc.), no sentido de agilizar os trabalhos no momento em que as chuvas que caem na região (e que torna seu solo argiloso impraticável) dão uma trégua.

Os primeiros sojicultores a chegar foram aqueles menos capitalizados do Centro-Sul do país, denominados por Monteiro (2008) de “migrantes”. Estes tinham pequena propriedade de tipo familiar nos seus estados de origem que, com a valorização das terras e com os altos custos de produção requeridos pela soja, se viam impossibilitados de reproduzirem suas gerações futuras e de produzirem nos altos níveis tecnológicos exigidos pelas *tradings*. Isto os impulsionava a vender seus poucos (mas valorizados) hectares (25, em média) e adquirir áreas bem mais extensas (até 50 vezes maiores) e muito mais baratas no Planalto Santareno, sobrando um capital para investir na produção da soja. Nessa mesma leva, havia ex-funcionários de fazendas de soja, como gerentes, que, com o perfil de “empreendedores”, viam as terras baratas da região como oportunidade para começar a sua própria lavoura, apesar do pouco capital que possuíam. Esses produtores conformaram um movimento:

(...) de caráter mais autônomo, em parte marginal, negociando seus favores nos escalões locais do Poder Público por meio da administração [como foi o caso dos incentivos das Prefeituras de Santarém e de Belterra à época], ou abrindo seus próprios caminhos quando estes não os favorecem. (MONTEIRO, 2008, p. 259).

Outro perfil de sojicultor começa a chegar a partir das notícias de que a Cargill se estabelecerá na região. Ao contrário do primeiro – que vendia sua pequena propriedade para se aventurar no Planalto Santareno –, este veio expandir seus negócios na região, mantendo sua(s) propriedade(s) em seu estado de origem, em razão de ser mais capitalizado (MONTEIRO, 2008). O movimento conformado por este tinha, por seu turno, um caráter mais institucional, influenciando, inclusive, o direcionamento de políticas estatais

para o benefício deste tipo de agricultura (MONTEIRO, 2008). Contudo, estes ainda são a minoria dos produtores de soja da região, conforme aponta o relatório da EMBRAPA (2007, p. 246):

(...) o típico produtor mecanizado que chega à Santarém no início do século XXI, é representado pelos derrotados na concorrência travada em áreas do sul e centro-oeste do Brasil. Isto não exclui a presença de grandes produtores, com propriedade de até 40.000 hectares e com áreas plantadas acima de 1000 hectares de soja. Estes são ainda as exceções.

Plantando em média 100 ha de grãos, esses produtores “típicos” são classificados, conforme “os critérios utilizados pelos órgãos de financiamento à produção” (EMBRAPA, 2007, p. 245), de “pequenos produtores”. Do total de produtores da região, aproximadamente 50%, segundo as informações prestadas pelo SIRSAN (Sindicato Rural de Santarém), possuem apenas funcionários temporários; 30% possuem até dois funcionários e apenas 20%, os classificados como médios e grandes produtores, têm mais de dois funcionários. A base da força de trabalho empregada é familiar e somente contratam mais trabalhadores quando mais necessitam de ajuda (especialmente na preparação do terreno para a mecanização e na época do plantio e da colheita). Esta reduzida utilização de mão-de-obra se explica pela alta composição orgânica de capital investido na produção da soja, marcando-a como uma indústria que gera escassos empregos diretos. A maior parte dos empregos gerados está ligada aos serviços que acompanham esta atividade: empresas de assistência técnica, revendas e manutenção de máquinas e implementos, transporte rodoviário e fluvial, armazéns de limpeza, secagem e beneficiamento de grãos, dentre outras.

Os primeiros produtores a plantar soja na região contaram apenas com seus próprios recursos para financiar sua produção. Com a implantação da Cargill (em 2000, como nos referimos alhures), este financiamento passa a seguir o sistema “soja verde”. Aqui, a empresa antecipa a compra da soja (sob juros de 1,2% a 1,6% ao mês) como forma do produtor adquirir (normalmente por meio de carta de crédito) os insumos necessários para a produção. Este sistema somente é possível em razão da “própria forma como os contratos internacionais de compra de soja são realizados, com base em cotação em bolsa de commodities, que permitem o contrato *forward*” (EMBRAPA, 2007, p. 244). A produção, por esta via, é a garantia do financiamento, o que é fundamental para a efetivação da empreitada, pois noutras formas de financiamento a terra é a garantia exigida; contudo, no Planalto Santareno, 95% desses produtores não possuem os títulos definitivos.

Segundo Coelho (2009), mais de 90% das terras ocupadas pela soja na região são em áreas antropizadas. Há tempos boa parte destas são aproveitadas por camponeses, com baixo impacto sobre a floresta, pois raramente trabalham mais do que 1 hectare de terra a cada dois anos; após esse período, a terra fica em repouso para ser utilizada novamente.

Tanto a pecuária regional, quanto a agricultura camponesa, pouco resistiram às investidas das imobiliárias que intermediaram a compra das terras do Planalto Santareno para os sojicultores do Centro-Sul do país. As dificuldades estruturais para se obter água, as condições precárias das estradas e do transporte, a falta de escola, dentre outras, que estimulavam os camponeses a abandonar seus lotes bem antes, agora justificavam a sua venda para, assim, tentar buscar um lugar melhor para viver.

As famílias camponesas do Planalto Santareno saíram por coação social de suas posses, acreditando que o dinheiro oferecido lhes proporcionaria menos privações em outro lugar. Aceitavam, então, no início, preços minúsculos pelas terras. No começo da década de 1990, o preço médio de um lote de 30 hectares na região era de três mil reais, dinheiro que, a outros olhos parece pouco, os camponeses não tinham o costume de ver e que somente durante muitos anos de trabalho duro poderiam conseguir (isso caso não tivessem que consumi-lo!). Logo, praticamente “entregavam” suas posses.

O mercado de terras no Planalto Santareno aqueceu-se, especialmente após o estabelecimento do preço portuário da soja em 2000 pela Cargill, fazendo aumentar a procura e o preço das propriedades rurais. Segundo Araújo *et al.* (2008), o preço do hectare de terra cultivável nas áreas melhor localizadas do Planalto Santareno, como em Mojuí dos Campos ou na vila do Tabocal, saltou de cem reais para mais de mil reais; e do hectare mecanizável, de trezentos reais para até três mil reais. Isto gerou concentração fundiária na região, com grandes extensões de terra passando às mãos de poucos capitalizados produtores, cujo percentual de desflorestamento (20%) agora é ocupado por centenas de hectares de arroz e de soja.

Segundo informações do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém (STTRS), até 2003, mais de 500 famílias haviam vendido suas posses para os fins do agronegócio. Com as notícias de que muitos agricultores haviam consumido o dinheiro da venda e estavam passando por situações de penúria, engrossando as filas do desemprego e do subemprego nas cidades de Santarém e Belterra, este sindicato, em conjunto com o de Belterra, lançou uma campanha para conscientizar os camponeses a não deixar suas propriedades, pois estas seriam “a fonte de sobrevivência da família”. O fato é que a venda de lotes diminuiu, mas não em razão de tê-los despertado a consciência do peso das benesses de suas terras, mas porque os camponeses passaram a perceber que o preço que estavam recebendo por elas não lhes forneceria melhores dias em outros lugares, sobretudo nas cidades.

Nesse processo, com a valorização das terras proporcionadoras de maior renda diferencial, dezenas de camponeses e pecuaristas, com o dinheiro da venda de suas propriedades em mãos, passaram a procurar novas terras, mais distantes, em áreas não tão valorizadas da região, por exemplo, nos assentamentos Moju I e II, Corta-Corda, Ituqui e na gleba Pacoval, sendo acompanhados, inclusive, por outros sojicultores menos prósperos, vindo a engendrar, segundo Araújo *et al.* (2008), diversos conflitos fundiários. Foram nessas novas áreas de expansão da pecuária, da agricultura familiar e da sojicultura que ocorreram grilagens de terra, com episódios de violência e expulsão de famílias camponesas e ameaças a lideranças comunitárias.

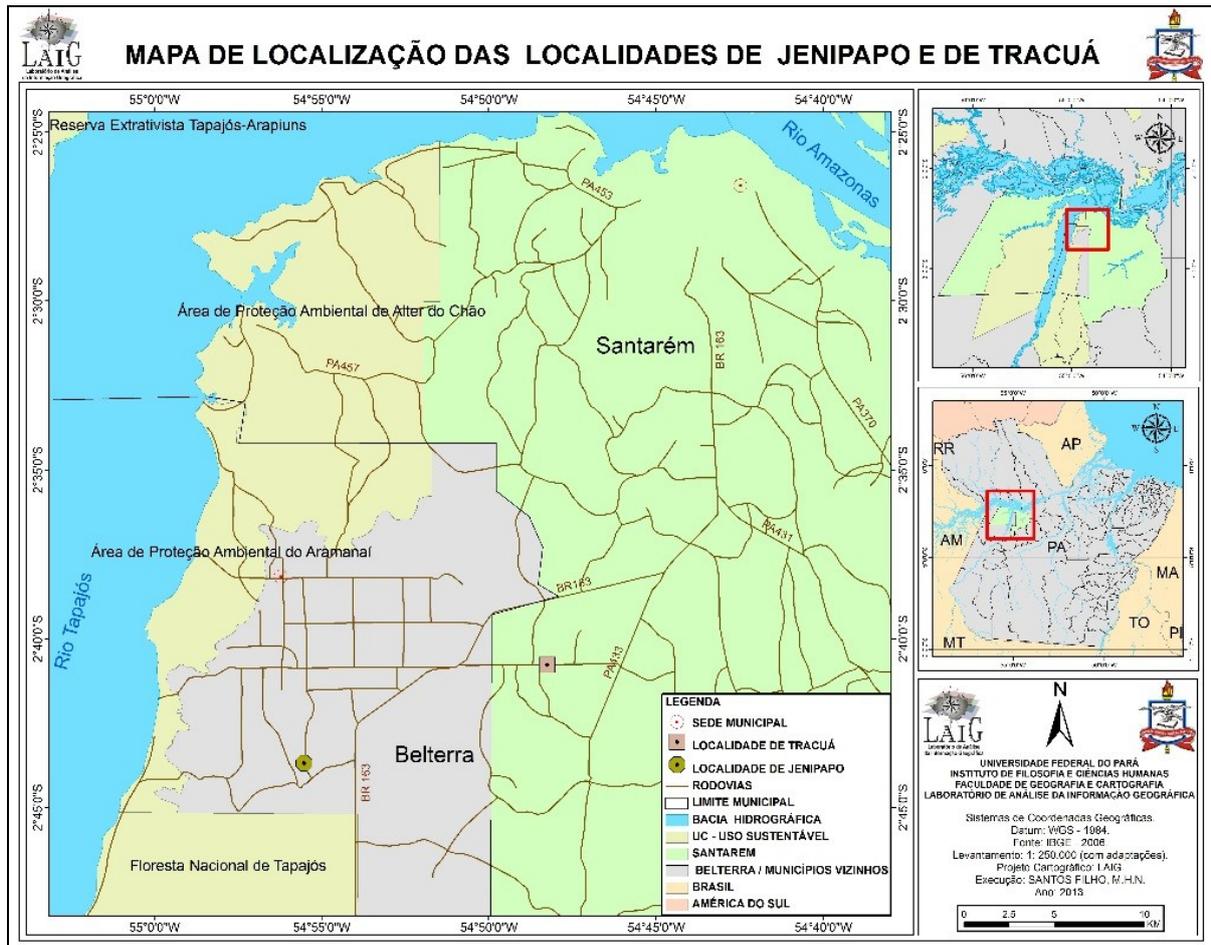
Nas comunidades de Tracuá e de Jenipapo tais conflitos não existiram (Mapa). As famílias que ali se reproduziam viram no dinheiro oferecido uma possibilidade de amenizar a penúria de suas vidas, sendo necessário apenas o vil metal para persuadirem a deixar seus lotes. Todas venderam suas terras, desde as famílias mais novas a se estabelecer nessas comunidades, provenientes do período áureo do garimpo no Rio Tapajós da década de 1980 ou das políticas de integração nacional da década de 1970 até as mais antigas, dos primeiros momentos de suas ocupações, deixando, assim, de lado qualquer sentimento de pertencimento que porventura pudessem ter. E tanto os jovens, no auge de suas forças laborais, quanto os idosos, cansados de anos de trabalho árduo e vida sofrida, também partiram.

Eram aproximadamente 60 famílias que viviam na localidade de Jenipapo e 40 na de Tracuá antes que o agronegócio da soja chegasse. Até 2012, somente duas permanecem em Tracuá, uma constituída por um casal que não pode ter filhos e a outra por apenas um membro, abandonado pela mulher e pelos filhos; em Jenipapo, dez, compostas, em sua maioria, por anciões solitários.

Foram três, considerados produtores pequenos, que compraram as terras dos camponeses em Jenipapo e apenas um, considerado grande, em Tracuá. Adquiriram estas há aproximadamente uma década e pagaram por elas preços ainda mais baixos que os praticados no restante da região: cento e vinte e cinco, setenta, quarenta, até trinta e cinco reais o hectare, segundo os relatos dos camponeses.

Após a atuação do Ministério Público Federal – desmantelando as imobiliárias que negociavam terras públicas – e o aumento do preço das propriedades, o processo de compra ficou mais lento, passando a ocorrer de modo direto entre sojicultores e camponeses. Eram estes, na maioria dos casos, que ofereciam suas terras ao “gaúcho”, em desespero, aceitando qualquer preço por elas; em outros, tentavam negociar com mais calma um “preço mais justo”, mesmo sob pressão dos familiares para logo deixarem aquela

situação, e foi assim que alguns ainda conseguiram pegar mil, mil e quinhentos e até dois mil reais por cada hectare vendido.



Adquiridas as terras, passava-se a prepará-las para a mecanização. Para arrancar as raízes das árvores derrubadas pelos tratores, camponeses remanescentes foram contratados, realizando o serviço manualmente. Esta foi a principal ocupação oferecida pelos sojicultores, além de outros serviços temporários como soluções às necessidades variáveis do agronegócio. Somente os mais jovens conseguiram empregos que não fosse a “catação de toco”, trabalhando em alguma fase do processo de trabalho, como a secagem dos grãos. Majoritariamente, os operadores de máquinas são recrutados do centro-sul do país, pois reservatórios de força de trabalho tecnicamente qualificado ainda estão se formando no Planalto Santareno.

Nesse meio tempo, quanto mais as famílias iam vendendo suas unidades produtivas, tornando vazias a vizinhança e os espaços comunitários, mais as que permaneciam alimentavam o desejo de deixar as comunidades para continuar comungando ou levando seus filhos à escola, ou mesmo para fugir do isolamento. Muitas destas famílias, segundo os relatos, foram se estabelecer em comunidades distantes, próximas à rodovia BR-163, permanecendo no roçado; outras abandonaram essa lida e migraram para as cidades de Santarém ou Belterra, fixando residência em alguma ocupação recente para, assim, conseguir algum emprego ou, no caso dos aposentados, facilitar seus acessos aos serviços de saúde; outras foram tentar a sorte em Manaus, Macapá, Boa Vista ou Porto Velho, em busca de melhores oportunidades; e muitas não conseguiram fazer muita coisa com o dinheiro recebido e procuraram novas terras para se apossar em lugares, geralmente, mais difíceis de viver que os que se encontravam.

Mas, na localidade de Tracua, cinco famílias decidiram vender parte de seus terrenos para o sojicultor e fixar residência às margens da rodovia BR-163, no “Trevo de Belterra”,

comprando um pequeno lote, permanecendo a produzir na localidade. Esta estratégia tem suas razões na melhor acessibilidade que conseguem obter aos serviços urbanos, como água, energia elétrica, saúde, educação e transporte, por estarem à beira da rodovia, próximo da cidade de Belterra. Conservaram uma parte do terreno em Tracuí como forma de ajudar a subsistência da família, cujos filhos foram os maiores incentivadores para que o pai realizasse esse tipo de negócio, no sentido de facilitar seus acessos aos seus novos empregos, haja vista que não trabalham e não querem mais trabalhar com o roçado. Mas o dinheiro que conseguem como moto-taxistas, borracheiros, pedreiros, subcontratados, entre outros, é insuficiente, e quando não estão em suas ocupações principais, os homens ajudam o pai no roçado deixado na localidade para complementar o consumo.

As duas famílias remanescentes e residentes em Tracuí são descendentes de um camponês aposentado que vendeu parte de seu terreno ao sojicultor e resolveu se mudar para a beira da BR-163 com sua mulher, também aposentada, por conta de suas idades avançadas. Este pai, então, deixou alguns hectares em Tracuí para quatro de seus filhos extraírem o sustento de suas famílias. Contudo, destes quatro, dois o seguiram e foram morar ao seu lado, com o propósito de facilitar a ida de seus netos à escola e aos novos empregos, e os outros dois são os chefes das famílias – referidas acima – que ainda moram na localidade. Estes camponeses, com mais de quarenta anos de idade, que nasceram e se criaram lá, afirmam que “não acompanharam o pai porque não possuem filhos e também porque não podem vender a terra que estão, que é herança também dos outros irmãos, para poder se mudar e comprar outro lote” (Entrevistado 5).

Por motivos bem diferentes, na localidade de Jenipapo, foram sete as famílias que não quiseram vender a totalidade de suas propriedades aos sojicultores. Dentre estes motivos está, sem dúvida, a idade avançada de quem ficou. Decidiram permanecer em razão da segurança que o labor da terra lhes proporcionava para conseguirem se aposentar, pois não tinham mais forças para buscar outra terra para trabalhar, cansados de se aventurar pelos lugares atrás de melhores condições materiais de existência. Jenipapo, assim, ainda poderia lhes oferecer algo melhor.

Dentre essas sete famílias apenas uma que seu chefe ainda não conseguiu se aposentar. Outras seis conseguiram, mas nem podemos considerá-las como tal, pois somente em duas delas convivem mais que uma pessoa: em uma, pai e filho, e em outra, mãe e filho; no restante, moram senhores solitários, cuja prole já se emancipou e não deseja retornar definitivamente ao lugar e cujas companheiras ou já morreram ou os deixaram.

Se hoje não vendem suas terras é porque não desejam viver sozinhos na cidade ou se mudar para lugares mais distantes, longe dos familiares, visto que o preço dos terrenos mais próximos aumentou muito. Agora compreendem, de modo mais nítido que os outros que partiram, que o dinheiro oferecido pelos sojicultores não lhes proporcionaria uma vida melhor do que a que possuem. Receberam, inclusive, notícias de vizinhos que se retiraram que estão em uma situação de penúria, como relatado por nosso entrevistado, um camponês remanescente:

Aqui no fundo, a uns quinhentos metros, tem um campo de soja. São vinte hectares. Aí o cara “deu”, parece, por quatro mil os vinte hectares. Ele achou que era muito dinheiro e se meteu para Belterra. Não construiu nenhuma casa que prestasse, pior que quando ele morava aí. Lá, que eram vinte hectares, ele [o sojicultor] deu só quatro mil, aqui, que é só cinco, o cara deve dar só uns mil. Não vendo não (Entrevistado 6).

Os aposentados recusaram negociar suas terras pensando na segurança que elas poderiam oferecer aos seus filhos. Apesar da maioria destes não mais trabalharem no roçado e nem possuírem como “ideal de vida” a agricultura, esses aposentados sabem – porque também tiveram trajetórias e anseios parecidos (aventuraram-se pelos garimpos, pelas cidades, nos grandes canteiros de obras, etc.) – que a vida que seus filhos encontrarão pela frente pode lhes deixar sem condições mínimas de subsistência, imergidos

em empregos precários ou mesmo convivendo com a falta deles, podendo recorrer, no porvir, a este pedaço de terra que estão.

Para tais famílias é a aposentadoria rural que possibilita sua reprodução no lugar. Como não possuem forças nem saúde suficientes para o trabalho duro da produção da farinha de mandioca, que necessita de muitos braços para a sua preparação (sobretudo na casa de farinha), este foi abandonado. Alguns ainda cultivam a raiz, em pouca quantidade, e, mesmo assim, contam com o trabalho de outrem para a semeadura e a colheita, pagando-o com os seus benefícios. Ao final, em parceria com outras famílias da localidade, cedem-na para em troca receber um pouco da farinha produzida, sem o objetivo, contudo, de comercializá-la.

Como o dinheiro de suas aposentadorias é insuficiente para suprir suas carências, procuram complementá-lo com alguma atividade produtiva. Porém, em função da idade avançada, são obrigados a se dedicar a cultivos onde o esforço físico seja menor, como o do milho e da banana ou a coleta de frutos e produtos florestais, mesmo que o retorno financeiro não seja tão satisfatório se comparado com o da farinha. Carregam esses produtos para a margem da rodovia, de onde, em barracas improvisadas, esperam os transeuntes ou mesmo algum atravessador para negociá-los, uma vez que não frequentam mais as feiras locais.

O benefício da aposentadoria é insuficiente, porém seria pior sem ele, que ajuda em situações difíceis, como em caso de doenças ou de extrema escassez, além de proporcionar o acesso a determinados bens que não podiam atingir, como, por exemplo, um aparelho eletrônico, ou mesmo, alimentos mais variados para a sua provisão. Curiosamente, somente agora conseguiram acesso aos empréstimos e sem quaisquer obstáculos (pois não se trata de crédito rural): os famigerados consignados, que os camponeses usam para fins ordinários, como a compra de adubo, de ração para as galinhas caipiras, de defensivos, para pagar uma diária, entre outros.

Em face de tamanha diferença que a aposentadoria têm lhes proporcionado – tanto para a satisfação de suas carências vitais quanto para a diminuição das fadigas do trabalho – que os relatos acerca de como conseguiram tal benefício ganham ares de verdadeiras epopeias. Com entusiasmo, um velho camponês, com mais de 60 anos de idade, contou-nos que, certa vez (em 2008), foi tentar a sorte em Santarém para conseguir dar entrada em sua aposentadoria. “Tentar a sorte” porque, por diversas vezes, as idas foram infrutíferas, pois sempre faltava algum detalhe (documento). Para sua surpresa (quase não acreditando na notícia), a assistente social lhe disse que sairia aposentado no mesmo dia. Mas não foi tão fácil. Como só havia levado dinheiro para a condução, pois não esperava a boa-nova, teve que passar o dia inteiro com fome, enfrentando diversas filas, mas, ao final, saiu recompensado: no mês seguinte havia duzentos e quarenta reais em sua conta, que, mesmo não sendo o valor integral (R\$ 415,00), ficara muito satisfeito, pois pensou: “bom, mas aí já começou a melhorar, né? Porque eu nunca tinha visto duzentos e quarentas reais, assim, pegar só num monte. Para trabalhar, fazendo diária, e pegar esse dinheiro, demora muito.” (Entrevistado 7).

A espera pela aposentadoria tem sido bem difícil, como revela a história de vida do próximo entrevistado. Proveniente do Maranhão, veio tentar a sorte nos garimpos de ouro do rio Tapajós e, tendo fracassado (acabou não “bamburrando”), adquiriu 40 hectares de terra na localidade, mandando buscar, em seguida, toda a sua família. Sua mulher veio a falecer no início da década de 1990 e seus filhos, já criados, lançaram-se no mundo. No início deste século, casou-se novamente e teve mais duas filhas. Os muitos anos de roçado trouxeram-lhe sérios problemas de coluna, que paulatinamente o impossibilitam de trabalhar ou de levar seus produtos à feira, forçando-o a doá-los aos vizinhos. Às vezes sua mulher, quando não está atarefada, o ajuda, o que lhe dá muito gosto: “ela é muito trabalhadora”, disse-nos. Por isso, quase aceitou a oferta dos sojicultores por suas terras, mas, pensando na aposentadoria, recusou, e ainda necessitando criar as suas filhas menores, continuou seu trabalho duro no lugar, mesmo contrariado. Conta que, quando se aposentar, se algum sojicultor novamente lhe procurar, venderá seu terreno e comprará uma casa em Belterra para facilitar a ida das meninas à escola, já que sente muitas dificuldades, com a idade que

tem, em ter que deixá-las diariamente de bicicleta na beira da rodovia para assim acessarem a escola (sobretudo no período chuvoso, quando o ramal vira um atoleiro).

Depois da chegada dos sojicultores, três novas famílias camponesas vieram se estabelecer na localidade de Jenipapo para alcançar o mesmo objetivo que fez com que as outras continuassem lá, qual seja, trabalhar em um pedaço de terra para conseguir a aposentaria e, assim, ver diminuídas suas privações. Conseguiram seus lotes por meia de herança (em dois casos) e da doação da igreja evangélica que, após fechar sua congregação por falta de membros, resolveu ceder parte de seu terreno a essa família. Estas passaram por diversas dificuldades na cidade e hoje conseguem obter o mínimo para sobreviver. Uma delas, cujo chefe já trabalhou em diversos lugares e em diferentes atividades, sobretudo como caseiro, conta que hoje a vida é “até melhor”, como narra nosso entrevistado:

Aqui... quando eu estava na cidade, aqui é até melhor. Na cidade, é o seguinte: tudo é comprado. Lá tem que trabalhar para poder comprar. Aqui não, a gente planta. Tem macaxeira, crio galinha; tem um roçadinho ali, produzo milho, bastante; tem um porquinho no chiqueiro que como em dezembro. Na cidade não tem isso (Entrevistado 8)

Esta família, constituída pelo casal e por um filho de 16 anos de idade, além do pequeno roçado, aberto em seu terreno que mede menos de 01 hectare, também recorre, tanto o pai quanto a mãe, a serviços fora de sua unidade de produção, diárias que – somadas ao benefício proveniente do programa bolsa-família – continuarão realizando (em virtude da escassez de terra) para complementar o orçamento familiar até o momento em que conseguirem se aposentar. Contudo, compartilham a preocupação de outros camponeses (que ainda não se aposentaram) em conseguir saldar o valor cobrado atualmente pelo sindicato (dez reais e noventa centavos), reclamando que isto tem dificultado manter em dia o pagamento, o que poderá comprometer futuramente suas aposentadorias.

Mudanças ocorreram na reprodução do gênero de vida dos camponeses das comunidades de Tracuí e de Jenipapo com a chegada dos sojicultores. A mais visível foi o esvaziamento sofrido por suas populações, que suscitou profundas transformações aos seus espaços comunitários e à exteriorização de suas vidas. Tendo poucas crianças, a escola deixou de funcionar, e com poucos jovens e adultos, o barracão comunitário, o campo de futebol e as igrejas foram abandonados, pois os que permanecem, em sua maioria idosos, não conseguem tocá-las adiante.

Findou-se o mutirão comunitário que zelava por esses espaços que, em desuso, tanto em Tracuí como em Jenipapo, passaram a ser cobiçados pelos sojicultores. Em Jenipapo, os camponeses não aceitaram a apropriação dos espaços comunitários pelos que vêm de fora e ainda reclamam da pressão que estes exercem para obtê-los. Em Tracuí foi diferente, pois, em 2011, o sojicultor que comprou as terras da localidade convocou uma reunião com os camponeses que possuíam propriedades no lugar para lhes propor incorporar o espaço comunitário à sua propriedade com o intuito de instalar um de seus funcionários e, em troca, construiria uma igreja nova na beira da rodovia e passaria a fazer a manutenção do poço artesiano, do motor com gerador de energia e da bomba hidráulica, fornecendo-lhes a água que necessitassem. Aceitaram a oferta, principalmente em razão da água, pois, como afirma um dos residentes, nosso entrevistado, ficaria muito complicado para ele e seu irmão mantê-la nesses moldes:

Há pouco, pra ele botar um morador aí, ele fez uma reunião, né? Chamou uma parte do pessoal que morava aqui, e aí nós fomos para uma reuniãozinha com ele ali – isso há uns cinco meses – pra ele tomar de conta do poço aí, porque ele queria cercar a área. Aí só cercava se fosse conversando com o pessoal. Só teve uma pessoa contra, que não queria. Os outros todinhos concordaram porque se nós fossemos tomar de conta de um poço desse daí, só eu e o meu irmão aqui, se desse um problema

numa bomba, no motor. Aí eu digo: mas rapaz, é melhor entregar para ele, dá a manutenção todinha, ele tem as condições, tem tudo! Aí ele disse que a gente podia usar (Entrevistado 9).

Na ausência de crianças e adultos para frequentar a escola e a igreja, aceitaram a totalidade da proposta, sem qualquer objeção e o sojicultor transformou a escola em casa de seu funcionário e a igreja em armazém para estocar ferramentas. Noutro momento tentou se apropriar do antigo ramal da localidade, mas os comunitários não aceitaram, pois ainda o utilizam, além de terem ficado preocupados com o cemitério da localidade, que fica às suas margens, pois poderia ser engolido pelas máquinas, como relata nosso entrevistado:

É tudo rodeado lá, o cemitério fica bem no meio. Ah, mas lá o cabra não acaba não. Não está cheio de soja dentro porque cercaram. Porque esse ramal que era o cemitério ele não coisa porque é um ramal antigo, da comunidade, todo mundo precisa, ninguém aceitou. Não acaba não, não é assim do jeito que quer. Todo mundo usa. Mas se deixar mesmo, mas rapaz, já tinha plantado soja por cima, acabava era com tudo, só que ele ia comprar briga ali (Entrevistado 10).

Após a saída de muitos camponeses e o desaparecimento dos espaços comunitários, para os que permanecem, isolados no lugar, sobraram paisagens do medo, que amedrontam principalmente as mulheres, que não se sentem tranquilas em caminhar pelos ramais desertos. Restaram-lhes como distração, em dias normais, o trabalho, a televisão e o rádio, e nos finais de semana, a visita a algum parente ou amigo, ou ir, vez em quando, à cidade para vender seus produtos e comprar o que necessitam.

Outras transformações decorrentes do agronegócio atingiram seus sistemas de produção, ocasionadas pelo desmatamento e, principalmente, pelo uso de agrotóxicos. A intensa utilização de defensivos para a dispersão das pragas das lavouras de soja, como a da mosca branca (*Bemisia argentifolii*), provoca a migração desta para as plantações camponesas vizinhas, que, sem condições de combatê-las do mesmo modo, acabam perdendo parcialmente ou totalmente as suas produções. Plantar melancia, jerimum ou feijão ficou bastante difícil; agora, têm que comprá-los ou, no caso do feijão, de catá-lo do chão, das sobras da safrinha dos sojicultores que foram deixadas pelas máquinas, pois estas não conseguem colhê-lo integralmente.

Foi assim que acabaram incorporando ao conjunto de suas técnicas o uso mais frequente dos agrotóxicos, seja por imperiosidade, para não ter que perder ou ver diminuídas suas produções, mesmo sem condições financeiras para tal, seja voluntariamente, para poupar trabalho, como é o caso dos herbicidas, utilizados agora (não com a frequência desejada) para fazer a manutenção do roçado (comumente feita com enxada) para que o mato não sugue os nutrientes de seus cultivos. Outra incorporação às suas técnicas foi o aluguel de máquinas para limpar os terrenos e ará-los, o que significou a diminuição do tempo de trabalho e, conseqüentemente (e o que é mais importante), o abrandamento da fadiga e da severidade de ter que passar horas sob o sol equatorial derrubando a capoeira e preparando o solo para o plantio com os instrumentos que detêm. Mas, mesmo assim, são técnicas usadas de forma bastante restrita, pois não podem correr o risco de comprometer o consumo em razão do trabalho, tomando o cuidado de manter essa relação sempre equilibrada.

Frente aos impactos dos agrotóxicos nas suas lavouras, sobretudo a de feijão, chegaram a imputar que o mal que estava acometendo seus roçados de mandioca teria essa procedência. Contudo, a podridão radicular, que faz apodrecer a raiz da planta, não é provocada pela contaminação desses produtos químicos. Trata-se de uma doença – com maior incidência no período chuvoso e que certas variedades são mais suscetíveis – que é ocasionada por um fungo (conhecido como “cupim branco”) que se prolifera em solos cujos níveis de umidade estão muito elevados. Em conseqüência, às custas da deficitária assistência técnica da região, acabam perdendo tarefas inteiras de mandioca e comprometendo, desse modo, suas subsistências.

O uso intensivo de agrotóxicos pelos sojicultores também causa problemas à saúde dessas populações. Em todo o Planalto Santareno, há relatos do vento que carrega as nuvens de veneno para dentro de casas e escolas ladeadas pelos campos de soja. Contam que as crianças são as que mais sofrem, ocorrendo situações em que tiveram que ser levadas ao posto de saúde por intoxicação. As criações, como as galinhas, também têm sentido, pois vagueiam livremente pelos terreiros e acabam invadindo as plantações imunizadas pelo veneno. Há também relatos de contaminação de igarapés e a possibilidade de contaminação dos poços, que pode vir a prejudicar a água ingerida por esses camponeses. Alguns deles não têm dado tanta importância ao evento, pois acreditam que esses produtos só fazem mal às pragas, contudo, deve-se atentar ao fato de que os maiores efeitos somente serão sentidos no futuro.

Quanto ao desmatamento, o principal impacto ao gênero de vida desses camponeses foi a diminuição da caça. Como o avanço dos campos de soja se deu principalmente sobre a capoeira que sobre as áreas de floresta, os animais que perambulam por esse tipo de vegetação, como tatus e pacas, tornaram-se raros. Agora, a caça somente é abundante nas áreas de reserva, que não podem acessá-las.

Outra mudança relaciona-se ao extrativismo florestal. Como muitas famílias foram embora, certos produtos, que eram escassos no passado, em razão da quantidade de pessoas, hoje se tornaram abundantes. A castanha, por exemplo, que servia basicamente para o consumo, agora é comercializada, sendo um apoio à subsistência principalmente na época das chuvas, quando a produção da farinha é menor, como relata nosso entrevistado:

No tempo do inverno, às vezes que chega a safra da castanha, aí a gente junta e dá um jeito, quando dá um solzinho, e vai botar lá fora. Aí vai passando. Algum serviço, alguma diariazinha é melhor. Se não for, a castanha. Porque na época da castanha, da venda, a venda é meio fraca, sabe? A compra deles lá, baixa o preço. É cinquenta centavos, é sessenta o quilo (Entrevistado 11).

Assim como a castanha, a água tornou-se mais acessível com a saída dos comunitários. Na localidade de Jenipapo isto foi mais significativo, pois a água que era trazida pelos caminhões-pipa da prefeitura, e que tinha que ser bastante racionalizada, agora, apesar de ainda ser um problema, tornou-se menos escassa. Ainda não existe qualquer sistema de distribuição, mas moradores conseguiram, por meio de seus próprios recursos, comprar alguns metros de mangueira e fazer com que ela chegasse a suas casas. Na localidade de Tracuá, esse problema já havia sido parcialmente solucionado pelos próprios comunitários antes mesmo da chegada do sojicultor, que, como relatamos noutra localidade, agora faz a manutenção da água e a distribui entre as famílias.

Uma das poucas coisas que veio melhorar a vida nessas comunidades foi a chegada da energia elétrica em 2011 na localidade de Tracuá e em 2008 na localidade de Jenipapo, com o programa do governo federal “Luz para todos”, quando as comunidades já estavam esvaziadas. Isso significou que não mais precisariam de baterias para ligar seus aparelhos elétricos e poderiam agora deixar de comprar gelo para conservar seus alimentos ou mesmo evitar sua salga. Talvez, como lamenta um camponês, se ela tivesse chegado antes, muitos não teriam saída dali. Porém, a energia que chegou só consegue suprir a demanda de equipamentos que exigem menos potência elétrica; para outros, como uma bomba d’água, que poderia os ajudar a irrigar suas plantações, ou mesmo um motor para triturar a mandioca, ela é insuficiente.

Outras coisas não mudaram com a chegada do agronegócio, como o trabalho com a mandioca por aquelas famílias cujos membros ainda possuem plenas forças laborais e possuem somente a renda proveniente da agricultura e dos trabalhos temporários. Uma vez que o preço de outras mercadorias não compensa o trabalho realizado e, assim, não é capaz de satisfazer suas carências, e como as pragas de insetos têm lhes obrigado a utilizar os mesmos defensivos para que não percam suas produções, é a farinha – por não exigir

tais produtos e possuir um melhor preço no mercado – que ainda lhes fornece os meios para sua subsistência, tal como relata nosso entrevistado:

A coisa que rola mesmo é farinha, desde a época em que eu moro aqui, e nunca deixei de plantar. Outro tipo de coisa requer muito trabalho, a gente precisa de muito adubo químico, maquinário. O cabra não tem condição, né? Aí, primeiro, tem que comprar o esterco, que tão vendendo a dois reais o saco, é caro... Aí quando o cabra planta, que dá, aí o cabra vende a um preço baixo, mas ainda dá. E quando não dá na plantação, os bichos comem tudo? (Entrevistado 12).

As dificuldades com o transporte e com o estado das estradas também continuam. Em Tracuí, os irmãos que ainda moram no lugar conseguiram adquirir, em conjunto, uma motocicleta para carregar sua produção para a beira da rodovia e de lá pegar o transporte para a feira em Santarém. Contudo, na época das chuvas a lama que se forma impede-os de trafegar com esse tipo de veículo. Locomover-se nesse período, portanto, permanece bastante difícil, por isso todas as famílias que possuíam filhos em Tracuí venderam seus lotes e mudaram-se para um lugar de mais fácil acesso às escolas, com o sentido, sobretudo, de não perderem o benefício do bolsa-família. Em Jenipapo, essa é uma dificuldade a ser vencida pelas quatro famílias que possuem filhos em idade escolar, pois, com o esvaziamento da localidade, a escola primária foi fechada e o transporte que pegava os alunos de séries mais avançadas deixou de passar.

## Considerações finais

Em sua história econômica e social, o Planalto Santareno presenciou encontros e desencontros, onde o local é considerado tradicional, mas não desaparece com a chegada do novo, do “estranho” capital. O capital expande-se seja por meio de relações especificamente capitalistas de produção, seja sujeitando para si a renda da terra ou práticas que não se reproduzem por meio da acumulação ampliada. O uso do território sob o modo de produção capitalista não se uniformiza, pois o capital possui limites para transformar todos os processos e relações de produção.

Por isso, podemos afirmar que a tendência do campesinato do Planalto Santareno é continuar se reproduzindo, fornecendo seus produtos para a reprodução da força de trabalho urbana, como farinha de mandioca, frutas tropicais e produtos extrativistas, malgrado as formulações deterministas que vaticinam seu desaparecimento, negando a especificidade da formação econômica e social brasileira e, portanto, o caráter contraditório, “geograficamente desigual” – como nos lembra Harvey (2006) – do desenvolvimento capitalista.

Em realidade, à primeira vista, temos um processo de *descamponização* na região, em razão das centenas de famílias que venderam suas terras, coagidas pelas suas condições de vida e trabalho precárias e, por conseguinte, pela falta de terra para a reprodução das gerações futuras. Como observou Monteiro (2008) nos espaços agrários incorporados pelo agronegócio no Centro-Sul, essa tendência se ratifica na paisagem, cada vez mais homogeneizada e com poucos vestígios da vida camponesa.

Em fins de 2012 o movimento migratório do campesinato do Planalto Santareno é bastante reduzido, pois o agronegócio da soja tem encontrado alguns obstáculos à sua expansão na região. Em primeiro lugar, temos os impedimentos ligados à situação fundiária regional para a contração de crédito pelos produtores, uma vez que 95% destes não possuem o título de suas terras, o que inviabiliza seus acessos ao crédito rural, pois os bancos pedem essa garantia para poderem emprestar (ao contrário da Cargill, que requer como garantia a produção). Desse modo, fica extremamente complicado para eles conseguirem ampliar seus campos de soja sem o financiamento das culturas que servem como preparo à mecanização, haja vista seu alto custo. Daí a importância das políticas de

regularização fundiária que vêm sendo acenadas pelo governo federal, a exemplo da Medida Provisória 458, de 10 de fevereiro de 2009, que dispõe sobre a regularização fundiária das ocupações incidentes em terras situadas em áreas da União, no âmbito da Amazônia Legal, definida no Art. 2º da Lei Complementar nº 124, de 3 de janeiro de 2007, mediante alienação e concessão de direito real de uso de imóveis. Em segundo lugar, temos como obstáculo a não aprovação do EIA-RIMA do terminal fluvial de granéis sólidos da Cargill em Santarém. Este impasse jurídico não impediu as atividades da empresa, pois a mesma pretende aumentar a capacidade de seu porto para a exportação dos grãos comprados no Mato Grosso e, conseqüentemente, ampliar o financiamento da soja regional. Sua aprovação é ansiosamente aguardada pelos produtores do Planalto Santareno – e, caso seja negada, segundo informações do Sindicato Rural de Santarém (SIRSAN), eles voltarão suas terras a outras especializações produtivas, como a da mandioca, prática que vem ocorrendo em diversas porções do Centro-Sul do país, de modo totalmente mecanizada, para a comercialização do amido.

Superando-se os impasses acima referidos e se a conjuntura do mercado mundial for favorável, o Planalto Santareno ainda oferecerá algumas vantagens à expansão da atividade, que em muitas outras regiões do país estão restritas ou ausentes, quais sejam, os custos com fretes diminuídos por conta de sua proximidade com o terminal de exportação da Cargill, o baixo preço de suas terras se comparado com as do Centro-Sul (um hectare mecanizável vendido, por exemplo, no oeste do Paraná, é possível comprar cinco hectares mecanizáveis ou mesmo dez antropizados na região), além de ser um dos poucos espaços de reserva existentes no território nacional com condições de ser incorporado à cultura da soja.

A esperada conclusão do asfaltamento da rodovia Cuiabá-Santarém também constitui fator de atração para que os produtores de soja do Centro-Sul expandam suas atividades na região. Como as outras porções do oeste paraense cortadas pela rodovia não oferecem condições para a mecanização, por estarem localizadas, segundo EMBRAPA (2007), em terrenos muito acidentados, a atratividade topográfica do Planalto Santareno (seus platôs) o torna o principal alvo desses produtores.

Desse modo, continua o projeto de conexão da região ao circuito espacial produtivo da soja, com a iminente conclusão do asfaltamento da BR-163, com os projetos de ampliação do Porto da Cargill (e de construção de outros – como o de Miritituba/PA), com a implementação da hidrovía Teles Pires-Tapajós, além dos planos de se construir uma ferrovia que liga Cuiabá a Santarém para o escoamento da soja do Mato Grosso. Enquanto o grande capital se apropria de forma acelerada da região, o Estado age de forma muito discreta, quase nula em termos de investimentos para melhorar as condições de produção da agricultura camponesa, que continuará, caso o agronegócio da soja tome um novo impulso, vendendo suas terras.

Mesmo assim, a reprodução camponesa ainda é assegurada no Planalto Santareno, pois o agronegócio da soja é extremamente seletivo em sua expansão. A fronteira não se fechou. Como não existe concorrência mercantil entre os principais produtos do agronegócio e da economia camponesa – por exemplo, entre soja e farinha de mandioca – o campesinato continuará encontrando brechas econômicas para se inserir na economia local, produzindo mercadorias em que o capital se vê limitado em extrair mais-trabalho sob relações de produção especificamente capitalistas. Além do mais, pelo caráter contraditório do capitalismo, especialmente o brasileiro, que lança pessoas a situações sociais de extrema carência, o acesso a um pedaço de terra que lhes permita sua reprodução vital, torna a questão agrária ainda urgente em nosso país. Historicamente, esse campesinato tem se recriado na região, resistindo aos anos por se configurar em um gênero de vida pelo qual centenas de famílias conseguiam reproduzir suas existências com certa autonomia, integração ao mercado e estabilidade no decurso dos diversos períodos de sua formação econômico-social, valendo-se de um conjunto de técnicas que lhes propiciassem a sobrevivência elementar em um meio esquecido e precário.

Por outro lado, se assistimos a possibilidade real de reprodução desse campesinato santareno, o mesmo não podemos afirmar em relação ao das comunidades de Tracua e de

Janipapo. Dificilmente continuarão se reproduzindo no lugar quando essa geração que resiste se for. A insuficiência de terra, o vazio comunitário e os anseios por outras vidas (suscitados pela criação de novas necessidades), desencorajam os mais jovens. Os que permanecem aguardam um dia se aposentar para, quem sabe, buscar outro lugar ou esperar seu tempo passar ali mesmo, com e como os outros solitários aposentados que logo partirão, desejosos que um dia seus filhos não carreguem seus destinos.

## Referências

AGRÁRIA ENGENHARIA E CONSULTORIA S/A. **Soja em Santarém - um início que entusiasma**. Santarém, 1997.

ALMEIDA, Ruth Helena Cristo. **Zona de conflitos: o agronegócio da soja e a formação da esfera pública em Corta-Corda, Santarém, Pará**. Belém, 2005. 134 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará.

ARAÚJO, Roberto et al. Estado e sociedade na BR-163: desmatamento, conflitos e processo de ordenamento territorial. In: CASTRO, Edna. (Org.). **Sociedade, território e conflitos: BR-163 em questão**. Belém: NAEA, 2008.

BECKER, Bertha. **Fronteira amazônica: questões sobre a gestão do território**. Brasília: UNB, 1990.

BECKER, Bertha. Os caminhos de ocupação do território pela soja no Brasil e na Amazônia. In: **A GEOPOLÍTICA da Soja na Amazônia**. Belém: MPEG, 2004.

BICKEL, Ulrike. **Brasil: expansão da soja, conflitos sócio-ecológicos e segurança alimentar**. Bonn (Alemanha), 2004. 169 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia Tropical). Faculdade de Agronomia, Universidade de Bonn.

CARGILL. **Avaliação do cultivo da soja em escala comercial seguido de safrinha**. Santarém, 2001.

COELHO, Andrea dos Santos. **Modelagem de dinâmica do uso da terra na região de Santarém**. Belém, 2009. 128 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Pará.

EMBRAPA Amazônia Oriental. Zoneamento Ecológico-Econômico da Área de Influência da Rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém). 2007. Disponível em: <<http://zebr163.cpatu.EMBRAPA.br/index.php>>. Acesso em: 08 mai. 2014.

HARVEY, David. **Spaces of global capitalism: towards a theory of uneven geographical development**. New York: Verso, 2006.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. vol. 1. Belém: EDUFPA, 2004.

HÉBETTE, Jean; MARIN, Rosa Acevedo. Colonização espontânea, política agrária e grupos sociais. In: **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. vol. 1. Belém: EDUFPA, 2004.

IANNI, Octávio. **Ditadura e agricultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1986.

\_\_\_\_\_. **Estado e planejamento econômico no Brasil(1930-1970)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1979.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. 2. ed. Barcelona: Edicions 62, 1973.

\_\_\_\_\_. Perspectivas da Sociologia Rural. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1981a.

\_\_\_\_\_. Problemas de Sociologia Rural. In: MARTINS, José de Souza. (Org.): **Introdução Crítica à Sociologia Rural**. São Paulo: Hucitec, 1981b.

\_\_\_\_\_. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

\_\_\_\_\_. **O pensamento de Lenine**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1969.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1975.

\_\_\_\_\_. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. As Temporalidades da História na Dialética de Lefebvre. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Cativo da Terra**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. **Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec. 1997.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MONTEIRO, Raimunda. Associativismo e fronteira: a Amazônia como espaço de reprodução social da agricultura do Sul. In: CASTRO, Edna (Org.). **Sociedade, território e conflitos: BR-163 em questão**. Belém: NAEA, 2008.

OBERG, Kalervo. O camponio marginal no Brasil rural (1957). In: WELCH, Clifford Andrew. et al. (Org). **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas**. Volume 1. São Paulo: UNESP, 2009, p. 181-192.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM. **Plano municipal de agropecuária: período-1997/2000**. Santarém, 1997

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma Situação Geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, ano IV, n. 6, jan./jun. 1999.

TROTSKY, León. **Histoire de la révolution russe**. Paris: Éditions du Seuil, 1950. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1930/historia/index.htm>>. Acesso em: 24 out. 2013.

VELHO, Otávio Guilherme. **Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da transamazônica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

Recebido para publicação em 19 de novembro de 2013

Devolvido para revisão em 07 de maio de 2014

Aceito para publicação em 26 de maio de 2014

# **Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio**

**Douglas Cristian Coelho**

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Marechal Cândido Rondon.  
e-mail: coelho\_d@hotmail.com

**João Edmilson Fabrini**

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
Docente dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)  
e-mail: joaofabrini@gmail.com

## **Resumo**

O processo de expansão do agronegócio promoveu um conjunto de transformações no espaço agrário brasileiro. Se de um lado verificou-se a hegemonização do agronegócio com a expansão de culturas comerciais de exportação, principalmente, de outro, constatou-se a importância da produção de subsistência, mesmo num contexto adverso à sua manutenção. A manutenção da produção de subsistência no campo no contexto da expansão do agronegócio está vinculada ao processo contraditório e desigual das relações capitalistas que ora elimina, ora cria ou recria relações não-capitalistas de produção. Nesse contexto, a produção de subsistência e autoconsumo podem representar uma estratégia de existência dos camponeses, quando foi tomado de exemplo aqueles do município de Pato Bragado, no Oeste do Paraná.

**Palavras-chave:** agronegócio; subsistência; camponês; Pato Bragado.

## **Resumen**

### **Producción de subsistencia y autoconsumo en el contexto de la expansión del agronegocio**

El proceso de expansión del agronegocio promovió un conjunto de transformaciones en el espacio agrario brasileño. Si por un lado se ha encontrado la hegemonía de lo agronegocio con la expansión de los cultivos comerciales de exportación, principalmente, por el otro, se constató la importancia de la producción de subsistencia, incluso en un contexto adverso para su mantenimiento. El mantenimiento de la producción de subsistencia en el campo en el contexto de la expansión de lo agronegocio está vinculado al proceso contradictorio y desigual de las relaciones capitalistas que a veces elimina, tampoco crea o recrea las relaciones de producción no capitalistas. En este contexto, la producción de subsistencia y autoconsumo pueden representar una estrategia de la existencia de los campesinos, cuando la muestra fue tomada de los del municipio de Pato Bragado en el Oeste del Paraná.

**Palabras clave:** agronegocio; subsistencia; campesino; Pato Bragado.

## **Abstract**

### **Subsistence production and self-consumption in the context of agribusiness expansion**

Revista NERA	Presidente Prudente	Ano 17, nº. 25	pp. 71-87	Jul-dez./2014
--------------	---------------------	----------------	-----------	---------------

The process of agribusiness expansion promoted a set of transformations in the Brazilian agrarian space. If on one hand there was the hegemonization of agribusiness with expansion of commercial export crops, mainly, on the other, there was the importance of subsistence production, even in an adverse context for its maintenance. The maintenance of subsistence production in the countryside in the context of agribusiness expansion is bound to the contradictory and uneven process of capitalist relations which sometimes eliminates, either creates or recreates non-capitalist production relations. Within this context, subsistence production and self-consumption may represent a strategy of existence of the peasants, when it was taken for example those of Pato Bragado county in western Paraná.

**Keywords:** agribusiness; subsistence, peasant; Pato Bragado.

## Introdução

A expansão das relações capitalistas no campo está relacionada ao contexto de industrialização da agricultura brasileira, processo que tem direcionado grande parte da produção camponesa à lógica de mercado. Contudo, as relações capitalistas não imprimiram ao campo uma lógica única de produção de mercadorias, pois existe uma agricultura camponesa norteada pelas necessidades da família e uma agricultura de negócio, o agronegócio, norteada pela acumulação de capital. Assim, desigual e contraditoriamente, mesclam-se no território camponês relações capitalistas e relações não-capitalistas.

As relações não-capitalistas são verificadas na produção de subsistência e autoconsumo, sobretudo de gêneros alimentícios, pois o agronegócio e a agricultura empresarial não eliminou essa característica do campesinato. Aliás, o agronegócio, sobretudo o cooperativista, se utiliza em muitos casos da produção camponesa para ampliar a reprodução do capital. Essas características são verificadas no município de Pato Bragado, no Oeste do Paraná, objeto principal de abordagem nesse artigo.

Pato Bragado, bem como todo o Oeste do Paraná, passou, a partir da década de 1970, por um processo de modernização da agricultura e expansão de agronegócios. A partir desse contexto, houve forte expansão de culturas comerciais como soja e milho e produção de suínos, aves, leite dentre outras. Mas, ao mesmo tempo, verificou-se a manutenção da produção de gêneros alimentícios destinados ao consumo e subsistência das famílias camponesas.

Para tratar da produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio em Pato Bragado, num primeiro momento será feita discussão sobre os conceitos de subsistência e autoconsumo. Na sequência, será abordado sobre o processo de ocupação da terra no município de Pato Bragado e modernização da agricultura neste município. Posteriormente, será tratado sobre as características da agricultura camponesa e a importância da subsistência e autoconsumo.

A base de dados para a elaboração desse artigo foi obtida por meio da aplicação de 13 questionários às famílias camponesas, escolhidas aleatoriamente no meio rural do município. Foram obtidas também informações de órgãos públicos como o escritório local de atendimento da EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural), censos agropecuários, documentos diversos, entre outros.

## Subsistência e autoconsumo: alguns apontamentos

Existem diferentes abordagens e compreensões sobre os conceitos de subsistência e autoconsumo. Alguns autores, tais como Caio Prado Jr (1979) e Celso Furtado (1970), por exemplo, apontam que subsistência representa apenas as produções diretamente ligadas ao autoconsumo dos sujeitos que vivem no campo, quase inexistindo a ligação com o mercado. É uma produção marginal e de segunda ordem. Já para outros autores, como

Heredia (1979), Garcia Jr (1983), Wolf (1970) Chayanov (1974), Silva (1980) dentre outros, a subsistência vai para além das necessidades básicas alimentares (autoconsumo) da família, representando relações e produções inseridas na lógica mercantil simples, as quais garantem aos camponeses a sua reprodução.

Segundo Lima (2010), os principais aspectos relacionados à subsistência são os seguintes: a) a subsistência pode estar relacionada a produtos agrícolas ou outros objetos elaborados e consumidos na mesma unidade que os produziu, ou seja, não ocorrendo o processo de circulação no mercado e a conversão em dinheiro e mercadorias; b) gêneros agrícolas (alimentícios ou não) produzidos nas unidades de produção familiar e destinados ao abastecimento de centros urbanos; c) conjunto de atividades agrícolas e extra-agrícolas executadas pelos membros da família camponesa, com a finalidade de satisfazer as necessidades de consumo.

Nessa perspectiva, não se pode interpretar a subsistência somente como produção de autoconsumo, mas também como um conjunto de necessidades que garantem a reprodução física e social dos indivíduos. A produção de subsistência está relacionada ao conjunto do autoconsumo, e também com o mercado para a manutenção da família. Mas, nesse caso, o mercado não está colocado no centro da existência e manutenção da família.

Garcia Jr. (1983) afirma que alguns gêneros produzidos pelos camponeses necessitam ser levados ao mercado para que possam ser convertidos em dinheiro, proporcionando a compra de outros produtos não elaborados na unidade produtiva, garantindo a sua subsistência. Portanto, ao mesmo tempo em que os camponeses produzem gêneros de consumo direto sem passar pela circulação do mercado (autoconsumo), produzem gêneros de subsistência que possuem alguma relação com mercado.

Quando relacionada à dicotomia entre agricultura de subsistência e comercial, Garcia Jr. (1983) é mais incisivo, esclarecendo que:

Não pressupõe que haja negação da circulação mercantil nas “lavouras de subsistência”, muito pelo contrário. Usou-se a oposição porque ela servia para designar o fato de que formas específicas de circulação dos produtos têm consequências sociais diferenciadas. (GARCIA Jr., 1983, p. 16).

Portanto, não existe a separação de produção de autoconsumo e subsistência. O que existe são os desdobramentos sociais em vida da maior ou menor relação com o mercado, desdobrando-se na autonomia camponesa. Quanto mais o camponês estiver integrado ao mercado, maiores serão as vulnerabilidades em vista de sua dependência de uma instância do qual desconhece e não tem controle.

Segundo Garcia Jr. (1983), ainda, a produção para autoconsumo não pode ser tratada como inferior no conjunto da subsistência. O autor demarca na obra *Terra de Trabalho* (1983) sua interpretação sobre subsistência, afirmando o seguinte:

*Subsistência*, aqui, tenta voltar à acepção clássica, sobretudo em Marx e Ricardo, isto é, aquilo que é necessário para a reprodução física e social do trabalhador e de sua família. *Subsistência* não é, portanto, um dado abaixo do qual a subsistência física não seria possível, mas de uma categoria social que permite estabelecer que padrões e normas de reprodução que são socialmente aceitáveis; por conseguinte, um conceito que também se move de sistema para sistema e que está tão submetido às leis de um sistema determinado como qualquer outro. (GARCIA Jr., 1983, p. 16, grifo do autor).

Chayanov (1974), em *La organización de la unidade económica campesina*, faz importante caracterização sobre a produção de subsistência e autoconsumo a partir da organização familiar da produção camponesa. Embora sejam interpretações sobre o campo russo do início do século XX, são representativas no contexto atual do campesinato brasileiro. Para o autor, o balanço entre trabalho e consumo é o eixo central de suas

interpretações acerca dos elementos e da morfologia constitutiva da unidade econômica camponesa. A unidade econômica é entendida, ao mesmo tempo, como unidade de trabalho e consumo. Portanto, Chayanov correlaciona o balanço entre os sujeitos aptos ao trabalho produtivo com o conjunto de indivíduos consumidores.

Segundo Chayanov (1974), as produções de subsistência e autoconsumo estão na essência do universo camponês. Comumente a isso, as práticas e produções camponesas são mediadas pelo balanço entre os elementos de trabalho e consumo, numa relação norteada pelo equilíbrio e não pela intensa autoexploração como ocorre na agricultura capitalista de agronegócio nos dias atuais.

Wolf (1970), ao interpretar o universo camponês, considera combinação entre a produção de autoconsumo e subsistência. Segundo esse autor, o autoconsumo está norteado pelo *mínimo calórico* que, somado aos *excedentes sociais*, garante a subsistência da família camponesa.

Na compreensão de Wolf, o campesinato é uma unidade de consumo e de trabalho. Relação que permite aos camponeses produzir o necessário para abastecer a unidade familiar com alimentos para autoconsumo, garantindo assim o *mínimo calórico* necessário para desenvolver suas atividades diárias.

Nas palavras de Wolf (1970, p. 17), o mínimo calórico “pode ser definido como o consumo diário de calorias alimentares exigidas para compensar o desgaste de energia que o homem despende em seu rendimento diário de trabalho”.

No entanto, além de os camponeses produzirem os alimentos fundamentais para as unidades familiares, existe a necessidade de manter os meios de produção, ter relações sociais, como, também, transferir os excedentes sociais devido à condição de sujeitados aos grupos dominantes.

Segundo Wolf (1970), o universo camponês é norteado pela geração dos *mínimos calóricos* e, ao mesmo tempo, pela cobertura dos *fundos* (de manutenção, cerimonial e de aluguel) necessários para sua manutenção e reprodução do grupo doméstico, como também auferem parte dos rendimentos provenientes da comercialização de produtos excedentes da unidade camponesa, apropriados pelos grupos envolventes.

Assim, a partir desses autores, é possível compreender que a produção de subsistência e autoconsumo caminham juntas. Em alguns momentos ocorre maior direcionamento para a produção de autoconsumo e em outros é possível intensificar as relações com o mercado. Enquanto na agricultura camponesa a subsistência e o autoconsumo da família comandam a lógica produtiva, na agricultura capitalista o mercado se constitui no nexos fundante, o que evidencia essencial diferença entre elas.

Acrescenta-se que numa produção tipicamente capitalista a classe burguesa garante sua existência com a exploração dos trabalhadores e a extração da mais-valia, os trabalhadores garantem sua existência com a venda da força de trabalho e os proprietários de terra se reproduzem com a obtenção de renda (renda da terra). Numa produção não tipicamente capitalista, como é o caso da camponesa, a existência dessa classe está garantida pela capacidade da produção de autoconsumo e subsistência, ainda que, em momentos, tais práticas e produções possam estar sujeitadas ao mercado.

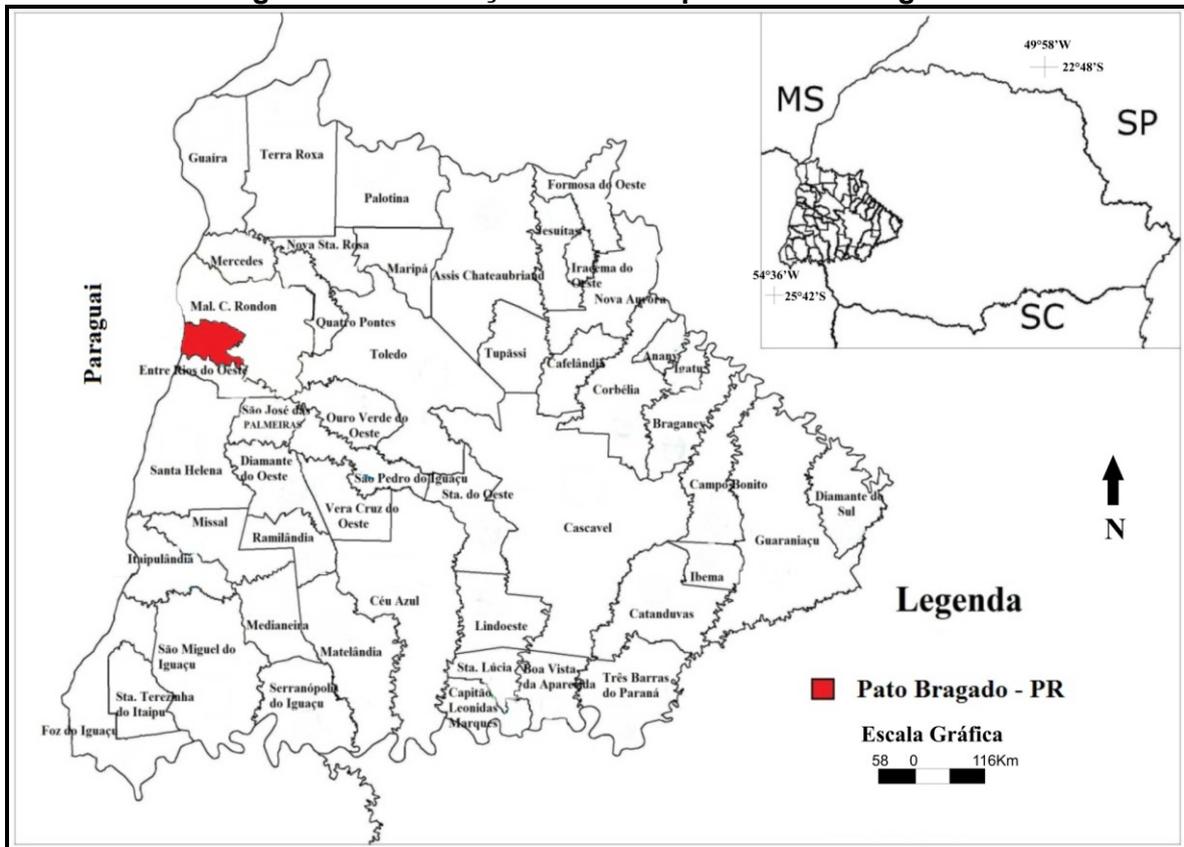
Apesar da produção de subsistência e autoconsumo serem interpretadas marginalmente tanto para reprodução do campesinato quanto nos estudos acadêmicos, é inegável a importância delas para reprodução camponesa na terra. Ainda que, contraditoriamente, a subsistência e o autoconsumo possam servir à acumulação capitalista pela subordinação, é possível visualizar negação ao sistema, pois essa produção proporciona certa autonomia e certa independência aos camponeses.

Nessa perspectiva, a subordinação da propriedade camponesa à lógica capitalista não elimina a produção de subsistência e autoconsumo, ou as colocam como superadas e/ou marginalizadas pela intensificação das relações mercadológicas no campo. A expansão do capitalismo na agricultura está promovendo transformações diversas, mas não é capaz de dominar a produção do campo a ponto de tornar tudo em mercadorias.

## O agronegócio e a produção de subsistência e autoconsumo em Pato Bragado

Existe uma forte presença da produção de subsistência e autoconsumo no município de Pato Bragado (PR), no Oeste do Paraná, área principal de abordagem desse artigo (figura 1). Pato Bragado é um município onde predomina a pequena propriedade, surgida no processo de “colonização”, que passou por intensa modernização da agricultura a partir da década de 1970.

**Figura 1 - Localização do município de Pato Bragado**



Fonte: Ipardes, 2006; Org.: Autores.

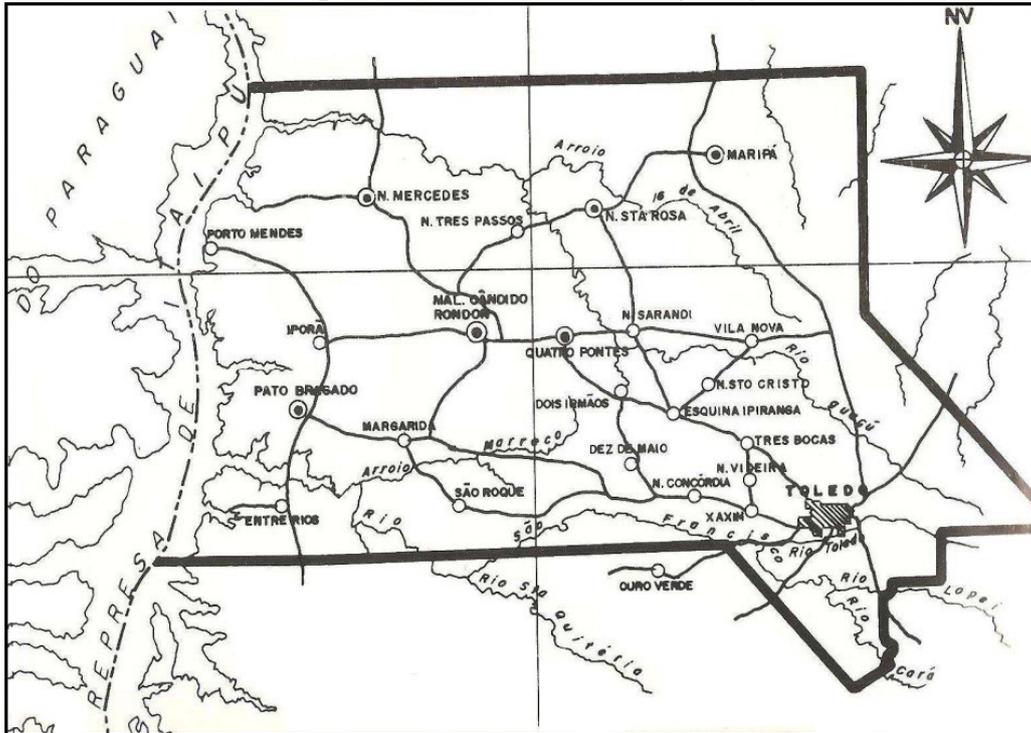
O processo de ocupação da terra em Pato Bragado foi norteado por um conjunto de interesses sociais, políticos e econômicos. A produção do espaço agrário do município, bem como do Oeste paranaense, foi realizada a partir da ação de diversos “atores”, sendo o Estado um agente fundamental na configuração e “ocupação” dessa região e município. Assim, houve uma mudança significativa da estrutura fundiária, quando as terras de um grande latifúndio, denominado de Fazenda Britânia (figura 2), foram divididas em pequenas propriedades e vendidas a partir de 1950 a pequenos agricultores originários do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, principalmente pela Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A (MARIPÁ).

Nos primeiros anos de operação na ex-Fazenda Britânia, o modelo de exploração seguido pela empresa colonizadora (Maripá) foi a exploração madeireira, isso para garantir a entrada de capitais destinados à formação da infraestrutura necessária a fim de despertar os pequenos agricultores para adquirir lotes de terra. Assim, a atividade inicial foi a extração de madeira como pinheiro, cedro, peroba, marfim, ipês entre outros.

Os novos grupamentos sociais que seriam inseridos no espaço do Oeste do Paraná foram “cuidadosamente” selecionados pelos colonizadores, quando se priorizou famílias de pequenos agricultores originários do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, como destacado anteriormente. Os critérios utilizados pela Companhia Maripá para selecionar as famílias eram os seguintes: agricultores sulistas que possuíssem conhecimento de técnicas

modernas, estivessem habituados ao clima temperado, fossem de origem germânica ou italiana e professassem a religião luterana ou católica.

**Figura 2 - Fazenda Britânia (1950)**



Fonte: Niderauer, 1992.

Assim, o formato de “colonização” implantado pela Maripá nas décadas de 1950 e 1960 proporcionou o direcionamento das atividades para a pequena agricultura. Na fase inicial da “colonização”, os agricultores produziam para subsistência com diversos cultivos, destacando-se os de milho, mandioca, feijão, arroz, leite, batata, frutas diversas e hortaliças, além da produção de espécies de animais (suínos, bovinos e ovinos).

Entretanto, a partir da década de 1970, uma nova dinâmica político-econômica redirecionou a produção agrícola em Pato Bragado, quando os cultivos de soja, milho e trigo foram fortemente incentivados no contexto da modernização da agricultura. Dessa forma, as produções para exportação foram fortemente estimuladas pelos governos militares, provocando grandes alterações no espaço agrário regional e de Pato Bragado.

A instalação de indústrias processadoras de grãos e carnes como a Sadia, atualmente denominada de Brasil Foods (BRF), e a criação de cooperativas como a Copagril (Cooperativa Agroindustrial Copagril), por exemplo, intensificaram uma relação contratual entre agricultura e indústria com a denominada “integração” ou “parceria”. Contudo, atualmente essa relação contratual entre camponeses e empresas ou cooperativas não é dominante no campo, como também as atividades com maior interação com o mercado não têm conseguido subordinar completamente os camponeses e, muito menos, eliminar as produções de subsistência e autoconsumo.

Um dos resultados da modernização da agricultura foi a migração da população do campo para a cidade com a expropriação e expulsão de pequenos agricultores. Esse processo de expropriação foi agravado com a formação do reservatório da Itaipu Binacional, que imergiu 32,8% do território de Pato Bragado em 1982.

A expansão da agricultura moderna em Pato Bragado representou também a expansão de um modelo de agricultura essencialmente comercial e de negócio, o agronegócio. No contexto de expansão das relações capitalistas no campo, essa produção passou a ser monopolizada no momento da circulação da produção, como destaca Oliveira

(2010). Nesse processo, o capital subordinou a produção agrícola e, conseqüentemente, os consumidores, por meio dos preços monopolistas.

Dessa forma, a intensificação das relações capitalistas não provocou apenas transformações nas grandes propriedades, mas também nas pequenas propriedades camponesas subordinando a produção à lógica capitalista. Contudo, as relações capitalistas hegemônicas pelo agronegócio nas pequenas propriedades não foram homogêneas e os camponeses não estão completamente subordinados aos ditames do capital.

Isso ocorre porque o modelo de produção camponês é diferente do modelo do agronegócio. Se no modelo de produção do agronegócio busca-se a acumulação pela reprodução ampliada do capital, representada pela fórmula de Marx (2008) D-M-D, no modelo do campesinato os produtos são mercadorias, mas a circulação ocorre da seguinte forma: M-D-M, a forma simples de reprodução do capital, que, no caso da subsistência camponesa, serve para garantir o abastecimento de mercadorias que não são produzidas na propriedade.

No caso específico dos camponeses de Pato Bragado, os dados indicam que a modernização/mecanização da agricultura foi mais intensa para determinados grupos de produtores, principalmente os que possuem maiores áreas de terra. O acesso às máquinas, como tratores, por exemplo, revela que esse processo foi desigual, indicando uma modernização desigual e contraditória. A modernização desigual indica também uma expansão desigual das relações capitalistas de produção no campo.

Na tabela a seguir (tabela 1) é possível constatar que 30,7% das propriedades pesquisadas não possuem trator, 53,8% têm apenas um (1) trator e 15,3% possuem mais que um (1) trator.

**Tabela 1 - Quantidade de tratores nas propriedades camponesas pesquisadas - Pato Bragado**

Classe/área	Propriedades (%)	Não possui trator (%)	Possui um trator (%)	Possui mais de um trator (%)
Até 4 alqueires	30,7	7,6	23,0	0
4 a 7 alqueires	30,7	15,3	15,3	0
7 a 10 alqueires	38,6	7,6	15,3	15,3
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>30,76</b>	<b>53,8</b>	<b>15,3</b>

Fonte: Trabalho de campo, 2012.

Os dados da tabela 1 indicam que a modernização da agricultura no município ocorreu de forma parcial, pois uma parte significativa não possui tratores. Não tendo tratores para realizar as atividades que necessitam, os camponeses contratam serviços de vizinhos que possuem máquinas e implementos. Porém, o dispêndio financeiro para contratar os serviços de hora/máquina é relativamente alto, pois o valor da hora/máquina em média está estipulado em 70 litros de óleo diesel, o que equivale a aproximadamente R\$ 140,00<sup>1</sup>.

A condição desfavorável em relação aos custos na contratação de máquinas de particulares é combatida com políticas públicas locais, entendidas enquanto estratégias de permanência dos camponeses na terra de trabalho. O que norteia as estratégias do município de Pato Bragado é o programa chamado “patrulhas rurais”, que visa à aquisição de tratores, plantadeiras e forrageiras, enfim, máquinas e implementos agrícolas para os camponeses do município. Os recursos para o programa são provenientes, principalmente, dos royalties<sup>2</sup> da Itaipu Binacional.

Estas máquinas e equipamentos são destinados (sem custo financeiro) às associações de moradores do meio rural. Dessa forma, os camponeses se organizam coletivamente e têm reduzidos os custos de hora/máquina em mais de 50%, pois a finalidade no uso destas máquinas não é o lucro, mas a garantia na cobertura dos custos de

<sup>1</sup> Valores referenciais para o litro de óleo diesel no ano de 2012.

<sup>2</sup> Valor repassado em dólares aos municípios atingidos pela formação do reservatório de Itaipu, respectivo ao montante de área alagada (Km<sup>2</sup>).

manutenção das referidas máquinas, somando-se enquanto estratégia de permanência dos camponeses na propriedade.

As associações de moradores ficam responsáveis pela administração das máquinas. Para isso, organiza-se uma diretoria que define em reuniões a melhor forma de administrar os equipamentos pertencentes à “patrulha”. São escolhidos dois associados para operar o trator e os implementos e realizar a manutenção quando necessária. O custo da hora/máquina aos associados é de 30 litros de óleo diesel (aproximadamente R\$ 60,00). Os operadores das máquinas recebem 5 litros de óleo diesel por hora trabalhada no final de cada safra (cerca de R\$ 10,00).

Outro indicativo da modernização e expansão desigual das relações capitalistas no campo é a presença do trabalho familiar. Verificou-se que 100% das famílias não utilizam trabalho assalariado nas atividades produtivas na propriedade, exceto em momentos esporádicos para auxiliar nas atividades que demandam maior força de trabalho. Esses dados contrariam as interpretações de Silva (1996), as quais afirmam que o processo de modernização da agricultura brasileira levaria à ampla proletarização dos camponeses.

As possibilidades de recriação camponesa, embora estejam subordinadas em parte ao capital, negam também as interpretações teóricas de Lênin (1985) e Kautsky (1986), que afirmavam que a expansão das relações capitalistas no campo levaria ao desaparecimento dos camponeses.

Outra interpretação teórica não sustentada empiricamente é de Graziano Neto (1994). Sua tese indica que a alternativa de permanência dos camponeses no campo brasileiro seria com a integração total à indústria, fato que também não se comprova no campo.

Embora não seja atividade dominante, existem formas de produção no campo do município que possuem forte relação com a indústria, sobretudo àquelas que subordinam desigual e contraditoriamente a propriedade e o trabalho familiar camponês ao mercado.

Oliveira (2001) entende que a expansão das relações capitalistas no campo ocorre desigual e contraditoriamente, pois as relações tipicamente capitalistas se nutrem das formas não-capitalistas para a produção do capital. Desse modo, na agricultura, em momentos o capital controla a circulação subordinando a produção, noutros se instala na produção.

Como consequência desse movimento contraditório, temos o monopólio do capital ora na produção, ora na circulação. Esse processo contraditório de desenvolvimento da agricultura ocorre nas formas articuladas pelos próprios capitalistas, que se utilizam de relações de trabalho familiares para não terem que investir, na contratação de mão de obra assalariada, uma parte do seu capital. Ao mesmo tempo, utilizando-se dessa relação sem remunerá-la, recebem uma parte do fruto do trabalho dos camponeses proprietários, parceiros, rendeiros ou posseiros, convertendo-o em mercadoria e, ao vendê-la, em dinheiro. Assim, transformam, realizam a metamorfose da renda da terra em capital. Esse processo nada mais é do que o processo de produção do capital, que se faz por meio de relações não-capitalistas. (OLIVEIRA, 2001, p. 80).

Dessa forma, o capital não expande suas relações de trabalho assalariado, forma típica de reprodução contemporânea do capitalismo por todos os lugares, destruindo, assim, de forma total e absoluta qualquer forma de trabalho não-capitalista (camponês). O que de fato ocorre nessa relação é que o capital (re) cria formas de trabalho camponês, ampliando a reprodução dele próprio. Acrescenta-se ainda que a manutenção das famílias deve-se à necessidade de força de trabalho e renda da terra extraída da família camponesa pelas indústrias, ou agroindústrias, que as utiliza para ampliação do seu capital.

Esse processo ocorre em Pato Bragado com a “integração” dos camponeses às indústrias processadoras como a Copagri, sobretudo na produção de aves e suínos, indicando aquilo que Oliveira (2001) denomina de monopólio do território pelo capital. A monopolização do território realiza-se pela necessidade de “dominação” pelo capital da terra

do camponês, levando à subordinação da agricultura camponesa por meio do “domínio” da unidade produtiva sem a necessidade de expropriar o camponês. Na suinocultura e avicultura a renda da terra é subordinada ao capital pelo contrato firmado entre o camponês, a indústria e o capital financeiro.

Nesse caso, quando submete o camponês aos seus ditames, está sujeitando a renda da terra ao capital. Está convertendo o trabalho excedente do camponês e sua família em renda capitalizada. Está-se apropriando da renda sem ser o proprietário da terra. Está produzindo o capital pela via não especificamente capitalista. (OLIVEIRA, 1990, p. 53).

A intensificação do processo de monopolização do território pelos complexos agroindustriais (CAIs) tem subordinado parte da produção de subsistência e direcionado a produção camponesa ao mercado. Também tem tirado parte da autonomia das famílias, impactando diretamente na produção de autoconsumo. A monopolização do território foi a forma que o capital utilizou para continuar a reprodução sem a necessidade de dispêndio de dinheiro (capital) para aquisição de terra e meios de produção, como, por exemplo, aviários e chiqueirões. Neste caso, os investimentos são obrigatoriamente feitos pelo produtor familiar camponês e parte de sua renda é “automaticamente” sujeitada ao capital.

Entretanto, o modelo de produção integrada nas propriedades camponesas não ocorre de forma homogênea. Conforme a tabela a seguir (tabela 2), verifica-se que 61,5% dos camponeses do município não estão integrados às “agroindústrias” processadoras de carnes (suínos e aves) na região.

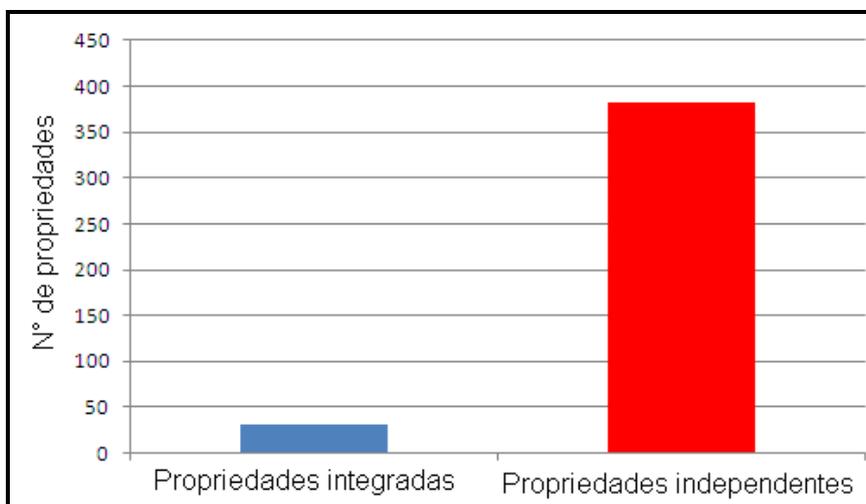
**Tabela 2 – Avicultores integrados e não-integrados às indústrias de aves e suínos - Pato Bragado**

Cooperativas/empresas	%
Avicultores integrados à Copagril	15,4
Suinocultores integrados à Copagril	15,4
Avicultores/suinocultores integrados a outras empresas	7,7
Camponeses não-integrados	61,5
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Trabalho de campo, 2012.

No gráfico 1 a seguir é possível verificar a diferença existente no número de camponeses integrados e não-integrados (independentes) à produção de aves e suínos em Pato Bragado.

**Gráfico 1 – Camponeses integrados e não-integrados às indústrias de carnes - Pato Bragado**



Fonte: EMATER, escritório local de Pato Bragado, 2012.

Observou-se que as propriedades camponesas que possuem o sistema de integração com as “agroindústrias” processadoras de aves e suínos perdem parte da autonomia a partir do contrato que é firmado entre indústria e camponês. Nesses casos, as indústrias de processamento “proíbem” a produção de aves caipiras, caso o camponês seja avicultor, e se for produtor de suínos, não pode criar porcos comuns.

Entretanto, as condições impostas pelas indústrias de processamento de carne suína e de aves na prática não são tão rígidas como está no contrato. Alguns camponeses encontram formas de continuar a produção de aves caipiras e porcos comuns, “driblando” as normas das indústrias e negando a condição tipicamente capitalista, ou seja, quando normas e regras do capital se apresentam como novos ditames nas propriedades camponesas.

Contudo, mesmo os camponeses que trabalham no sistema de integração na produção de aves e suínos não ficam desprovidos da alimentação de carnes no dia a dia. Eles podem utilizar-se da produção comercial inserida no sistema de “integração” tanto de aves quanto de suínos para alimentação, estando condicionados a não receberem das cooperativas ou empresas o valor dos animais que foram abatidos para consumo. Isto representa também estratégia de eliminar a compra de carnes no mercado, reduzindo, assim, os custos da alimentação da família, haja vista que a produção direta na propriedade é bem menos dispendiosa que a compra no açougue. Portanto, os avicultores “integrados” às agroindústrias, que mantêm uma produção essencialmente comercial voltada para mercados nacionais e estrangeiros, não eliminaram a produção de subsistência e autoconsumo.

Se na produção essencialmente comercial e “integrada” às empresas capitalistas e cooperativas existe a prática da criação e cultivos de subsistência e autoconsumo, na produção não-integrada tal prática é ainda mais intensa. Embora a produção de subsistência e autoconsumo não estejam dissociadas da lógica capitalista, existe uma importante produção de verduras, legumes, temperos, como também de carnes, ovos, leite, mandioca, dentre outros, destinada ao consumo e à subsistência das famílias.

**Quadro 1 - Cultivos e criação de subsistência e autoconsumo - Pato Bragado**

<b>Produtos</b>	<b>Camponeses (%)</b>
Bovinos	100
Ovos	100
Mandioca	100
Alface	100
Suínos	92
Aves	92
Leite	92
Cebolinha	92
Beterraba	61
Cebola	54
Couve-Flor	38
Alho	31
Couve	31
Manjerona	31
Louro	31
Brócolis	23
Rúcula	23
Pimentão	15

**Fonte:** Trabalho de campo, 2012.

Juntamente com o cultivo de gêneros alimentícios na horta, outras produções de subsistência e autoconsumo são realizadas. A produção de carne está presente em todas as unidades camponesas. Isso deixa evidente a importância dessas produções para permanência dos camponeses na terra.

Na foto 1 é apresentada a criação de porco comum, prática que tem dupla finalidade, pois serve para abastecimento de carne e banha às famílias camponesas. É significativa a produção de outros gêneros alimentícios, como ovos, mandioca e alface, que estão presentes em 100% das propriedades. Em 92% dos lotes verifica-se a produção de leite e cebolinha. Algumas produções realizadas na horta são tratadas pelas famílias como secundárias, mas não significa que sejam menos importantes para a existência das dessas famílias.

**Foto 1 – Criação de porcos para subsistência e autoconsumo – Pato Bragado**



**Fonte:** Arquivo dos autores.

Outra produção de subsistência e autoconsumo importante para os camponeses é o leite. A produção leiteira é uma das mais importantes fontes de renda dos camponeses. A maior parte desta produção é direcionada ao mercado e outra parte serve para o autoconsumo da família.

A tabela a seguir (tabela 3) resume as principais produções e cultivos que possuem maior relação com o mercado. Mas, mesmo assim, sua finalidade é dupla - o autoconsumo e a comercialização, exceto nas produções de arroz, feijão e as relacionadas ao pomar e à horta, destinadas apenas ao autoconsumo familiar.

**Tabela 3 – Produção com dupla finalidade (subsistência/autoconsumo)**

Produtos	Propriedades (%)	Relação Comercial/Consumo
Milho	100%	Comercial/Consumo
Soja	84%	Comercial
Mandioca	100%	Comercial/Consumo
Leite	92%	Comercial/Consumo
Feijão	31%	Consumo
Arroz	8%	Consumo

**Fonte:** Trabalho de campo, 2012.

A partir da década de 1980, houve importante produção leiteira em Pato Bragado, estimulada pela implantação de empresas e cooperativas do setor lácteo na região Oeste do Paraná. A partir desse momento, o leite tornou-se uma importante fonte de renda aos camponeses bragadenses. Além de ser responsável por grande parte da renda dos pequenos agricultores de Pato Bragado, esta produção representou maior autonomia em relação ao modelo de integração das unidades camponesas (aves e suínos).

O grande desenvolvimento da atividade leiteira nos últimos 30 anos no município é oriundo da necessidade de diversificação das produções nas propriedades. Apenas a produção de grãos não permitia a reprodução da família no campo em pequenas propriedades, porque estes produtos estão dependentes dos desequilíbrios do mercado e são mais suscetíveis às intempéries climáticas. Outro fator que é considerado importante na produção de leite pelos camponeses é a geração de renda mensal.

Portz (2010) aponta a maior autonomia que a atividade leiteira proporciona aos camponeses, se comparado com a produção de grãos ou carne.

No caso do leite, [...] esta atividade facilita caminhos alternativos e os produtores conseguem certa autonomia e independência. Os produtores de leite encontram caminhos alternativos e muitos não seguem a recomendação de investimentos e uso de tecnologias das empresas capitalistas. Esta desobediência de certas recomendações das empresas capitalistas se constitui num caminho trilhado pelos pequenos produtores para se manter no campo (p. 40).

Uma forma de minimizar os custos da produção leiteira é a utilização dos dejetos suínos e bovinos para adubação das pastagens e algumas áreas cultivadas com milho, reduzindo a compra de adubos químicos no mercado. Essa produção de fertilizantes a partir dos dejetos de animais se desdobra no incremento dos rendimentos da produção final, ou seja, maior disponibilidade de alimento ao rebanho proporciona aumento na produção de modo geral.

Com essa estratégia, os camponeses produtores de leite conseguem diminuir a subordinação das propriedades ao capital industrial, comercial e financeiro. Outro fator importante da produção leiteira é a maior autonomia na produção. Diferentemente dos modelos de integração com as indústrias de aves e suínos, a relação que os camponeses possuem com as indústrias processadoras do leite não é contratual. No momento que o camponês verificar que a comercialização do leite com certa empresa não é satisfatória, simplesmente ele poderá vender seu produto à outra empresa.

Para fomentar a produção de leite, a prefeitura municipal fornece vários subsídios financeiros aos camponeses para aquisição de insumos agrícolas (calcário, cama de aviário, sêmen bovino, sementes de pastagem dentre outros) (quadro 2). Também são destinados recursos para a compra de máquinas e equipamentos agropecuários. A alocação destes recursos para as produções camponesas do município é possível graças ao recebimento de royalties pagos pela Itaipu Binacional, como compensação pelo alagamento de parte do território de Pato Bragado com a formação do reservatório da hidrelétrica.

**Quadro 2 – Subsídios públicos municipais aos agricultores de Pato Bragado**

<b>Produtos subsidiados</b>	<b>Quantidade/Valores</b>
Semente de aveia	Limite de 450 Kg/agricultor a cada 2 anos, valor de R\$ 0,42 / Kg de semente.
Inseminação artificial	O município adquire o sêmen e através de um funcionário realiza a inseminação de todas as matrizes leiteiras das propriedades camponesas (sem custos ao camponês).
Resfriador de leite	50% do valor do resfriador - subsídio limitado em R\$ 3.000,00.
Ordenhadeira	50% valor da ordenhadeira, subsídio limitado em R\$ 1.100,00.
Calcário	Limite de 50 ton./ agricultor a cada 3 anos, valor de R\$ 60,00 / ton. para agricultores com até 6 alqueires, e R\$ 30,00 / ton. para agricultores com mais de 6 alqueires.
Cama de aviário	Limite de 10 ton. / agricultor a cada 3 anos, valor R\$ 50,00 para produtores com até 4 alqueires e R\$ 35,00 para produtores com mais de 4 alqueires.
Subsolagem de solo	4 horas/máquina por agricultor/ano.

**Fonte:** EMATER, escritório local de Pato Bragado, 2012.

Além dos subsídios financeiros destinados às produções camponesas de Pato Bragado, existem outras políticas assistenciais. Destacam-se as seguintes: empréstimos de implementos agrícolas (como roçadeira, perfurador de solo, misturador de esterco, plantadeira de mandioca dentre outros), que o camponês utiliza conforme a necessidade.

Os subsídios destinados ao desenvolvimento das propriedades agrícolas de Pato Bragado permitem fazer algumas considerações. Interpretando pela lógica da manutenção e fortalecimento da produção camponesa, tais incentivos em dinheiro e/ou em produtos proporcionam melhorias nas condições de subsistência dos camponeses no campo, embora tenham proporcionado à sujeição da propriedade camponesa ao capital.

Outra produção que garante a subsistência e autoconsumo das famílias camponesas de Pato Bragado é a mandioca. Além de ser alimento importante na mesa dos camponeses, também é fonte de renda pela venda das raízes às fecculárias da região. Contudo, apenas 8% das famílias produzem mandioca destinada ao mercado, sendo o restante (92%) para alimentação humana e animal.

A mandioca sempre foi uma cultura importante para reprodução camponesa em Pato Bragado. No início da ocupação do município, sua produção destinava-se para o autoconsumo e também como alimento aos animais. Com a instalação de fábricas processadoras de mandioca na região, surgiu a possibilidade de comercialização do produto.

No entanto, o grande impulso à mandiocultura foi a partir de meados da década de 1990, quando se instalou uma fecculária em Pato Bragado e, aliado aos incentivos públicos locais, intensificou-se o cultivo desse tubérculo. Mas, a indústria fechou em 2007, levando ao abandono da produção de mandioca para o comércio pela grande maioria dos camponeses do município.

A produção de milho tem grande importância para as famílias camponesas, pois é característica fonte de renda pela comercialização direta do grão com as cooperativas e cerealistas da região ou indireta em outras atividades produtivas. Portanto, além da venda direta do produto ao comércio, a sua produção serve de matéria-prima na produção de rações e forragens para a alimentação de bovinos (produção leiteira e corte) e a criação de suínos para comercialização e também o consumo de carnes pela família. Isso proporciona um barateamento dos custos de produção nas atividades que se realizam nas propriedades. Portanto, o milho é uma importante cultura destinada à subsistência e ao autoconsumo.

O milho é cultivado em duas safras anuais. Parte da produção desse cereal é direcionada à alimentação dos animais nas propriedades camponesas. Outra parte é comercializada às cooperativas e empresas cerealistas da região, o que contribui com o aumento da renda das famílias.

Ao contrário da expansão do cultivo do milho, principalmente, na segunda safra, a produção da cultura do trigo está praticamente eliminada. Este cereal já foi muito cultivado em Pato Bragado durante as décadas de 1970 e 1980. Existe um conjunto de fatores que provocou este processo decadente, destacando-se o fim dos subsídios dos governos militares no decorrer da década de 1980, o fim da garantia de preços do governo, as frustrações de safras (geadas) e, principalmente, os direcionamentos que as agroindústrias de carnes promoveram nas últimas décadas na região, impulsionando a substituição da cultura do trigo pelo milho, matéria-prima fundamental na fabricação de rações.

A produção de soja tem presença marcante nas propriedades camponesas de Pato Bragado. A oleaginosa entra na produção camponesa como forma de diversificá-la e também permitir a realização de rotação de culturas e obtenção de renda. Possui grande destaque nos momentos em que as cotações internacionais são muito favoráveis. Neste cenário, os camponeses utilizam grande parte da propriedade para seu cultivo, deixando de lado a cultura do milho.

O elemento condicionante que dificulta o cultivo de soja pelos camponeses é o tamanho da propriedade. Nesse caso, os camponeses utilizam grande parte da área para a produção leiteira, que garante maior estabilidade financeira e maior independência.

Embora algumas produções e cultivos apresentados estejam inseridos na lógica da agricultura capitalista - do agronegócio, tais práticas e produções são contraditórias e

desiguais no universo camponês. Portanto, em meio a estas contradições produtivas tipicamente capitalistas, em momentos tais produções se elevam enquanto estratégias norteadas pela subsistência, o que contribui para a existência e a reprodução da família camponesa na terra.

A produção de frutas nas propriedades camponesas entra como alternativa para garantir a permanência no campo e a reprodução da família no lote. Por mais que a expansão das relações capitalistas tenha proporcionado uma nova dinâmica de produção no campo de Pato Bragado, pressionando até mesmo o cultivo de frutas nas pequenas propriedades, os dados levantados junto aos camponeses (quadro 3) permitem apontar a importância do cultivo de frutas para o autoconsumo nas pequenas propriedades.

**Quadro 3 - Produção de frutas para autoconsumo**

<b>Espécies de frutas</b>	<b>Presença nas propriedades camponesas (%)</b>
Bergamota	85
Laranja	
Pêssego	
Uva	77
Goiaba	62
Ameixa	
Jabuticaba	54
Caqui	
Banana	
Acerola	
Manga	46
Limão	
Mamão	38
Araticum	31
Pitanga	
Figo	23
Pera	
Maracujá	
Maçã	15
Guabiroba	
Seriguela	
Abacate	8
Ingá	
Lima	
Abacaxi	

**Fonte:** Trabalho de campo, 2012.

O cultivo de fruteiras nas propriedades camponesas é fundamental para reduzir a compra destes gêneros no mercado. De acordo com os camponeses, a produção de frutas em todas as propriedades se remete ao consumo próprio, não existindo a comercialização de produtos do gênero externo à propriedade. A maior parte das frutas é consumida *in natura*; o restante é destinado à produção de doces, geleias e sucos. Portanto, os camponeses não estão ausentes da compra de certas frutas para o consumo da família, pois não é possível produzir determinadas espécies durante o ano inteiro.

Embora haja grande diversidade de espécies de fruteiras cultivadas nas propriedades, percebe-se que parte das famílias produzem mais espécies de frutas e outras menos. A ausência de cultivos de determinadas fruteiras está relacionada às características microclimáticas das propriedades localizadas nos fundos de vale, ou seja, frutas tropicais (manga, mamão, maracujá, abacaxi dentre outras) são severamente castigadas com geadas nos dias mais frios do ano.

A produção de frutas para subsistência e autoconsumo, assim como outras produções abordadas anteriormente, evidencia que a expansão das relações capitalistas no campo, no caso de Pato Bragado, não ocorre homogeneizando os espaços. Há a manutenção de produções e práticas camponesas no contexto de expansão das relações

capitalistas. Se de um lado são verificadas maiores relações entre camponeses, indústria e sistema financeiro, o que tem levado ao aumento da subordinação da propriedade ao capital, de outro verifica-se uma produção que não é toda controlada pelo capital, como é o caso do autoconsumo e subsistência. Assim, a produção de subsistência e autoconsumo é realizada pelo trabalho familiar, o que expressa a presença de relações não-capitalistas na agricultura “moderna”.

### Considerações finais

Constatou-se que o modo de produção capitalista na agricultura, na sua face mais moderna representada pelo agronegócio, não consegue dominar todos os espaços. A diversidade de produtos, práticas e relações não-capitalistas que estão presentes no campo indicam um processo desigual e contraditório de expansão das relações capitalistas de produção. Nesse processo desigual e contraditório da expansão das relações capitalistas no campo emerge a produção de subsistência e autoconsumo.

As estratégias camponesas como a produção de subsistência e autoconsumo não negam por completo a lógica da produção capitalista. Como os camponeses são sujeitos criados e recriados no contexto de expansão do capitalismo na agricultura, em momentos as práticas camponesas estão articuladas com as relações capitalistas, noutros estão à paralela e à margem contraditória, o que lhes garante sua existência no campo.

Dessa forma, verifica-se uma relação contraditória no modo de produção capitalista, pois ora os camponeses produzem mercadorias, ora produzem gêneros de subsistência, o que lhes garante sua existência num contexto adverso, no caso, no contexto de expansão do agronegócio.

### Referências

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Tradução de Rosa Maria Rússovich. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, [1925] 1974.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Recomendações técnicas para a produção, abate, processamento e comercialização de frangos de corte coloniais**. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Ave/SistemaProducaoFrangos corte Coloniais/glossario.htm>> consulta dia 05 de outubro de 2012.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

GARCIA JR, A. R. **Terra de Trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GRAZINO NETO, F. **Recolocando a questão agrária. Plano de reforma agrária como fruto de uma análise equivocada**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

HEREDIA, B. M. A. de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Rio de Janeiro. Sistema de Recuperação Eletrônica (SIDRA). 2006. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Curitiba. Base de Dados, 2006. Disponível em:

<[http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg\\_conteudo=1&cod\\_conteudo=25](http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=25)>. Acesso em 06 mai. 2012.

INSTITUTO PARANAENSE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. Pato Bragado, 2012.

KAUTSKY, K. **A questão agrária**. Tradução de Otto Erich Walter Maas. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

LÊNIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LIMA, I. V. **Produção de subsistência/autoconsumo e resistência camponesa no Assentamento Pedro Ramalho em Mundo Novo (MS)**. 2010. 146f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Francisco Beltrão.

MARTINS, J. S. **O cativo da terra**. 9. ed. revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2010.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: livro I; tradução de Reginaldo Santa'Anna. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NIEDERAUER, O. H. **Toledo no Paraná**: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso. Toledo: Grafo-set, 1992.

OLIVEIRA, A. U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Editora Ática. 1990.

\_\_\_\_\_. Agricultura e indústria no Brasil. **Campo-Território**: revista de geografia agrária, v. 5, n.10, pp. 5-64, ago. 2010.

\_\_\_\_\_. A Geografia Agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. A. (org). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto. 2001.

PORTZ, G. P. **A atividade leiteira na pequena propriedade no município de Entre Rios do Oeste (PR)**. 2010. 30f (Monografia em Geografia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Marechal Cândido Rondon.

PRADO JR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasilienses, 1979.

SANTOS, J. V. T. dos. **Colonos do Vinho**. Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, J. G. da. **Estrutura agrária de subsistência na agricultura brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

\_\_\_\_\_. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas, São Paulo: UNICAMP. IE, 1996.

WACHOWICZ, R. C. **Obrageiros, mensus e colonos**: histórias do Oeste paranaense. 2. ed. Curitiba: Vicentina, 1987.

WOLF, E. **Sociedades camponesas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

ZAAR, M. H. **A produção do espaço agrário da colonização à modernização agrícola e formação do lago de Itaipu**. Cascavel: Edunioeste, 1999.

Recebido para publicação em 05 de abril de 2014

Devolvido para revisão em 08 de julho de 2014

Aceito para publicação em 06 de setembro de 2014

# **Reforma agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa<sup>1</sup>**

**Mariele de Oliveira Silva**

Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)  
e-mail: mosgeolice@gmail.com

**Rosemeire Aparecida de Almeida**

Professora Doutora em Geografia  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas  
e-mail: rosemeire.almeida@ufms.br

## **Resumo**

A área rural matogrossense e sul-mato-grossense mantém-se historicamente concentrada, são os conhecidos latifúndios da pecuária e, atualmente, das atividades monocultoras da soja, cana-de-açúcar e eucalipto. Esta situação criou, e cria, dificuldades de acesso à terra por parte dos camponeses. Portanto, objetivamos-se analisar as condições de reprodução camponesa nos projetos de assentamento Corixinha/MT e São Joaquim/MS - uma vez que estes se encontram mais diretamente influenciados pela expansão territorial do agronegócio. Logo, buscar-se-á desvendar se as formas encontradas pelos assentados para continuar na terra, apontam para a subordinação e/ou para a emancipação. A metodologia adotada baseia-se na revisão de obras que tratam em especial da Reforma Agrária; levantamento de dados junto aos órgãos públicos; e entrevista com as famílias dos projetos de assentamento, com o intuito de averiguar os desdobramentos tanto das políticas públicas como do cerco do monocultivo. Em suma, o pressuposto é considerar tanto as formas de subordinação quanto as de resistência como parte das estratégias de flexibilidade da classe camponesa para continuar se reproduzindo no campo.

**Palavras-chave:** Corixinha/MT e São Joaquim/MS; Reforma Agrária; agronegócio; integração ao capital; resistência camponesa.

## **Resumen**

### **Reforma agraria en las ciudades de Cáceres/MT y Selvíria/MS: agronegocio, subordinación y emancipación camponesa**

El área rural matogrossense y sul matogrossense son conocidas por sus gran haciendas de ganado concentrados históricamente, actualmente, las monoculturales son las actividades de la agricultura de soja, caña de azúcar y eucalipto. Tal situación ha creado y crea dificultades en el acceso a la tierra por los campesinos. Por lo tanto, el objetivo es analizar las condiciones de reproducción campesina en proyectos de asentamientos Corixinha/MT y São Joaquim/MS - puesto que éstos están más directamente influenciados por la expansión territorial del agronegocio. Pronto, habéis buscado a desvelar las formas que encontramos por los colonos para continuar en la tierra apuntan, para la subordinación y/o para la emancipación. La metodología se basa en la revisión de los trabajos de tratamiento especial

<sup>1</sup> Esta reflexão é parte da pesquisa de Mestrado "A (re)criação do campesinato em Cáceres/MT e no contexto de expansão territorial do agronegócio em Três Lagoas e Selvíria em Mato Grosso do Sul". Está inserida no projeto da Rede Pro Centro Oeste, intitulado: "Questão Agrária e Transformações Socioterritoriais nas microrregiões do Alto Pantanal e Tangará da Serra/MT na última década censitária", integrado a Rede de Estudos sociais, ambientais e de tecnologias para o sistema produtivo na região sudoeste de Mato Grosso (ASA). Com o apoio do MCT/CNPq e do FNDCT.

de la reforma de la tierra; datos de la encuesta con organismos gubernamentales; y entrevista con las familias de los proyectos del establecimiento, con el fin de preceptuar políticas públicas y de los dos acontecimientos como recinto del agronegocio. En Resumen, el supuesto es considerar las formas de subordinación y las de reluctancia como parte de las estrategias de flexibilidad de la clase campesina para seguir reproduciendo en el campo.

**Palabras clave:** Corixinha/MT y São Joaquim/MS; reforma agraria; agronegocio; integración al capital; resistencia campesina.

### Abstract

#### **Agrarian reform in the cities of Cáceres/MT and Selvíria/MS: agribusiness, subordination and peasant emancipation**

The rural area Matogrossense e sul-mato-grossense remains historically concentrated, are the well-known estates of livestock and, currently, monocultural forms of agriculture activities of soybeans, sugar cane and eucalyptus. This situation has created, and creates, difficulties in access to land by the peasants. This situation has created, and creates, difficulties in access to land by the peasants. In this way, the goal is to analyze the conditions of peasant reproduction in the settlements in the municipalities of Cáceres/MT and Selvíria/MS, with a particular look for the projects Corixinha/MT and São Joaquim/MS-since these are more directly influenced by the territorial expansion of agribusiness. Soon, fetch will unravel if the shapes found by the settlers to stay on Earth point to the subordination and emancipation. The methodology is based on review of works treating especially of Agrarian Reform; survey data with government agencies; and interview with the families of settlement projects, in order to determine public policies both developments as Mono enclosure of agribusiness. In short, the assumption is to consider both the tying and the forms of resistance as part of the strategies of flexibility of the peasant class to continue reproducing in the field.

**Keywords:** Corixinha/MT and São Joaquim/MS; land reform; agribusiness; integration to the capital; peasant resistance.

### Introdução

O acesso à terra, para os camponeses matogrossenses e sul-mato-grossenses, por meio do programa de Reforma Agrária é cada vez mais árduo, isto porque, a área rural nestes estados continua concentrada pelo binômio boi-soja e, atualmente, pela cana-de-açúcar e eucalipto. Conseqüentemente, nesta esteira de “progresso” da agricultura capitalista, propalada pela ideologia do desenvolvimento, os pobres ficam mais distantes da superação das desigualdades via divisão das terras, principalmente para aqueles que dependem disso para garantir a sobrevivência de sua família.

A situação evidencia o insucesso da política agrária, (leia-se o Plano Nacional de Reforma Agrária), na realização da desconcentração fundiária no país, como no combate da grilagem, pois cerca de 170 milhões de hectares do solo nacional, encontram-se indevidamente apropriados (OLIVEIRA, 2003). Conforme o autor, estes grilos estão concentradas em todas as regiões, por exemplo, temos 9 milhões no Mato Grosso e 5,3 milhões de hectares em Mato Grosso do Sul.

Entendendo a Reforma Agrária como caminho para a democratização da terra e distribuição de renda no país, analisaremos a seguir a territorialização tanto da luta pela terra como do capital nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS.

Para a realização da pesquisa escolhemos as famílias de dois projetos de assentamentos: Corixinha e São Joaquim, por já fazerem parte de nossas pesquisas, resultado da participação no Grupo de Estudos Terra-Território/GETT, e da Bolsa de

Iniciação Científica no ano de 2011 pelo projeto da Rede Pro-Centro-Oeste: “Questão Agrária e Transformações Socioterritoriais nas microrregiões do Alto Pantanal e Tangará da Serra/MT na última década censitária”, com apoio do MCT/CNPq/FNDCT e CAPES.

A pesquisa teve como alicerce a revisão bibliográfica de obras que tratam da questão agrária, em especial da Reforma Agrária, bem como o levantamento de dados junto aos órgãos públicos (Prefeitura municipal, IBGE, Universidades, INCRA, IPEA, CPT, FASE entre outros), entrevistas com os assentados do projeto de assentamento, com o intuito de apreendermos os possíveis obstáculos, ocasionados pelo cercamento da plantação de Teca e eucalipto, decorrente das atividades de arrendamento e venda de grandes propriedades próximas ao chão de conquista.

Diante da expansão do capital, seja pela monopolização do território ou pela territorialização, ambos os projetos de Assentamento encontram-se cercados pelas atividades monocultoras de empresas agroindustriais. O assentamento Corixinha, com o monocultivo da Teca e, o São Joaquim, pelo complexo do Eucalipto/Celulose/Papel, ambos defendidos pelas elites locais como promotor do desenvolvimento e de progresso. Discurso e prática reveladores das dificuldades que Reforma Agrária brasileira têm enfrentado na atualidade, talvez, sua maior crise, tanto no tocante as famílias que lutam para entrar na terra, como essas de nossa pesquisa, que lutam para permanecer na terra, em meio ao avanço territorial do agronegócio.

Em suma, desejamos entender quais os processos que estes sujeitos criam para se manterem na terra e, se estes caminhos apontam para a subalternidade (integração camponesa ao capital) ou para a emancipação (resistência camponesa ao capital).

## Uma Geografia da Terra Cativa...

A concentração fundiária é muito presente nos estados brasileiros, e agravou-se com a aliança terra-capital realizada entre fazendeiros e empresários capitalistas. Os primeiros pareciam uma barreira para a expansão das atividades monocultoras, ou seja, um empecilho para a modernização da agricultura, pois tinham sobre o seu poder inúmeros latifúndios, concentrados para a especulação imobiliária.

Porém, as atividades monocultoras, foram facilmente acolhidas pela elite agrária dominante. Com a visível oportunidade de acumular capital por meio do arrendamento e, até mesmo, a venda de suas propriedades, os pecuaristas latifundiários mato-grossenses e sul-mato-grossenses acabaram formando uma aliança com os empresários capitalistas, abrindo as portas para o desenvolvimento dessas atividades no campo.

Para Haesbaert (2011), a apropriação privada e a concentração fundiária da terra revelam as formas ou maneiras como o modo de produção capitalista domina o território, impedindo as classes subalternas de terem o acesso a terra. Por outro lado, "desterritorializam" os modos de produção preexistentes para reterritorializar conforme sua própria dinâmica. O autor revela ainda que:

[...] A expropriação do campesinato, transformado em trabalhador "livre" em meio a fenômenos como a apropriação privada da terra e a concentração fundiária, e, no outro extremo da pirâmide social a velocidade com que os estratos mais privilegiados da burguesia destroem e reconstróem o espaço social, sob o famoso dito de que "tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado", seriam as referências mais marcantes do movimento de desreterritorialização capitalista. (HAESBAERT, 2011, p. 174-175).

Destarte, presenciamos nos Estados estudados, a concentração de terra, controlada pelos latifundiários da pecuária, e pelos empresários capitalistas, formando uma aliança Terra-capital, onde mudam as formas de uso da terra, sem mudar a concentração fundiária existente. Como visto, nessa nova reestruturação no campo, a produção é mais

homogênea, focada nas atividades monocultoras, em especial da soja, cana de açúcar, mais recentemente monocultivo do eucalipto.

Acreditamos que apropriação privada da terra por meio dessa aliança, seria estratégia encontrada pelos latifundiários, por meio da venda, do arrendamento ou da parceria para os plantios de soja, cana e eucalipto, para regularizar suas propriedades - uma vez que elas se desenvolvem sobre os latifúndios formados pelos pecuaristas, que ao serem declarada improdutiva, deveriam ser direcionadas para a Reforma Agrária, porém com essa ação, acabam escondidas.

Nesse cenário de acirramento da concentração da terra pela expansão das monoculturas, tem-se, portanto, o empobrecimento dos camponeses e, conseqüentemente, a crise das lutas sociais: essas áreas, que deveriam ser destinadas a plantações de consumo popular, são ocupadas por agroindústrias, voltadas para atividades monocultoras, bloqueando a função social da terra que é produzir alimentos.

Outro pressuposto é que o desenvolvimento dessas atividades pode ser um dos agentes causadores de impactos ambientais, tais como redução do nível de água e desaparecimento dos córregos, localizados próximas às áreas prioritárias para o plantio. Assim, a expansão das monoculturas traz uma preocupação latente em relação aos desdobramentos ambientais em médio prazo, já estudados em outras regiões, como os estudos de Suertegaray (2011) no Rio Grande do Sul, como arenização, intoxicação por agrotóxicos, extinção de espécies da fauna local, desaparecimento de nascentes.

Ao analisar a expansão do modo de produção capitalista no campo, Oliveira (2003) identifica duas características das atividades monocultoras das empresas agroindustriais: a monopolização da terra pelo capital e a territorialização do capital monopolista. Na monopolização, o capital apropria da renda da terra camponesa, criando e recriando relações de produção não capitalistas, sem expulsá-los do campo, mantendo-os como “parceiros”. Neste caso, podemos citar a integração do camponês com as indústrias de processamento de carnes, leite, casulos do bicho da seda. Na territorialização, o camponês é expulso do campo, migra para as cidades, tornando-se trabalhador assalariado da indústria, do comércio – ou seja, ele acaba expropriado de sua terra, como por exemplo: a venda ou arrendamento da terra para o plantio de cana de açúcar, soja, eucalipto.

Sendo assim, é o processo de luta pela posse de terra dos movimentos sociais do campo para implantação da Reforma Agrária que torna possível a desconcentração fundiária e o cumprimento da função social da terra exigida pela Constituição Federal de 1988. Nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul esta luta nacional pela reconquista da terra apresenta vitórias significantes: em Mato Grosso são 535 projetos de assentamentos, beneficiando 83.043 famílias e no Mato Grosso do Sul 203 projetos de assentamentos, favorecendo 37.094 famílias (INCRA<sup>2</sup>) – resultado dos enfrentamentos sociais travados pelos Movimentos Sociais de luta pela terra.

Destes projetos dois nos interessam em particular, sendo objetos de nosso estudo: Corixinha e São Joaquim localizado, respectivamente, nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS.

A escolha desses projetos de assentamento foi determinada pelas similaridades e diferenças que apresentam nas formas de criação e (re) criação camponesa. Chamando especial atenção o fato de que mesmo localizados em Estados distantes, apresentam formas de luta para ficar na terra que indicam uma essência camponesa similar, mesmo com as novas dificuldades quando chegam à terra, particularmente pela omissão do Estado e assédio das empresas do monocultivo que cercam esses assentamentos.

É fato que o avanço de atividades monocultoras muda o caráter do uso e ocupação da terra, e torna cada vez mais urgente e difícil a luta pela Reforma Agrária por parte dos Movimentos Sociais do Campo, pois, contraditoriamente, o Estado silencia sobre o problema da concentração fundiária, aprofundada pela monocultura, em um claro apoio a estas novas dinâmicas no campo, prejudicando de forma significativa a classe camponesa, porém, por

---

<sup>2</sup> Segundo dados coletados no site do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

outro lado, instigando os movimentos de luta pela terra, contra os arranjos da monopolização e territorialização do capital monopolista do território:

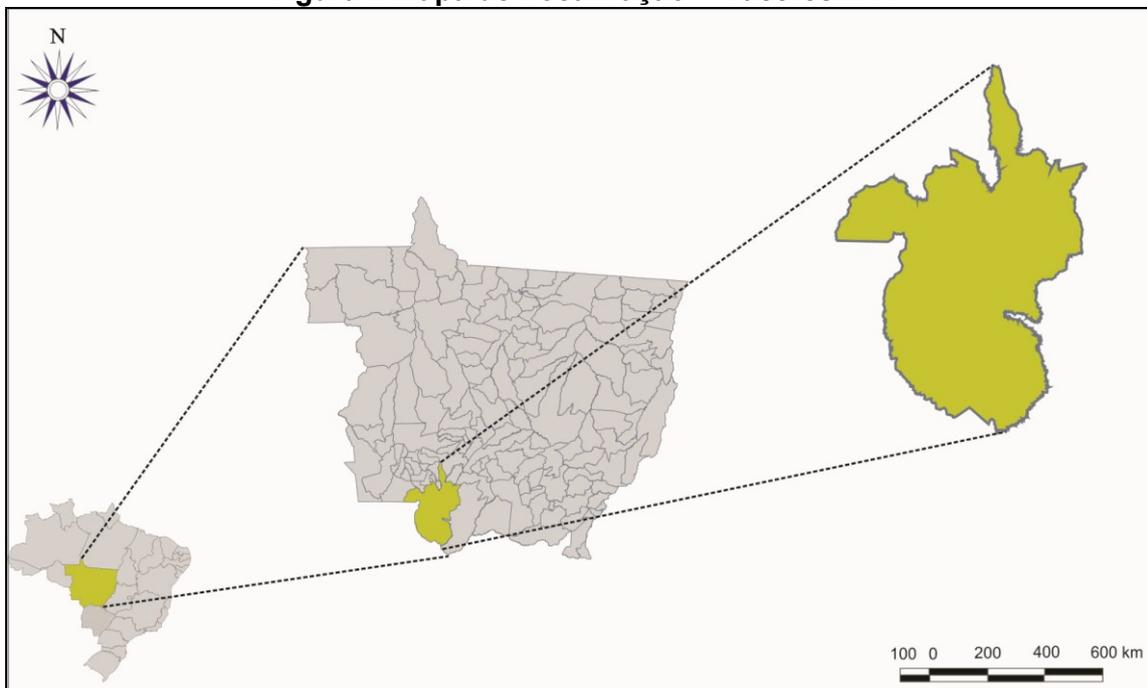
[...] A luta contra a cerca do capital tem-se evidenciado aos sem-terra como uma necessidade, seja pela consciência que adquirem dos processos de exploração a que estão submetidos ao enfrentar os mercados de insumos e produtos, seja em função da concreta pobreza crônica em que se encontram, apesar das melhorias que têm obtido nos demais planos sociais das suas vidas, como educação, saúde, cultura e organização. (SANTOS, 2005, p. 249).

Deste modo, percebemos na atualidade, a imposição da propriedade privada sobre áreas que poderiam servir para os projetos de Reforma Agrária, e alguns contornos da luta para resistir à expropriação. Logo, com as novas configurações das atividades agroindustriais no campo, as táticas de resistência camponesa são cada vez mais relacionadas a formas de integração/resistência.

### Os assentamentos Corixinha/MT e São Joaquim/MS: histórias de integração e resistência ao capital

No município de Cáceres (figura I), temos o projeto de assentamento Corixinha, criado no ano de 2001, beneficiando 72 famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em uma área de 3.413,1808 hectares. Está situado a aproximadamente 80 km da sede Municipal de Cáceres/MT, e a cerca de 20 quilômetros de San Matia/Bolívia. É um assentamento localizado na faixa de fronteira, entre o Estado de Mato Grosso e Bolívia.

**Figura I: Mapa de Localização – Cáceres/MT.**

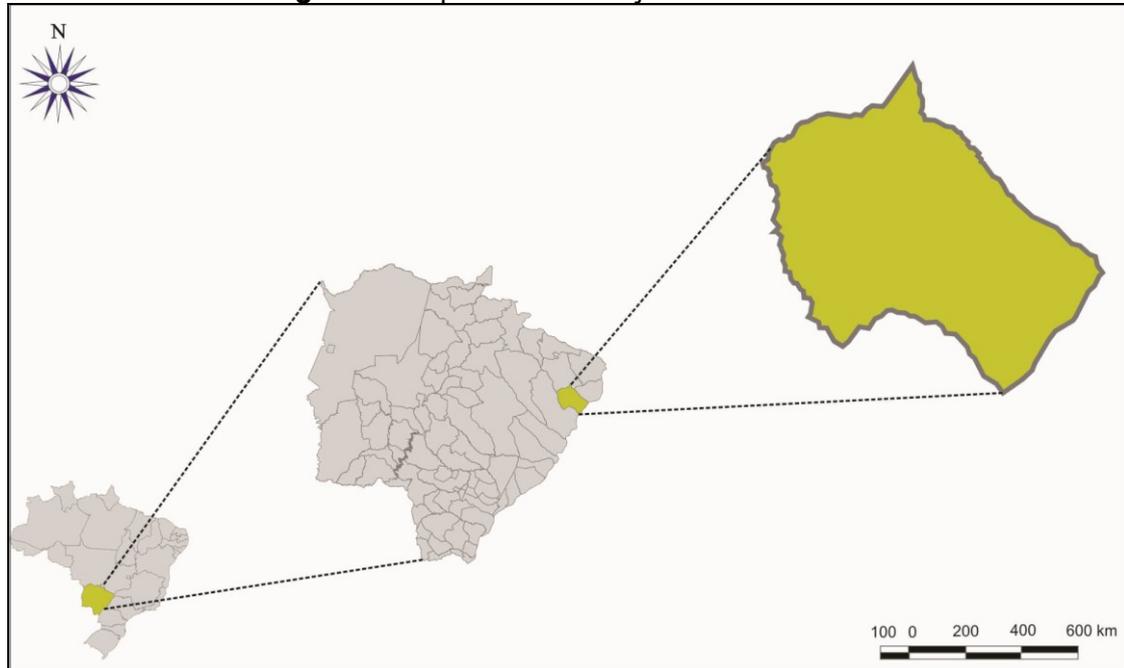


Org: DIAS, F. C, 2012.

A conquista foi resultado da luta de persistência, da histórica teimosia do campesinato brasileiro, uma vez que as famílias ficaram acampadas na beira da estrada durante dois anos, sem que acontecesse a desapropriação da Fazenda Corixa para implantação do projeto de assentamento.

O projeto São Joaquim, implantado no ano de 2008, contemplou 181 famílias, localiza-se a cerca de 40 km da sede do município de Selvíria, às margens da rodovia MS-112, ligação de Três Lagoas a Inocência, e às margens da rodovia MS-444, (trecho Selvíria – Inocência).

**Figura II: Mapa de Localização – Selvíria/MS.**



**Org:** DIAS, F. C, 2012.

Atualmente assistimos a expansão territorial do monocultivo de eucalipto, próximo à conquista do chão da reforma agrária, liderado, desde 2010, pelos plantios da empresa Eldorado Brasil, e da Fibria, desde 2006, ambas localizadas no município de Três Lagoas e com áreas de plantio próximo aos assentamentos.

A instalação da fábrica da Eldorado próxima a Selvíria acabou determinando esta região como prioritária para expansão do monocultivo de eucalipto, cercando além do São Joaquim, outros projetos de assentamentos, como é o caso do Alecrim, Canoas I e II. O monopólio do território colaborou elegendo a região Leste do Mato Grosso do Sul (onde essas indústrias estão localizadas) como “a capital da celulose”.

Outro ponto de destaque é que a maioria das famílias assentadas, conforme observado em saídas de campo, ainda vive em condições muito precárias de moradia e sem assistência técnica eficaz. Esta dura realidade ainda é agravada pela baixa fertilidade do solo, épocas prolongadas de seca, pela quase ausência de apoio técnico e dificuldades na comercialização da produção.

Tais situações, ao nosso ver, criaram condições para a arregimentação da mão de obra dos assentados por parte das empresas, provocando desvirtuamento dos objetivos da Reforma Agrária. Assim, a luta histórica pela conquista da terra como lugar da autonomia camponesa é, de certa forma, postergada porque as famílias para não abandonarem os lotes se veem na condição de trabalhadores fora do lote para garantirem minimamente.

No projeto de assentamento São Joaquim, durante o trabalho de campo, verificamos que aproximadamente 40 assentados, entre eles adultos e adolescentes, homens e mulheres, trabalhando com carteira de trabalho assinada nas empresas de eucalipto (Eldorado, JS, Plantar, Fibria), exercendo atividades diversas, desde as ligadas ao plantio de mudas e aplicação de veneno, até como encarregados, motoristas e vigias.

Salientamos que a proposta de análise não é julgar, muito menos denunciar os vínculos empregatícios dos camponeses com as indústrias, mas entender o significado para a reprodução camponesa do trabalho fora do lote. A estratégia do capital para arregimentar

a mão de obra assentada, pode ser compreendida também como forma de recriação dos camponeses, frente a expansão do eucalipto na região. Esta realidade contraditória do campesinato aponta para um possível conformismo ou para a emancipação? Por entender a necessidade de resgatar a importância da Reforma Agrária:

[...] de modo que ela seja sinônima de terra de trabalho e da vida a denunciar a terra de negócio, aquela que precisa concentrar para especular e explorar o trabalho de outrem [...] de modo que a sociedade entenda que não existe apenas um estilo de vida, onde as pessoas compram comida e os bens que necessitam guiadas pela ditadura do mercado, é preciso [...] a terra de trabalho, e a economia familiar que a sustenta [...] (ALMEIDA, 2009, p. 13).

Acreditamos que, historicamente, junto com o desenvolvimento do capitalismo, há novos processos de transformação na base de luta dos movimentos sociais camponeses. A dinâmica dos enfrentamentos não está pautada somente na terra que se manteve cativa, e, por isso, disputada pela classe dos capitalistas e dos camponeses, mas também na preservação da terra conquistada. A esse respeito, merece relevo a seguinte reflexão:

Mas o movimento de recamponização não para, teimosos que são, os sem-terra marcham para a terra, pois sabem que só terão aquilo que conquistarem [...] E o campo, por meio da aliança terra-capital [...] vai tomando feições modernas [...] Porém, a terra cercada pela soldagem campo-cidade também revela no seu decurso outros processos em sua interioridade, são ações conflituosas externalizadas na luta dos acampados, na crise ambiental ou nos índices de desemprego [...] (ALMEIDA, 2009, p. 11).

Nesse contexto, ao avaliarmos a resistência da classe camponesa após a conquista da terra, identificamos as maneiras inovadoras, criadas pelos assentados, para permanecerem na terra. Onde, o (re) criar camponês, não está guiado apenas pelo acesso à terra, mas também pela busca incessante do reconhecimento da sociedade e da valorização do conjunto dos saberes constituidores de sua base histórica de resistência.

Recriação carregada de versatilidade, criatividade do povo camponês, há séculos desafiando as teses de seu desaparecimento, contrapondo-se ao desemprego, e a perda de autonomia, que a terra devolve ao homem. Assim:

Inversamente, o apego à tradição pode ser o meio de sobreviver à grande transformação; manter-se como produtor familiar em meio ao processo mais geral de proletarianização ou de empobrecimento. A tradição, então não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente constrói as possibilidades do futuro. (WOORTMANN, 1990, p. 17).

Alguns autores explicam o trabalho acessório (atividade assalariada fora da propriedade da familiar), como forma de resistência camponesa nos momentos de crise econômica do grupo familiar (épocas de seca ou de baixa produção), necessitando buscar equilíbrio fora do lote.

Almeida; Paulino (2010, p. 21):

[...] é precisamente o fato de não visar o lucro de sua atividade econômica, mas a reprodução do grupo familiar, mesmo quando é dono da propriedade jurídica da terra, que permite respostas adaptativas às crises, recorrendo até mesmo ao trabalho acessório não agrícola e à migração [...]

Outra circunstância que impele os assentados a buscar alternativas de renda fora do lote, é a falta de acesso às condições básicas de sobrevivência, como a água e energia, e a liberação dos créditos de investimento, custeio e construção da casa, entre outros. Tal

precariedade é condição da maioria dos projetos de assentamento do município de Selvíria, situação que torna a permanência no campo penosa, restando o trabalho fora do lote como possibilidade de resistência. Neste sentido, vejamos a análise de um assentado acerca deste estado de vínculo empregatício com as empresas terceirizadas que plantam eucalipto para empresa Eldorado Brasil.

[...] ah, eu acho que tá muito atrasado, acho que o governo, o INCRA, deveria olhar mais pro pessoal aqui, **só enterrou o pessoal aqui e até agora, condições nada**. Por exemplo, a gente já está com três anos sem as casas, ainda bem que tem a água né, mas sem a luz, eu acho que, sem a água e sem a luz, é quase impossível de viver porque se a gente tiver um projeto na cabeça, mas se não tem a água e não tem a luz, não teria como sobreviver no lugar desse. A gente tá aqui, porque a gente é herói sabe, a gente quer a terra, **se não fosse as firmas eu não sei** porque a cesta [básica] que vinha até um determinado tempo, cortou. O Incra mandava a cesta todo mês e aí foi cortado a cesta, e aí eles fala que depois de 12 meses que tem o sorteio da terra, não vem mais cestas, até então cada um luta do jeito que pode, um tira um leitinho, faz um queijo, vende; outro, vende um frango; outro o mel, que é o meu caso, né? E aí é assim [...]. Então eu acho que o governo federal deveria olhar mais por esse povo que tá [no assentamento], eu acho que deveria não dar mais terra pro povo, agora nesse momento, eu acho que deveria alicerçar o povo (...) que já tá na terra [...] (Assentado do Projeto São Joaquim, 03/09/12 - Selvíria/MS. Grifo nosso).

Dois elementos de análise são essenciais para a compreensão desta realidade camponesa, até certo ponto contraditória. O primeiro, o camponês não rompe com as atividades de produção no sítio, são realizadas por outros membros da família, ou por ele mesmo nos intervalos de folga do trabalho, em especial nos finais de semana. Essa relação é típica em ambos os assentamentos estudados. Muitos, daqueles que, durante a semana, estavam na lida nos plantios de eucalipto, nos finais de semana dedicavam-se a atividades de produção no lote, entre as quais o trabalho com a horta, o mutirão para conserto de cercas ou ampliação das casas.

Pois, como enfatiza Shanin (2008):

A economia Familiar tem seus próprios modelos, suas próprias estruturas e seu próprio significado primordial que não desaparece. Por isso, sob certas condições, a economia camponesa é mais eficiente do que economias não – camponesas. Os membros da família e o modelo familiar básico de bem-estar econômico estão envolvidos de forma particular num sistema de uso do trabalho que não é trabalho assalariado, mas trabalho familiar. Daí a sua capacidade para resolver problemas que outros tipos de economia não resolveriam de uma maneira tão eficaz e pouco dispendiosa. (SHANIN, 2008, p.27).

O outro elemento de transitoriedade dessa situação é que, ao conseguir equilibrar a situação financeira da família ou ao chegar a época das chuvas, o camponês assentado rompe o seu vínculo empregatício e volta a dedicar-se, em tempo integral, às atividades no sítio. Essa situação é muito frequente nos projetos de assentamento estudados: algumas famílias já saíram do emprego e estão apenas cuidando do lote.

Desse modo, percebemos a diferença do sentido da terra para os camponeses e para os capitalistas. A terra, para os grandes empresários agroindustriais, é meio de acumulação de renda e extração de mais valia pela exploração do trabalho, advinda de relações especificamente capitalistas, na busca de valorização do capital. No entanto, para o camponês, conforme analisa Correa (1993), o sentido da terra é a de fonte de vida ou de existência, lugar da moradia e do trabalho familiar.

A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobre vivência á adversidades impostas aos grupos sociais recém expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas ás operações de renovação [...] (CORREA. 1993, p. 30).

Observamos essa forma de resistência no município de Selvíria subordinada aos ditames do capital, mas, diante do atual cenário, foi o caminho de luta camponesa para continuar na terra, considerada a recusa do poder público a remover os bloqueios vivenciados pelos assentados no que diz respeito a sua reprodução. Conforme ponderam Almeida; Paulino (2010, p. 27):

Cumpre, então, reafirmar nosso entendimento desta situação de ambiguidade que marca a trajetória camponesa: por um lado, luta por valores considerados conservadores ligados à reprodução de sua condição de proprietário de terra; por outro, luta contra diversas formas de drenagem da renda fundiária, que ocorre na circulação dos produtos do seu trabalho e contra a ameaça de expropriação. Essa ultima possibilidade contém em germe de luta anticapitalista; porque, para não experimentar sua finitude, o camponês se opõe à produção e à expansão territorial do capital, denunciando a destruição de seu modo de vida e revelando, neste conflito, para si e para as demais classes, sua oposição ao capital, e, assim, sua consciência de classe desnudada. (ALMEIDA; PAULINO, 2010, p. 27).

No município de Cáceres, encontramos algumas singularidades em relação ao cercamento das atividades monocultoras á projetos de assentamento. Como exemplo, temos o caso do assentamento Corixinha, que foram cercados pela monocultura da Teca, porém, atualmente, conseguiram mudar um pouco está história de subordinação, pois, os camponeses conseguiram romper com o trabalho acessório externo a vida no lote, e voltaram suas forças para as possibilidades de reprodução a partir dos frutos do cerrado matogrossense e a apropriação de políticas públicas como o PAA e o PNAE.

Estes programas têm o objetivo de mitigar os bloqueios colocados pela lógica do sistema capitalista de mercado à classe camponesa familiar. Reelaborados pelo governo atual, eles tendem a facilitar a comercialização dos produtos da agricultura familiar camponesa por meio de estratégias que a ligam diretamente ao consumidor. Também contribuem para valorizar a produção camponesa, voltado essencialmente para os produtos de consumo interno da população brasileira.

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)<sup>3</sup> foi instituído pela Lei de nº 10.696/2003, e desenvolve-se com recursos do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a fome (MDS) e pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). Suas diretrizes são definidas por um Grupo Gestor, coordenadas pelo MDS e composto por mais cinco Ministérios, tendo como parceiros a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), os governos estaduais e municipais. Sobre o programa:

O PAA é voltado para famílias enquadradas no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), de acordo com o que define a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que inclui os aquicultores, pescadores artesanais, silvicultores, extrativistas, indígenas, membros de comunidades remanescentes de quilombos e agricultores assentados. (CARTILHA PAA, 2009, p. 3).

Conforme dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, este Programa é uma das ações do Programa Fome Zero, que possibilita a distribuição de alimentos produzidos pela agricultura familiar às famílias que vivem em

<sup>3</sup> De acordo com o site do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a fome – MDS

situação de insegurança alimentar na cidade e que são atendidas nas creches, escolas, lares de idosos, casas de sopa, e outros.

Outra política pública apropriada pelos assentados foi o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)<sup>4</sup>. De competência do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), e instituído pela lei de nº 11.947, de 2009, dispõe no art.14 sobre a compra de produtos da Agricultura Familiar:

Do total dos recursos financeiros repassados pelo FNDE, no âmbito do PNAE, no **mínimo 30%** deverão ser utilizados na aquisição de gêneros alimentícios **diretamente da agricultura familiar** e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os **assentamentos da reforma agrária**, as **comunidades tradicionais indígenas** e **comunidades quilombolas** (BRASILIA, 2009. Grifos do autor).

O motivo que incentivou os assentados a eliminarem o vínculo com as empresas da Teca, e, iniciarem o extrativismo de frutos do cerrado, está relacionado ao apoio da Associação das Produtoras Extrativistas do Pantanal (ARPEP), entidade civil sem fins lucrativos, formada em 2009, pelos assentados de vários PAs do município. Seu objetivo principal é estimular os seus associados a produção diversificada para o autoconsumo e para a comercialização dos excedentes, em feiras livres dos municípios da Região. A partir de 2011, a ARPEP entrega parte significativa de sua produção ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Esta associação possui 108 associados/as, distribuídos em 08 assentamentos e comunidades rurais, a saber: Assentamento Margarida Alves, Corixinha, Facão- São José, Sadia, Bom Jardim, Katira, e comunidade Nossa Senhora da Guia e Guanandi. A ARPEP possui 04 unidades de beneficiamento de frutos do cerrado, uma especializada em cumbaru, outras duas em babaçu e uma em pequi. A produção atendeu, em média, até o ano de 2011, 2.525 alunos<sup>5</sup>.

No projeto de assentamento Corixinha, temos o grupo que trabalha com o fruto do Pequi, o único na região, intitulado: Grupo de Mulheres “Amigas da Fronteira”, formada por oito mulheres, atuando na coleta e no processamento de frutos do Cerrado (o pequi). O grupo é responsável por produzir alimentos enriquecidos pelo pequi, no caso o pão e a bolacha. E a venda é direcionada para a merenda escolar, inserida dentro do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Conforme dados coletados com as mulheres produtoras, o PAA tem assegurado a permanência das famílias no assentamento, pois, as elas garantem uma renda fixa no final do mês para as famílias, ajudando na manutenção do grupo familiar, aumentando o poder de compra dos assentados e valorizando o papel deles como produtor de alimentos necessários a reprodução humana, principalmente por causa das alternativas de comercialização da produção gerada pelos novos canais públicos. Vejamos esta afirmação no relato de uma das mulheres pertencentes ao grupo:

É uma quantia a mais, né? Essa é a vantagem porque se a gente faz só pra feiras, ai se tem duas feiras no ano é muito, e para o PAA não, toda semana é aquela quantia, então é uma quantia a mais, o seu rendimento é mais né, o valor que a gente recebe é outro, a feira é mesmo para a divulgação do produto. (Assentada do Grupo de Mulheres “Amigas da Fronteira”, 2012 – Cáceres/MT).<sup>6</sup>

Deste modo, consideramos que as formas de resistência camponesa via apropriação das políticas públicas, como PAA e o PNAE, são essenciais para eliminar os

<sup>4</sup> De acordo com o site do Portal de Transparência do Governo brasileiro.

<sup>5</sup> Fonte: Associação Regional das Produtoras Extrativistas do Pantanal (ARPEP), Planejamento de produção 2011.

<sup>6</sup> Entrevista coletada por meio de saída de campo realizada no dia 01/05/2012 no projeto de assentamento Corixinha, localizado no Município de Cáceres/MT.

entraves criados pelo sistema de produção capitalista, que via monopolização do território impõem suas regras perversas de controle do mercado, impondo pobreza ao camponês. Assim, ao garantir a comercialização dos produtos da agricultura familiar por meio da compra direta para a merenda escolar, por exemplo, o Estado impede a subordinação camponesa ao capital - ponto positivo do programa apontado pelos assentados/as.

[...] vou ficar aqui, eu vou guerrear, e guerrear hein. Tinha dia que eu tinha medo de amanhecer morta lá dentro da casa, mas guerreie fia, mas venci tudinho que eu pedi a Deus. Eu venci, venci tudinho, e eu orgulho de mim, porque eu era sonsa, e hoje eu sou esperta, hoje ninguém manda neu [...] por causa que aqui eu trabalho feliz, eu tenho meu empreguinho ali, que eu trabalho a hora que eu quero. Eu não trabalho a semana inteira, trabalho só dois dias da semana, eu que tiro dois meses encerrando os projetos, que a gente tem muita despesa, né? E onde que a gente tira mais, que tirava 600 real. Eu não estou trabalhando mais porque eu quero, porque eu quero descansar, ficar um pouco com os filhos. [...] eu planto meus trem ai em casa, eu mexo na minha hortinha, eu mexo feliz [...] (Assentada do Grupo de Mulheres “Margaridas”, 2013 – Cáceres/MT).

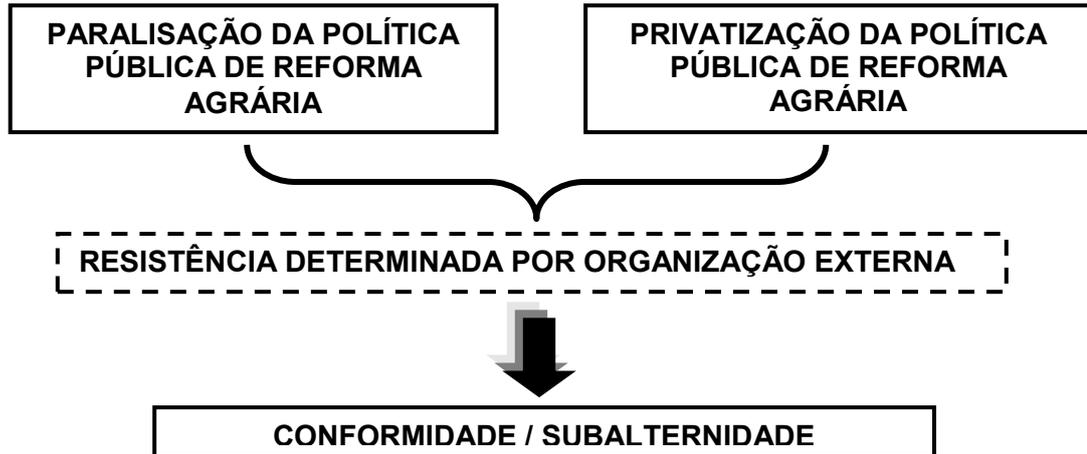
Kudlavicz (2010) enfatiza que esses assentados, ao reconquistarem uma parcela de terra do território capitalista, reconstróem sua identidade camponesa. Ao conquistarem o assentamento, esta parcela do território capitalista, ao ser transformada em projeto de reforma agrária, convertem-se em terra de trabalho, morada da vida, garantidora da alimentação familiar e da sociedade:

São camponeses que quando tem a posse da terra (re) constroem sua identidade, seu modo de vida, livrando-se das imposições e dos preconceitos do sistema vigente e acirrando as contradições na medida em que se negam a ser meros produtores de mercadorias. Desejam ser sujeitos do seu presente e protagonistas do seu futuro. Cultivam a terra a partir dos seus conhecimentos e tecnologias apropriadas às suas condições financeiras, e adequadas às características da região, produzindo um alimento saudável para a sua família, para a comunidade e para o país. (KUDLAVICZ, 2010, p. 104).

## Considerações Finais

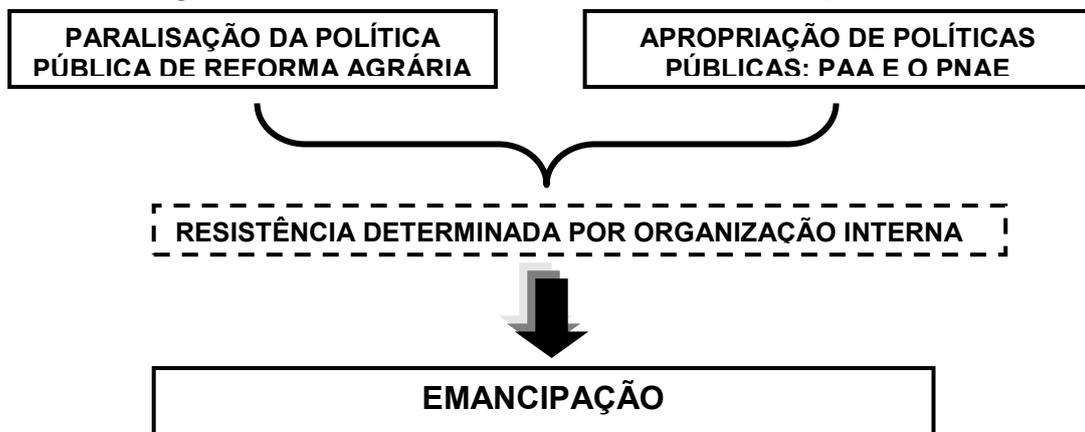
As atividades monocultoras que se desenvolvem nas extensas áreas dos latifúndios matogrossenses e sulmatogrossenses servem para esconder o problema da concentração de terras cuja origem, remonta ao período colonial. Mas a história não se resume ao domínio exclusivo do território pelo capital, temos em curso uma luta secular dos pobres para entrar na terra. E atualmente esta luta tem sido também para nela permanecer, uma vez que a terra dividida, não devolve a dignidade em sua plenitude.

Das alternativas para ficar na terra, num cenário de deficiência do Estado, no tocante a aplicação da política agrária, tem sido o trabalho acessório nas empresas do agronegócio monocultor, como é o caso dos assentados do projeto São Joaquim.

**Figura III: Resistência Determinada Pela Conformidade**

Organização: AUTORAS, 2014

Em contrapartida, a pesquisa encontrou situações, especialmente nos assentamentos de Cáceres/MT, de reprodução formada via luta e apropriação de políticas públicas, como o PAA e o PNAE. Programas, que ao serem reelaborados pelo Governo, e reivindicados pelos movimentos sociais, ajudam (e ajudam) os assentados a superarem os empecilhos colocados pela lógica do sistema capitalista de domínio do mercado, facilitando a comercialização dos produtos da agricultura familiar camponesa diretamente ao consumidor, ou seja, não só de conformidade se faz essa resistência, mas também da utopia da emancipação.

**Figura IV: Resistência Determinada Pela Emancipação**

Organização: AUTORAS, 2014

Em suma, a pesquisa propiciou-nos a certeza de que temos um campesinato brasileiro (re) criando suas formas de resistência no contexto de ambiguidade própria destas condições de reprodução em situação de bloqueio. Portanto, a luta do campesinato para permanecer no campo brasileiro é feita de muitas faces manifestando-se tanto como sujeito político, na reivindicação e apropriação das políticas públicas, como na resignação diante da aliança estado-capital. As situações sociais apontam para a capacidade de resiliência dos camponeses.

E, fundamentalmente, entendemos que o processo de Reforma Agrária é um mecanismo de democratização da terra e de distribuição da renda no país. E as mudanças provocadas pela nova “modernização do campo”, via expansão de monoculturas nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS, é fruto de um modelo agrário-agrícola que não tem como foco o homem/mulher. Situação que põem em risco a soberania alimentar no país.

## Referências

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **A Questão Agrária em Mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

\_\_\_\_\_. **A questão agrária na contemporaneidade e os desafios do movimento camponês no Brasil**. Montevideú: Egal, 2009. (Mimeografado).

\_\_\_\_\_. **A territorialização do agronegócio do eucalipto na Região Leste de Mato Grosso do Sul e o cerco à Reforma Agrária**, Texto apresentado no XVI Encontro Nacional de Geografia/ENG, Porto Alegre – 25 a 31/07/2010.

**ARPEP (Associação das Produtoras Extrativistas do Pantanal)** Disponível em: <[www.agro.ufg.br/agrocentro/noticias/associacao-de-mulheres-mato-grossenses-vai-participar-da-agro-centro-oeste.html](http://www.agro.ufg.br/agrocentro/noticias/associacao-de-mulheres-mato-grossenses-vai-participar-da-agro-centro-oeste.html)>. Acesso em: 10 de Junho de 2013.

BRASIL. **LEI Nº 11.947**, de 16 de junho de 2009.

CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1993, p. 30.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA. **Relação de Projetos de Reforma Agrária**. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/projetos-e-programas-do-incra/relacao-de-projetos-de-reforma-agraria/file/1115-relacao-de-projetos-de-reforma-agraria>>. Acesso em: Agosto de 2012.

**IPEF (Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais)** Disponível em: <[www.ipef.br/identificacao/tectona.grandis.asp](http://www.ipef.br/identificacao/tectona.grandis.asp)>. Acesso em: 25 de Abril de 2012.

KUDLAVICZ, Mieceslau. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose/papel na microrregião de Três Lagoas**. 2010. 177 f. Dissertação (Mestre em Geografia). Programa de Pós Graduação- Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas. 2010.

**Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/alimentoseabastecimento/paa>>. Acesso em: 25 de Abril de 2012.

OLIVEIRA, Arioaldo U. **Barbárie e Modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil**. Terra Livre, São Paulo, nº 21, 113-156, jul./dez. 2003.

**Portal Transparência**. Disponível em <[http://www.portaltransparencia.gov.br/aprendaMais/documentos/curso\\_PNAE.pdf](http://www.portaltransparencia.gov.br/aprendaMais/documentos/curso_PNAE.pdf)>. Acesso em: 25 de Abril de 2012.

**Eldorado lança fábrica de celulose em Três Lagoas - MS**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/>>. Acesso em: 25 de Abril de 2012

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 235-28?,

SHANIN, Teodor. **Lições Camponesas**. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Orgs). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; MORELLI, Luiz Alberto. **Arenização e monocultura do Eucalipto no Sudoeste (SW) Do Rio Grande Do Sul.** Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três, Lagoas/MS, nº 14, Ano 8, Novembro 2011.

PAULINO, Eliane Tomiasi; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida. **Terra e território:** a questão camponesa no capitalismo. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

WOORTMANN, Klaas. **Com parente não se neguceia:** O campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro nº. 87, p. 11-73, 1990.

Recebido para publicação em 12 de julho de 2013

Devolvido para revisão em 22 de janeiro de 2014

Aceito para publicação em 29 de setembro de 2014

# **A expansão do agronegócio sobre os assentamentos da reforma agrária: o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP)<sup>1</sup>**

**Rafael de Oliveira Coelho dos Santos**

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (UNESP-FCT)  
e-mail: rafa\_coelho7@hotmail.com

## **Resumo**

O objetivo deste trabalho é expor a disputa territorial entre o agronegócio e o campesinato assentado no Projeto de Assentamento Fazenda Primavera, em Andradina, Noroeste do estado de São Paulo, onde as famílias já são proprietárias da terra. O avanço do agronegócio tem demonstrado a permanência do conflito e da contradição nas relações sociais que modificam a configuração dos territórios e atualizam a Questão Agrária brasileira. As revoluções agrícolas, a monopolização das políticas públicas e dos fundos estatais, a dotação desigual de recursos e a perspectiva de crescimento como sinônimo de produtividade, atribuíram condição hegemônica ao agronegócio, excluindo grande parte do campesinato dos circuitos produtivos modernos com seus padrões tecnológicos, que estabelecem formas de resistência no território. Buscamos identificar como os fatores que interferem na disputa territorial, como a emancipação dos assentamentos e a insuficiência de políticas públicas, se articulam e se materializam em processos geográficos como a desterritorialização. A expansão da cana-de-açúcar e do eucalipto indica que a disputa é pelo acesso aos recursos fundamentais à atividade produtiva, como a terra e o território.

**Palavras-chave:** Disputa territorial; propriedade da terra; agronegócio; campesinato; reforma agrária.

## **Resumen**

### **La expansión del agronegocio sobre los asentamientos de la reforma agraria: el caso de PA Fazenda Primavera (Andradina, SP)**

El objetivo de este trabajo es exponer la disputa territorial entre la agroindustria y los campesinos asentados en el Proyecto de Asentamiento Fazenda Primavera, en Andradina, al Noroeste del estado de San Pablo, donde las familias ya son propietarias de la tierra. El avance de los agronegocios ha demostrado la permanencia del conflicto y de la contradicción en las relaciones sociales que modifican la configuración de los territorios y actualizan la cuestión agraria brasilera. Las revoluciones agrícolas, la monopolización de las políticas públicas y de los fondos estatales, el reparto desigual de los recursos y la perspectiva de crecimiento como sinónimo de productividad, han atribuido la condición hegemónica a los agronegocios, con exclusión de gran parte de los campesinos de los circuitos productivos modernos y sus padrones tecnológicos, que establecen formas de resistencia en el territorio. Buscamos identificar cómo los factores que interfieren en las disputas territoriales, como la emancipación de los asentamientos y el fracaso de las políticas públicas, se articulan y se materializan en los procesos geográficos como la desterritorialización. La expansión de la caña de azúcar y del eucaliptus indica que la

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir de resultados preliminares de pesquisa (em nível de mestrado) financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o título "Reforma Agrária em questão: propriedade privada, desterritorialização e resistência camponesa".

disputa es por el acceso a los recursos fundamentales de la actividad productiva, como la tierra y el territorio.

**Palabras clave:** Disputa territorial; propiedad de la tierra; agronegocios; campesinado; reforma agraria.

### Abstract

#### **The expansion of agribusiness on the settlements of agrarian reform: the case of the PA Fazenda Primavera (Andradina-SP)**

The aim of this article is to expose the territorial dispute between agribusiness and the peasantry seated in Assent Fazenda Primavera Project, in Andradina, northwest of the state of São Paulo, where the families own the land. The advance of agribusiness has demonstrated the persistence of conflict and contradiction in social relations which modify the configuration of territories and update the Brazilian Agrarian Question. The agricultural revolutions, the monopolization of public policy and state funds, the unequal allocation of resources and the prospect of growth as synonymous of productivity, attributed to agribusiness hegemonic condition, excluding a large part of peasantry of modern technological standards with their production circuits, which establish forms of resistance in the territory. We seek to identify how the factors that influence the territorial dispute, as the emancipation of the settlements and the lack of public policies, articulate and materialize in geographic processes such as desterritorialization. The expansion of sugar cane and eucalyptus indicates that the dispute is for access to the fundamental resources to productive activity, such as land and territory.

**Keywords:** Territorial dispute; land ownership; agribusiness; peasantry; agrarian reform.

### Introdução

É cada vez mais nítido o interesse do Estado brasileiro em fortalecer o modelo de desenvolvimento representado pelo agronegócio. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), por si só, ganha mais importância que as bases que o sustentam, dando continuidade ao ciclo de crescimento “capitalisticamente postulado e definido”<sup>2</sup>, atendendo a necessidade estrutural do sistema por expansão e acumulação e buscando, a todo custo, aumentar a produção de mercadorias agrícolas para garantir a apropriação da renda da terra no campo. Tal fato implica em prejuízos à existência de territórios de comunidades tradicionais, povos indígenas, quilombolas e a diversidade de sujeitos do campo que tem na terra e na mão de obra familiar o eixo central de sustentação de suas atividades produtivas.

Esforços no sentido de liberalizar e flexibilizar os marcos institucionais, limitadores de algumas das ações pretendidas por empresas e corporações do agronegócio, indicam o objetivo discursivo de estabelecer a livre-concorrência em todos os espaços, a competitividade e, principalmente, o aumento da produtividade, independente das formas equivocadas de uso social dos recursos naturais. Identificamos parte destes esforços nas falas da presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), a Senadora Kátia Abreu (PMDB), pleiteando a emancipação dos assentamentos rurais, a ‘libertação dos assentados’ (TEIXEIRA, 2013). A aprovação do Novo Código Florestal, que demonstrou a hegemonia política da bancada ruralista, somado a frouxidão regulatória no acesso a terra por estrangeiros, também ilustram este cenário.

<sup>2</sup> Tipo de crescimento que pressupõe “a expansão ampliada do capital como a *precondição* elementar para satisfazer a necessidade e o uso humano” (MÉSZÁROS, 2007, p. 248, grifo do autor).

Com o pretexto de eliminar barreiras à maior competitividade internacional do setor agropecuário, que experimentou na década passada o aumento da demanda pelos produtos primários brasileiros, intensificaram-se as ofensivas do capital pelo controle das melhores terras, com boa fertilidade, baixa declividade e abundância de recursos hídricos. No estado de São Paulo, parte destas terras se encontra sob o domínio da agricultura camponesa nos assentamentos da reforma agrária.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) apresentou, em 2012, uma nova metodologia<sup>3</sup> de consolidação dos assentamentos rurais, com o objetivo de reduzir o tempo do processo e “ainda promover a sustentabilidade econômica dos assentamentos e dar ferramentas para os servidores que vão a campo”. Na perspectiva trabalhada neste texto, a aceleração deste processo acirrará a disputa pelo território entre agronegócio e campesinato.

A conjuntura que expressa o fornecimento desigual de recursos e de políticas públicas a favor do agronegócio, em detrimento da agricultura camponesa/familiar, permite questionarmos a pertinência do título definitivo de propriedade às famílias beneficiárias da reforma agrária, pelo seguinte fato: o próprio Estado garante o poder desproporcional de grandes empresas nacionais e estrangeiras na disputa pelo território, pois “as políticas públicas reforçam a articulação orgânica entre os interesses das classes dominantes e as concepções e práticas do Estado e dos governos” (CARVALHO, 2013, p. 35). Para o autor, as agroestratégias do capital induzem ou potencializam as iniciativas de desterritorialização dos camponeses e outras populações tradicionais, como indígenas e quilombolas, além de prejuízos ambientais, quando também avança sobre as Áreas de Preservação Permanente (APP).

Neste trabalho trataremos da disputa pelo território no PA (Projeto de Assentamento) Fazenda Primavera, localizado a Noroeste do estado de São Paulo, uma área extensa que abrange terras nos municípios de Andradina, Castilho e Nova Independência. Como único assentamento emancipado<sup>4</sup> do estado, este território possibilita a análise de algumas questões acerca da titulação definitiva da terra na reforma agrária, como a carência de políticas públicas para fixação das famílias no campo. Os desdobramentos negativos envolvem principalmente a perda direta ou indireta do controle do território para a o agronegócio, representado pela agroindústria canavieira e de processamento de eucalipto.

Na primeira parte do texto, discutiremos a postura do Estado na priorização do agronegócio, sustentado por uma forte correlação de forças que combina interesses variados em torno das políticas públicas e dos fundos estatais. Falaremos sobre o tipo de crescimento atrelado a este modelo, tratando também da situação do agronegócio da cana no cenário nacional e de sua territorialização no estado de São Paulo, que é o estado que possui a maior extensão de terra com este cultivo.

Na segunda parte, discutiremos o caso do PA Fazenda Primavera. Para isso, trataremos rapidamente da história de luta e conquista da terra, por se diferenciar das lutas comumente organizadas e estabelecidas a partir das ocupações e por demonstrar como viviam as famílias antes da intervenção do Estado. Assim, apresentaremos uma reflexão a partir de dados e informações atualizadas colhidas em campo, que evidenciam a complexidade da questão agrária na região e os aspectos que configuram a disputa.

## **A hegemonia do agronegócio: revoluções agrícolas e política de Estado**

Um dos grandes desafios para os geógrafos que adotam uma iniciativa crítica em seus estudos agrários é a análise do conjunto de determinações e relações complexas que caracterizam a expansão do capital no campo, compreenderem sua dinâmica territorial e

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/noticias-sala-de-imprensa/noticias/11761-nova-metodologia-reduz-tempo-de-consolidacao-de-assentamentos>>. Acesso em: 20/07/2013.

<sup>4</sup> O INCRA considera emancipado o assentamento onde mais da metade das famílias já receberam o título definitivo de propriedade.

proporem mudanças em direção a novos projetos de vida social. Para Kautsky (1968, p. 53), “deve-se pesquisar como o capital se apodera da agricultura, revolucionando-a, subvertendo as antigas formas de produção e de propriedade, criando a necessidade de novas formas”.

O agronegócio se consolidou no campo brasileiro com o discurso da modernidade e do progresso, da produtividade e da competitividade internacional, baseado no crescimento capitalista como solução para suprir a demanda por alimentos e desenvolver os territórios. Todavia, a realidade demonstra o protagonismo do conflito e da contradição na expansão do capital no campo, alterando a configuração dos territórios em um movimento simultâneo de construção, destruição e manutenção (OLIVEIRA, 2003), expresso no caráter desigual e combinado do desenvolvimento do capitalismo no campo.

A expansão deste modelo interfere na existência da diversidade de sujeitos e processos, mas simultaneamente, reforça a necessidade do estabelecimento de políticas mais amplas de justiça social como a reforma agrária, com soberania e segurança alimentar, uma vez que a priorização da demanda externa em prejuízo da necessidade interna soma-se a falta de autonomia por parte dos camponeses para decidirem o que e como produzir (THOMAZ JR, 2010).

A segurança alimentar das sociedades em várias partes do mundo esta ameaçada, assim como a soberania alimentar, visto que foi sendo imposto o mesmo pacote tecnológico para os vários continentes, um pacote que utiliza grandes extensões de terra nos países em desenvolvimento e trabalho precarizado, ameaçando o controle da agricultura pela diversidade de grupos camponeses por todo o mundo. Há um confronto entre diferentes modos de fazer agricultura: uma agricultura do agronegócio, hegemônica e homogênea em disputa com uma agricultura de base camponesa. (PEREIRA, 2012, p. 688).

Esta “agricultura do agronegócio” corresponde ao modo geral de operação do sistema do capital, na busca incessante de sua reprodução ampliada visando suprir sua necessidade estrutural por acumulação, procurando, neste caso, aumentar a todo custo a produção das mercadorias agrícolas garantindo a apropriação privada da renda da terra na agricultura (OLIVEIRA, 2007). Consolida-se no país com o aprofundamento das relações técnicas da agricultura com a indústria (1960-1970), e de ambos com o setor externo, com ampla mediação financeira do setor público (DELGADO, 2003). Neste processo, usualmente conhecido como “revolução verde”, o campo é visto como mercado potencial para insumos e máquinas industriais, demandando a mudança da base técnica dos meios de produção utilizados na agricultura (DELGADO, 2003). Para Stédile (1997), o objetivo era estimular o desenvolvimento do capitalismo na agricultura brasileira e o vínculo da agroindústria com o latifúndio, uma das bases deste projeto nos governos militares.

Ampliando a escala de análise, Mazoyer e Roudart (2010, p. 28) consideram a “revolução verde” uma variante da “revolução agrícola contemporânea”, por a primeira ser “desprovida de motorização-mecanização”, ou “motomecanização”. Todavia, segundo os autores, a revolução agrícola contemporânea corresponde à segunda fase da mecanização agrícola, por isso, também denominada “segunda revolução agrícola”.

A primeira fase da mecanização, ou “primeira revolução agrícola”, compreende um período de pouco mais de trezentos anos, entre os séculos XVI e XIX. Baseou-se na substituição do sistema de alqueive<sup>5</sup> por plantas “mondadas” (nabos), forrageiras e por pastagens artificiais (gramíneas e leguminosas), com o aumento simultâneo do rebanho, duplicando a produtividade agrícola nos países temperados e acompanhando em seu sucesso a primeira Revolução Industrial (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 419). “A primeira revolução agrícola foi, na verdade, um vasto movimento de desenvolvimento que favoreceu a duplicação da produção e da produtividade agrícolas” (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 380).

<sup>5</sup> Sistema de rotação de curta duração envolvendo um pousio herbáceo, o alqueive, e o cultivo de cereais (MAZOYER e ROUDART, 2010, p. 254).

A segunda revolução agrícola, desenvolvida de modo mais acelerado, estabeleceu-se no decorrer do século XX. Favoreceu a especialização dos estabelecimentos, beneficiados pela motorização dos transportes, com a introdução de novos meios de produção capazes de tirar as regiões agrícolas do isolamento, como caminhões, estradas de ferro, barcos e aviões, originários da segunda revolução industrial. Sem a necessidade de autofornecer-se de bens de consumo variados, como adubos, e bens de produção essenciais, os estabelecimentos puderam abandonar “a multiprodução vegetal e animal para se dedicar quase que exclusivamente a algumas produções destinadas a venda, aquelas que lhes eram mais vantajosas” (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 420). Intercalado com um conjunto de indústrias extrativas, mecânicas e químicas, a montante e a jusante da produção, constituiu-se vasto sistema agrário multirregional, contando também, com sistemas de formação e informação agrícola, por si mesmos especializados e hierarquizados (MAZOYER; ROUDART, 2010). Os agricultores dos países desenvolvidos beneficiaram-se de políticas de apoio ao desenvolvimento agrícola e de preços muito mais elevados que os atuais no início deste período. Sobre as condições desta segunda revolução agrícola, Mazoyer e Roudart (2010, p. 420) explicam que:

[...] ela apoiou-se no desenvolvimento de novos meios de produção agrícola originários da segunda revolução industrial: a *motorização* (motores à explosão ou elétricos, tratores e engenhos automotivos cada vez mais potentes); a *grande mecanização* (máquinas cada vez mais complexas e eficientes); e a *quimificação* (adubos minerais e produtos de tratamento). Ela também apoiou-se na seleção de variedades de plantas e raças de animais domésticos ao mesmo tempo adaptados a esses novos meios de produção industriais e capazes de rentabilizá-los.

Menos de 10% dos grandes estabelecimentos conseguiram aproveitar todas estas inovações, superando todas as etapas. Mesmo assim, os ganhos de produtividade agrícola foram tão elevados que o resultado foi a forte queda dos preços agrícolas reais durante a segunda metade do século XX.

[...] os ganhos de produtividade realizados pelas propriedades em desenvolvimento levaram a uma tendência secular caracterizada pela redução dos preços agrícolas, em termos reais e, conseqüentemente, a uma diminuição da renda dos estabelecimentos que não podiam investir e progredir o suficiente. (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 422).

Assim, após a Segunda Guerra Mundial, esta segunda revolução agrícola alcançou o conjunto de países desenvolvidos e alguns setores limitados dos países em desenvolvimento, favorecendo ínfima minoria dos estabelecimentos agrícolas que conseguiram ultrapassar todas as etapas deste desenvolvimento, que os autores consideraram desigual e contraditório. O resultado foi a eliminação, por empobrecimento, da maioria dos estabelecimentos (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 423).

Já a revolução verde, desprovida desta potência tecnológica verificada nos países centrais, desenvolveu-se mais amplamente nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Baseou-se na seleção de variedades com elevado rendimento potencial (grandes culturas de exportação), na ampla utilização de fertilizantes químicos, dos produtos de tratamento e, posteriormente, na utilização de organismos geneticamente modificados (OGM). Em algumas regiões favorecidas, de forma eventual, alguns estabelecimentos agrícolas conseguiram organizar um eficaz controle da água para irrigação e drenagem, o que proporcionou ganhos de produtividade acentuados, como proposto pela revolução verde. Importante pontuar que a atuação do Estado foi fundamental no desenvolvimento desse modelo.

Ressaltamos que em muitos países, os poderes públicos favoreceram intensamente e difusão dessa revolução comandando políticas de incentivo aos preços agrícolas, de subvenções aos insumos, de bonificação dos juros

de empréstimo e de investimentos em infraestruturas e irrigação, drenagem e transporte. (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 28).

Verificamos que o fortalecimento das estruturas fomentadoras da produtividade e funcionalidade do crescimento capitalista no setor teve e tem o resguardo de volumosas subvenções financeiras por parte do poder público, como as de estímulo à adoção dos “pacotes tecnológicos” da revolução verde, aprofundando-se as relações de crédito na agricultura (DELGADO, 2003, p. 5). Os indicadores técnicos do período apontaram aumento da modernização, da produtividade e a diversificação produtiva. Por outro lado, instituída como um ciclo de inovações com o objetivo de intensificar a oferta de alimentos, as transformações na atividade produtiva oriundas deste processo resultaram em “êxodo rural, dependência da agricultura em relação à indústria, desterritorialização dos camponeses, invasão cultural e contaminação do ser humano e do ambiente como um todo” (PEREIRA, 2012, p. 686).

Tornando os camponeses dependentes de empresas globais, fabricantes dos pacotes tecnológicos, abriu-se enorme mercado para bens que geram lucro aos proprietários dos meios de produção. Esta integração da agricultura com a indústria forneceu as bases para que os blocos de capital se movimentassem estrategicamente dominando a política agrícola do Estado, buscando a maximização da renda fundiária e especulação no mercado de terras (PEREIRA, 2006), associando-se com a grande propriedade fundiária com o objetivo de promover estratégia econômica de capital financeiro, perseguindo o lucro e a renda da terra (DELGADO, 2003).

Impulsionado em escala global por uma política agrícola e comercial estabelecida verticalmente com o objetivo de expandir, ou pelo menos manter constantes as margens produtivas do sistema em seu movimento de reestruturação produtiva (MÉSZÁROS, 2007), o setor agrário nacional e sua estratégia capitalista de modernização técnica do campo brasileiro sem Reforma – corroborada pela frouxidão das políticas fundiárias –, condiciona-se, a partir de meados da década de 1980, ao “ajustamento constrangido” da economia brasileira às restrições macroeconômicas do setor externo, da ordem econômica globalizada imposta pelas políticas neoliberais (DELGADO, 2003, p. 7). A estratégia para enfrentar a crise do endividamento externo, comum nos países que abriram suas economias ao capital estrangeiro, após o período de grande crescimento conhecido como “milagre brasileiro”, foi a participação expressiva do setor agrícola e das cadeias agroindustriais na geração de saldos comerciais, como a principal fonte de divisas para enviar renda líquida ao exterior (DELGADO, 2003, p. 7).

Esta incorporação massiva do setor agrícola na solução do endividamento externo somado aos processos de liberalização econômica e globalização financeira fez aumentar o domínio da agroindústria multinacional e da agroindústria exportadora (o agronegócio), acumulando riqueza nas mãos de um pequeno número de empresários com o capital necessário para investir no uso intensivo de tecnologia e maquinário. Para Pascual (2003) trata-se de uma “modernização capitalista excludente”, prolongando e/ou acentuando os processos de concentração da terra e dos recursos produtivos.

Propagandeada mundialmente como saída para o problema da fome e da desnutrição, a revolução verde foi mais eficiente na criação de corporações gigantes, como a Monsanto, consolidando um tipo de poder com potencial destrutivo em relação à natureza e a humanidade (MÉSZÁROS, 2007), dentre outros agravantes, pode ser verificado na disseminação dos agrotóxicos e das sementes transgênicas. Estabeleceram ampla variedade de “insumos industriais”<sup>6</sup> como exigência para obter as melhores safras (BERNSTEIN, 2010), substituindo os ciclos ecológicos locais, pautados nos recursos endógenos (PEREIRA, 2012). Agregados às novas variedades de alta produtividade (VAP’s), as “variedades melhoradas”, possibilitam o objetivo comum a ser perseguido por todos os produtores: lavouras eficientes, produzir em quantidade!

<sup>6</sup> Adubos químicos, agrotóxicos, motores à combustão interna etc.

## O crescimento capitalista

A quantificação fetichista<sup>7</sup>, característica do crescimento capitalista, relaciona-se a todas as atividades produtivas sob o modo de operação do sistema do capital, e não poderia ser diferente no campo. As determinações da dinâmica territorial do capital no campo envolvem “o grave defeito estrutural da busca pela expansão ilimitada do capital” (MÉSZÁROS, 2007, p. 245), e o crescimento é tido como um fim em si mesmo, independente das consequências destrutivas impostas à natureza e à humanidade.

Este *crescimento capitalisticamente postulado e definido*, a partir da quantificação fetichista, atua na ausência da determinação qualitativa geral fundada na necessidade humana significativa<sup>8</sup>, pressupondo “a expansão ampliada do capital como a *precondição* elementar para satisfazer a necessidade e o uso humano” (MÉSZÁROS, 2007, p. 248, grifo do autor). Deste modo, aceitando o diagnóstico malthusiano, muitos dos defensores do sistema reconhecem apenas as dificuldades emergidas do crescimento populacional, mas nenhuma das contradições da ordem reprodutiva do capital (MÉSZÁROS, 2007).

[...] uma parte do quadro mais amplo é o crescimento da produção de alimentos e da população mundial, principalmente desde a década de 1950. Ambos são aspectos do desenvolvimento do capitalismo e da economia mundial por ele criada. Outra parte do quadro é a imensa desigualdade global de renda e de segurança do sustento da família, de qualidade e expectativa de vida, bem como a produtividade. Embora se produza mais do que o suficiente para alimentar adequadamente toda a população do mundo, muitos passam fome durante boa parte ou quase todo o tempo. (BERNSTEIN, 2010, p. 6).

Se tomarmos a produtividade como elemento fundamental para as questões de bem-estar humano, para satisfazer as condições da vida humana (BERNSTEIN, 2010), não é bem esta que esta relacionada ao crescimento capitalista. Mézszáros (2007, p. 247) considera a definição de *produtividade como crescimento*, e *crescimento como produtividade*, um exemplo do uso de “tautologias autovantajosas e arbitrariamente pré-fabricadas” pelos ideólogos do sistema, perigosamente capazes de infectar tudo, neste caso com a falsa identidade categoricamente decretada de crescimento e produtividade.

É necessário substituir a ordem quantitativa, inerente às determinações estruturais do sistema do capital, por uma solução qualitativa, considerando a diversidade e a pluralidade dos sujeitos e dos processos, compatível com igualdade e justiça social. Para isso seria preciso alterar os sistemas hierárquicos de poder e de tomada de decisão, como os que compõem o modelo agrário hegemônico adotado no campo brasileiro.

O poder de classe atribuído às grandes corporações “agro-químico-alimentares” (THOMAZ JR, 2010) e aos ruralistas, representação política dos grandes proprietários (latifundiários) e empresários do setor, é sacudido pela disputa territorial, envolvendo as políticas estatais, liderada na outra ponta por movimentos, sindicatos e organizações diversas que questionando não só a estrutura agrária conservadora e a concentração fundiária, mas o próprio modelo de sociedade, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Esta realidade evidencia que mesmo como uma forma de organização do poder político, como meio de institucionalização deste poder (VILLAS, 2004), o Estado capitalista admite diferentes funcionalidades no interior da luta de classes, nem sempre

<sup>7</sup> “A grande inovação do sistema do capital é que ele pode operar – não dialeticamente – por meio da dominação esmagadora da *quantidade*: submetendo *tudo*, inclusive o trabalho humano vivo (inseparável das qualidades da necessidade e do uso humano), às *determinações quantitativas abstratas*, na forma de valor e de valor de troca. Assim, tudo se torna lucrativamente comensurável e administrável por um determinado período de tempo” (MÉSZÁROS, 2007, p. 251).

<sup>8</sup> As necessidades reais e historicamente desenvolvidas desde a sociedade como um todo quanto de seus indivíduos particulares (MÉSZÁROS, 2007, p. 252).

correspondendo aos interesses hegemônicos do capital. O contexto de constante luta política e busca pelo equilíbrio modifica a complexidade de tramas do tecido social, redesenha, rearranja os territórios. A *luta pela terra* e consequente implantação dos assentamentos da reforma agrária, confirmam esta possibilidade, que também se manifesta na *luta na terra*, com a resistência das famílias assentadas em manterem suas atividades produtivas.

Contudo, apesar dos avanços das duas últimas décadas, como o acesso e a “segurança” na terra para muitas famílias, com políticas públicas importantes para a reprodução da agricultura camponesa/familiar, conquistados pela luta política e pelo trabalho do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA/INCRA), quando comparamos à expansão do agronegócio, o cenário é amplamente desfavorável. A política de Estado privilegia abertamente o modelo de crescimento adotado pelo agronegócio, com vultosas quantias disponibilizadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) dentre outros órgãos, influenciando diretamente na disputa territorial envolvendo territórios camponeses, indígenas, quilombolas, dentre outras comunidades (MENDONÇA et al., 2012), tornando as relações de poder que envolvem a questão ainda mais assimétricas.

## O agronegócio canavieiro

Segundo o Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, intitulado “A Agroindústria Canavieira e a Crise Econômica Mundial”, a crise internacional tem significado um fator importante de modificação em alguns movimentos da Questão Agrária, escancarando o alto índice de endividamento e inadimplência das usinas, que tomaram emprestado grandes quantias em dólares aproveitando a valorização do real, para especular com derivativos<sup>9</sup> cambiais. Os níveis de produtividade do agronegócio da cana sofreram os efeitos da crise na safra 2011/2012. Comparado ao padrão de expansão dos anos anteriores, algumas mudanças são notadas, como a diminuição dos investimentos na renovação dos canaviais, tratos culturais e adubação para manter os níveis de produtividade.

A busca por competitividade no mercado mundial faz com que a agroindústria da cana, assim como os demais setores do agronegócio brasileiro, assumam constantes dívidas financeiras para manter níveis aceitáveis de produtividade. (MENDONÇA et al., 2012, p. 40).

Segundo o relatório, para manter estes “níveis aceitáveis de produtividade”, o Estado brasileiro investe firme para “salvar” empresas e grandes produtores, perdoando dívidas e propondo até total isenção de impostos para produção de etanol. Mas eis o que consideramos o ponto mais importante: as modificações impostas pelo cenário de crise têm influenciado na busca incessante pelo **controle das terras**, pelas empresas do agronegócio, seja pela compra, pelo arrendamento e/ou parceria, e o monopólio do acesso à água, dentre outras formas de subordinação. O crescente endividamento incentiva a expansão territorial, expressa na contínua incorporação de novas áreas de monocultivo, “aparecendo como suposta solução para crise de remuneração do setor” (MENDONÇA et al., 2012, p. 24).

[...] em janeiro de 2012, o governo brasileiro liberou R\$4 bilhões somente para a renovação dos canaviais. Além da queda na produtividade, podemos observar a internacionalização monopolista do setor, o aumento da necessidade de créditos subsidiados, a expropriação de pequenos

<sup>9</sup> [...] um derivativo é um contrato financeiro, cujo valor deriva de um ativo subjacente, preço de *commodities*, índice, taxa ou evento. [...] A característica própria desse conjunto de derivativos é negociar no presente o valor futuro de um ativo (MENDONÇA et al., 2012, p. 17).

produtores e indígenas e a consequente substituição de lavouras alimentares. (MENDONÇA et al., 2012, p. 4).

Esta substituição das lavouras alimentares tem ocorrido em vários territórios, passando para o controle de grandes empresas nacionais e estrangeiras, como as integrantes da agroindústria canavieira. São muitos os elementos que sustentaram a expansão do agronegócio no Brasil e o consolidaram como modelo de desenvolvimento hegemônico no campo brasileiro. O modelo concebe o crescimento em perspectiva limitada ao presente<sup>10</sup> e seus objetivos imediatos, diferente da agricultura camponesa, mais próxima da sustentabilidade, valorizando o trabalho familiar e elevando-se acima da perspectiva de “curto prazo”.

### **A territorialização da cana-de-açúcar no extremo Oeste de São Paulo**

Do mesmo modo que o assentamento rural, como parte da multiplicidade territorial do país, é um trunfo da luta pela terra, como afirma Fernandes (1994), o controle e exploração destas terras interessa ao capital, que também o reconhecerá como trunfo na medida em que estabeleça as condições necessárias para sujeitar a renda da terra ao seu propósito de expansão e acumulação. Para Thomaz Jr. (2010), a prioridade do capital está em expandir-se em áreas planas, aptas à mecanização, com bom nível de fertilidade e grande disponibilidade hídrica. O agronegócio procura territorializar-se nas melhores terras, pois assim poderá extrair a renda diferencial, que depende do aproveitamento das condições naturais privilegiadas de alguns terrenos, em relação aos demais (MARX, 1973). Segundo Thomaz Jr. (2010), estas condições podem ser realizadas no “Polígono do Agrohídronegócio”<sup>11</sup>, abarcando o Oeste do estado de São Paulo, com desdobramentos no Assentamento Fazenda Primavera.

A titulação dos lotes ocupados pelas famílias nos assentamentos é elemento fundamental na reflexão desenvolvida a partir deste ponto, pois a busca pela liberalização dos mercados de terra, trabalho e crédito, realidade orientada e estimulada por organismos multilaterais como o Banco Mundial, pode tornar as famílias camponesas vulneráveis, pois o propósito é facilitar a transferibilidade da terra aos “produtores mais eficientes” para a “eficiência global da economia” (PEREIRA, 2006, p. 358). Este discurso único, emanado do centro do sistema, é analisado de maneira crítica por Pereira (2006). A emancipação dos assentamentos, neste contexto, significa o rompimento dos dispositivos legais que asseguram o domínio do Estado na regulação das relações de compra/venda e arrendamento (PEREIRA, 2006; PASCUAL, 2003), abrindo caminho para a expansão do capital também nestas áreas.

Nas últimas duas décadas, a territorialização do agronegócio da cana de açúcar é realidade na Microrregião de Andradina (ver prancha 1), tanto pelo arrendamento/parceria rural, quanto pela compra direta das terras. Na tabela 1 podemos comparar, entre 1995 e 2012, a consolidação da superioridade da cana-de-açúcar em relação a outras culturas temporárias - essenciais para alimentação humana - desenvolvidas no estado de São Paulo, em área e em quantidade produzida. Entre 1995 e 2006 a área plantada com cana aumentou em 54% no estado, e **129%** quando comparamos 1995 a 2012. A quantidade produzida em toneladas aumentou 65,3% entre 1995 e 2006, e **132%** entre 1995 e 2012.

**Tabela 1 – São Paulo – Utilização das terras com lavouras temporárias entre 1995 e 2012**

<sup>10</sup> “O resultado dos perversos interesses que estão na raiz da relação do capital com o tempo é ser ele incapaz de uma *perspectiva de longo prazo* e de um senso de *urgência* mesmo na iminência de uma explosão”. (Mészáros, 2007, p. 116, grifos do autor).

<sup>11</sup> Compreende-se por extensa área que abrange o Oeste de São Paulo, Leste do Mato Grosso do Sul, Noroeste do Paraná, Triângulo Mineiro e Sul-Sudoeste de Goiás (Thomaz Jr, 2010).

Lavouras temporárias	1995		2006		2012	
	Área (ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Quantidade (t)
Cana-de-açúcar	<b>2.258.900</b>	<b>174.960.000</b>	<b>3.495.893</b>	<b>289.299.376</b>	<b>5.172.611</b>	<b>406.152.815</b>
Feijão em grão	229.760	229.740	191.670	296.270	111.891	206.738
Arroz em casca	133.540	260.130	28.900	82.800	26.894	120.620
Milho em grão	1.243.300	4.175.280	1.049.400	4.378.380	838.729	4.478.820
Soja em grão	530.000	1.185.500	656.600	1.648.100	562.648	1.566.956
Mandioca	34.140	794.050	47.170	1.105.850	57.909	1.354.849

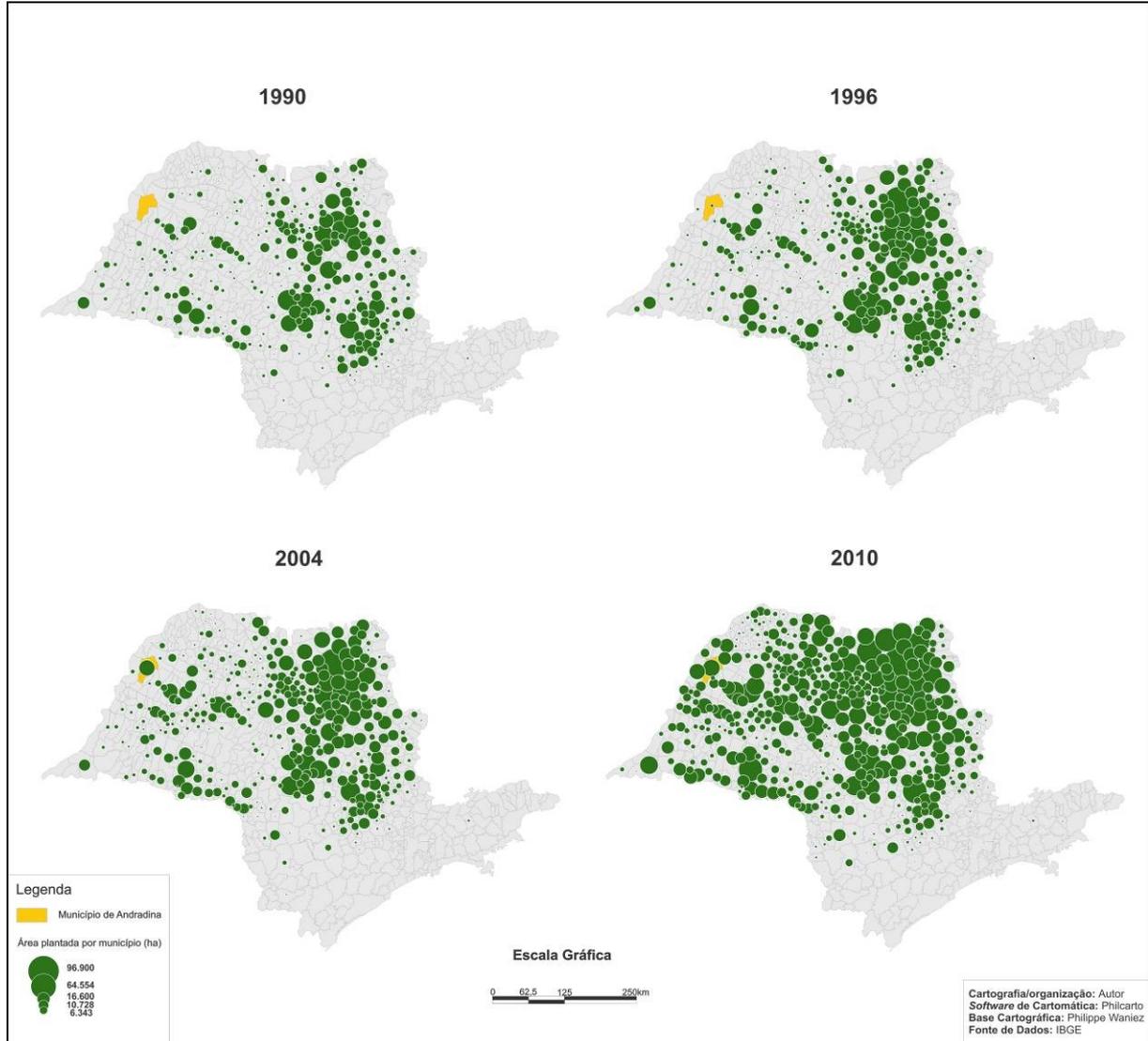
**Fonte:** Censos Agropecuários, IBGE (1995 / 2006); Pesquisa Agrícola Municipal (PAM, 2012).  
Org.: SANTOS, R.O.C.

Ao analisar a prancha 1, verificamos que em 1990, os municípios do extremo Oeste do estado de São Paulo não contavam com presença massiva do cultivo da cana-de-açúcar. Situação oposta ao que observamos em 2010, com a territorialização da cana em praticamente todos os municípios, inclusive no Pontal do Paranapanema, que em função do protagonismo dos movimentos socioterritoriais, lutando pela territorialização das famílias sem terra nas terras devolutas e/ou improdutivas estaduais, tem histórico de resistência contra o agronegócio.

Demonstramos em amarelo o município de Andradina, verificando a situação em 1996, quando não havia área plantada com cana-de-açúcar e nem usinas agroprocessadoras estabelecidas. Já em 2010, há expressiva soma de hectares utilizados para esta atividade, cerca de 30.000 (IBGE, 2010), colocando Andradina entre os trinta maiores municípios produtores de cana no estado. Há no município a usina *Unidade Gasa da Cosan*<sup>12</sup>, grupo de grande expressão no setor, em escala nacional e internacional, porém, ainda não avançou sobre o Assentamento Fazenda Primavera, especificamente. Na Região Administrativa de Araçatuba, onde se localiza Andradina, existem 28<sup>13</sup> usinas agroprocessadoras estabelecidas. Contudo, observamos que é na Região Administrativa de Ribeirão Preto a maior concentração desta cultura em área plantada, mas com duas usinas a menos, 26 unidades.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.cosan.com.br/Cosan>>. Acesso em: 20/05/2013.

<sup>13</sup> Disponível em: <[http://www.energia.sp.gov.br/portal.php/mapas\\_biomassa](http://www.energia.sp.gov.br/portal.php/mapas_biomassa)>. Acesso em: 20/05/2013.

**Prancha 1 – Territorialização Da Cana-De-Açucar No Estado De São Paulo – 1990/2010**

Fonte: IBGE. Org./cartografia: SANTOS, R.O.C.

Oliveira (2003) destaca dois mecanismos desta expansão territorial do capital no campo, em seu desenvolvimento desigual e contraditório: i) a *territorialização do monopólio*: o controle é exercido por meio da apropriação direta das terras; o capitalista da indústria, proprietário da terra e capitalista da agricultura tem um só nome, são uma só pessoa ou uma só empresa; ii) a *monopolização do território*: o controle é exercido por meio de contratos de arrendamento (muito comum no caso da cana), de integração<sup>14</sup>, e pela sujeição da renda gerada por camponeses rendeiros<sup>15</sup>. Para o autor, “quando monopoliza o território, o capital cria, recria, redefine relações camponesas de produção familiar” (OLIVEIRA, 2003, p. 42). Para Machado e Albuquerque (2013, p. 123), os agentes hegemônicos dominam os territórios pelas relações de poder, baseadas na técnica, na política e no capital financeiro.

<sup>14</sup> Contrato de integração: o contrato de parceria para produção integrada, firmado entre o produtor integrado e a integradora que estabelece a finalidade, a participação econômica de cada parte na constituição da parceria e na partilha do objeto do contrato, as respectivas atribuições no processo produtivo, os compromissos financeiros, os deveres sociais, os requisitos sanitários, as responsabilidades ambientais, entre outras que regulem o relacionamento entre os sujeitos do contrato (BRASIL, 2011). “Integração da produção camponesa ao capital agroindustrial”. “Expediente do capital para controlar a sujeição da renda da terra e das famílias camponesas à sua lógica” (THOMAZ JR., 2009, p. 333).

<sup>15</sup> Camponês que arrenda a terra de terceiros e a cultiva com o trabalho familiar.

Cubas (2012, p. 182) enxerga o estado de São Paulo “como multiterritorial, e por isso, no interior do sistema capitalista, um estado que reflete uma intensa disputa territorial em diversos âmbitos”. Entendemos que um deles, e talvez um dos mais complexos neste cenário, envolva a disputa entre o agronegócio canavieiro e a agricultura camponesa. É importante uma análise mais aprofundada, pelo fato de existir um conjunto de elementos que redefinem e reorganizam os meios pelos quais acontece a disputa. É parte destes elementos que trazemos para o debate neste trabalho.

Para aprimorar a relação teoria-realidade, apresentaremos a seguir uma reflexão sobre o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP), que expõe questões importantes de serem analisadas em função dos desdobramentos que podem envolver a titulação definitiva da terra na reforma agrária e a falta de políticas consistentes para fixação das famílias assentadas no campo. Esta reflexão integra os resultados parciais da pesquisa de mestrado identificada em rodapé na primeira página do texto, vinculada ao Núcleo de Estudos pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA), da UNESP de Presidente Prudente-SP, e ao CNPq. Consideramos que a pesquisa de campo assume aqui um caráter essencial na busca por compreender esta realidade, em consonância com a análise do referencial teórico utilizado.

## O caso do P. A. Fazenda Primavera

O PA Fazenda Primavera é o único assentamento emancipado do estado de São Paulo. As famílias receberam o título definitivo de propriedade da terra, desvinculando-se da tutela do Estado, representado pelo INCRA. O projeto foi criado em julho de 1980, com 311 famílias, em uma área de 9.385 hectares (DATALUTA, 2013). A maior parte das famílias pioneiras migrou do Nordeste para região de Andradina, fugindo da seca e da intensificação dos conflitos fundiários a partir da década de 1940 (MARTINS, 1981), e parte migrou do estado de Minas Gerais.

De acordo com Monbeig (1984, p. 150), principalmente a partir de 1930, começou a cessar a imigração europeia para São Paulo, substituída por uma grande migração interna, que para o estado de São Paulo era constituída em sua maioria por nordestinos. “Encontrava-se em toda parte o ‘nortista’, habitante do nordeste. Mais precisamente, dizia-se ‘baiano’, porque a Bahia foi o principal centro de emigração para as zonas pioneiras de São Paulo e do norte do Paraná”. Mas também tinham os migrantes mineiros, que também demandavam São Paulo como possibilidade de melhorar as condições de vida.

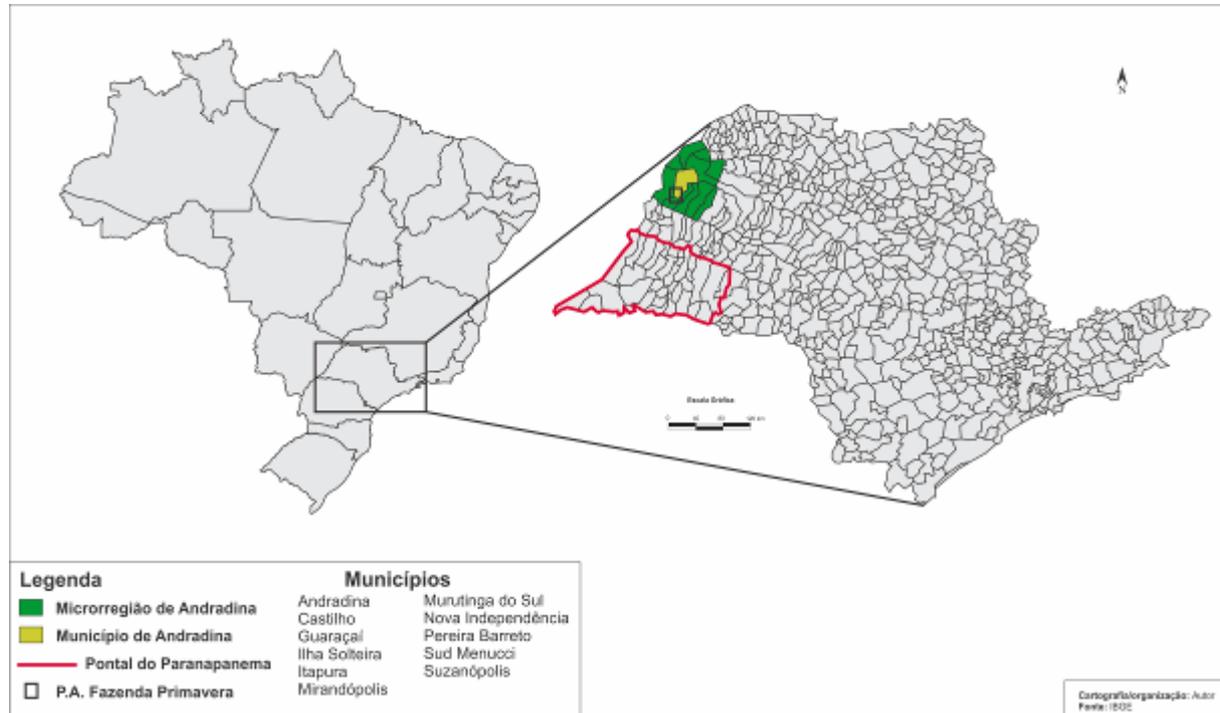
De modo geral, as regiões que mais padeceram da seca, tanto na Bahia, como em Minas, foram os principais focos do êxodo. Mas, não os únicos. Em Minas, a emigração para São Paulo se fez à custa da Zona da Mata, sua antiga região cafeeira; em Pernambuco e Alagoas, os centros de partida foram os municípios onde imperava a cultura da cana e onde era mais elevada a densidade da população. (MONBEIG, 1984, p. 151).

Os “baianos” eram principalmente trabalhadores assalariados que substituíram os colonos no trabalho pesado das fazendas, todavia, como destaca Monbeig, muitos “acabam por amealhar a soma bastante para adquirir, a crédito, um lote de terra ou assinar um contrato de meias” (MONBEIG, 1984, p. 152). Segundo o autor, não existe estatística para precisar tal evolução, mas explica que não era raro encontrar famílias nordestinas desenvolvendo suas próprias lavouras e criações, em diferentes condições e relações de trabalho. “[...] encontrei mais de um que, com a família, parecia estabelecido como agricultor”.

Muitas destas famílias chegaram ao estado na década de 1940, que é o caso da maioria das famílias pioneiras na Fazenda Primavera, provenientes de vários estados do Nordeste e regiões de Minas Gerais. Na figura 1, representamos as localizações da

Microrregião Geográfica de Andradina, do município de Andradina, do PA Fazenda Primavera e do Pontal do Paranapanema, referência na questão agrária paulista.

**Figura 1 – Microrregião de Andradina, Andradina, Fazenda Primavera e Pontal do Paranapanema**



**Fonte:** IBGE. Org: SANTOS, R.O.C.

Muitas delas chegaram à região de Andradina na época em que a mata ainda estava sendo derrubada para as plantações e criações, processo do qual participavam para poder se estabelecer, deslocando-se de tempos em tempos para iniciar nova derrubada. Contudo, essas condições eram melhores que as vividas anteriormente. Sobre o movimento migratório de muitas dessas famílias, Monbeig (1984, p. 151), faz as seguintes considerações:

Triste migração essas das famílias que seguiam, frequentemente a pé, do sertão até Juazeiro, à beira do rio São Francisco. Subiam o rio em vapores mal arranjados, numa interminável viagem até Pirapora, ponto terminal da rede ferroviária. Outros, que vinham do sul da Bahia ou de Minas Gerais, atingiam, igualmente a pé, a estrada de ferro em Montes Claros. Desta estação ou de Pirapora, inconfortável é a viagem de trem até São Paulo. Longe de ser desejável era o equipamento higiênico dos acampamentos onde se concentrava essa multidão miserável, seja nos portos do São Francisco, seja nas estações terminais. Assim, quando desembarcaram na hospedaria dos imigrantes de São Paulo, estavam os “bairanos” extenuados de fadiga, que se acrescentava a sua deficiente alimentação e incrível miséria.

Principalmente como posseiros e arrendatários, passaram a cultivar café, algodão, dentre outras lavouras para consumo próprio, pagando a renda da terra em produto ou em dinheiro ao sujeito que se apresentou como proprietário das terras, mesmo sem de fato possuir documentos ou escritura alguma (FERNANDES, 1985). Segundo os moradores, existia um forte aparato de intimidação organizado para controlar as famílias, com “administradores” e outros funcionários que se enquadravam melhor na figura de verdadeiros “capangas”, com participação em agressões, intimidações e assassinatos. Quanto à condição dos produtores em relação às terras antes da conquista do território, um

estudo com dados coletados pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) em 1999, levantou a seguinte situação:

No Assentamento Primavera, todos os moradores têm sua origem no meio rural. Considerando a ocupação dos trabalhadores no momento anterior ao assentamento, entre as atividades exercidas na agricultura, encontram-se 50% como posseiros e 42% como arrendatários; pode-se ainda verificar a ocorrência, em menor escala, de proprietários rurais (6,3%), parceiros (1%) e assalariado temporário (0,5%). (ITESP, 2005, p. 149).

Muitas vezes eram obrigados a vender o excedente da produção a preços muito abaixo do praticado no comércio regular, ao passo que se endividavam em função de empréstimos e compra de mantimentos, gerando um ciclo de dependência e exploração comum em muitas regiões do país. As famílias demoravam a receber o pagamento, realizado por meio de cheques pré-datados que tinham metade de seu valor descontado por agiotas de Andradina, no desespero das famílias por receberem as quantias (FERNANDES, 1985). Com o tempo os conflitos se tornaram frequentes. Segundo relatos, chegou o momento em que as famílias deixaram de pagar a renda, em função do boato que corria de que não havia escritura legalizada da terra. O conflito se intensificou, e tomou proporções de alcance regional, estadual, com a situação conhecida até em escala nacional. Fernandes (1994, p. 80-81) sintetiza parte da relação de exploração imposta ao cotidiano das famílias:

O grileiro se apresentava como dono das terras, dizendo que tinha um "documento" e cobrava dos posseiros a renda da terra. O conflito com o Abdala se intensificou com as novas formas de exploração que implantava: alto percentual da renda da terra que era paga em produto e a compra no armazém da fazenda que fornecia diversas mercadorias e emprestava dinheiro. Os posseiros só podiam vender os seus produtos ao "proprietário" que roubava no momento da pesagem e fazia os pagamentos com cheques pré-datados de outra praça. Os cheques eram trocados com agiotas que descontavam 50% do valor real. Com relação a algumas culturas como por exemplo o algodão, o pagamento da parte dos posseiros era feito em espécies retiradas no armazém da fazenda. Estas estratégias produzem o endividamento dos posseiros, expropriando-os ou tornando-os completamente dependentes do fazendeiro.

A situação se agravou quando o filho do sujeito que se apresentava como proprietário, o empresário J.J. Abdalla, decidiu converter toda a fazenda em pastagem, em um contexto de busca por modernização e especialização da produção e de valorização contínua da atividade pecuária. Tal decisão custaria a expulsão das famílias, que decidiram ficar e lutar pela terra. Com o apoio inicial da Igreja Católica, sindicatos e da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (FETAESP), as famílias se fizeram notar em sua luta e a valer seus direitos, conquistando a terra por intermédio do Estado, fato que representou a primeira fase da territorialização camponesa na região de Andradina. A luta ficou conhecida como a luta dos "lavradores da Primavera".

Esta vitória incentivou a luta por novos grupos de famílias da região e do restante do estado, que se organizaram em movimentos e lutaram para se territorializar nas terras públicas (DE PAULA, 2010; FERNANDES, 1994), pois as improdutivas só puderam ser legalmente reivindicadas a partir de 1988, com a inserção da função social da terra no texto constitucional. Hoje a região conta com 37 projetos de assentamento. Com a criação do MST em 1984 e sua atuação nesta região, a luta ganhou novas dimensões.

A desapropriação da Fazenda Primavera aconteceu em 1980, beneficiando 311 famílias antigas, que já se encontravam produzindo no local há muitos anos. Todavia, outras 34 famílias que demandavam terra na região foram beneficiadas em 1984, em uma área da fazenda que foi anexada posteriormente ao projeto. Nosso levantamento nos órgãos competentes, somado à pesquisa de campo, demonstra que destas 345 famílias, cerca de 110 permanecem no assentamento. Todavia, este é um dado muito questionado pela

maioria das pessoas entrevistadas na pesquisa, que alegam que o número de famílias do período da conquista que permanecem na terra é bem menor. Segundo dados do ITESP, hoje existem 3.677, hectares correspondentes ao projeto inicial do assentamento, o que significa 39% da área inicial, onde vivem as famílias remanescentes do período da luta e conquista da terra e mais algumas famílias camponesas que se estabeleceram posteriormente por meio da comercialização de alguns lotes.

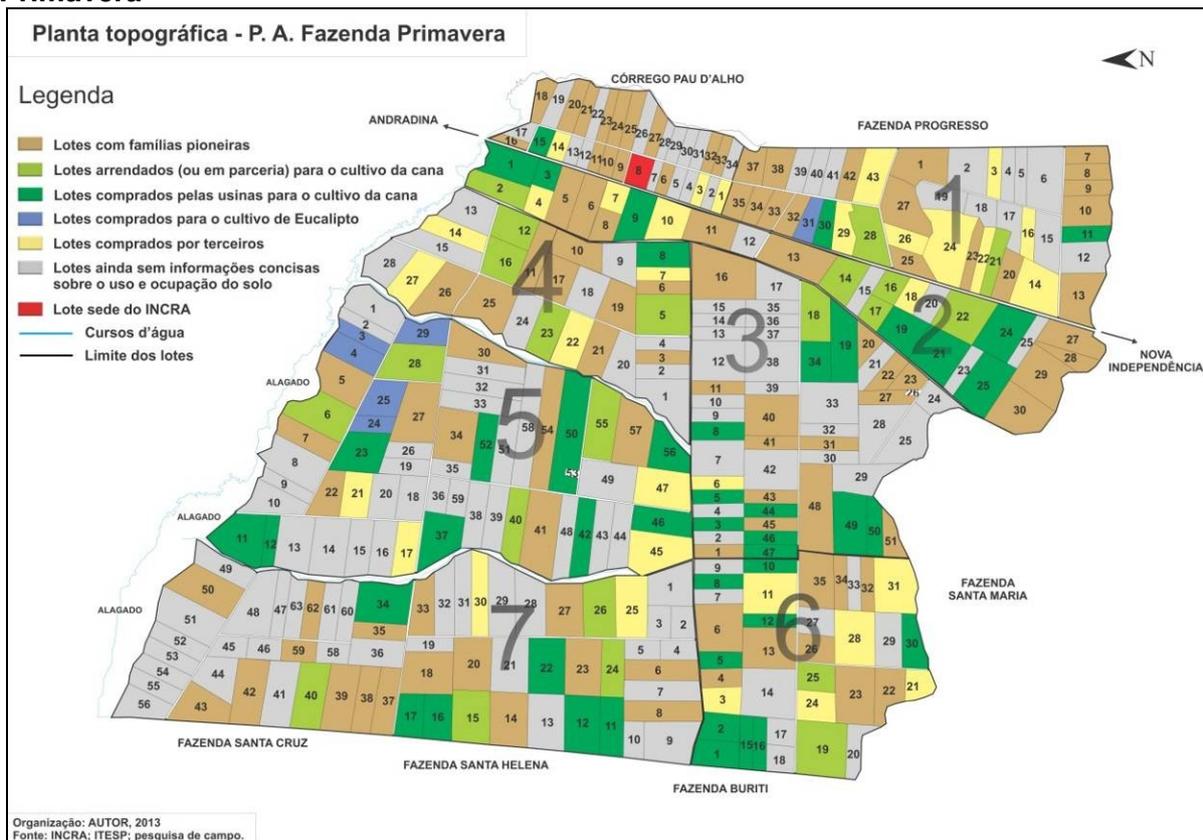
No trabalho de campo, foram entrevistadas 42 famílias, com a aplicação de questionários contendo questões abertas e fechadas, o que nos possibilitou chegar aos resultados aqui apresentados. Este número representa um recorte de 38% das famílias pioneiras, o que consideramos suficiente para construir um quadro da situação atual do assentamento. Analisamos questões como estrutura familiar, uso e ocupação do solo, infraestrutura disponível, políticas públicas, formas de organização da produção (associações/cooperativas/sindicatos) e o grau de envolvimento das famílias com o agronegócio. Foi fundamental para verificarmos, dentre outros aspectos, as formas de resistência adotadas por elas, constituindo distintas territorialidades.

### **Utilização das terras e configuração atual do território disputado**

Reunimos um conjunto de dados e informações que contribuem para entender parte da configuração territorial da área na atualidade (ver Figura 2). Estabelecemos cores para diferenciar as formas de uso e ocupação do solo. Todavia, não é possível especificar exatamente com quais atividades se ocupam todas as famílias somente pelo trabalho de campo, em função da ampla extensão do território e da ausência dos moradores em muitas ocasiões. Por este motivo, muitos lotes ficaram sem uma definição precisa em relação às suas formas de utilização da terra.

Os lotes representados na cor marrom referem-se às famílias pioneiras e equivalem a 30% dos lotes. Os amarelos, que são cerca de 9%, estão ocupados por proprietários que adquiriram lotes por meio da comercialização com famílias pioneiras ou já com terceiros, destinando a terra a chácaras de lazer, a algum tipo de atividade agropecuária ou simples local de segunda residência. Os representados pelo verde claro estão arrendados para o cultivo da cana destinada às usinas, e são 7% do total. É comum que estejam arrendados em sua totalidade, todavia, existem as famílias que arrendam parte da terra como forma de complementar a renda e saldar dívidas, como iremos explicar mais a frente. Os lotes comprados pelas usinas estão em verde escuro, e equivalem a 13% do total. Os lotes destinados ao cultivo do eucalipto representam 2%, e estão na cor azul. Por fim, os que estão em cinza representam os lotes onde não possuímos informações precisas das formas de exploração do solo, o que complementaremos com o mapa de uso e ocupação do solo deste território, produzido por meio do geoprocessamento, que integrará os resultados finais desta pesquisa. Estes últimos equivalem a 40% do total.

**Figura 2 – Planta topográfica representando a disputa territorial no P. A. Fazenda Primavera**



**Fonte:** INCRA/ITESP/pesquisa de campo. Org: SANTOS, R.O.C.

A análise das informações contidas nos questionários revela que os principais cultivos desenvolvidos pelas famílias entrevistadas são: i) pastagem; ii) milho (para consumo, comercialização e para alimentar os animais/silagem); iii) mandioca; iv) feijão. Algumas famílias também cultivam hortaliças e leguminosas, principalmente para o auto-consumo e comercialização em feiras locais. Outras mantêm um pequeno pomar na propriedade, também para consumo próprio. Na montagem de fotografias exposta como figura 3, podemos identificar as formas de exploração da terra que figuram como atividades predominantes das famílias pioneiras entrevistadas. Ainda é possível observar o eucalipto plantado em grande quantidade ao fundo na fotografia com o cultivo do milho, diferente do que aparece ao fundo da imagem com pastagem, plantado apenas para diminuir o impacto do vento, prática muito comum entre os agricultores.

**Figura 3 – Montagem de fotografias: diferentes lotes com pastagem, milho, mandioca e feijão**



**Fotografia/Org:** SANTOS, R.O.C.

A produção do leite é a principal atividade desenvolvida pelas famílias entrevistadas, com 90,5% do total, em função da garantia do retorno financeiro, segundo as pessoas entrevistadas. Alguns lotes contam com tanques de refrigeração disponibilizados por cooperativas especializadas e utilizados em conjunto pelas famílias associadas. Caminhões especializados fazem a coleta do leite em periodicidade regular, garantindo o escoamento da produção camponesa. De acordo com o ITESP, em 1999 as pastagens já ocupavam lugar de destaque na utilização das terras camponesas.

Na região Noroeste do Estado de São Paulo, como o Pontal do Paranapanema, predomina a pecuária de corte e a atuação das famílias do assentamento Primavera destaca-se também nesta atividade, em que as pastagens ocupam 52,57% da área agricultável; entretanto, por se tratar de pequenas propriedades, a extração do leite se torna muito mais rentável utilizando mão-de-obra familiar do que a produção de carne. No restante da área, cerca de 10% estão destinadas a cultivos anuais, que tanto podem ser para o autoconsumo familiar como para a alimentação animal (ITESP, 2005, p. 149).

Os bezerros são comercializados em momentos estratégicos, como forma de complementar a renda e saldar eventuais dívidas. Também criam outros animais como galinhas e porcos, com 80% e 46% das famílias, respectivamente. Das que criam galinhas, apenas 49% possuem galinheiros, o que demonstra o caráter de subsistência desta atividade, pois mais da metade criam soltas “no terreiro”. Das que criam porcos, apenas 12% tem um número considerável (acima de cinco animais), ou seja, também comercializam os suínos. Ainda é possível encontrar em alguns lotes pequena criação de carneiros. Outra

criação encontrada foi a de peixes, por meio de tanques e maquinário especializado. Na figura 4 podemos identificar, na sequência, as criações de porcos, carneiros, peixes e bezerros, em quatro propriedades diferentes, por meio de fotografias tiradas em trabalho de campo.

**Figura 4 – Montagem de fotografias: diferentes lotes demonstrando as criações de porcos, carneiros, peixes e bezerros**



**Fotografia/Org:** SANTOS, R.O.C.

No PA Fazenda Primavera, a cana-de-açúcar tem substituído lavouras alimentares e áreas de pastagem. Junto ao eucalipto, são os cultivos desenvolvidos nos lotes controlados pelo agronegócio, porém, o eucalipto com menor expressão. A presença de uma empresa que fabrica embalagens de papelão ao lado do Fazenda Primavera, a Citroplast<sup>16</sup>, explica a demanda pelo eucalipto cultivado em alguns lotes do assentamento, que adquire a matéria-prima também por intermédio de produtores independentes que arrendam terras do assentamento para o fornecimento à unidade industrial, segundo informações dos moradores que “conhecem o pessoal”. O produto final são caixas e chapas de papelão, que passam por um sistema que encadeia três fases de fabricação: i) papel reciclado; ii) papelão ondulado; iii) fabricação de caixas, que transforma as chapas de papelão ondulado nas caixas de papelão, muito demandadas por frigoríficos em diversas localidades no estado, participando também da cadeia do agronegócio da pecuária de corte.

A Usina da Pedra (Ipê), de Nova Independência, e a Usina Viralcool, estabelecida em Castilho, são as empresas que arrendam e/ou compram terras para o cultivo da cana na região. Nas fotografias abaixo (figura 5) podemos observar extensas áreas plantadas com cana, como também um lote onde a família arrenda a terra para o cultivo do eucalipto. Em uma das imagens podemos identificar o trabalho de coleta das toras de madeira, prontas

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.citroplast.com.br/Default.htm>>. Acesso em: 04/07/2013.

para o processamento agroindustrial, e logo abaixo as máquinas trabalhando na colheita da última safra da cana-de-açúcar.

**Figura 5 – Montagem de fotografias: lotes plantados com cana-de-açúcar, com eucalipto e máquinas trabalhando no transporte das toras de eucalipto e na colheita da cana-de-açúcar**



**Fotografia/Org:** SANTOS, R.O.C.

Segundo moradores, a Usina da Pedra (Ipê) só faz contratos de arrendamento (parceria rural), enquanto a Viralcool se expande tanto pela compra direta como pelo arrendamento. Quanto ao arrendamento, existem os contratos que as famílias recebem uma quantia pela parcela da terra alugada, que pode ser apenas parte da propriedade, e os

contratos de “parceria rural”<sup>17</sup>, nos quais os “parceiros outorgantes”, ou seja, os donos da terra têm direito a 21% da cana produzida pela usina na propriedade, que deverá ser vendida somente para a parte outorgada, neste caso a própria usina<sup>18</sup>. Este último envolve normalmente toda a propriedade.

Na figura 6, observamos casas em vias de serem derrubadas para o espaço ser totalmente ocupado pela cana, como acontece costumeiramente. Na foto maior, verificamos que a cana já esta plenamente estabelecida, bem desenvolvida no entorno da antiga residência. Em muitas ocasiões, identificamos somente as marcas no chão da infraestrutura/benfeitorias de algumas casas derrubadas pelas usinas. Aconteceu o mesmo com alguns lotes plantados com eucalipto. Alguns ainda contam até com os poços artesanais.

**Figura 6 – Montagem de fotografias: residências em vias de serem derrubadas para ceder à área total à cana-de-açúcar**



**Fotografia:** SANTOS, R. O. C; FERNANDES, B. M. Org: SANTOS, R. O. C.

### **As características do problema que envolve a expansão da cana: a perspectiva dos moradores**

Segundo nosso levantamento, os principais problemas relacionados à territorialização do agronegócio canavieiro na região são: i) desterritorialização das famílias camponesas, com crescente concentração das terras controladas pelas usinas

<sup>17</sup> Neste contrato, é corriqueiro que toda a área agricultável da propriedade seja utilizada pela usina, salvo algumas exceções onde as famílias ficam com uma pequena parte para “tocar uma roçinha”.

<sup>18</sup> Estas informações foram levantadas por meio da análise de um contrato firmado entre a usina Ipê e uma das famílias.

agroprocessadoras, seja pelo arrendamento/parceria rural ou compra direta; ii) aplicação aérea de agrotóxicos, com implicações negativas na saúde das pessoas, dos animais e deterioração da cobertura vegetal atingida; iii) deterioração das estradas do assentamento em função da movimentação de caminhões e máquinas pesadas; iv) desgaste excessivo do solo após algumas safras, segundo alguns assentados. O problema do agrotóxico é exposto por várias pessoas no assentamento, como verificamos na fala de uma delas:

O avião passa jogando veneno, conforme o vento contrário vem tudo na propriedade né, e tem crianças que não suporta, é atacada por causa disso. Então, eu ainda a cana não ta perto, mas os vizinhos que já sente o cheiro do veneno é muito forte né, porque, avião né, avião passa e joga veneno...e conforme ele joga, o veneno cai no pedaço do seu pasto, ali mata tudinho também [...] (ENTREVISTA COM ASSENTADA<sup>19</sup>, JULHO DE 2013).

Para outros moradores, os funcionários responsáveis pela pulverização aérea tem que ter habilidade para não causar danos imediatos mais graves, pois muitas plantações são entremeadas por lotes camponeses, o que aumenta as chances de contaminação pelo veneno, principalmente em crianças. Segundo uma das agentes de saúde que atende no PA Fazenda Primavera, também residente no local, os problemas de saúde mais comuns no assentamento são casos de hipertensão, alguns casos de câncer (sem relação com a pulverização em análise preliminar), dentre outras complicações. Explica que a exposição ao agrotóxico pode afetar a saúde das pessoas em longo prazo, acumular no organismo e levar a complicações futuras. “A questão é que ta agravando os problemas de saúde, das famílias, porque queira ou não sempre espalha, né?” (Agente de saúde do assentamento).

Sobre o arrendamento, as famílias comentam que a melhoria da renda proveniente deste contrato com as usinas é o fator principal na tomada de decisão sobre iniciar este tipo de atividade, envolvendo também questões como a idade avançada de muitos agricultores, a falta de políticas públicas consistentes de apoio à produção, como também a necessidade de saldar dívidas resultantes da contratação de crédito privado, por exemplo. Segundo uma das moradoras,

[...] muitas pessoas já falam em arrendar e ir embora, para com a produção de leite e de roça porque não tem incentivo do governo, pequeno produtor ta sofrendo muito hoje, todo mundo precisa comer e beber, né? de onde vai tira? Não tem onde tirar mais, e onde eles vão procurar serviço na usina, e lá eles permanece [...].

Outro morador, migrante do município de Caitité (BA), comenta que a questão é financeira mesmo, “as outras coisas não estão dando renda do tamanho da cana, não tão superando a cana”. Ainda explica que o desgaste do solo, em função do cultivo seguido da cana, faz com que muitas vezes se torne inviável (alto custo) sua recuperação por parte das famílias ao final do contrato, situação que pode se encaminhar para uma oferta de compra da terra pela usina.

É importante dizer que o arrendamento de parte do lote para este cultivo também é uma forma de resistência de algumas famílias, que endividadas com instituições privadas provedoras de crédito rural, dentre outras instituições, realizam contratos temporários com as usinas com o objetivo de saldar os débitos e permanecerem na terra. A garantia da renda no período de vigência do contrato recria as possibilidades de manter as atividades produtivas. Assim, ao mesmo tempo em que a renda da terra serve à reprodução ampliada do capital, representado aqui pelas usinas, o campesinato recria suas possibilidades de continuar existindo. Oliveira (2007) explica que o capital também se reproduz por meio da subordinação de relações não capitalistas de produção, expresso neste caso pela prática do arrendamento de uma parcela da terra. Em um dos casos, no qual a família passou por

<sup>19</sup> Os nomes foram omitidos por solicitação de algumas pessoas entrevistadas, e optamos por adotar o critério para o restante.

períodos difíceis em função das dívidas, optando pela parceria com a usina com o objetivo de saldá-las, a perspectiva é a seguinte:

Nós trabalhamos muito assim, na lavoura e no leite. Mas aí, as lavouras deu pra trás pra nós porque não tinha preço, a gente colhia bem, chegava na hora de vender não tinha preço pra saldar as dívidas, e aí as dívidas foram só aumentando [...] Nós fizemos um contrato com a usina Viralcool, eles vêm, colhem e já levam pra lá. Eles plantaram e agora eles colhem e levam para usina. São oito alqueires, porque nós juntamos duas propriedades, a que era da minha mãe que ela passou para os netos, então nós fizemos um lote só de cana. [...] Vai ter cana cinco anos, a gente não pode mexer. Corta, ele brota de novo e a gente vai permanecer com ela aí. Como nossa área é pequena, eu creio que ela vai permanecer na mesma área. Assim que corta já faz a adubação. A gente pretende continuar com a cana se não houver uma ajuda por parte das entidades do governo, porque se tiver a gente vai parar com a cana. (ENTREVISTA COM ASSENTADO, NOVEMBRO DE 2012).

Quando questionados se havia a possibilidade de vender a terra, disseram: “A gente já deixava claro pra todos que a gente não tem intenção nenhuma de vender. Já chegamos a vender tudo que tinha em cima dela, mas a terra, não!”. Como vimos na Figura 2, muitas famílias que deixaram a área, venderam a terra para terceiros. Segundo o levantamento, alguns lotes já passaram nas mãos de vários donos. Em reportagem do jornal “O Estado de São Paulo” (Estadão) sobre o Assentamento Fazenda Primavera, analisando a questão da titulação definitiva da terra na reforma agrária, verifica-se que nos últimos dez anos houve uma valorização de 525% do alqueire de terra, com um crescente aquecimento do mercado de terras na região.

O território da Fazenda Primavera antecede o núcleo urbano de Andradina e é cortado pela principal rodovia que dá acesso a ele e outras cidades da região, fazendo com que aumentem também as pressões de terceiros interessados em formar chácaras de lazer, como segunda residência, e das usinas, em função da funcionalidade logística. “Em decorrência dessa pressão, o preço da terra não para de subir. Em dez anos, o valor do alqueire (24,2 mil m<sup>2</sup>) saltou de R\$ 8 mil para R\$ 50 mil” (ARRUDA; TOMAZELA, 2014). Algumas das famílias que compraram, destinaram os lotes a atividades de lazer, como já dissemos, todavia, outros lotes foram repassados a famílias camponesas que mantêm suas atividades produtivas tradicionais.

Os problemas enfrentados pelos assentados na Fazenda Primavera provocaram a transferência de muitos lotes para outras pessoas. Atualmente, existem na área muitos produtores rurais que detêm um ou mais lotes, adquiridos por terceiros. Outros lotes foram adquiridos por profissionais liberais e comerciantes residentes nas cidades da região e que utilizam os lotes como segunda residência (HESPANHOL; COSTA; ESPÍRITO SANTO, 2003, P. 111).

Em muitos casos, as famílias pioneiras perderam parte da terra para saldar dívida com bancos, já que se tratando de um assentamento emancipado pelo INCRA, o título de propriedade permite colocarem a propriedade como garantia de pagamento, que somado à falta de orientação especializada, se traduz em implicações negativas para permanência das famílias. As instituições financeiras credoras também realizam leilões quando as famílias não tem outra saída senão entregar a terra. Não foi raro encontrar famílias que expressavam sua inconformidade em relação ao modo como ocorreu a desterritorialização de muitas famílias.

Olha, o problema econômico, ele começou desde 1983 na entrega do lote. Por quê? O INCRA, ele deu uma carta de crédito, mas não orientou, deu o crédito lá no Banco do Brasil e todo mundo entrou [...] Aqueles que

aplicaram na lavoura, não tinham orientação, acabava às vezes perdendo, porque não sabia como vender, não sabia como produzir a terra [...] Não tinha um acompanhamento do INCRA, não teve, a Primavera não teve. Em 84, 85, já começou a leiloar os lotes pelo Banco do Brasil, e chegou o momento que o próprio INCRA ajudava a vender os lotes. Nós tivemos muitas famílias que foi leiloado. (ENTREVISTA COM ASSENTADA, NOVEMBRO DE 2012).

A fala de outro assentado do Assentamento Fazenda Primavera demonstra também a complexidade da questão envolvendo os bancos:

Nóis chegou a ter dezoito alqueire e meio né, aí desses dezoito alqueire e meio fiquemo com cinco e meio porque teve que ir vendendo uns pedaço e ir pagando o banco né...pegava um crédito rural, um financiamento né, planta roça, e não podia pagar e aí o banco ia pressionando e a gente tinha que vende...não tinha jeito, pra nós não fica sem nada teve que ir vendendo, enquanto muitos vendeu tudo, com medo, pra podê né..aí se vê, a maioria não ta aqui por causa disso, porque foi pressionado pelos banco...os ricos chegava aqui, e o povo com medo tinha que vende né...teve nego que vendeu a terra aqui de graça pra pode paga conta. (ENTREVISTA COM ASSENTADO, JULHO DE 2013).

A dificuldade em obter renda satisfatória tem colocado a cultura da cana como opção temporária para muitas das famílias que arrendam ou fazem parceria, e uma opção praticamente definitiva para outras que recebem o recurso do arrendamento na cidade. O preço dos produtos agrícolas (alimentícios) praticado no mercado regular dificulta a manutenção das atividades produtivas de pequena escala, que conjugado à falta de políticas de apoio do poder público, tem levado a situações como a perda gradual do controle das terras para o agronegócio, expresso no avanço das usinas agroprocessadoras. Em outro trecho da entrevista com a agente de saúde, verificamos o caráter conflitante de seu ponto de vista em relação à realidade do Assentamento Fazenda Primavera, sem perspectiva de estabilidade para algumas famílias somente com as atividades camponesas, o que faz com que aceite a “forma de trabalho” oferecida pelo agronegócio.

Eu não sou contra usineiro, tanto é que eu fico feliz quando eu vejo eles trabalhando, quando eles encostam o trator e vem trabalhando, isso pra mim é uma forma de trabalho, porque, quando o pequeno não tem como se virar, é atrás deles que eles vão atrás de emprego. Muitos saiu dos sitio que tocava leite, mexia com o próprio negócio, o governo já não ajuda mais, você vai vendê feijão, as coisa, produto que você tira da terra não tem valor. Então muitos abandonaram e foram trabalhar na usina, de motorista, de tratorista. Eu não tenho nada contra usineiro, só que da dó, né? que aqui não deveria ter a cana porque aqui o pessoal vive do leite, da terra e da roça, então eles abandonam porque a oferta melhor vem da usina né, ela paga melhor, ela investe melhor. (ENTREVISTA COM ASSENTADA E AGENTE DE SAÚDE DO ASSENTAMENTO, JULHO DE 2013).

Levantamos que no momento em que a usina faz a proposta pelo arrendamento da terra, oferece emprego com carteira registrada na empresa, com salário fixo para vagas de tratorista, motorista em geral etc. “A usina já arrenda o sítio da gente e já de cara já dá um serviço pro dono do sítio, pra trabalha, da um salário pra ele trabalhar para própria usina, quase sempre tratorista, motorsita, sempre tem serviço”, afirma um dos assentados. Em situação difícil no momento, noutro ponto da entrevista ele comenta: “ta sendo a salvação do pessoal daqui”. Quando questionado se pensa em vender para usina, afirmou: “eu acho que é quase certeza isso aí, futuramente, porque a gente não tem como fazê outras coisas”. Outro assentado coloca junto à questão da renda a idade avançada de muitos chefes de família e a dificuldade em estimular os mais jovens a continuarem as atividades dos pais. Quando indagado sobre as causas desse avanço das usinas, expõe o seguinte:

Por causa da idade, os filho vai tudo arruma serviço pra trabalhar nas usinas, outros vão pra cidade, fica só o casalsinho de véio...a maioria aqui arrenda por necessidade memo da renda que é melhor, eles não tem condições de trabalhar mais pela idade, você vai anda ai você vai o que tem ai, é tudo setenta anos pra lá...e os filhos não qué segui o que os pais faiz, eu não tiro a razão deles não, se eu fosse novo eu não queria [...] (ENTREVISTA COM ASSENTADO, JULHO DE 2013).

Segundo Martins (1981), nas regiões Sul e Sudeste do país, o processo de expropriação camponesa é mais suave, é quase disfarçado. A expulsão não é direta. Ela se dá pela não criação de condições para que o filho do agricultor se torne agricultor autônomo como o pai. A tendência é tornar-se assalariado na cidade. Já no Norte e Centro-Oeste, a expulsão dos camponeses e de suas famílias é mais direta, são lançados para fora da terra por meios geralmente violentos. Podemos então traçar um paralelo com o que acontece com os mais jovens no Assentamento Fazenda Primavera, com a falta de condições para que o filho do agricultor se torne agricultor autônomo como o pai.

A entrega dos títulos de propriedade logo após a obtenção definitiva da terra pelo INCRA foi um procedimento equivocado para alguns agricultores, pois previram dificuldades sem a presença do Estado no desenvolvimento do território, diferente da situação vivida pelo agronegócio, predominante nas concepções e práticas do Estado e dos governos. As famílias não estão inscritas nem no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), do governo federal, que compra uma cota anual de R\$ 4.500,00 em produtos das lavouras alimentares desenvolvidas pelas famílias camponesas que integram o programa, para destinação à entidades assistenciais de atuação variada. Um dos chefes de família entrevistados comenta o seguinte:

A política agrícola aqui não foi boa pra nós né, porque preço não existia, boa produção mais não tinha preço. E se a gente quisesse um lugar que entregasse a lavoura que a gente colhesse aqui na época aqui, então o pessoal desenvolvia né, a vida de todo mundo melhorava. Mas nós tinha que entregar para os atravessadores e eles pagavam o preço que eles queriam. (ENTREVISTA COM ASSENTADO, NOVEMBRO DE 2012).

A contar de 1981, as famílias da Primavera foram beneficiadas por duas políticas públicas de crédito rural. Em 1990 receberam uma carta de crédito que equivaleria hoje a R\$ 7.500,00, recurso para ser utilizado em caráter de investimento. Na maioria dos casos, o recurso foi utilizado para melhorar a infraestrutura do lote, para aquisição de cabeças de gado e para adquirir itens e insumos diversificados, necessários para o desenvolvimento das atividades produtivas. Ainda na década de 1990, por intermédio do ITESP, receberam mais um recurso de cerca de R\$ 2.000,00, em caráter de custeio, ou seja, para ser utilizado com material de consumo, diretamente no plantio ou com a manutenção das criações animais.

O primeiro recurso foi disponibilizado no âmbito do Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária (PROCERA), lembrado pelas famílias como “procerão”, também em função do valor superior ao segundo. Neste sentido, o segundo ficou conhecido como “procerinha”. Na segunda metade da década de 1990, o PROCERA foi substituído pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), com linhas específicas de crédito de acordo com a renda anual dos assentados e agricultores em geral.

Segundo os relatos, algumas famílias souberam utilizar melhor os recursos. As que souberam, também utilizaram por vezes, e de maneira eficiente, a linha de Crédito Rural do Banco do Brasil, por exemplo, onde a terra entra no contrato como garantia de pagamento, como em outras instituições financeiras. Esta garantia de pagamento, com a penhora da terra, levou à desterritorialização de algumas famílias, e a redução do patrimônio de outras. Por este motivo, a emancipação também é vista no assentamento como uma forma de “pressão” para que as terras tenham outra destinação, diferente da exploração camponesa,

considerada por muitos que defendem o agronegócio como uma forma atrasada e pouco eficiente/produzida de agricultura.

Então o que que foi feito, a Primavera foi desapropriada, né? “na bala”, por tensão social, houve morte, houve briga, mas emancipou imediatamente que era pra nós perde as terras, e o INCRA fez uma propaganda enorme da Primavera dizendo que era um projeto modelo, que servia de modelo pro Brasil inteiro, foi na Globo, colocou na mídia e tal. Mas de repente já pegou nossos títulos, levou no Banco do Brasil, falou: “você já podem ir lá pegar dinheiro”. Só pra você ter uma ideia, a Primavera tinha, o nosso administrador, quem dava assistência técnica pra nós era um assistente social. Agora você imagina, você acha que um assistente social pode fazer isso? (ENTREVISTA COM ASSENTADO, JULHO DE 2013).

Esta fala pertence a uma das lideranças do período de luta contra a exploração e expropriação das famílias, defendendo que o título definitivo de propriedade não contribuiu com o desenvolvimento das atividades produtivas e com uma condição de autonomia para maior parte das famílias, vinculadas a outra cadeia de relações, que envolve as atividades agrícolas no modo de produção capitalista. Segundo a liderança, “o governo titular as famílias, ele tá dando uma arma engatilhada pra acabar com a reforma agrária, porque o título definitivo dá direito da pessoa vender a terra, fazer o que quiser dessa terra, então é o fim da reforma agrária”. A fala de um dos funcionários do ITESP, que mora na Fazenda Primavera e também contribui com serviços de assistência às famílias, também é clara neste sentido:

Eu acho inviável, porque ele com o título, ele vai acabar ou arrendando pra usina, e vai vir arrendando, vendendo, e vai acabar voltando para a cidade. Sendo que eu acho que hoje, a princípio, a ideia não é essa, a ideia é para o agricultor tá lá na propriedade, morar, trabalhar, explorar e sobreviver daquilo lá né... aí o que acontece, ele vai arrendar, vai receber uma renda lá mensal, e vai vivendo. (ENTREVISTA COM ASSENTADO E TÉCNICO AGRÍCOLA DO ASSENTAMENTO, JULHO DE 2013).

O oferecimento de assistência técnica adequada aos propósitos camponeses de produção de alimentos saudáveis e reprodução de seu modo de vida tem caráter fundamental nas possibilidades de permanência das famílias e manutenção do território, pois assegura um tipo de orientação realizada por pessoas confiantes de que este modelo é o mais apropriado para garantir o bem-estar da sociedade e das famílias assentadas. A falta de profissionais e de instituições comprometidas com esta visão é um dos “gargalos” que dificultam o desenvolvimento das famílias. Como foi possível observar em um destes depoimentos, a questão da assistência técnica inadequada foi um dos problemas enfrentados pelas famílias, que explicam que demoraram a ter um agrônomo para assisti-los no assentamento.

### **Resistência no campo: condição atual das famílias**

Ao considerar e analisar os problemas históricos enfrentados pelos camponeses na Fazenda Primavera e o modo como se configura a questão agrária neste território, refletindo sobre os porquês da reconcentração da terra com a venda e/ou arrendamento dos lotes, precisamos analisar e enfatizar também as formas de resistência das famílias que se mantêm produzindo, como no caso do arrendamento parcial, refletindo sobre os fatores responsáveis por sua permanência.

Neste sentido, buscamos entender como parte das famílias se organizou para amenizar seus problemas em diversos campos, como o social, político e econômico, por exemplo, buscando soluções para os “gargalos” que dificultam seu desenvolvimento. Para isso trataremos de temas como estrutura familiar, infraestrutura disponível nos lotes,

participação em associações e sindicatos, oferta de assistência técnica, dentre outras questões.

Mais da metade das famílias entrevistadas na pesquisa é proveniente do estado de São Paulo, chegando a 57% do total. Mesmo não sendo um número expressivo, é importante salientar que algumas famílias entrevistadas não eram pioneiras, ou seja, tinham comprado o lote de terceiros, negócio que envolveu normalmente famílias de municípios da região. Este fato talvez explique o grande número de famílias paulistas. Com relação às demais famílias entrevistadas, cinco são mineiras, uma é de origem paraense e as doze restantes são de estados nordestinos, como Bahia, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Ceará.

Considerando apenas o casal titular do lote, os chefes da família, os paulistas são os que têm menor média de idade, com 59 anos. Os nordestinos e mineiros apresentam números parecidos, 68 e 69 anos de média, respectivamente. Isto demonstra que algumas famílias paulistas entraram posteriormente na terra, pois, normalmente, os que fizeram este tipo de negócio são casais mais jovens. Considerando todas as famílias entrevistadas, a média de idade dos chefes da família (casal titular), fica em 64 anos.

Segundo pesquisa realizada pelo ITESP, em 1999, entre os titulares dos lotes, 66% tinham idade acima de 51 anos, e 34% estavam entre os 21 e 50 anos. Passados 15 anos, os mesmos 66% estão hoje com idade acima de 66 anos, e os outros 34% estão entre 36 e 65 anos. Somente 10,5% tinham idade inferior a 40 anos em 1999, o que hoje significa 55 anos. Segundo o estudo, estes chefes de família com menos de 40 anos, em 1999, devem se tratar de pessoas que adquiriram a terra de outros assentados após a implantação e titulação dos lotes. “Tal afirmação pode ser feita tendo em vista que as pessoas nesta faixa teriam no máximo 22 anos no início do projeto e, na época, a idade mínima para obter a titularidade era de 22 anos” (ITESP, 2005, p. 149).

A média de integrantes das famílias entrevistadas é de quatro pessoas, contudo, existem as famílias que moram em cerca de oito pessoas, e muitas onde restou apenas o casal pioneiro, normalmente de mais idade, o que fez a média chegar a este número elevado. Muitos integrantes trabalham em Andradina e nas cidades vizinhas, e outros tantos trabalham nas usinas de cana e na Citroplast. Encontramos ocupações como professores, funcionários da prefeitura, empregadas domésticas/diaristas, veterinários, e principalmente, operadores de máquina nas usinas de cana e na Citroplast. Levantamos que destes integrantes, os que continuam no território são principalmente os que trabalham nas usinas, incluindo esta última.

Na implantação do projeto, as parcelas de terra foram divididas de acordo com o número de integrantes das famílias, ou seja, as famílias com mais de cinco pessoas ficaram com uma média entre 15 e 20 alqueires, enquanto as com menos integrantes ficaram com cerca de 10 alqueires, outras com ainda menos. As próprias famílias exigiram do INCRA esta forma de divisão dos lotes, pois consideravam mais justo. A infraestrutura dos lotes é bem diversificada, não existem muitos padrões no modo como produzir, o que aponta um processo de diferenciação interna entre os agricultores.

Verificamos que 90% das famílias entrevistadas possuem o lote dividido por piquetes, o que demonstra que a produção do leite e criação de bezerros é bem significativa no território. A maioria das famílias possuem mangueiras para as atividades com o gado leiteiro, que algumas chamam de curral, chegando a 86%. Quanto às instalações para as máquinas, equipamentos e insumos utilizados, 66% disseram que possuem um “barracão” para organizar os materiais. Quanto à estrutura hídrica, 59,5% dispõem de abastecimento por meio de poço artesiano ou semi-artesiano, e 62% contam também com a cacimba, ou “poço comum”. Contudo, algumas famílias utilizam poços artesanais em conjunto. Em um dos lotes encontramos um açude, em outro uma boa estrutura de irrigação, onde também desenvolvem a criação de peixes (tilápias) em tanque artesanal. Foi possível encontrar diversas instalações, algumas bem rústicas, outras mais elaboradas, para a criação de porcos e galinhas, em 59,5% e 45% dos lotes, respectivamente.

Quanto às máquinas e equipamentos disponíveis, foi muito comum encontrar famílias que utilizam apenas os serviços da prefeitura de Andradina para as atividades como “tombar a terra” para o plantio, por exemplo, cedendo apenas o óleo combustível como

forma de contribuição. Em algumas ocasiões também é cobrado por hora de trabalho da máquina. Das famílias entrevistadas, 38% possuem trator, o restante, 62%, utilizam os serviços da prefeitura. Destas últimas, muitas ainda trabalham com sistema de tração animal, com ferramentas próprias de complemento, como grade e arado, ou “tombador”.

Como já mencionamos, os recursos públicos para o desenvolvimento das atividades produtivas, como políticas de crédito agropecuário, foram praticamente nulos no caso destas famílias, por não se tratar de um projeto comum de assentamento, o que na prática deu um caráter de “regularização fundiária” para o processo, por envolver famílias que já se encontravam na terra e a entrega imediata do título de propriedade. Neste sentido, os recursos da previdência social, como aposentadorias, pensões, auxílios doença, dentre outros, são fontes estratégicas de renda para boa parte das famílias, em função das dificuldades encontradas ao longo dos anos em desenvolverem-se como produtores dinâmicos financeiramente. No estudo de Carvalho (2013), que analisou vários indicadores socioeconômicos nos assentamentos da microrregião de Andradina, fica clara a importância destes recursos:

Nos diversos relatos feitos através das entrevistas, os assentados destacaram a importância desses benefícios para suprir suas necessidades, já que a renda proveniente dos lotes é insuficiente e as condições de pobreza nos assentamentos serem de visibilidade expressiva. (CARVALHO, 2013, p. 134).

Em outro ponto, o mesmo estudo destaca o que consideramos mais próximo do que tem acontecido no Assentamento Fazenda Primavera, utilizando-se do pensamento de um segundo autor:

Biolchi (2002), por sua vez, ressalta que a Previdência Social contribui para evitar o êxodo de muitos agricultores familiares, uma vez que a estrutura familiar e o contexto em que essa se encontra inserida é que vão determinar a permanência ou não no campo. Segundo o autor, as aposentadorias rurais representam uma estratégia de reprodução econômica de muitas famílias, mesmo que sirvam apenas para manter as atividades de subsistência e autoconsumo. (CARVALHO, 2013, p. 134).

Algumas famílias tiveram boa experiência com a busca por crédito privado, para outras o resultado foi negativo, com perda gradual da terra, como comentamos no tópico anterior. Em entrevista ao ITESP, um dos moradores afirma que “daqueles coitadinhos que não tinham noção do que era entrar num banco, não ficou um. O banco tomou tudo, até trator. Então o INCRA não deu assistência. A energia fomos nós que puxamos. Furamos também poço. E é assim até hoje” (ITESP, 2005). Portanto, em algumas ocasiões o crédito rural do Banco do Brasil foi utilizado pelas famílias, que também se envolveram com cooperativas para este fim. Observamos casos de famílias em dívida até hoje com cooperativas que já foram desativadas, com registro até de falência.

As famílias buscam formas de organização para conseguirem melhorias. Existiu uma associação dos agricultores do Assentamento Fazenda Primavera que disponibilizava maquinário agrícola, “Associação 8 de julho”, que foi extinta por má administração, em função do sumiço repentino dos equipamentos, segundo os próprios assentados. A crítica é unânime entre as famílias, que contam que era de grande valia para o desenvolvimento das atividades. Todas as famílias entrevistadas participaram do projeto, e todas tem uma visão negativa do modo como foi administrada. O mistério permanece até hoje entre elas.

A maioria das famílias entrega o leite para Cooperativa Agropecuária Primavera (Coprma), administrada pelo MST em Andradina, que também realiza parcerias com o ITESP para fins de capacitação dos produtores assentados da região. Em uma destas parcerias, o objetivo foi incentivar o plantio da cana para fins forrageiros, contribuindo na alimentação do rebanho leiteiro na época seca do ano, quando a escassez de alimento passa a ser um fator limitante para produção de leite. “Os produtores tiveram a oportunidade de aprender as técnicas corretas para o bom preparo do solo, plantio, sulcamento,

espaçamento, adubação e controle de pragas, e a sua utilização na dieta animal” 20. Outras cooperativas também são citadas pelos moradores, como a Cacetupi, de Tupi Paulista. Algumas famílias também entregam o leite para laticínios, como o Laticínio Jussara.

A atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Andradina foi o tipo de contribuição mais citada no encaminhamento de serviços essenciais como dentista, médico, e serviços burocráticos como previdência social e direitos trabalhistas. Todavia, algumas famílias alegam que nunca tiveram contato. O ITESP mantém um local de reuniões na sede comunitária do Fazenda Primavera, onde as famílias discutem assuntos diversificados, como os problemas relacionados ao avanço do agronegócio e outros temas envolvendo a necessidade de melhorias no processo produtivo.

Na Fotografia 2 podemos identificar um dos chamados a estas reuniões, onde serão discutidos temas como a nova Lei de qualidade do leite, as demandas essenciais das famílias como o acesso a médicos veterinários e a possibilidade de participação no programa do governo federal “Minha casa minha vida”. Não levantamos a informação da regularidade com que estas reuniões acontecem, mas compreendemos sua relevância para buscar soluções para os principais problemas da comunidade.

**Fotografia 2 – Convocação de reunião no PA Primavera**



**Fotografia:** SANTOS, R. O. C.

As formas de resistência também envolvem o nível de instrução das pessoas envolvidas. Verificamos que as mais instruídas conseguem identificar melhor as contradições que envolvem suas atividades cotidianas, que envolvem sua própria história e existência no território, que envolvem sua relação com as instituições públicas e os interesses privados. Não levantamos na pesquisa o nível de escolaridade dos moradores, apenas especulamos durante as entrevistas. Contudo, segundo o ITESP,

O nível de escolaridade no Assentamento Fazenda Primavera é reduzido, tendo 35,5% da população o Ensino Fundamental completo, e apenas 10,3% o Ensino Médio. O analfabetismo apresenta um índice bastante

<sup>20</sup> Disponível em: [http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/noticias/ntc\\_332.aspx](http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/noticias/ntc_332.aspx) Acesso em: 25/11/2013.

elevado (19%) superando a média estadual dos assentamentos, de 9,65%. Há entre os moradores 5 pessoas com o Ensino Superior completo (0,58%), e 24 pessoas estão na fase pré-escolar (2,78%). (ITESP, 2005, p. 149).

Existe uma importante escola no Fazenda Primavera, Escola Estadual João Carreiro (ver figura 7), com boa infra-estrutura disponível. Possui quadra de esportes coberta, internet banda larga, laboratório de informática, sala de leitura, computadores, impressoras, alimentação escolar para os alunos, energia em rede pública, sanitários dentro do prédio, dentre outros benefícios. O que preocupa é a evasão dos alunos, ou melhor, a diminuição crescente da demanda por novas matrículas, que faz com que vários moradores do Fazenda Primavera acreditem que o quadro caminha para o fechamento da escola. Segundo os assentados, a escola esta com cerca de 20% de sua capacidade.

**Figura 7 – Montagem de fotografias: Escola Estadual “João Carreiro”**



**Fotografia/Org:** SANTOS, R. O. C.

O fato é que os moradores da Fazenda Primavera estão mais envelhecidos do que o observado nos outros assentamentos da região. Muitos dos filhos estão “tocando a vida” na cidade, outros conseguiram terra em outros assentamentos, como é o caso do Projeto de Assentamento Belo Monte, onde residem muitos dos “filhos do Primavera”, segundo as famílias. A escola João Carreira tem passado por um momento de crise em função do acúmulo destes fatores, o que tem sido pauta de discussão entre os moradores.

As famílias que se mantêm produzindo têm buscado formas de resistência, mas o conjunto de problemas descritos neste trabalho tem minado as perspectivas de sucesso financeiro nas atividades produtivas, pois a renda baixa ainda é a principal queixa dos moradores. O preço dos alimentos produzidos pelos camponeses praticado no mercado tem incomodado e desanimado muitas famílias, que optam pelo arrendamento de parcela da terra para o complemento financeiro. Portanto, a titulação definitiva da terra, em consonância com fatores como a deficiente oferta de políticas e recursos estatais para a agricultura familiar, a valorização crescente das terras no mercado, a idade avançada dos chefes de família e evasão dos mais jovens, somados aos mecanismos de cooptação das usinas, dentre outros fatores, tem gerado desdobramentos que tem resultado em uma situação crítica de reconcentração da terra.

### **As metas e formas de ação das usinas**

Após ouvir as famílias, colhemos informações nas próprias usinas, para compreendermos como atuam e quais seus objetivos em relação à expansão da cana na região onde estão territorializadas. Conversamos com funcionário responsável por administrar as áreas já plantadas e pela expansão sobre as novas, aptas a receber a

cultura. Reunimos algumas informações importantes. Visitamos a usina Viralcool (ver figura 8), a que mais negocia com as famílias do Primavera, localizada no município de Castilho.

Como toda empresa, a usina coloca a lucratividade e produtividade a frente de suas decisões. Para isso, trabalha para que a expansão das áreas plantadas funcione num “sentido correto”, que segundo eles está relacionado à busca de terras com boa fertilidade, baixa declividade e boa localização. Portanto, com a proibição das queimadas e consequente extinção do corte manual da cana, a empresa procura expandir-se em regiões mais aptas a mecanização completa do processo produtivo, e de acordo com a usina, a região de Andradina se enquadra bem nestas características.

Segundo nosso levantamento, a empresa tem como objetivo expandir-se apenas dentro dos limites estaduais, e num raio aproximado de 40 km a partir de suas instalações. Este raio abrange toda a extensão do Assentamento Fazenda Primavera, o que possivelmente tenha levado algumas famílias a “denunciar” a voracidade com que atuam na obtenção de novas áreas naquele território.

**Figura 8 – Montagem de fotografias: instalações da usina Viralcool, no município de Castilho**



**Fotografia/Org:** SANTOS, R.O.C.

Quanto às negociações com as famílias, levantamos o seguinte depoimento:

[...] isso acontece diariamente, sempre, sempre tem negócios, compras, vendas, isso é normal na região. Geralmente as pessoas ligam, entram em contato, ou por meio de vizinhos, vão entrando em contato, a gente às vezes vai até eles fazer uma visita... a gente vai, dá uma analisada, vê como que tá, se tem condições de tá tendo a cultura da cana, e começa a fazer a negociação. Ou eles vedem, ou entram em parceria.

Como já abordamos ao longo do texto, as usinas se utilizam de “mecanismos” diversificados no processo de convencimento das famílias, como a oferta de empregos com

registro em carteira. Segundo alguns assentados, existem técnicos dos órgãos (institutos de terra) responsáveis pelos serviços de assistência às famílias que também aconselham a venda ou arrendamento do lote. Outra questão importante é que, nos contratos de parceria rural, as famílias não souberam responder se há algum tipo de fiscalização por algum representante das famílias no momento de pesagem da cana produzida no lote, que ocorre na própria usina. Segundo a usina, os contratos de parceria rural não são arrendamentos, mesmo que o termo seja usual, porque “quando você arrenda você tem uma renda fixa ou variável mensal, e parceiro você tem parte da produtividade”. Ainda segundo a empresa, a quantidade da produção que fica com a família depende de alguns fatores:

Depende do tipo de solo, do que você vai ter que gastar para preparar aquele solo, o que você vai ter que fazer de investimento, que às vezes o cara tem lá uma agricultura de Eucalipto, tem que arrancar, “destocar”, então você tem um custo alto nisso daí, então isso que define o valor da parceria, a porcentagem da parceria.

Notamos durante as entrevistas que alguns moradores não fazem uma análise apropriada sobre os contratos que firmam, como no caso de não questionarem se a pesagem é acompanhada da maneira correta. A renda superior em relação a anterior lhes parece argumento suficiente para a renovação por mais safras. Sobre o tempo médio que as famílias mantêm os contratos em vigência, e se as famílias encerram o contrato após certo período, tivemos a seguinte resposta:

Olha, nunca aconteceu de a gente devolver ao proprietário, porque geralmente renova por mais um ciclo, mais dois ciclos, ele não sai da atividade, você entendeu... aquelas que o prazo de validade foi chegando no limite, elas se renovaram, então hoje não temos nenhuma que falasse assim: venceu e agora a gente quer a área, que a gente vai plantar outra cultura, alguma outra espécie aí, alguma outra coisa..não, até hoje nós não tivemos isso. (ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIO DA USINA, NOVEMBRO DE 2013).

Foi possível identificar na fala do funcionário da usina que a situação hegemônica que o agronegócio da cana tem apresentado na região se assemelha à condição de outras atividades agropecuárias em outros períodos da história brasileira, como o próprio café, o algodão e a pecuária no estado de São Paulo. “Hoje o negócio é cana, mas já foi pecuária, já foi muitas outras coisas”. Deste modo, ele parece legitimar a expansão da cana a partir de uma análise na qual a demanda dos mercados nacional e estrangeiro pela gramínea é suficiente para dar continuidade ao movimento de territorialização massiva no Noroeste do estado, independente das formas equivocadas de uso social dos recursos naturais.

A intenção de emancipar precocemente os assentamentos rurais, conteúdo incorporado ao discurso do capital agrário quando o assunto é a destinação das terras da reforma agrária, tem como “pano de fundo” a concreta possibilidade de disputar estas áreas para a expansão do agronegócio. O agronegócio tem investido sua expansão em uma diversidade de territórios, e atuado em todas as instâncias do Estado com o objetivo de naturalizar seu modelo como o mais apropriado ao suprimento das demandas essenciais ao bem-estar da população. Simultânea e contraditoriamente, muitos estudos tem o apontado seu efeito destrutivo e concentrador, resultando em comunidades quebradas, doentes, contaminadas e sem perspectivas de futuro.

## **Considerações finais**

O modelo do agronegócio precisa ser repensado, ou mesmo suprimido se entendemos que o processo produtivo deve satisfazer as condições necessárias à saúde da vida humana e não os interesses que envolvem acumulação de poder e riqueza nas mãos

de poucas pessoas ou grupos. O poder de decisão sobre assuntos essenciais à garantia desta vida saudável precisa ser mais compartilhado, como a busca por soberania na produção de alimentos, o que significa uma mudança qualitativa profunda neste modelo de sociedade.

Levando em conta a disputa de classes que atravessa o Estado, com seu poder de ação e transformação da realidade socioeconômica, mas também de manutenção da ordem hegemônica estabelecida, ele também pode funcionar para consolidar, simultaneamente ao agronegócio, uma estrutura de poder e de ação capaz de atender parte das demandas dessa agricultura de pequena escala, que tem seu foco na produção de alimentos, pois “uma política pode fortalecer ou enfrentar o sistema hegemônico” (FERNANDES, 2013, p. 22). Alguns programas e políticas instituídos nos últimos anos vão nesta direção, e tem buscado amenizar a correlação de forças, que claramente favorece os interesses do agronegócio. Fernandes (2013, p. 58) considera que as políticas públicas assumem um caráter emancipatório, quando “elaboradas de baixo para cima”, ou de subordinação, quando elaborada de cima para baixo, “e esta condição esta diretamente relacionada com o desenvolvimento do país” (p. 22).

A autonomia ao desempenhar as atividades produtivas, conceito tão caro ao campesinato, precisa estar no centro do debate pelos sujeitos que elaboram as políticas públicas. É arriscado relacioná-la apenas à propriedade privada da terra, pois vivemos em uma economia de mercado que praticamente coordena as decisões a serem tomadas pelos produtores minimamente inseridos e competitivos, independente da escala de suas atividades produtivas. De acordo com Abramovay (1992, p. 127/128), “os mecanismos de preços adquiriram a função de arbitrar as decisões referentes à produção, de funcionar como princípio alocativo do trabalho social [...]”.

O caso do P. A. Fazenda Primavera demonstra a condição de fragilidade de muitas famílias “inseridas competitivamente no mercado”, ao passo que a inserção completa das famílias nos mercados de terra, trabalho e crédito, pode torná-las vulneráveis em suas estratégias para resistir e produzir. Algumas obtêm sucesso e se adaptam melhor às cadeias produtivas do capital, outras são simplesmente excluídas do processo produtivo.

Por fim, é importante ressaltar que o acirramento da disputa entre agricultura camponesa e agronegócio pela legitimação e consolidação de modelos de desenvolvimento com orientações produtivas distintas, confere ao território importância definitiva na configuração das relações de poder capazes de modificar o direcionamento das políticas públicas, e principalmente de determinar se a renda da terra irá servir ao lucro e acumulação capitalista ou à manutenção das famílias camponesas como produtoras de alimento. De acordo com Oliveira (2004, p. 54), o território é o “efeito material da luta de classes travada pela sociedade na produção de sua existência”, sendo assim, o avanço do capital no campo é o efeito de uma configuração de poder desigual em favor das empresas do agronegócio, como as usinas do setor sucroenergético, que operam no processamento da cana-de-açúcar.

## Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: Hucitec/Anpocs/Editora da Unicamp, 1992.

ARRUDA, Roldão; TOMAZELA, José M. **Assentados vendem terra ao agronegócio**. O Estado de São Paulo. São Paulo, 23 fev. 2014. Política, A12.

BERNSTEIN, Henry. **Dinâmicas de classe da mudança agrária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CARVALHO, Horácio M. Encontro para articulação agrária e ambiental – notas para exposição sobre a questão agrária. In: **Convergências entre as temáticas agrária e**

**ambiental no Brasil.** Orgs: Comitê Brasil de Defesa das Florestas; Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA). Brasília, 2013.

CUBAS, Tiago E. A. **São Paulo agrário: representações da disputa Territorial entre camponeses e ruralistas de 1988 a 2009.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT-Unesp. Presidente Prudente, SP, 2012.

DELGADO, Guilherme C. A Questão Agrária no Brasil, 1950-2003. In: JACCOUD, Luciana (org.). **Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo.** 1ª ed. Brasília DF: IPEA, 2005, v. 01, p. 51-90.

DE PAULA, Lourival P. **A territorialização camponesa na região de Andradina.** Monografia (Graduação em Geografia). Cátedra UNESCO de Educação no Campo e Desenvolvimento Territorial. FCT-Unesp, Presidente Prudente, SP, 2012.

FERNANDES, Bernardo M. **Espacialização e territorialização da luta pela terra: a formação do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, SP, 1994.

FERNANDES, Bernardo M. **Construindo um estilo de pensamento na Questão Agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico.** Tese (Livre Docência) - vol.1 -; Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade Estadual Paulista (UNESP). Presidente Prudente, SP, 2013.

FERNANDES, Maria Esther. **A reforma agrária no discurso dos lavradores da Fazenda Primavera.** Tese (Doutorado). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.

HESPANHOL, A. N.; COSTA, V. M. H. M.; ESPÍRITO SANTO, C. R. Os assentamentos e os reassentamentos rurais na região de Andradina-SP. In: BERGAMASCO, S. M. P. P.; AUBRÉE, M; FERRANTE, V. L. S. B. (Orgs.) **Dinâmicas familiar, produtiva e cultural nos assentamentos rurais de São Paulo.** Campinas-SP: FEAGRI/UNICAMP/UNIARA/INCRA, 2003. p. 105-124.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária.** [Tradução de C. IPEROIG]. 3ª edição. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Laemmert. S.A., 1968.

MACHADO, M. R. I. Melo; ALBUQUERQUE, M. Z. A; **Nova lógica na produção de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana:** transformações fundiárias para perpetuação das relações de poder. Revista NERA, Presidente Prudente, ano 16, número 22, p.111-126, jan/2013.

MARTINS, José. S. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 5ª Edição. 1981.

MARX, Karl. **O capital, Tomo 1.** Edição resumida por Julian Borchardt. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **A História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea.** [tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira]. – São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MENDONÇA, M. L; PITTA, F. T; XAVIER, C. V. **A Agroindústria Canavieira e a Crise Econômica Mundial.** Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. São Paulo: Outras Expressões, 2012. Disponível em:

[http://www.social.org.br/index.php?option=com\\_content&view=section&layout=blog&id=3&Itemid=7](http://www.social.org.br/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=3&Itemid=7). Data de acesso: 02/11/12.

MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. Geografia Agrária: perspectivas no início do século XXI. In: OLIVEIRA, A. U; MARQUES, M. I. M. (Orgs.). **O Campo no século XXI**. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra/Casa Amarela, 2003.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

PASCUAL, Francisco G. **El ajuste estructural en el setor agrario latinoamericano en la era de la globalización**. Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe. Amsterdam, n. 75, octubre, 2003. p. 3-29.

PEREIRA, João M. M. **A política agrária do Banco Mundial em questão**. Estudos Avançados, São Paulo, vol. 20, n. 57, 2006. p. 355-383.

PEREIRA, Monica C. B. Revolução Verde. In: CALDART, R. S; PEREIRA, I. B; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (orgs). **Dicionário da Educação no Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

SÃO PAULO. **Vozes da terra: história de vida dos assentados rurais de São Paulo**. São Paulo: Fundação Itesp, 2005.

STÉDILE, João. P. **Questão agrária no Brasil**. São Paulo: Moderna, 1997.

TEIXEIRA, Gerson. Questões agrária e ambiental: um elo vital. In: **Convergências entre as temáticas agrária e ambiental no Brasil**. Orgs: Comitê Brasil de Defesa das Florestas; Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA). Brasília, 2013.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. O agrohidronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI. **Revista Campo-Território**, vol. 5, número 10, Uberlândia, 2010.

VILAS, Carlos M. Imperialismo, globalización, império: las tensiones contemporáneas entre la territorialidad del Estado y la desterritorialización del capital. **Revista Política y Sociedad**, v. 41, n. 3. Madrid, 2004. p.13-34.

Recebido para publicação em 28 de janeiro de 2014

Devolvido para revisão em 07 de julho de 2014

Aceito para publicação em 21 de agosto de 2014

# **Assentamentos de reforma agrária como agentes de recuperação da cobertura vegetal em paisagens degradadas de Mata Atlântica na região norte fluminense<sup>1</sup>**

## **Vinicius Rocha Leite**

Doutorando em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

Setor de Estudos sobre Sociedade e Ambiente (SESMA)

e-mail: [viniciusleite@gmail.com](mailto:viniciusleite@gmail.com)

## **Marcos Antonio Pedlowski**

Professor Associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico (LEEA)

Chefe do Setor de Estudos sobre Sociedade e Ambiente (SESMA)

e-mail: [pedlowma@uenf.br](mailto:pedlowma@uenf.br)

## **Ludmila Neves Haddad**

Doutoranda em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

e-mail: [ludmilahaddad@gmail.com](mailto:ludmilahaddad@gmail.com)

## **Resumo**

O presente estudo visa contribuir para o debate teórico entorno dos impactos decorrentes do desenvolvimento de assentamentos de reforma agrária (ARAs) na dinâmica de paisagens. Um pressuposto norteador a este debate é que os resultados dos estudos na Amazônia brasileira implicam numa perda de perspectiva dos aspectos positivos que podem advir do estabelecimento dos ARAs, em paisagens de Mata Atlântica altamente fragmentadas e historicamente dominadas por monoculturas. O objetivo deste estudo foi realizar uma análise espaço-temporal do uso e cobertura da terra em dois ARAs localizados na Região Norte Fluminense. Os resultados apontam impactos positivos após o estabelecimento dos ARAs estudados, principalmente devido ao incremento da área cultivada, redução da exposição dos solos e das queimadas, bem como a ocorrência de processos naturais de recomposição da cobertura vegetal. Esta constatação denota um aumento da complexidade envolvida nos estudos a respeito dos impactos causados pelo desenvolvimento dos ARAs na dinâmica da cobertura e do uso da terra.

**Palavras-chave:** Reforma agrária; assentamentos; dinâmica de paisagens; Mata Atlântica; cobertura vegetal.

## **Resumen**

### **Asentamientos de reforma agraria como agentes de recuperación de la cobertura vegetal en paisajes degradadas en la Mata Atlántica en el norte fluminense**

Este estudio tiene el objetivo de contribuir al debate teórico en torno de los impactos asociados a la creación de asentamientos de la reforma agraria (ARAs) sobre la dinámica de la paisaje. Una premisa de este debate es que los resultados de los estudios en la Amazonia brasileña implican en una pérdida de la perspectiva acerca de los aspectos positivos que

---

<sup>1</sup> Este estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do INCT Transferência de Materiais na interface Continente Oceano (Processo 573.601/08-9).

pueden derivar de la creación de la ARA, en regiones fuertemente fragmentadas y históricamente dominadas por monocultivos. El objetivo de este estudio ha sido realizar un análisis espacio-temporal de la utilización y la ocupación del suelo en dos ARAs ubicados en el Norte Fluminense. Los resultados indican impactos positivos de la creación de ARAs debido principalmente al aumento de la cobertura vegetal y reducción de la exposición del suelo y quemados, con la aparición de los procesos de restauración de la cobertura vegetal. Este resultado indica un aumento de la complejidad de los estudios sobre los impactos causados por el desarrollo de ARAs en la cobertura y uso de la tierra.

**Palabras clave:** Reforma agraria; asentamientos; dinámica de la paisaje; Mata Atlántica; cobertura vegetal.

### Abstract

#### Land reform settlements as agents of vegetation cover recovery of Atlantic Forest degraded landscapes in the North Fluminense Region

The main goal of this paper is to contribute to the ongoing theoretical debate about the impacts associated to the creation of land reform settlements on the landscape. A basic assumption of the present study is that research done in the Brazilian Amazon induces to a loss of perspective on the positive impacts associated to the creation of land reform settlements on the landscape, especially in regions that are highly fragmented and dominated by monocultures. The study presents the results of a spatial and temporal analysis of the land cover and land use change in two land reform settlements located in the North Fluminense Region. The results show that positive effects occur after the establishment of land reform settlements, with an increase of cultivated areas, reduction of soil exposure and a decrease in fires. This process leads to the recovery of the natural vegetation and the recovery of the natural ecosystems. Our findings also show that there is a greater complexity regarding the impacts of land reform settlements on the landscape dynamic than is presently shown in the scientific literature.

**Keywords:** Land reform; settlements; landscape dynamics; Atlantic Forest; land cover.

### Introdução

Os estudos realizados no Brasil acerca dos impactos da criação de assentamentos de reforma agrária (ARAs) na dinâmica da paisagem têm sido dominados por pesquisas realizadas na região Amazônica (CALANDINO *et al.*, 2002; BRANDÃO JUNIOR; SOUZA JUNIOR, 2006; PACHECO, 2009; LUDEWIGS *et al.*, 2009; CAVIGLIA-HARRIS; HARRIS, 2011). Ainda que haja discrepâncias entre as taxas de desflorestamento descritas por diferentes autores, tais pesquisas apontam para o aumento do desmatamento, que somado a efeitos negativos que se associam a este processo (e.g., erosão de solos, perda de biodiversidade, erosão hídrica) comprometem a viabilidade social e a sustentabilidade ambiental da agricultura familiar (LEITE *et al.*, 2011).

Os efeitos advindos da criação dos ARAs sobre a dinâmica da cobertura vegetal nos remanescentes da Mata Atlântica e o uso da terra são menos estudados. Além disso, a literatura existente ainda é pouco conclusiva sobre as repercussões globais da criação de ARAs neste bioma. De um lado, existem autores que associam os ARAs ao aumento da degradação dos solos e a supressão da mata nativa (TABARELLI *et al.*, 2005; CAPOANE; SANTOS, 2012). Por outro lado, outros autores apontam para aspectos positivos, tal como o envolvimento participativo dos assentados em atividades voltadas para o desenvolvimento sustentável (VALLADARES PADUA *et al.*, 2002; BEDUSCHI FILHO *et al.*, 2003; CULLEN JUNIOR *et al.*, 2006; JUNQUEIRA *et al.*, 2013). Devido a estes resultados contraditórios fica

evidente a necessidade da realização de novos estudos para avaliar de forma mais ampla os efeitos da criação dos ARAs sobre a cobertura vegetal e a qualidade dos solos.

A importância de uma visão que seja ambiental e socialmente integrada na criação dos ARAs ficou evidente durante a década de 1990, quando houve um progresso nas interações entre organizações não governamentais de cunho ambiental e as instituições responsáveis pela execução da reforma agrária (CULLEN JUNIOR et al., 2005). Paralelamente uma importante contribuição que ocorreu no planejamento do desenvolvimento dos assentamentos rurais foi a criação de ferramentas de mapeamento e zoneamento da cobertura e do uso da terra. Tais ferramentas podem ser usadas para planejar o uso da terra com previsão da proteção dos recursos naturais (SHIMBO; JIMÉNEZ RUEDA, 2007; SOARES; ESPINDOLA, 2008; VASCONCELOS; CRUZ JUNIOR, 2013).

Os esforços em torno da integração entre a execução da reforma agrária e a proteção de ecossistemas naturais representam um tópico especialmente sensível nas áreas ocupadas pela Mata Atlântica. É que neste bioma, diferente da Amazônia brasileira onde a devastação da floresta primária ainda atinge uma porção reduzida dos ecossistemas (KIRBY et al., 2006; OLIVEIRA et al., 2013), a cobertura vegetal foi extensivamente suprimida, restando apenas manchas isoladas e/ou desprotegidas (FONSECA, 1985). Na Mata Atlântica, o estabelecimento das atividades agropecuárias transformou uma paisagem bastante complexa em outra caracterizada por uma forte homogeneidade, um processo que se deu à luz das distintas dinâmicas de ocupação territorial (DEAN, 1996; MORELLATO; HADDAD, 2000).

Diante das questões levantadas, as alterações que ocorrem na paisagem com o desenvolvimento dos ARA estão no cerne da questão de pesquisa que norteou o presente estudo. Para responder a esta questão, uma avaliação da dinâmica da cobertura e do uso da terra foi realizada na região de influência de dois ARAs no Norte Fluminense. O uso da terra foi estudado no sentido de diagnosticar as mudanças decorrentes do modelo de exploração da terra adotado após a implantação dos assentamentos. A regeneração dos fragmentos de Mata Atlântica localizados em áreas de Reserva Legal (RL) foi analisada com objetivo de verificar se há o cumprimento das normas ambientais vigentes pelos assentados de reforma agrária no tocante à proteção da vegetação nativa.

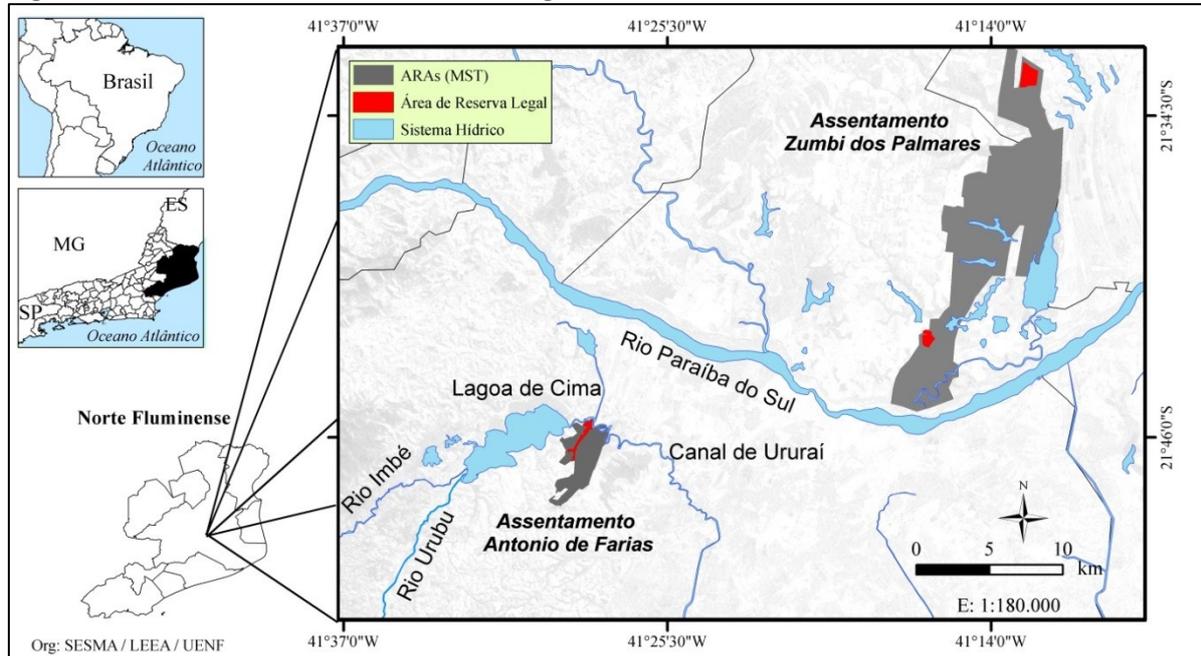
## Metodologia

A presente pesquisa foi realizada utilizando como unidades de análise dois assentamentos de reforma agrária (ARA) localizados na região Norte Fluminense, e que foram criados a partir de ocupações organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) (PEDLOWSKI, 2011). Parte desta região é reconhecida em âmbito federal como sendo uma área prioritária para esforços de conservação, devido ao alto nível de sensibilidade ambiental às ações antrópicas (BRASIL, 2000). O Norte Fluminense é caracterizado por um cenário de uniformidade da paisagem, o que pode ser verificado a partir da predominância de plantios de cana-de-açúcar e de pastagens degradadas (SOFFIATI, 2005).

As terras que formam os dois ARAs estudados estão distribuídas entre os limites dos municípios de Campos dos Goytacazes e São Francisco de Itabapoana. O Assentamento Zumbi dos Palmares (AZB) foi criado em 1997 e possui uma área de 8.500 hectares, os quais estão divididos em cinco núcleos e 506 lotes. O AZB é o maior e mais antigo dentre os assentamentos criados a partir de ocupações lideradas pelo MST no Norte Fluminense. O segundo assentamento incluído nesta pesquisa é o Antonio de Faria (AAF), que foi criado em 2001, e que ocupa uma área de 1042 hectares, entre sete núcleos e 93 lotes. Outro aspecto ambiental marcante desta região é a presença de um sistema hídrico expressivo, que inclui lagoas, rios, além das áreas brejosas que variam conforme os níveis do lençol freático. Um exemplo dessa abundância hídrica é a Lagoa de Cima com 13.5 km<sup>2</sup> de extensão, e com a qual o AAF possui áreas limítrofes. A Lagoa de Cima recebe águas dos rios Imbé e Urubu, com vazão principal determinada através do Canal de Ururá

(PEDROSA; REZENDE, 1999). Além destas importantes feições hidrológicas, o Rio Paraíba do Sul está localizado próximo ao setor Sul do AZB (Figura 1).

**Figura 1: Assentamentos de reforma agrária estudados ao norte do Rio de Janeiro.**



A precipitação média anual da Região Norte Fluminense corresponde a 1084 milímetros, com redução da pluviosidade entre os meses de maio a setembro (RADAMBRASIL, 1983). A temperatura de 21° C caracteriza a média anual para o ecossistema de Floresta Estacional Semidecidual das Terras Baixas, o qual predominava na região de estudo (CAMPANILI; SCHAFFER, 2010). Paralelamente aos fragmentos de Floresta Semidecidual, as áreas brejosas constituem ecossistemas sensíveis com biodiversidade ainda pouco estudada (SCARANO, 2009; SILVEIRA et al., 2011).

No tocante à aquisição de informações de sensoriamento remoto, uma série temporal de imagens orbitais do satélite Landsat 5 TM, entre 1997 a 2011, foi obtida no banco de dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Além disso, ortofotos do ano de 2007, cedidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram empregadas para auxiliar a validação visual e a classificação da cobertura e do uso da terra. O limite físico dos ARAs investigados foi obtido do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) através do sistema i3GEO do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

Para avaliação da evolução espaço-temporal do uso e cobertura da terra, as etapas de processamento dos dados envolveram uma classificação semiautomática, com base na composição das bandas 1 a 5 e 7 do sensor TM do satélite Landsat, por meio da definição prévia de vinte classes. Posteriormente à combinação das classes obtidas, em sequência, uma inspeção visual, edição manual e filtragem linear foram realizadas. As áreas das classes no período analisado foram computadas anualmente para a detecção das mudanças que poderiam ter ocorrido após o estabelecimento do AZB.

De modo complementar, uma análise temporal da variação do índice de vegetação (*Normalize Difference Vegetation Index* - NDVI) foi realizada em dois fragmentos florestais localizados no interior do AZB e em um ecossistema brejoso no interior do AAF, os quais são delimitados nos Planos de Desenvolvimento dos Assentamentos (PDA) como áreas de Reserva Legal (RL). Para efetuar esta análise uma calibração radiométrica e conversão das imagens orbitais para reflectância foram previamente realizadas. O NDVI é indicado para comparação temporal numa mesma área, pois possui padrão de linearidade proporcional à biomassa vegetal, e uma influência menor das variações atmosféricas (MENESES; ALMEIDA, 2012), e pode ser definido como:

$$NDVI = \frac{\rho_{IVP} - \rho_{ver}}{\rho_{IVP} + \rho_{ver}}$$

Onde  $\rho_{IVP}$  = reflectância no infravermelho próximo e  $\rho_{ver}$  = reflectância no vermelho.

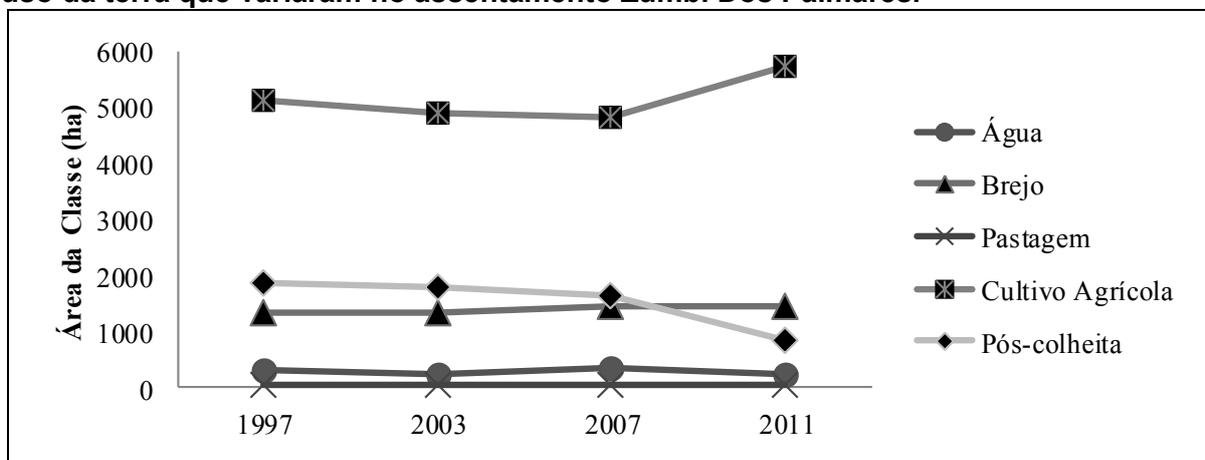
Os aplicativos computacionais utilizados na implementação do Sistema de Informação Geográfica e no processamento das informações de sensoriamento remoto foram o ArcGIS 9.3®, ENVI 4.5® e ERDAS Imagine 9.1®, e a plataforma Google Earth 6.2® que apoiou a inspeção visual da classificação obtida com as imagens orbitais.

## Resultados e Discussão

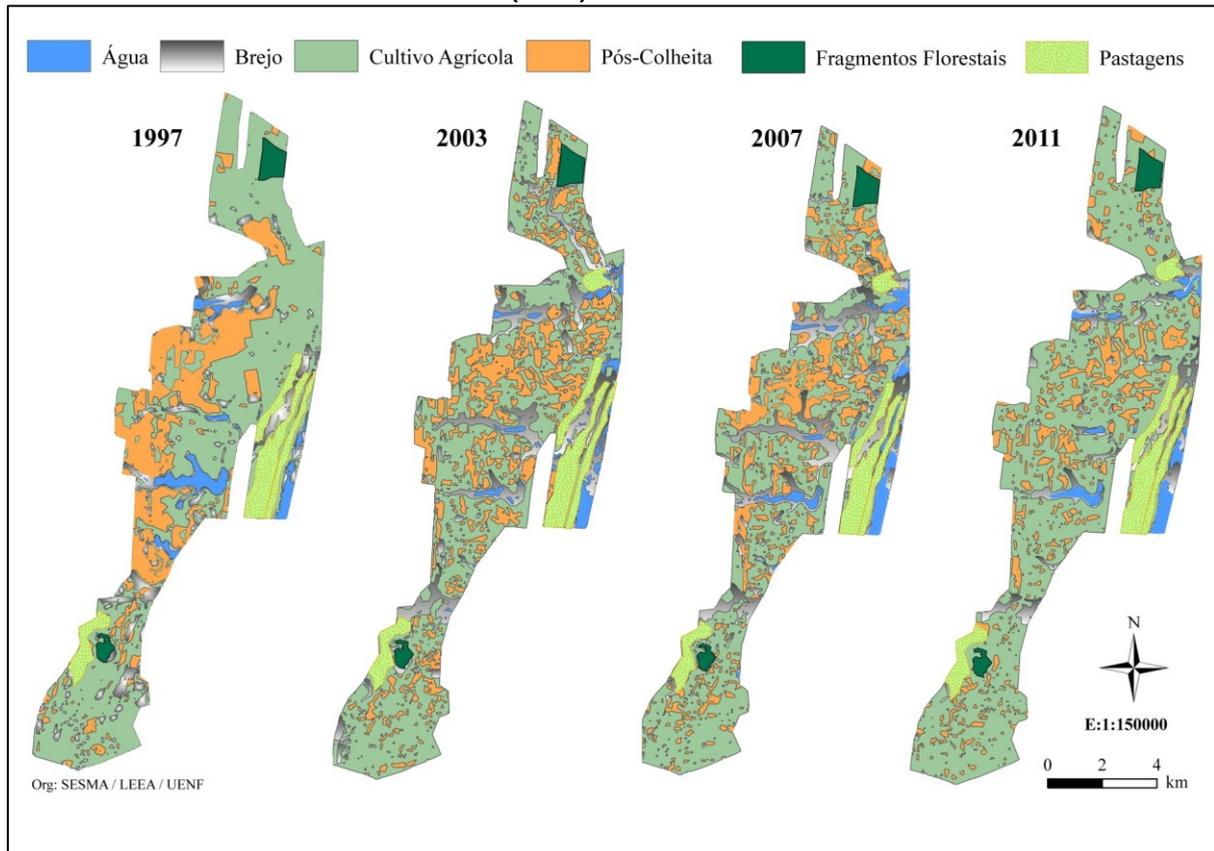
### Dinâmica do uso e cobertura da terra com o desenvolvimento dos sistemas agrícolas

Os resultados da análise da dinâmica espacial e temporal do uso e cobertura da terra no Assentamento Zumbi dos Palmares podem ser observados por meio do Gráfico 1 e da Figura 2. Do ponto de vista quantitativo, as áreas de cultivo agrícola no período de análise sofreram aumento, e as de pós-colheita uma clara redução. Um ligeiro aumento pode ser constatado nas áreas de pastagem. Já a extensão dos corpos d'água sofreu leve redução, depois de efetivado o AZB, seguido por uma recuperação entre os anos de 2007 e 2011. Os fragmentos florestais que formam as RLs em blocos ficaram com sua área constante para a análise da regeneração da vegetação.

**Gráfico 1 – Evolução temporal das áreas (Ha) ocupadas pelas classes de cobertura e uso da terra que variaram no assentamento Zumbi Dos Palmares.**



**Figura 2 – Dinâmica espaço-temporal do uso e cobertura da terra no interior do assentamento Zumbi Dos Palmares (AZB).**

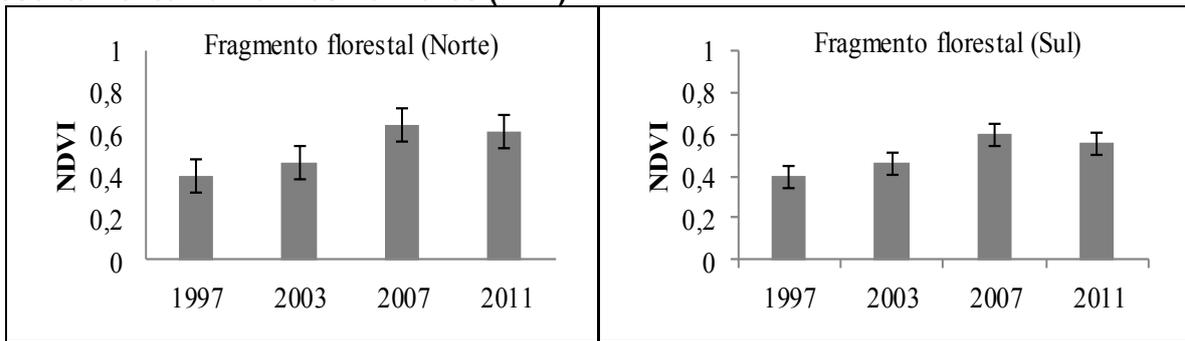


Por outro lado, o aumento das áreas cultivadas e a redução da exposição dos solos ilustram um processo de estabilização pós-estabelecimento do AZB, e refletem a maior diversidade agrícola conforme o controle das áreas cultivadas pelos assentados nos lotes. Uma diversificação que no AZB inclui mais de dez tipos de culturas, com destaque para aipim, milho e coco (ZINGA, 2004; PEDLOWSKI, 2011). Um benefício que pode decorrer deste novo padrão de uso da terra é a mudança na qualidade dos solos e do ambiente. Tais sistemas de cultivo de tendência policultural contribuem ainda com um incremento na biomassa vegetal ativa (JUNQUEIRA et al., 2013).

A interpretação dos padrões computados nesta paisagem do AZB, também deve levar em consideração o fato de que anteriormente estas terras pertenciam a um conjunto de fazendas que integravam o latifúndio pertencente a antiga Usina São João, onde prevalecia a monocultura da cana-de-açúcar (FAO/INCRA, 1999). O problema era a logística empregada, em função do manejo de talhões extensos e contínuos no processo de queima e colheita da cana-de-açúcar, permanecendo amplas áreas com solos expostos. Além disso, estas queimadas afetavam a conservação dos recursos hídricos e da biodiversidade quando resultam em incêndios na cobertura vegetal nativa (SILVA; MARTINS, 2008; RONQUIM, 2010).

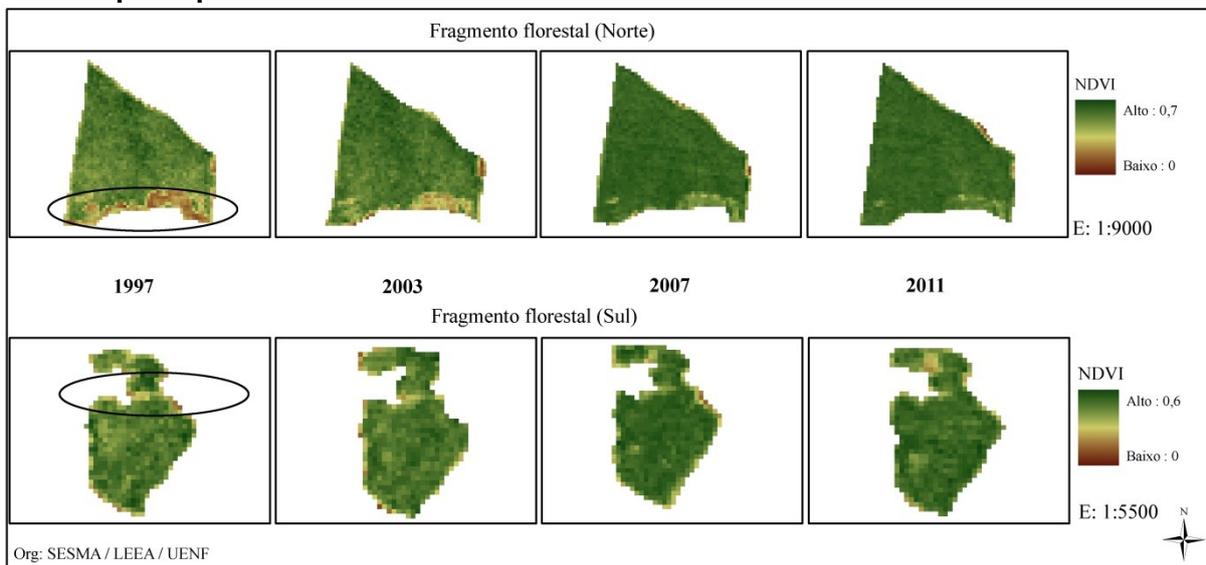
### **Preservação ambiental nas áreas de Reserva Legal (RL)**

Com base na análise quantitativa do NDVI (Gráfico 2) é possível observar a evolução espaço-temporal da cobertura florestal para os dois principais fragmentos florestais remanescentes no AZB, os quais constituem as áreas de RL delimitadas no Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA) (FAO/INCRA, 1999).

**Gráfico 2 – Índice de vegetação (NDVI) médio nos fragmentos florestais do assentamento Zumbi Dos Palmares (AZB).**

A avaliação quantitativa do NDVI indica uma tendência geral de regeneração local contínua. Esta assertiva é corroborada pelo aumento da média destes valores de NDVI e, conseqüentemente, da biomassa vegetal na área total destes remanescentes. A estatística baseada nos desvios da média revela um incremento temporal significativo do NDVI, já que a partir do ano de 2007, não há sobreposição dos erros com o período entre 1997 a 2003. A redução ocorrida no ano de 2011 se deve provavelmente à variação na precipitação na região, o que pode ser corroborado pela observação da redução ocorrida nos corpos d'água existentes no interior do AZB.

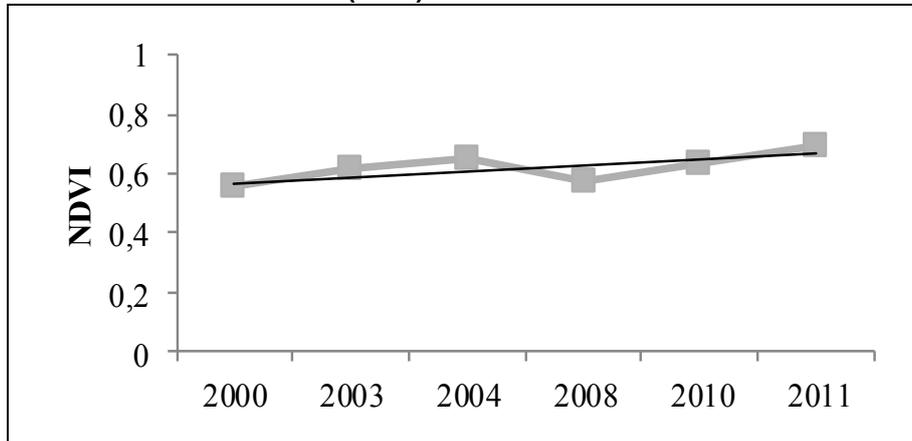
A ocorrência de regeneração na vegetação dos fragmentos florestais é mais evidente em alguns setores (Figura 3). Em dois trechos identificados nas imagens orbitais, o aumento do NDVI é indicado conforme a escala contínua demonstrada. Até 1997, estes remanescentes sofriam com maior pressão das queimadas oriundas do manejo extensivo da cana-de-açúcar, e também com o corte seletivo de madeira para uso em caixotaria segundo informação local.

**Figura 3 – Espacialização da regeneração (NDVI) em fragmentos florestais constituintes da reserva legal no assentamento Zumbi dos Palmares com detalhe para setores principais.**

A partir destes resultados é possível afirmar que após a implantação do AZB houve um paulatino processo de regeneração local da vegetação. Este fato demonstra que estes fragmentos florestais não têm sido alvo de ações de desmatamento, ou de queimadas realizadas no interior do AZB. Nesse caso, mesmo com o desenvolvimento das atividades agrícolas dos assentados, a função destas áreas de RL está sendo respeitada, já que a regeneração destes fragmentos florestais continua ocorrendo.

De modo complementar, a variação temporal do índice de vegetação (NDVI), avaliada durante um período de onze anos para a reserva legal mais extensa no interior do AAF pode ser visualizada por meio do Gráfico 3. Esta RL é composta por uma vegetação brejosa e florestal, um tipo ecossistêmico mais sujeito a influência de queimadas devido ao ressecamento da vegetação nos períodos de menor pluviosidade, e da construção de canais de drenagem para viabilizar o uso da terra para agropecuária.

**Gráfico 3 – Tendência linear temporal do índice de vegetação brejosa de reserva legal no assentamento Antonio de Faria (AAF).**



O incremento gradativo da biomassa vegetal ativa, que foi demonstrado pela análise da variação quantitativa do NDVI, aponta outra mudança positiva na paisagem resultante da implantação dos ARAs, representada por uma reversão ao cenário do monocultivo de cana-de-açúcar. Naquele tipo de uso da terra, a regeneração natural era frequentemente interrompida em função dos distúrbios microclimáticos que podem ser provocados pelas queimadas desproporcionais sobre a vegetação (PINTO et al., 2010). Além disso, as matrizes contínuas com monocultivo da cana-de-açúcar inviabilizam em longo prazo a conservação da biodiversidade, devido ao fato de serem pouco permeáveis ao deslocamento de espécies de aves que atuam diretamente na dispersão de sementes (PIRATELLI et al., 2005).

Embora os benefícios iniciais ao ambiente tenham sido demonstrados após a implantação e o desenvolvimento dos ARAs estudados, convém salientar que outras peculiaridades na paisagem necessitam ser mais bem investigadas. Um exemplo no interior do AAF é o plantio da espécie exótica *Acacia mangium* Willd, ocupando as faixas de RL e Áreas de Preservação Permanente (APP), em sua maioria associadas aos brejos (SOUZA; AMORIM, 2011), reduzindo a área para ocupação pelas espécies nativas (LORENZO et al., 2010). Além disso, a dispersão e o estabelecimento de árvores de *Acacia* podem ocorrer no interior das florestas nativas mais perturbadas, e convertê-las paulatinamente a povoamentos quase monoespecíficos (OSUNKOYA et al., 2005). Esta situação pode causar uma maior redução da resiliência, tendo consequências diretas para a conservação do ambiente no interior do AAF. Por outro lado, apesar do plantio e dispersão desta espécie constituir primariamente um problema, o seu cultivo poderia ser encarado como oportunidade ao desenvolvimento dos ARA, tendo em vista a produção e aproveitamento de recursos madeireiros, caso haja um manejo efetivo nos plantios.

## Conclusões

A análise da dinâmica do uso e da cobertura da terra no interior de dois ARA no Norte Fluminense demonstra que a implantação dos mesmos contribuiu para a conservação dos solos e para a regeneração da cobertura vegetal. Isto ocorreu como resultado do

modelo de exploração da terra adotado pelos assentados de reforma agrária, e demonstra um maior comprometimento com a preservação ambiental nas áreas de RL. Os resultados deste trabalho também demonstram que as repercussões ambientais decorrentes dos assentamentos rurais devam ser contextualizadas regionalmente, a fim de que se evite a naturalização da noção de que a criação dos ARAs é sempre contraditória com a conservação dos solos e da cobertura vegetal. O fato é que os resultados aqui apresentados indicam que, ao contrário do que é normalmente disseminado, os ARAs podem ser instrumentos efetivos na recuperação da dinâmica natural da paisagem. Entretanto, para que isto ocorra há que se dar o necessário suporte para que os sistemas agrícolas policulturais, que modificam positivamente a paisagem dos assentamentos, sejam também economicamente viáveis para a sustentação das famílias assentadas.

## Referências

BEDUSCHI FILHO, L. C. **Assentamentos rurais e conservação da natureza**. São Paulo: FAPESP, 2003.

BRANDÃO JUNIOR, A.; SOUZA JUNIOR, C. Deforestation in land reform settlements in the Amazon. **State of the Amazon**, Belém, n. 7, p.1-7, jun. 2006.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos**. Brasília: MMA/SBF, 2000.

CALANDINO, D.; WEHRMANN, M.; KOBLITZ, R. Contribuição dos assentamentos rurais no desmatamento da Amazônia: um olhar sobre o Estado do Pará. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 26, p.161-170, dez. 2002.

CAMPANILI, M.; SCHAFFER, W. B. **Mata Atlântica: patrimônio nacional dos brasileiros**. Brasília: MMA, 2010.

CAPOANE, V.; SANTOS, D. R. Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 15, n. 20, p. 193-205, jun. 2012.

CAVIGLIA-HARRIS, J.; HARRIS, D. The Impact of settlement design on tropical deforestation rates and resulting land cover patterns. **Agricultural and Resource Economics Review**, Ithaca, v. 40, n. 3, p. 451-470, dez. 2011.

CULLEN JUNIOR, L.; ALGER, K.; RAMBALDI, D. M. Reforma agrária e conservação da biodiversidade no Brasil nos anos 90: conflitos e articulações de interesses comuns. **Megadiversidade**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 198-207, jul. 2005.

CULLEN JUNIOR, Laury et al. Restauração de paisagens e desenvolvimento sócio-ambiental em assentamentos rurais do Pontal de Paranapanema. **Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 24-28, out. 2006.

DEAN, W. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FAO/INCRA. **Proposta de plano de desenvolvimento (PDA) do Assentamento Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro, 1999.

FONSECA, G. A. B. The vanishing Brazilian Atlantic Forest. **Biological Conservation**, New York, v. 34, n. 1, p. 17-34, 1985.

JUNQUEIRA, Alexandre da Costa et al. Sistemas agroflorestais e mudanças na qualidade do solo em assentamento de reforma agrária. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Cruz Alta, v. 8, n. 1, p. 102-115, nov. 2013.

KIRBY, Kathryn et al. The future of deforestation in the Brazilian Amazon. **Futures**, Amsterdam, v. 38, n. 4, p. 432-453, mai. 2006.

LEITE, Flávia et al. The social viability and environment sustainability of direct action land reform settlements in the Amazon. **Environment, Development and Sustainability**, Dordrecht, v. 13, n. 4, p. 773-788, ago. 2011.

LORENZO, P.; GONZÁLEZ, L.; REIGOSA, M. J. The genus *Acacia* as invader: the characteristic case of *Acacia dealbata* Link in Europe. **Annals of Forest Science**, Les Ulis, v. 67, n. 1, p. 1-11, jan. 2010.

LUDEWIGS, T.; D'ANTONA, A. O.; BRONDÍZIO, E. S. Agrarian structure and land-cover change along the lifespan of three colonization areas in the Brazilian Amazon. **World Development**, Amsterdam, v. 37, n. 8, p. 1348-1359, ago. 2009.

MENESES, P. R.; ALMEIDA, T. Aritmética de bandas. In: MENESES, P. R.; ALMEIDA, T. (Org.). **Introdução do processamento de imagens de sensoriamento remoto**. Brasília: UNB, 2012. p.138-153.

MORELLATO, P. C.; HADDAD, C. F. B. Introduction: The Brazilian Atlantic Forest. **Biotropica**, Hoboken, v. 32, n. 4, p. 786-792, dez. 2000.

OLIVEIRA, L. J. C.; COSTA, M. H.; SOARES FILHO, B. S. Large-scale expansion of agriculture in Amazonia may be a no-win scenario. **Environment Research Letters**, Bristol, v. 8, n. 2, p. 1-10, mai. 2013.

OSUNKOYA, O. O.; OTHMAN, F. E.; KAHAR, R. S. Growth and competition between seedlings of an invasive plantation tree, *Acacia mangium*, and those of a native Borneo heath-forest species, *Nelastoma beccarianum*. **Ecological Research**, v. 20, n. 2, p. 205-214, mar. 2005.

PACHECO, P. Agrarian Reform in the Brazilian Amazon: Its Implications for Land Distribution and Deforestation. **World Development**, Amsterdam, v. 37, n. 6, p. 1337-1347, ago. 2009.

PEDLOWSKI, M. A. Os limites da reforma agrária desassistida na região Norte do Estado do Rio de Janeiro: entre o descaso do Estado e a resistência dos assentados. In: PEDLOWSKI, M.A.; OLIVEIRA, J.C.P.; KURY, K. A. (Org.). **Desconstruindo o latifúndio: a saga da reforma agrária no Norte fluminense**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 119-136.

PEDROSA, P.; REZENDE, C. E. As muitas faces de uma lagoa. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 153, p. 41-47, set. 1999.

PINTO, S. R. R. et al. Landscape attributes drive complex spatial microclimate configuration of Brazilian Atlantic Forest fragments. **Tropical Conservation Science**, v. 3, n. 4, p. 389-402, dez. 2010.

PIRATELLI, A.; ANDRADE, V. A.; FILHO, M. L. Aves de fragmentos florestais em área de cultivo de cana-de-açúcar no sudeste do Brasil. **Iheringia**, Porto Alegre, v. 95, n. 2, p. 217-222, jun. 2005.

RADAMBRASIL. Ministério das Minas e Energia. **Levantamento de recursos naturais**. Rio de Janeiro/ Vitória: 1983, v. 32, folha S/F. 23/3, p. 27-304.

RONQUIM, C. C. **Queimada na colheita da cana-de-açúcar**: impactos ambientais, sociais e econômicos. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2010. 45 p.

SCARANO, F. R. Plant communities at the periphery of the Atlantic rain forest: Rare-species bias and its risks for conservation. **Biological Conservation**, Amsterdam, v. 142, n. 6, p. 1201-1208, jun. 2009.

SHIMBO, J. Z.; JIMÉNEZ RUEDA, J. R. Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: Assentamento Rural Pirituba II. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v.10, n.10, p. 115-133, jun. 2007.

SILVA, M. A. M.; MARTINS, R. C. Produção de etanol e impactos sobre os recursos hídricos. In: IBASE (Ed.). **Impactos da indústria canaveira no Brasil**. Brasil: BNDES, 2008. p. 50-62.

SILVEIRA, A. L.; SALLES, R. O. L; PONTES, R. C. Amphibia, Anura, Bufonidae, *Rhinella pygmaea*: Distribution extension and geographic distribution map. **Check List**, v. 5, n. 3, p. 749-752, set. 2011.

SOARES, J. L. N.; ESPINDOLA, C. R. Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 11, n. 12, p. 108-116, jun. 2008.

SOFFIATI, A. História das ações antrópicas sobre os ecossistemas vegetais nativos das regiões Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro. **Perspectivas**, Araraquara, v. 4, n. 7, p. 67-79, jan. 2005.

SOUZA, A. F.; AMORIM, R. R. Análise da dinâmica dos recursos hídricos e seu uso na formação do Assentamento Antonio de Faria, Campos dos Goytacazes-RJ (Brasil). **Revista Geográfica da América Central**, Costa Rica, v. 2, n. 47, p. 1-18, jul. 2011.

TABARELLI, Marcelo et al. Challenges and opportunities for biodiversity conservation in the Brazilian Atlantic Forest. **Conservation Biology**, Hoboken, v. 19, n. 3, p. 695-700, jun. 2005.

VALLADARES PADUA, C.; PADUA, S. M.; CULLEN JUNIOR, L. Within and surrounding the Morro do Diabo State Park: biological value, conflicts, mitigation and sustainable development alternatives. **Environmental Science & Policy**, Amsterdam, v. 5, n. 1, p. 69-78, fev. 2002.

VASCONCELOS, V. V.; CRUZ JUNIOR, A. J. S. Mapeamento de Mata Atlântica e planejamento do projeto de Assentamento de Reforma Agrária Tanque Rompe-dia, município de Várzea da Palma, Minas Gerais, Brasil. **CAMPO-TERRITÓRIO**, Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 1-30, fev. 2013.

ZINGA, M. R. M. **Um estudo de caso sobre as causas da permanência e da desistência no Assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, RJ**. 2004. 119 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes.

Recebido para publicação em 26 de agosto de 2013

Devolvido para revisão em 07 de julho de 2014

Aceito para publicação em 22 de setembro de 2014

# Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica<sup>1</sup>

## Rafael Navas

Doutor em Ecologia Aplicada pela Universidade de São Paulo (USP) (2014).  
Professor da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo, Campus Capão Bonito  
e-mail: navas\_rj@yahoo.com.br

## Andréa Yumi Sugishita Kanikadan

Doutora em Ecologia Aplicada pela Universidade de São Paulo (2014).  
Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)  
e-mail: andrea.kanikadan@arapiraca.ufal.br

## Kátia Maria Pacheco dos Santos

Doutoranda em Ecologia Aplicada pela Universidade de São Paulo (USP)  
e-mail: pacheco.katia@yahoo.com.br

## Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello

Professora do Departamento de Economia, Administração e Sociologia  
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Universidade de São Paulo (USP)  
e-mail: mepegara@usp.br

## Resumo

Com a Constituição Federal do Brasil de 1988, as comunidades remanescentes de quilombos adquiriram direito legal às áreas tradicionalmente ocupadas e o Estado passou a implementar Políticas visando seu desenvolvimento. Considerando que estas comunidades apresentam vínculo com seu território tradicional, relacionando-se com suas práticas produtivas, faz-se necessário sua inserção no desenvolvimento de projetos e políticas. O objetivo deste trabalho foi avaliar os impactos dos projetos de desenvolvimento nas atividades econômicas na comunidade remanescente de quilombo Mandira, município de Cananéia/SP/Brasil. O trabalho foi realizado entre 2011 e 2013 através de técnicas qualitativas, com entrevistas, observação participante e história oral. Observa-se que a principal atividade econômica é o manejo de ostra, a *Crassostrea brasiliiana*, sendo uma atividade iniciada há mais de três décadas, porém a partir de políticas públicas é que se deu início ao manejo sustentável, com agregação de valor ao produto. Outras atividades são o manejo agroflorestal e agricultura de subsistência, desenvolvidas por poucas famílias. Há a especialização da atividade econômica entre as famílias que se dedicam ao cultivo da ostra, diferentemente daquelas que trabalham com sistemas agroflorestais.

**Palavras-chaves:** Agroecologia; *Crassostrea brasiliiana*; Desenvolvimento sustentável; Sistemas agroflorestais; Comunidades quilombolas.

## Resumen

### Políticas públicas y comunidades tradicionales: una análisis de los proyectos de desarrollo local sostenible en la Mata Atlantica

<sup>1</sup> O artigo foi parcialmente publicado no Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas: aproximando agendas e agentes, realizado em 23 a 25 de abril de 2013, UNESP, Araraquara (SP).

Con la Constitución Federal de Brasil de 1988, las comunidades quilombolas adquirieron el derecho legal de las áreas tradicionalmente ocupadas y el Estado empezó a aplicar políticas encaminadas a su desarrollo. Mientras que estas comunidades tienen vínculos con su territorio tradicional, en relación con sus prácticas de producción, es necesario a su inserción en el desarrollo de proyectos y políticas. El objetivo de este estudio fue evaluar el impacto de los proyectos de desarrollo en las actividades económicas de la comunidad quilombola de Mandira, ubicada en municipio de Cananéia/SP/Brasil. El estudio se realizó entre 2011 y 2013, con el uso de técnicas cualitativas, incluyendo entrevistas, observación participante y la historia oral. Se observa que la principal actividad económica es la gestión de las ostras, *Crassostrea brasiliiana*, siendo una actividad que empezó hace más de tres décadas, pero a partir de las políticas públicas es que se inició la gestión sostenible, agregando valor al producto. Otras actividades son la agroforestería y la agricultura para consumo, pero desarrollados por unas pocas familias. Hay especialización de la actividad económica en las familias que se dedican al cultivo de ostras, a diferencia de los que trabajan con la agroforestería.

**Palabras clave:** Política pública; Agroecología; *Crassostrea brasiliiana*; Desarrollo sostenible; Agroforestería.

### **Traditional communities and public policy: an analysis of local sustainable development projects in the Atlantic Forest**

#### **Abstract**

With the Federal Constitution of Brazil of 1988, the remaining maroon communities acquired legal right to areas traditionally occupied and the state began to implement policies aimed at its development. Whereas these communities have ties to their traditional territory, relating to their production practices, it is necessary to its insertion in the development of projects and policies. The objective of this study was to evaluate the impacts of development projects in the economic activities in the remaining maroon community Mandira, municipality of Cananéia/SP/Brazil. The study was conducted between 2011 and 2013 using qualitative techniques, including interviews, participant observation and oral history. It is observed that the main economic activity is the management of oyster, *Crassostrea brasiliiana*, to being an activity started more than three decades, but from public policy is that initiated the sustainable management, adding value to the product. Other activities are the agroforestry and subsistence agriculture, but developed by a few families. There specialization of economic activity among families who are dedicated to the cultivation of oyster, unlike those who work with agroforestry.

**Keywords:** Public policy; Agroecology; *Crassostrea brasiliiana*; Sustainable development; Agroforestry.

#### **Introdução**

Com a Constituição Federal do Brasil de 1988<sup>2</sup> e a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho<sup>3</sup>, as comunidades remanescentes de quilombos passaram a ter

<sup>2</sup> Art. 68 do Ato das Disposições Transitórias: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” e Art. 215 e Art. 216 da Constituição Federal de 1988: direitos culturais desses povos.

<sup>3</sup> A Convenção nº 169, sobre povos indígenas e tribais, adotada na 76ª Conferência Internacional do Trabalho em 1989. Constitui o primeiro instrumento internacional vinculante que trata especificamente dos direitos dos povos indígenas e tribais. A autoidentidade é uma inovação do instrumento, ao instituí-la como critério subjetivo, mas fundamental, para a definição dos povos sujeito da Convenção, isto é, nenhum Estado ou grupo social tem o direito de negar a identidade a um povo indígena ou tribal que como tal ele próprio se reconheça. Os conceitos

direito legal aos territórios tradicionalmente ocupados, cabendo ao Estado a demarcação e titulação dos mesmos. A partir deste momento, estas comunidades ganharam destaque frente às instâncias governamentais, na luta pela demarcação e regularização dos territórios ocupados e na necessidade da implantação de políticas visando seu desenvolvimento, acesso a melhores condições de vida e sua incorporação à economia predominante.

Tradicionalmente estas comunidades tinham como atividades econômicas, a agricultura de coivara ou corte e queima, além da caça e do extrativismo, visando atender suas demandas por alimentos, sendo realizada a comercialização dos excedentes agrícolas.

A partir da década de 1960, com a criação de leis ambientais, a derrubada da vegetação e o uso do fogo para plantio foram proibidos, dificultando e reduzindo esta prática, o que levou as comunidades a buscarem novas alternativas econômicas, com exploração de outros recursos naturais.

Neste cenário de proibição de acesso e uso dos recursos, apenas na última década, é que Estado passou a promulgar políticas públicas para este grupo visando torná-los sustentáveis, como por exemplo, o Programa Brasil Quilombola; a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo Decreto 6.040/2007; e a Nova Lei de Assistência Técnica e Extensão Rural, instituída pela Lei nº 12.188/10. Estas políticas priorizam para sua implementação, a adoção de modelos de agricultura agroecológica, que buscam o uso dos recursos locais, com menor dependência de insumos externos, visando à sustentabilidade das atividades de produção.

Neste novo contexto, diferentes atividades vêm ganhando espaços na economia local, como o turismo, a produção e comercialização de artesanatos, o manejo sustentável de recursos locais e produção agrícola com valor agregado, como, por exemplo, os produtos agroecológicos.

Há que considerar que a agroecologia tem incorporado em seus processos as questões técnicas de produção, o saber local e a cultura, vinculados às atividades produtivas. Porém, no contexto destas comunidades, há necessidade da incorporação da abordagem territorial, que por sua vez, possui uma perspectiva mais abrangente, envolvendo além das questões endógenas, que caracterizam a própria identidade, as questões exógenas, da relação da comunidade com a sociedade mais ampla. Por esse motivo, essa abordagem deveria estar na base dos projetos desenvolvidos.

Considerando que o território é delimitado e demarcado segundo a ocupação dos grupos, sua forma de uso e manejo dos recursos naturais e pelas relações socioculturais que mantém com o ambiente, é um importante instrumento de análise e compreensão do modo de vida da comunidade e da própria definição de comunidades remanescentes de quilombos. Nesta temática, território e identidade aparecem intimamente relacionados – a construção do território produz uma identidade e a identidade produz o território, e este processo é produto de ações coletivas, recíprocas, dos sujeitos sociais.

Assim, este trabalho buscou avaliar sob a perspectiva territorial, o impacto dos projetos nas atividades econômicas da comunidade. Para esta análise, foi selecionada a comunidade Mandira, por ter sido alvo de Políticas Públicas, levadas a termo e com resultados concretos.

Foram analisadas a implementação de dois projetos nesta comunidade: a criação da Reserva Extrativista do Mandira e ordenamento das atividades pesqueiras; e a implantação de sistemas agroflorestais.

---

básicos que norteiam a interpretação das disposições da Convenção são a consulta e a participação dos povos interessados e o direito desses povos de definir suas próprias prioridades de desenvolvimento na medida em que afetem suas vidas, crenças, instituições, valores espirituais e a própria terra que ocupam ou utilizam. A Convenção dedica uma especial atenção à relação destes povos com a terra ou território, principalmente aos aspectos coletivos dessa relação. É nesse enfoque que a Convenção reconhece o direito de posse e propriedade desses povos e preceitua medidas a serem tomadas para salvaguardar esses direitos, inclusive sobre terras que, como observado em determinados casos, não sejam exclusivamente ocupadas por eles, mas às quais tenham, tradicionalmente, tido acesso para suas atividades e subsistência. Ao ratificar a Convenção em julho de 2002, o Brasil, que além de Estado membro da OIT é um dos dez países com assento permanente no seu Conselho de Administração.

## **A definição de comunidades tradicionais**

Um dos pesquisadores pioneiros na definição de populações tradicionais foi Diegues (2001), definindo-as através de sua organização, conhecimentos e usos de tecnologias de baixo impacto. Para este autor, comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com pouca acumulação de capital, com atividades econômicas de pequena escala, como agricultura, pesca, coleta e artesanato.

Cunha e Almeida (2009, p. 300) ampliaram esta definição, incorporando outros elementos, em especial políticos, relacionados à liderança e à identidade conservacionista: “populações tradicionais são grupos que conquistaram ou estão lutando para conquistar (prática e simbolicamente) uma identidade pública conservacionista que inclui as características de uso de técnicas ambientais de baixo impacto, formas equitativas de organização social, presença de instituições com legitimidade para fazer cumprir suas leis, liderança local e traços culturais que são seletivamente reafirmados e reelaborados”.

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo Decreto 6.040/2007, em seu Artigo 3º, define que são compreendidos como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

A Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) considera as comunidades remanescentes de quilombos como populações tradicionais. Pela Constituição Federal do Brasil de 1988 este segmento é definido como “grupos que desenvolveram, ao longo do tempo, práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar” (BRASIL, 1988).

Estes grupos se constituem como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos e inovações, que são gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007).

Com elementos semelhantes, Moura (2006) define quilombo como “uma comunidade negra rural habitada por descendentes de africanos escravizados, com laços de parentesco, que vivem da agricultura de subsistência, em terra doada, comprada ou secularmente ocupada por seus antepassados, os quais mantêm suas tradições culturais e as vivenciam no presente, como suas histórias e seu código de ética, que são transmitidos oralmente de geração a geração”.

A reprodução econômica caracteriza-se pelo uso comunal da terra, não havendo lotes individuais, pela sazonalidade das atividades agrícolas e por uma ocupação do espaço que tem por base os laços de parentesco e de vizinhança, assentados em relações de solidariedade e de reciprocidade entre as famílias.

Com a Constituição Federal do Brasil de 1988 e a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), as comunidades remanescentes de quilombos passaram a ter direito legal às áreas tradicionalmente ocupadas, cabendo ao Estado a demarcação e titulação das mesmas. Embora esses marcos por si só não legitimam a garantia de reconhecimento desses sujeitos, estas comunidades ganharam destaque frente às instâncias governamentais, seja na sua autoidentificação como remanescentes de quilombos, na luta pela demarcação e regularização dos territórios tradicionalmente ocupados e na necessidade da implantação de políticas visando seu desenvolvimento e acesso a melhores condições de vida e sua incorporação à economia predominante.

## **O território e as comunidades quilombolas**

Para Garcia (1976, p. 342) o território é um espaço portador de significados que sobrepõem a configuração física e sendo parte integrante da cultura, relaciona-se às formas de compreensão, direcionando as ações das comunidades. Um aspecto importante nesta definição é que o território se constitui no substrato espacial sobre o qual o ser humano é capaz de relacionar-se, elaborando significados (GONÇALVES, 2010; RIOS, 2011). Assim, não é qualquer território que faz parte da cultura quilombola, mas aquele relacionado a sua história de busca pela autonomia e liberdade.

Também é suporte e produto da formação de identidades individuais e coletivas, despertando sentimentos de pertencimento e de especificidade (BONNEMAISON, 1981, p. 256). Ao se formar uma identidade coletiva vinculada a um território, definem-se as relações externas com outros grupos e com a sociedade. Esse vínculo expressa-se também em reivindicações da comunidade ou grupo social (GARCIA, 1976), como é o caso das comunidades quilombolas ao reivindicarem seu direito ao território tradicionalmente ocupado. É por meio das práticas culturais e relações que se constrói, coletivamente, a identidade quilombola. As representações sociais, imagens, símbolos e mitos projetam-se e materializam-se no espaço, transformando-se em símbolos geográficos, fornecendo referências e modelos comuns aos atores sociais, criando uma identidade vinculada a este espaço. Para Garcia (1976, p. 73) “os lugares, os trajetos, os territórios apresentam-se impregnados da consciência, da intencionalidade humana e da identidade”.

Na relação com o ambiente, o indivíduo se apropria de espaços, determina caminhos e confere sua marca à natureza, influenciando, afetando e controlando ações, mediante o estabelecimento de um domínio em uma área específica (GIMENEZ, 2000).

As representações, tanto individuais como sociais, não só contribuem para formar o território, como também constituem um patrimônio ideológico que atua no sentido da sua conservação, estabelecendo-se uma complexa relação com a identidade, mitos e legitimação política. “O espaço molda os hábitos e costumes do dia-a-dia que, por sua vez, permitem a vida comunitária” (GARCIA, 1976).

Tizon (1995) destaca que território é o “ambiente de vida, de ação, e de pensamento de uma comunidade, associado a processos de construção de identidade”. Também Cruz (2011) considera que o uso social do território não se pode tomar em abstrato, pois se concretiza em domínios culturais como o parentesco, a economia, a saúde, a política, a religião. Apresenta também uma importante dimensão econômica, sendo o resultado da apropriação e valorização do espaço mediante a representação e o trabalho, com ênfase ao seu papel como fonte de recursos. Como organização do espaço, vai responder às necessidades econômicas, sociais e políticas de cada sociedade, e sob este aspecto, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam (GIMENEZ, 2000).

A análise da influência dos recursos econômicos deve iniciar-se a partir da organização territorial, para se definir sua relação com os aspectos culturais (GARCIA, 1976).

Cada território é constituído por um conjunto de lugares que apresentam características e propriedades físicas específicas, sejam elas naturais, sejam resultantes dos usos e práticas locais por parte dos grupos sociais. Nessa concepção, sua dimensão física corresponde à sua materialidade.

Os elementos naturais são transformados em potencialidades, na medida em que a sociedade percebe sua importância como recurso e os integra à suas práticas. Essas podem ser predatórias desses recursos e degradantes da qualidade ambiental, ou, sustentável do ponto de vista da conservação e do equilíbrio do meio ambiente local.

O grupo, ao apropriar-se de um território, decide por um conjunto de intervenções cuja natureza está relacionada às suas concepções éticas, às suas opções políticas e ao seu nível tecnológico. Tais intervenções projetam-se espacialmente em modos de estruturação, organização, subdivisão e gestão, envolvendo um conjunto de ações, nos planos material e imaterial (GARCIA, 1976).

No espaço transformado em território, as comunidades quilombolas desenvolveram e desenvolvem diversas atividades socioeconômicas que se configuram como práticas culturais, como a agricultura de subsistência, que utiliza o sistema de pousio e a mão-de-

obra familiar, identificando-se com sua história de busca pela liberdade e pela autonomia. O acesso a terra e aos recursos básicos atém-se às relações sociais, de parentesco e grupais. A reprodução cultural baseia-se em uma ocupação e utilização comunal do espaço, cuja imemorialidade é constantemente reafirmada (ITESP, 1998).

Esses grupos se localizaram em áreas de difícil acesso, em geral vales e serras próximos a mananciais e a grandes rios, bem como desenvolveram ao longo do tempo, e ainda desenvolvem práticas culturais e seus modos de vida nestes espaços (ITESP, 1998).

Há comunidades negras que surgiram com a ocupação de áreas abandonadas e/ou de propriedade desconhecida, ou adquiridas por antigos escravos, formando povoados e bairros rurais, após a abolição da escravatura.

De acordo com Ferreira (2006) o território negro dava-se não pela propriedade, mas pela apropriação e uso comum dos recursos, através de práticas extrativistas nas grandes extensões de matas, brejos e rios, assim como da produção das roças. A inserção destas comunidades na sociedade mais abrangente se estabelecia principalmente em relação à cidade mais próxima, onde se efetivavam as trocas comerciais.

A produção do alimento se estabeleceu, como relação dos homens com a natureza, onde a terra de trabalho é construída pelos saberes. A organização da produção leva em conta os ciclos próprios da natureza, a partir do qual se constroem as técnicas mais adequadas e os processos de trabalho. Em suas práticas produtivas, estas comunidades expressam sua leitura do ambiente, desenvolvida num movimento de relações empíricas e cotidianas com o meio, na construção de seu modo de vida. A leitura que fazem do seu espaço ecológico remete aos usos que elas aí praticam, diretamente relacionados à reprodução da sua vida material e simbólica (FERREIRA, 2006).

A vinculação das comunidades ao território se caracteriza como fator fundamental, pois, além de ser condição de sobrevivência física para os grupos, se constitui a terra como instrumento relevante à afirmação da identidade da comunidade, para a manutenção e continuidade de suas tradições. A terra é pensada não como propriedade individual, mas como apropriação comum ao grupo (MALCHER, 2009).

## **A comunidade quilombola de Mandira e as atividades econômicas**

De acordo com o ITESP (2002), a fundação da comunidade Mandira remonta à segunda metade do século XIX, mais precisamente no ano de 1868, quando o patriarca da família, Francisco Mandira, recebeu uma parte de terras denominada Sítio Mandira, na forma de doação, de sua meia-irmã, Celestina Benícia de Andrade. Francisco era fruto da relação do senhor de escravos Antônio Florêncio de Andrade com uma de suas escravas.

A comunidade remanescente de quilombo Mandira foi reconhecida em 2002 e está localizada no município de Cananéia/SP e vizinha à área encontra-se a Reserva Extrativista do Mandira (Resex de Mandira), criada para uso da comunidade, cuja área total é de 1.175 hectares (Decreto s/nº de 13/12/2002).

De acordo com Sales & Moreira (1996, pp. 43-44), a comunidade de Mandira realizava até a primeira metade do século XX, atividades concomitantes que englobavam a agricultura e a exploração dos recursos naturais locais.

A partir dos anos 1960, a atividade agrícola sofreu considerável abalo devido às restrições impostas pela legislação ambiental. Assim, segundo Sales e Moreira (1996, p.45) “os roçados tiveram as dimensões reduzidas para dificultar as ações de fiscalização, inclusive da Polícia Florestal”. Nesse período, destacava-se também, a cultura de quintal, presente nas hortas e canteiros de especiarias e ervas medicinais localizadas ao fundo das moradias (SALES; MOREIRA, 1996). A prática agrícola indicava a especificidade do uso da terra pela comunidade, determinada pela necessidade de vastas áreas para que o rodízio pudesse se processar. Também nota-se que a propriedade da terra para a comunidade ultrapassa as limitações formais do Direito Oficial, assumindo um significado próprio do direito tradicional, a partir do qual a terra é considerada como de uso comum dos membros

da comunidade, livre de cercamentos e definições rígidas do espaço pertencente a cada família.

A pesca visava mais a obtenção de alimento. A comercialização dos excedentes eventuais era realizada dentro da própria comunidade, podendo se estender a pequenos comerciantes da região. Segundo ITESP (2002), as áreas circundantes ao mangue, hoje utilizadas para a extração de ostra, eram intensamente aproveitadas em atividades pesqueiras. A intensificação da criação de *Crassostrea brasiliana* surgiu como solução para a nova realidade de proibição de uso das áreas para agricultura.

Após este período, os autores apontam a ocorrência de “fases subseqüentes de predominância de exploração comercial de um determinado recurso” (SALES; MOREIRA, 1996, p. 55). Assim, à inicial predominância dos produtos agrícolas, como arroz, mandioca e milho, seguiu-se a do guanandi, depois a do palmito e a da caixeta, finalizando na da exploração de ostra nativa, a *Crassostrea brasiliana*, atividade com a qual a comunidade vem se dedicando atualmente.

A prática da coleta de ostras para fins comerciais, principal atividade econômica atual da comunidade, remonta há aproximadamente 30 anos, comercializando a ostra inteira e posteriormente a ostra “desmariscada”, ou seja, já retirada da casca. Com o surgimento de novos compradores – os atravessadores, houve a necessidade do aumento da produção e a sofisticação das técnicas de “desmariscagem”.

A exploração de ostra, através do extrativismo, apresentava alguns problemas, como a venda do produto para intermediários (atravessadores), a produção não atendia às exigências sanitárias e, em virtude do baixo preço pago aos coletores pelos intermediários, houve a superexploração dos bancos naturais no manguezal, conferindo aspectos predatórios a esta atividade (SALES; MOREIRA, 1996).

Pereira et al. (2000) avaliaram o estoque da ostra *Crassostrea brasiliana* do manguezal do Mar de Cubatão e Mar de Cananéia até o Canal de Ararapira, demonstrando que esse ecossistema era frágil e que a quantidade de ostras extraídas mensalmente na época estava próxima à capacidade máxima de exploração dos bancos naturais, podendo comprometer a sustentabilidade desses bancos nos anos futuros.

O extrativismo de ostras na região estava sendo praticado há décadas de maneira desordenada, guiado exclusivamente pela demanda de mercado, sem qualquer preocupação com a manutenção dos estoques naturais do recurso. A abordagem da questão ambiental foi sendo vinculada às propostas de cultivo da espécie, nas comunidades de Cananéia/SP. Não havendo o ordenamento dessa atividade, a sustentabilidade do extrativismo poderia ser prejudicada (PEREIRA et al., 2003).

## Metodologia

Para o levantamento de dados foram utilizadas técnicas com princípios sociológicos e antropológicos, por meio de entrevistas parcialmente estruturadas e entrevistas não estruturadas (em que há um diálogo livre entre pesquisador e informantes) (VIERTLER, 1988). As entrevistas não estruturadas possibilitam às pessoas falarem de suas perspectivas, em suas próprias palavras. As entrevistas parcialmente estruturadas oferecem meios para este propósito, mantendo definido o controle pelo pesquisador. Também foi utilizada a técnica de observação participante (em que o pesquisador participa da rotina e atividades dos pesquisados) e levantamento de dados históricos dos projetos. Houve uma combinação das técnicas para obtenção de dados considerando os objetivos do estudo.

O levantamento de dados na comunidade ocorreu entre fevereiro de 2011 a setembro de 2013, no total de dez viagens a campo.

## Resultados e discussão

### Os projetos desenvolvidos

Em 1993, integrantes do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB-USP), em colaboração com o Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado de Populações Tradicionais (CNPT/IBAMA), passaram a divulgar no litoral sul os conceitos de Reserva Extrativista, cuja implantação significava claramente a tentativa de conciliar a preservação ambiental de uma região com o desenvolvimento socioeconômico de seus habitantes tradicionais. Pelo interesse dos moradores de Mandira, bem como com as análises preliminares que demonstraram a viabilidade do projeto de implementação de uma Reserva Extrativista contígua ao território por eles ocupados, os técnicos das instituições organizaram o projeto da Reserva Extrativista do Mandira.

Com a Resex criada oficialmente, mas sem estruturação e plano de manejo, em 2002 foi enviado um projeto para o Ministério do Meio Ambiente, via Subprograma Projetos Demonstrativos - PD/A, pela Associação Reserva Extrativista dos Moradores do Bairro Mandira (REMA), com o objetivo de criar oficialmente e viabilizar a Unidade, visando tanto a otimização das práticas conservacionistas em área de ocorrência de manguezais com alta produtividade biológica, quanto a promoção da qualidade de vida dos moradores locais, cuja principal fonte de renda é a exploração de recursos naturais encontrados nos manguezais e nos corpos d'água contíguos às suas áreas tradicionais de habitação, por meio da exploração sustentável. O Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, implementa desde 1995 o Subprograma Projetos Demonstrativos – PD/A, sendo seu principal interesse promover aprendizagens sobre a viabilidade de novos modelos de preservação, conservação e utilização racional dos recursos naturais da Amazônia e da Mata Atlântica, visando à melhoria da qualidade de vida das populações locais (MMA, 2006).

Com este projeto, o objetivo era criar oficialmente a Reserva Extrativista do Mandira, promover as expressões culturais locais; otimizar os processos produtivos através da implantação de técnicas de manejo e beneficiamento da produção de *Crassostrea brasiliana*; legalizar a exploração de *Crassostrea brasiliana* através da obtenção de certificados e registros relacionados à coleta, crescimento e cultivo e comercialização e proteger a reserva da exploração indiscriminada de seus recursos naturais (MMA, 2006).

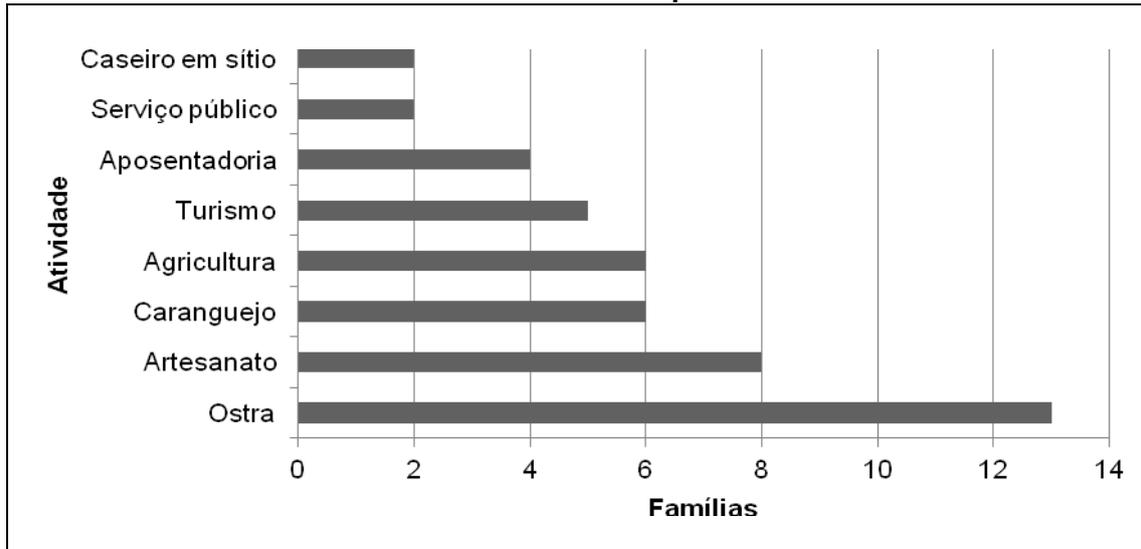
Posteriormente, em 2005, enviou-se um novo projeto através da REMA com duração de 36 meses, visando melhor estruturação da Resex, considerando que encontrava-se pouco estruturada, necessitando de incrementos na infraestrutura e de formação da população local para gestão sustentada e participativa da área, valorização da cultura quilombola e desenvolvimento das potencialidades da comunidade, em especial das crianças, jovens e mulheres, envolvendo 21 famílias.

Outro projeto desenvolvido pelo PD/A foi através da ONG Proter, que iniciou atividades com sistemas agroflorestais em 1995 em parceria com a Rede Brasileira Agroflorestal - REBRAF, apoiando cursos no Vale do Ribeira e instalando campos de experimentação agroflorestal na região (PROTER, 2011). Este projeto teve a participação de algumas famílias de Mandira e também contemplou a comercialização dos produtos em uma feira agroecológica realizada aos sábados na cidade de Cananéia/SP.

### Impactos dos projetos nas atividades econômicas

De acordo com os resultados, observa-se no Gráfico 1 que as principais atividades desenvolvidas atualmente na comunidade de Mandira estão relacionadas à produção de *Crassostrea brasiliana* e a coleta de caranguejo, sendo a principal fonte de renda dos moradores.

A pesca se torna importante para subsistência de algumas famílias e somente comercializada esporadicamente. O artesanato, assim como o turismo, compõe a renda familiar, mas por serem atividades esporádicas e sem regularidade (o artesanato é comercializado principalmente quando há grupos de turistas na comunidade), contribuem pouco para a renda familiar.

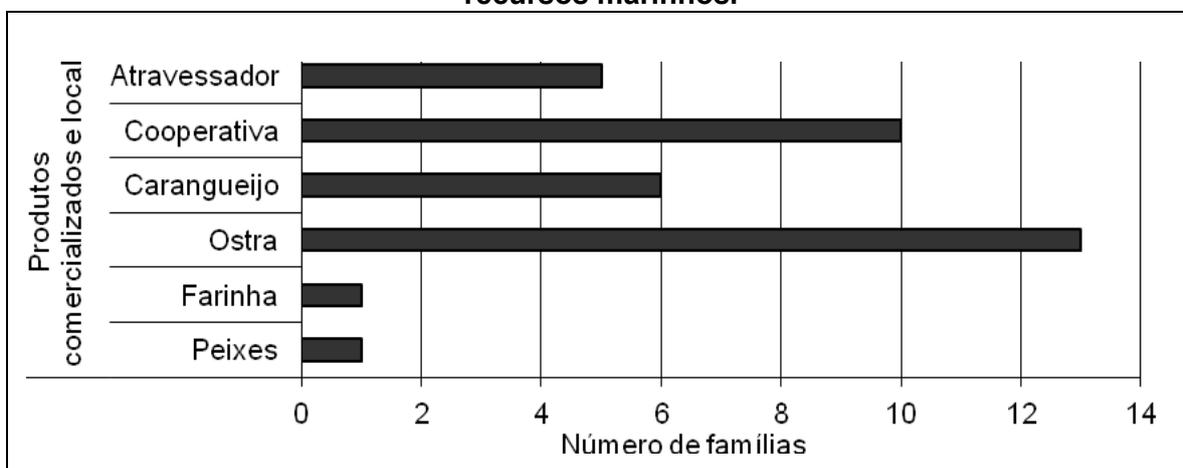
**Gráfico 1. Fontes de renda no quilombo Mandira.**

Com a restrição ambiental para abertura de roças, a coleta e venda de *Crassostrea brasiliana* tornou-se a principal fonte de renda, porém antes da realização dos projetos sua comercialização se dava através de atravessadores, com baixa remuneração, que segundo os entrevistados, variava de R\$0,20 a R\$0,30 a dúzia.

Com o manejo de *Crassostrea brasiliana* e a criação da Resex e posteriormente a Cooperativa de produtores de ostras de Cananéia - COOPEROSTRA, a remuneração foi maior e o cultivo tornou-se mais interessante, tanto do ponto de vista econômico, quanto ambiental.

A comunidade realiza a coleta de ostras no mangue, com tamanhos entre 5 cm a 10 cm e posteriormente levam para os viveiros de engorda. Neste local, o tempo para a comercialização varia de acordo com o crescimento da ostra, pois seu preço aumenta conforme o seu tamanho. As ostras imersas devem ser deixadas no mangue para que constituam bancos de reprodução perenes, levando em conta o defeso anual da ostra, que deve ser respeitado de dezembro a fevereiro. Nesse período, os moradores recebem o seguro defeso, no valor de 1 salário mínimo.

As famílias de Mandira que trabalham com manejo de recursos marinhos fazem uso de outros recursos, como verificado no Gráfico 2, tanto para geração de renda, quanto para consumo, porém os principais produtos comercializados são a ostra e o caranguejo-uçá. Para Gimenez (2000) é por meio desses usos e práticas realizadas pelas comunidades que se configura a dimensão econômica do território.

**Gráfico 2. Produtos e local de comercialização pelas famílias que trabalham com recursos marinhos.**

O valor pago atualmente é de R\$ 4,00 a R\$ 5,00 a dúzia de ostra. A comercialização pelas famílias se dá através da COOPEROSTRA e para atravessadores. Neste último caso, as famílias relataram que no início das atividades exercidas pela cooperativa, houve problemas financeiros, acarretando em atrasos nos pagamentos, o que levou muitas famílias a saírem da cooperativa. Segundo os entrevistados, este atraso no pagamento tem ocorrido atualmente e assim, preferem comercializar para atravessadores, considerando que o preço pago por estes é o mesmo que pela cooperativa e se dá no momento da entrega dos produtos. A cooperativa vem realizando seus pagamentos após 15 ou 20 dias da entrega das ostras, segundo os entrevistados. Assim, preferem comercializar para atravessadores por ter garantido o escoamento e recebimento pelo produto.

A fundação da COOPEROSTRA favoreceu a comercialização da ostra, agregando valor ao produto. Porém, inicialmente como a comunidade não estava capacitada para o trabalho administrativo, houve a contratação de funcionários, o que acarretou em ações trabalhistas desses, ainda não resolvidas. Segundo Gehen (2004) políticas públicas têm sido implementadas com o estímulo à criação de cooperativas, na expectativa de que esta ação irá resolver os problemas de geração de renda de comunidades culturalmente diferenciadas. Porém nem sempre superam os problemas existentes, pois estes grupos são portadores de racionalidades centradas em valores éticos sobre a reprodução socioeconômica e nas relações sociais e com o meio natural, priorizando valores de convívio em detrimento de competitividade econômica.

O projeto de manejo de recursos pesqueiros tem seu principal foco o manejo de ostra, buscando a racionalização por meio da engorda em viveiros. Este maior incentivo acabou por promover a especialização na geração da renda familiar, considerando que as famílias que trabalham com essa atividade, dedicam-se praticamente a ela e apresentam menor diversidade de atividades econômicas, não explorando as outras oportunidades que existem ou podem existir no território, estando mais dependentes deste recurso.

Com relação ao caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*), atualmente seis famílias realizam sua comercialização periodicamente e as demais realizam a exploração no período de “andada”<sup>4</sup>, tanto para consumo, quanto para comercialização esporádica. Entre as famílias que comercializam rotineiramente, a quantidade extraída é de 65 a 85 dúzias por semana, segundo as entrevistas realizadas. De acordo com o Plano de Manejo, no ano de 2007, o extrativismo desta espécie estava em torno de 500 dúzias por semana, o que foi considerado sustentável. Em 2008, doze pessoas em Mandira dependiam primordialmente da exploração comercial do caranguejo-uçá para seu sustento econômico e três tinham nesta atividade sua segunda fonte de renda (ICMBio, 2010). A redução de moradores dedicados à atividade e a menor quantidade extraída do recurso, podem estar relacionadas à maior dedicação e importância do cultivo de ostras para a geração de renda.

A venda de caranguejo-uçá é realizada principalmente para atravessadores e em menor quantidade para COOPEROSTRA.

Com relação às práticas de manejo de recursos naturais dentro da Resex, nota-se que os moradores têm conhecimento sobre as restrições e possibilidades de uso, em especial às normas para manejo de *Crassostrea brasiliiana*; porém há relatos de moradores que coletam indivíduos da espécie em tamanhos não permitidos pelo plano de manejo (abaixo de 5 cm e acima de 10 cm). Estes casos estão relacionados com a comercialização da ostra desmariscada, comercializada para atravessadores.

A quantidade extraída de ostras varia de acordo com as famílias e o tipo de trabalho (individual ou familiar). O valor total de ostras coletadas está dentro dos limites permitidos no Plano de Manejo da Resex. A principal forma de produção de *Crassostrea brasiliiana* se dá por meio do cultivo em viveiros, sendo realizada a coleta de indivíduos no mangue, com tamanhos acima de 5 cm e abaixo de 10cm, para posterior engorda, havendo um único caso de comercialização de ostra “desmariscada”. O maior número de viveiros pertence a famílias que trabalham juntas, incluindo também as mulheres, que vão para o mangue de 1 a 2

<sup>4</sup> O período de andada é aquele em que os caranguejos machos e fêmeas saem de suas galerias (tocas) e andam pelo manguezal, para acasalamento e liberação de ovos.

vezes por semana, dedicando-se nos demais dias, as atividades de artesanato e trabalhos de casa.

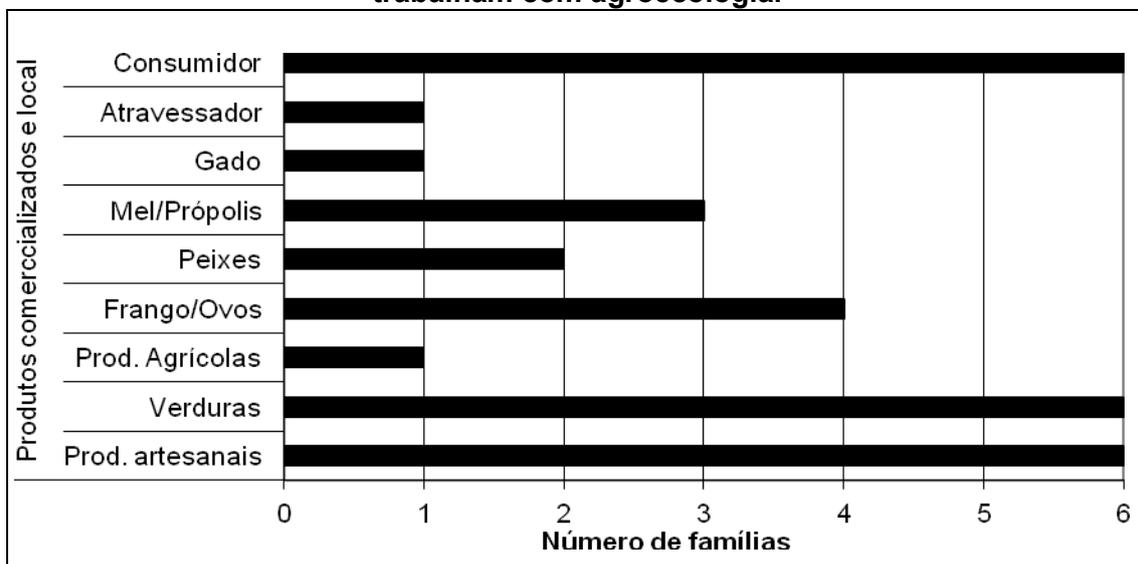
Em se tratando da agricultura de subsistência, esta é praticada por poucas famílias, principalmente pelo fato de despenderem a maior parte do tempo com atividades no manguezal, trabalhando entre 5 e 6 dias por semana. Aliado a estes fatores, no território titulado atualmente não há áreas consideradas boas para a agricultura, pois se apresentam pedregosos, estando as áreas aptas no território reconhecido, mas que até o momento não foi titulado para a comunidade.

Apenas seis famílias têm como principal fonte de renda a agricultura. Essa se caracteriza pelo cultivo de diversas espécies de hortaliças e frutos, cultivados com técnicas agroecológicas e em sistemas agroflorestais<sup>5</sup>. Esses sistemas possuem espécies como palmito jussara e pupunha, palmeira real, azeitona-do-ceilão, araticum, pitanga, banana, entre outras espécies frutíferas.

Alguns autores tem destacado a importância destes sistemas para a agricultura familiar no combate à pobreza, na segurança alimentar e na conservação dos recursos naturais (PALUDO; COSTABEBER, 2012).

As famílias que trabalham com agricultura também realizam a coleta de frutos nativos com objetivo de consumo e comercialização, tanto *in natura*, como no preparo de licores e geléias. Os frutos mais obtidos são jussara, araticum, abiu, pitanga e cambuci. Os produtos artesanais são preparados nas próprias residências das famílias durante a semana, incluindo banana chips, mel, geléias, licores, pães, carnes defumadas e produtos típicos da alimentação, como beiju de arroz. A maior diversidade de produtos comercializados e de atividades econômicas ocorre nesse Projeto, incluindo também produtos de origem animal, como carnes defumadas e peixes. Observa-se maior diversidade de itens produzidos e explorados do meio natural, como observado no Gráfico 3.

**Gráfico 3. Produtos comercializados e locais de comercialização pelas famílias que trabalham com agroecologia.**



Esta iniciativa agroecológica teve início entre os próprios agricultores e posteriormente obtiveram apoio com o projeto da ONG Proter, através do PD/A, que capacitou os produtores em agroecologia e sistemas agroecológicos de produção. Também

<sup>5</sup> Os sistemas agroflorestais são sistemas de produção agrícola que consorciavam espécies florestais (frutíferas e/ou madeiras) com cultivos agrícolas e em alguns casos animais, na mesma área e numa seqüência temporal. Através destes sistemas criam-se diferentes estratos vegetais, procurando imitar uma floresta natural, onde as árvores e/ou arbustos, pela influência que exercem no processo de ciclagem de nutrientes e no aproveitamento da energia solar são considerados os elementos estruturais básicos e principais para a estabilidade do sistema.

há produção de mel silvestre, em razão da proximidade de áreas de vegetação nativa e licores produzidos com espécies nativas, além de geleias e doces com frutos cultivados e nativos.

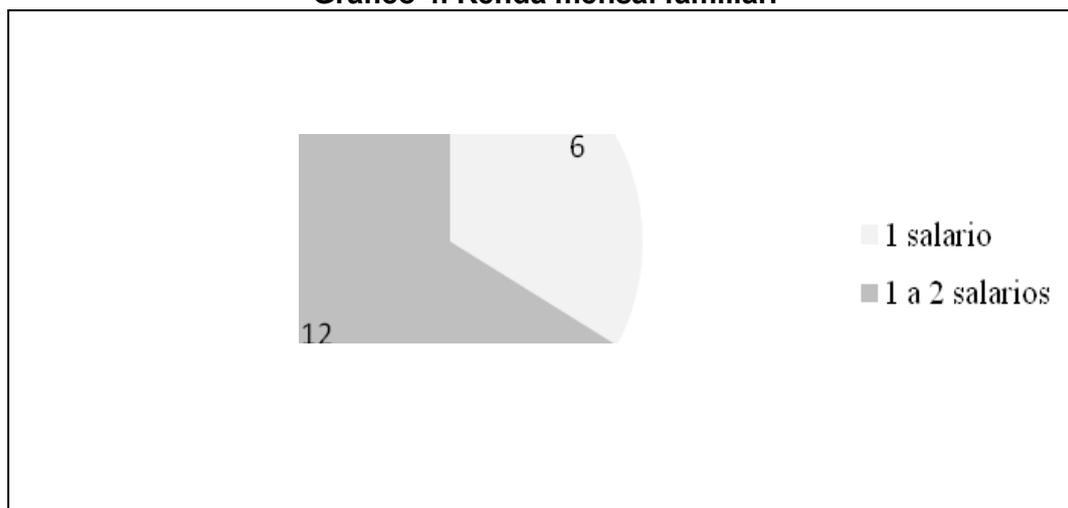
Estes produtos são comercializados em uma feira agroecológica na cidade de Cananéia/SP, que conta com o apoio da Rede Cananéia<sup>6</sup>. Esta feira permite a comercialização direta ao produtor, com agregação de valor aos produtos, que são variáveis com a época de produção de cada espécie. Nota-se que o projeto proporcionou maior relação com as demais atividades desenvolvidas pelas famílias, incluindo a agricultura de subsistência, e o uso de resíduos animais, que são criados pelas famílias. Nesse modo de produção torna-se importante a diversificação, com integração de produtos agrícolas e criação animal, reduzindo a necessidade de insumos externos, como observado. A diversificação da produção é uma estratégia para se alcançar menor dependência de insumos externos e este Projeto proporcionou maior relação com as demais atividades desenvolvidas pelas famílias, incluindo a agricultura de subsistência, pois há roças de coivara para autoconsumo, a criação animal, a produção hortícola e frutífera.

Esta feira permite a comercialização direta ao consumidor, com agregação de valor aos produtos, que variam de acordo com a sazonalidade de cada espécie, presente no território, tanto nativas, quanto cultivadas. Os canais curtos de comercialização são orientados para os mercados locais e proporcionam melhor retorno econômico para o agricultor, que recupera assim, sua autonomia, deixando de ser subordinado apenas à produção. Esta mudança tem um reflexo territorial que devolve poder e independência ao meio rural frente ao meio urbano e a prioridade passa a ser a alimentação sadia dos agricultores, associada à comercialização (SEVILLA GUZMÁN; SOLLER, 2010). Além disso, a venda direta proporciona maior proximidade entre agricultor e consumidor e auxilia a sustentabilidade da produção, pois o sistema produtivo tem lógicas agroecológicas e busca novas atividades potenciais, explorando o território como fonte de recursos.

A combinação entre agroecologia e circuitos curtos tem impactos nas diferentes dimensões territoriais, como a econômica, com valorização da paisagem e dos recursos naturais; a sociocultural, através da aproximação de produtores e consumidores e o conhecimento local associado ao manejo com valorização da cultura local e práticas alimentares; e a ambiental, através do uso de práticas sustentáveis de produção.

Atualmente a renda mensal familiar varia de 1 a 2 salários, independente da atividade exercida, como observado no Gráfico 4.

**Gráfico 4. Renda mensal familiar.**



<sup>6</sup> A Rede Cananéia foi criada com o intuito de proporcionar apoio aos atores locais e interação dos mesmos e dos Projetos com os quais estão vinculados, para a construção de uma proposta de desenvolvimento local integrada. Seus associados atuam na área socioambiental e consistem tanto em representantes de associações de comunidades tradicionais, entidades de classe, instituições de assistência técnica e coletivos em processo de formalização.

## Considerações finais

A partir dos projetos de manejo de *Crassostrea brasiliana* em Mandira, em especial com a criação da Resex, percebe-se que a atividade passou a apresentar maior sustentabilidade, com a maior parte das famílias seguindo o plano de manejo. É importante destacar a importância da Cooperativa nesse processo, que permitiu a agregação de valor, o escoamento da produção e visibilidade para esta comunidade remanescente de quilombo, mesmo apresentando atualmente os problemas financeiros.

Os projetos de produção agroecológica proporcionaram maior integração com as demais atividades, além da produção para consumo, permitindo menor dependência de alimentos externos, diferentemente do projeto anterior, que acabou por promover maior especialização das atividades econômicas. Este fato reflete no uso dos diferentes recursos do território, considerando a sazonalidade de produção. Esta abordagem pode promover maior diversidade de atividades econômicas e maior sustentabilidade.

Observou-se a redução dos cultivos nos quintas entre as famílias que se dedicam ao manejo de recursos marinhos, ficando mais dependentes do mercado externo, tanto no que diz respeito à comercialização do produto, quanto para a alimentação, pois a maioria dos produtos alimentícios são provenientes da cidade.

A realização de ações que integrem maior diversidade de atividades, atreladas ao cultivo de *Crassostrea brasiliana* e caranguejo-uçá torna-se necessárias, reduzindo a dependência da comercialização apenas desses produtos pelas famílias.

## Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4.ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

\_\_\_\_\_. Lei n. 12.188, de 11 de janeiro de 2010. Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. **Diário Oficial**, Brasília, 11 jan. 2010.

\_\_\_\_\_. Decreto n. 6.040 de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial**, Brasília, 07 fev. 2007.

BONNEMAISON, J. Voyage autour du territoire. **L'espace géographique**, Paris, n. 4, p. 249-262, 1981.

CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: CUNHA, M (Org.). **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 277-299.

CRUZ, B. N. Soportes teóricos y etnográficos sobre conceptos de território. **Revista Coherencia**, Medellín, v. 8, n. 14 Enero - Junio 2011. p. 209-229.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001. 161p.

FERREIRA, S. R. B. Campesinidade e território quilombola no Norte do Espírito Santo. **GEOgrafia**, Londrina, n. 16, p. 57-82, 2006.

GARCIA, J. L. **Antropología del territorio**. Taller de ediciones Josefina Betancor: Madrid, 1976, 350p.

GIMÉNEZ, G. Territorio, cultura e identidades. La región sociocultural. In: BARBERO, J. M.; ROCHE, F. L.; ROBLEDO, A. (Eds). **Cultura y Región**. Bogotá: Ces/Universidad Nacional/Ministerio de Cultura, 2000, p. 87-132.

GONÇALVES, M. A. Analogia e escrita etnográfica. In: \_\_\_\_\_. **Traduzir o outro: etnografia e semelhança**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. cap. 1, p. 17-51.

GEHLEN, I. Políticas públicas e desenvolvimento social rural. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 95-103, 2004.

ICMBio. **Plano de Manejo Participativo: Reserva Extrativista do Mandira – Cananéia/São Paulo**. São Paulo, 2010. 192p.

ITESP. **Relatório Técnico-científico de identificação das comunidades remanescentes de quilombos de Ivaporunduva**. São Paulo, 1998. 64p.

ITESP - **Relatório técnico-científico sobre os remanescentes da comunidade de quilombo de Mandira/Cananéia-SP**. São Paulo, 2002, 50 p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Subprograma Projetos Demonstrativos PDA. Componente: Ações de Conservação da Mata Atlântica, Brasília, 2006.

MALCHER, M.A.F. Identidade quilombola e território. In: COMUNICAÇÃO DO FÓRUM MUNDIAL DE TEOLOGIA E LIBERTAÇÃO, 3, 2009. Belém. **Artigos...** Belém, 2009. p. 399-421.

MOURA, G. Quilombos contemporâneos no Brasil. In: CHAVES, R.; SECCO, C. e MACEDO T. **Brasil/África: como se o mar fosse mentira**. São Paulo, Ed. UNESP; Luanda, Angola: Chá de Caxinde, 2006.

PALUDO, R.; COSTABEBER, J.A. Sistemas agroflorestais como estratégia de desenvolvimento rural em diferentes biomas brasileiros. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, 2012. p. 63-76

PEREIRA, O. M.; MACHADO, I. C.; HENRIQUES, M. B.; GALVÃO, M. S. N.; BASTOS, A. A. Avaliação do estoque da ostra *Crassostrea brasiliiana* (Lamarck, 1819) no manguezal da região estuarino-lagunar de Cananéia (25°S; 48°W). **B. Inst. Pesca**, v. 26, n. 1, 2000. p.49-62.

PEREIRA, O. M.; HENRIQUES, M. B.; MACHADO, I. C. Estimativa da curva de crescimento da ostra *Crassostrea brasiliiana* em bosques de mangue e proposta para sua extração ordenada no estuário de Cananéia, SP, Brasil. **B. Inst. Pesca**, São Paulo, v. 29, n. 1 2003. p.19 – 28.

PROTER – Programa da Terra Assessoria, Pesquisa e Educação Popular no Meio Rural. Relatório do Projeto PD/A, 2011. Disponível em: [http://www.proter.org.br/pda\\_081\\_ma.html](http://www.proter.org.br/pda_081_ma.html). Acesso em: 10/08/2011.

RIOS, F. T. Diversidad y sentido patrimonial: contribuciones desde la antropología del territorio al estudio de comunidades tradicionales. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v.5, n. 2, 2011. p. 153-167.

SALES, R. J. R.; MOREIRA, A. C. Reservas extrativistas no complexo estuarino-lagunar de Iguape e Cananéia – domínio mata atlântica. **Série Documentos e Relatórios de Pesquisa**, nº 22, São Paulo, 1996.

SEVILLA GUZMAN, E.; SOLLER, M. Agroecología y soberanía alimentaria: alternativas a la globalización agroalimentaria. **PH Cuadernos, Andalucía**, v. 26, p. 190-217, 2010.

TIZON, P. Le territoire au quotidien. In: DI MEO, G. **Les territoires du quotidien**. Paris: L'harmattan, 1995. p. 17-34.

VIERTLER, R. B. **Ecologia cultural**: uma antropologia da mudança. São Paulo: Ática, 1988. 61p. (Série Princípios).

Recebido para publicação em 12 de setembro de 2013

Devolvido para revisão em 06 de setembro de 2014

Aceito para publicação em 22 de setembro de 2014

# Um processo de capacitação de jovens e adultos remanescentes de quilombolas dos Caetanos de Capuan, Caucaia – Ceará<sup>1</sup>

**Simone Fernandes Soares**

Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

e-mail: fsoares.ufc@gmail.com

## Resumo

O presente estudo delinea uma análise da importância da educação como prática social e sua contribuição com o processo de construção histórica da sociedade. É uma análise que integra as dimensões produtivas e pedagógicas em espaços não formais de educação. Para a composição deste estudo considerou-se a educação presente em seus diversos momentos e espaços, enaltecendo a formação dos movimentos sociais como práticas políticas, econômicas e culturais, que caracterizam os sujeitos marcados por uma identidade diferenciada. Assim, esta pesquisa pautou-se na análise da importância da Educação do Campo em seus diversos aspectos, e como esta foi apropriada pelo “Projeto de Fortalecimento da Agricultura Familiar, através da Capacitação Social de Jovens e Adultos Agricultores”. O projeto foi executado no período de agosto de 2010 a junho de 2011, no Estado do Ceará, por meio de práticas contextualizadas, para a alfabetização de jovens e adultos camponeses pertencentes e representados por movimentos sociais. O objeto de estudo, para análise do Projeto, foi a Comunidade Remanescente de Quilombolas dos Caetanos de Capuan, em Caucaia, no Ceará. Por fim, a composição deste trabalho retrata os saberes da educação na perspectiva de um currículo em ação que considere a relação de vida dos camponeses com a terra, com o trabalho e com a Educação no e do Campo.

**Palavras-chave:** Educação do campo; agricultura camponesa; práticas pedagógicas; sujeitos do campo; jovens e adultos.

## Resumen

### Un proceso de entrenamiento de los jóvenes y adultos remanente de quilombolas de los Caetanos de Capuan, Caucaia – Ceará

El presente estudio esboza un análisis de la importancia de la educación como práctica social y su contribución con el proceso de construcción histórico de la sociedad. Es un análisis que integra las dimensiones productivas y las dimensiones pedagógicas en los espacios de educación no formal. Para la composición del estudio se consideró los diferentes momentos y espacios de educación, elevando la formación de movimientos sociales como las prácticas políticas, económicas y culturales que caracterizan a los sujetos marcados por una identidad distinta. Por tanto, esta investigación se basó en el análisis de la importancia de la Educación del Campo en sus diversos aspectos y la forma que fue apropiado por el "Proyecto de Fortalecimiento de la Agricultura Familiar por el Empoderamiento Social de la Juventud y los agricultores adultos". El proyecto se llevó a cabo desde agosto de 2010 a junio de 2011 en el Estado de Ceará, por medio de prácticas contextualizadas de alfabetización para jóvenes y adultos campesinos pertenecientes y representadas por los movimientos sociales. El objeto de estudio para el análisis del

---

<sup>1</sup>Este artigo é fruto da investigação de graduação através de uma parceria entre a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Comunidade Remanescente de Quilombolas dos Caetanos de Capuan. A investigação foi realizada sob a orientação do prof. Dr. Francisco Amaro Gomes de Alencar entre os anos de 2010 e 2011. A investigação não possuiu financiamento, sendo fruto de inquietações acadêmicas.

Proyecto, fue la Comunidad de Remanecientes de Quilombolas de los Caetanos de Capuan en Caucaia, Ceará. Finalmente, la composición de esta obra retrata los conocimientos de la educación desde la perspectiva de un plan de estudios en acción que considere la relación de vida de los campesinos con la tierra, con el trabajo y con la educación en el campo.

**Palabras-clave:** La educación del campo; la agricultura campesina; prácticas pedagógicas; personas del campo; jóvenes y adultos.

### Abstract

#### **A process of empowerment of young and adults remains of the quilombolas of Caetanos from Capuan, Caucaia – Ceará**

The present study outlines an analysis of the importance of education as a social practice and its contribution to the process of historical building society. It is an analysis that integrates the production and pedagogical dimensions in non-formal education way. To the composition of this study was considered this in its various moments and education spaces, enhancing the formation of social movements as political, economic and cultural practices that characterize the subjects marked by a distinct identity. Thus, this research was based on analysis of Rural Education's importance in its various aspects, and how it was appropriated by the "Project for Strengthening Family Agriculture through Social Empowerment of Youth and Adult Farmers". The project was carried out from August 2010 to June 2011, in the State, through contextualized practices literacy for youth and adult peasants owned and represented by social movements. The object of study for analysis of the Project was the Remnant Community Quilombo of the Caetanos of Capuan in Caucaia, Ceará. Finally, the composition of this work portrays the knowledge of education in a perspective of a curriculum in action that considers the relationship of the peasants to the land, to work and to education and in the field.

**Keywords:** Field education; peasant agriculture; pedagogical practices; subject field; young and adults.

### Introdução

O processo educacional visto como prática social caracteriza-se por ter um caráter formador e construtor de uma sociedade e deve possuir abrangência quanto ao seu público, ou seja, ele deve atingir o meio rural e o meio urbano de forma totalizada e ao mesmo tempo diferenciada, já que se trata de públicos com realidades diferenciadas. Dessa forma, este artigo contemplará o processo educacional voltado para a educação do e no campo, destacando ainda que o campo é palco de luta e resistência evidenciados e materializados nos movimentos sociais, sendo estes formados na luta travada no dia a dia por justiça social, segurança alimentar, soberania alimentar e popular, reforma agrária, educação de qualidade, contra a desigualdade social e de raça, entre outros que buscam uma vida com qualidade, solidariedade e respeito pelo o outro.

No que diz respeito à educação que contempla a realidade campesina, o Art. 28 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) não vem sendo respeitado na maioria dos municípios que possuem realidades campesinas. Fica claro que a própria (LDB) possui contradições ao afirmar a necessidade de uma educação básica para a população rural em seu Art. 28, mas quando inicia o texto oficial ao abordar o conceito da Educação vem dizer que a mesma, analisada – na LDB –, se refere exclusivamente a educação escolar, visto aqui por Saviani (2000, p. 163).

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º - Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º - A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Percebe-se que o discurso da LBD afirma que a educação não acontece somente nos espaços intramuros da escolarização, mas justifica que sua abordagem limitar-se-á somente ao espaço da educação como escola. Essa delimitação da ação do processo educativo tem por consequência a fragmentação da concepção de educação. Segundo Arroyo (1999):

(...) os movimentos sociais são em si mesmos educativos em seu modo de se expressar, pois o fazem mais do que por palavras, utilizando gestos, mobilizações, realizando ações, a partir das causas sociais geradoras de processos participativos e mobilizadores. (ARROYO, 1999, p. 9).

A educação fora dos espaços escolares ganha amplitude com a incorporação de outras reflexões, como por exemplo, o conhecimento empírico. A educação informal oferece uma flexibilidade no tempo, no espaço e nos conteúdos que se constroem de acordo com os objetivos dos grupos a que se destinam. Nessa perspectiva, alguns modelos educativos dos movimentos sociais inserem-se na educação não formal e hoje muito do que se constrói dentro dos movimentos sociais se caracteriza como educação formal, formalizado pelo PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária).

Uma educação para todos deve somar a implementação de ações conjuntas ou não da sociedade. Dessa forma, a educação assume a acepção plena da palavra, contrapondo-se a qualquer forma de exclusão social. Neste trabalho, propôs-se fazer um estudo do “Projeto de Fortalecimento da Agricultura Familiar, através da Capacitação Social de Jovens e Adultos Agricultores”, proveniente de um convênio entre o governo do Estado do Ceará, por intermédio da Secretaria de Desenvolvimento Agrária (SDA/CODEA)<sup>2</sup> e a AlfaSol<sup>3</sup>. O estudo foi pautado na análise da aplicação desse programa para os jovens, adultos e suas famílias tendo como recorte espacial a Comunidade dos Remanescentes de Quilombolas dos Caetanos de Capuan, no município de Caucaia, Estado do Ceará, sendo a mesma representada no Projeto pela Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará (Cerquice). O município, criado em 1759 por carta Régia, faz parte da microrregião de Fortaleza, fazendo limite com os municípios de Maracanaú, Maranguape, Pentecostes, São Gonçalo do Amarante e a Capital, com o recorte temporal de agosto de 2010 a junho de 2011. Assim, por meio do desenvolvimento de práticas contextualizadas, o Programa propôs o compromisso com os grupos socialmente excluídos e sua inserção de forma participativa e de transformação na sociedade, por meio de processos educativos.

Para a elaboração desta investigação, os métodos utilizados foram: revisão bibliográfica; coleta de dados na Coordenadoria do Desenvolvimento Agrário (CODEA); informações contidas no site da AlfaSol, entrevista semiestruturada com: alunos, e educadora da comunidade, com os coordenadores de turma, do território José de Alencar, e

<sup>2</sup> Secretaria de Desenvolvimento Agrário, um órgão de administração direta do governo do Estado do Ceará, o qual possui a missão de promover o Desenvolvimento Rural Sustentável do Estado com ênfase nos agricultores familiares, um desenvolvimento que reconhece e valoriza as diversidades existentes.

<sup>3</sup> AlfaSol (Associação Alfabetização Solidária), é uma entidade da sociedade civil criada em 1996, pela professora e antropóloga Ruth Cardoso com a missão de disseminar e fortalecer o desenvolvimento social por meio de práticas educativas sustentáveis. Com 15 anos de atuação, tem parcerias com o Ministério da Educação, com empresas, pessoas físicas, governos municipais e estaduais e com instituições de ensino superior.

do Comitê executor, além dos relatos das reuniões do Comitê Gestor e de um seminário de capacitação para os coordenadores dos territórios.

A estrutura desse artigo divide-se da seguinte forma: Primeiro, um breve resgate sobre o conceito e história da Educação do Campo. Segundo uma caracterização geral sobre o Projeto e sua atuação na turma da Comunidade Remanescentes de Quilombos de Capuan, localizada na região metropolitana de Fortaleza, Ceará. Terceiro, uma visão geográfica reflexiva sobre a Educação do Campo como construída pelo Estado e da educação demandada dos sujeitos do campo.

Por fim, analisa-se aqui, a importância da Educação do Campo e como esta foi inserida por meio do “Projeto de Fortalecimento da Agricultura Familiar, através da Capacitação Social de Jovens e Adultos Agricultores” no Ceará. Objetivou-se portanto, conhecer os métodos utilizados pelo Programa na educação de jovens e adultos camponeses; compreender como os sujeitos concebem a realidade em que se situam; os diversos aspectos do campo; a sua influência no processo de ensino-aprendizagem e como todos esses diversos aspectos dentro de um processo educativo são apropriados a partir de um modelo de Estado.

### **Os povos do campo: fazem acontecer a educação do e no campo**

O conceito de Educação do Campo é considerado novo, porém sua luta já consiste em 15 anos<sup>4</sup>. De certo que não é possível excluir que se trata de um conceito próprio do nosso tempo histórico, que somente pode ser compreendido no contexto de seu surgimento, a grosso modo, na sociedade brasileira atual e na dinâmica que envolve os povos do campo, pois o movimento da realidade que ele busca expressar é marcado por contradições sociais, visto que entre outras motivos de sua luta, a desigualdade social e econômica enfrentada pelos povos do campo consiste no fortalecimento da luta desta categoria. No entanto, não se pode desmerecer as lutas e avanços conquistados por e nessa causa.<sup>5</sup>

Os povos do campo são populações/grupos identitários, cuja produção para sua subsistência se dá fundamentalmente a partir da sua relação direta ou indireta com a natureza, quer vivam essas populações nas sedes de pequenos municípios, nas florestas, ou nas ribanceiras, quer vivam nas comunidades pesqueiras, nos campesinatos, nos assentamentos da reforma agrária, nas áreas remanescentes de quilombos, ou em outros territórios de igual base cultural e de produção da vida.

Levando em conta esses territórios é que podemos perceber a essência primeira da Educação do Campo. Foi e é no campo, na sua dinâmica histórica, que se produziu essa educação. Não é uma ideia de campo abstrato, mas de campo concreto de lutas sociais e políticas, de luta pela terra, pelo trabalho, uma ideia de território absoluto de sujeitos históricos.

Não se pretende aqui fixar um conceito (de campo ou de Educação do Campo), ou fechá-lo em um conjunto de palavras, pois isso mataria o que ele exprime, acabando com a ideia de movimento da realidade que ele quer apreender. Aliás, é isso que se precisa compreender com mais austeridade. Segundo Caldart (2008), a Educação do Campo nasceu de lutas, como a busca de implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária, de resistência de comunidades camponesas, das organizações dos movimentos, e do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), dos Quilombolas, do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), dos Indígenas, do Movimento dos Pequenos Agricultores

<sup>4</sup> O conceito de Educação do Campo nasceu com a I Conferência Nacional por uma Educação do Campo em Luziânia-GO, em setembro de 1998.

<sup>5</sup> Destacam-se a seguir três importantes conquistas do movimento nacional *Por uma Educação do Campo*, que se transformaram em legislação específica, a saber: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea); Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo; A escola Itinerante, entre outras.

(MPA), do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC). De acordo com Paolli e Telles (2000, p. 106) isso significa que:

Ao se fazerem reconhecer como sujeitos capazes de interlocução pública, a presença desses atores coletivos na cena política teve o efeito de desestabilizar ou mesmo subverter hierarquias simbólicas que os fixavam em lugares subalternizados por entre uma trama densa de discriminações e exclusões, ao impor critérios igualitários de reconhecimento e princípios democráticos de legitimidade.

Essas lutas priorizavam o direito dos camponeses de criarem suas escolas e de não perderem suas experiências de educação, suas comunidades, seu território e sua identidade.

As políticas em educação rural não são referências constitucionalmente relevantes na historicidade da educação brasileira, e até 1988 a expressão evidenciada nos textos constitucionais estava ligada à ruralidade, ou seja, os conteúdos da educação rural estão a serviço de um projeto de agricultura e de campo, em que a mecanização e a inserção do controle químico das culturas são prioridades em detrimento das condições de vida do homem no campo. A partir do ano de 2002 estas políticas adquirem outro significado. Com a aprovação da Resolução CNE/CEB Nº. 01 de 03 de abril – as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo.

Art. 2º Estas Diretrizes, com base na legislação educacional, constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível Técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal.

A gênese das palavras Educação do Campo demanda da ação dos movimentos camponeses, na construção de políticas públicas educacionais para os assentamentos de reforma agrária. O termo campo, nasce dessa luta que repercutiu consideravelmente após o I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (I ENERA), realizado em 1997, promovido pelo MST em parceria com entidades como a Universidade de Brasília (UNB), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que tiveram como objetivo a ampliação do debate da Educação do Campo, levando em conta o contexto em que ela se insere em termos de cultura específica, como também quanto ao modo como essa cultura vive e trabalha, e como ela se vê e se relaciona com o tempo, com o espaço, e com o meio ambiente. (KOLLIN, NERY, MOLINA, 1999, p.14)

A partir desse momento, começa a criar o conceito de Educação do Campo. Esse processo começou com a I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1998. Com a realização da II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo, em 2004, que segundo Fernandes (2006), "já estamos vivenciando uma nova fase na construção deste paradigma."

Ainda, outro desdobramento do evento foi a proposição do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) que a partir da mobilização dos trabalhadores e a realização da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo foi implementado como política pública do Ministério de Desenvolvimento Agrário voltado para a Educação do Campo. A defesa do PRONERA surge como uma iniciativa, no bojo da luta social por educação do campo, apresentando-se como um desafio ao Estado frente a sua histórica dívida social, no sentido de responder às demandas da educação infantil até o ensino superior.

O primeiro ENERA também desencadeou a constituição da chamada 'Articulação por Uma Educação Básica do Campo' (posteriormente denominada de 'Articulação por uma

Educação do Campo’) e deu continuidade no processo de preparação da Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada no ano seguinte. Conforme, Casagrande (2008):

Esta articulação tinha como objetivos básicos mobilizar os povos do campo para conquistar e construir políticas públicas na educação, com prioridade na educação básica e, também, contribuir na reflexão político-pedagógico sobre educação do campo a partir das experiências e práticas já existentes buscando apontar e projetar novas possibilidades (CASAGRANDE, 2008, p. 773).

Além disto, este momento também inaugurou uma nova referência para o debate e a mobilização popular, pois trazia em seu cerne a luta pela concepção de educação do campo e não mais para a educação rural ou educação para o meio rural. Esta concepção, nascida no interior dos movimentos sociais camponeses, traz o campo entendido como sendo mais do que um perímetro não urbano, e sim como uma possibilidade de interação do indivíduo com sua própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana. Conforme Fernandes e Molina (2004, p. 37):

Enquanto a Educação do Campo vem sendo criada pelos povos do campo, a educação rural é resultado de um projeto criado para a população do campo, de modo que os paradigmas projetam distintos territórios. Duas diferenças básicas desses paradigmas são os espaços onde são construídos e seus protagonistas (Ibidem, 2004, p. 37).

A Educação do Campo visa compreender a relação campo/cidade como “complementaridade: cidade não vive sem o campo e esse não se vive sem a cidade” (MOLINA; FERNANDES, 2004, p. 68). Nesse sentido, a educação rural liga-se ao campo do agronegócio – expropriação do camponês, de seus direitos, expulsando-o da terra para a marginalização. Em contraposição a esse raciocínio perverso, a Educação do Campo só tem sentido e significado porque está vinculada ao campo da *agri-cultura* camponesa. Ainda de acordo com Molina e Fernandes (2004, p. 73),

A Educação do Campo não existe sem a agricultura camponesa, porque foi criada pelos sujeitos que a executam; nesse sentido, a concepção de campo e de educação deve contemplar o desenvolvimento territorial das famílias que trabalham e vivem na terra. A agricultura camponesa vive em confronto permanente com a agricultura capitalista. E se o agronegócio avança, também avançam os movimentos camponeses na construção de seus territórios.

Assim, é importante refletir sobre a Educação do Campo, como uma educação que não se pautar somente para os sujeitos do campo, mas uma educação que se construa com eles. Reitera Molina (2004), romper a ideia do rural baseada no produtivismo – um lugar de mercadorias – mas como um espaço de vida, um lugar de dialetização da cultura, do saber e da formação de identidades. É evidente que somente a educação não resolve todos os problemas pelos quais passam as famílias camponesas. Outras políticas públicas são relevantes para as populações que decidem residir, trabalhar e viver do e no campo com dignidade. No entanto, para isso acontecer, é necessário que essas políticas sejam condizentes com a realidade rural do Brasil, e que a Educação do Campo seja construída com qualidade e com formação própria para atuar com base na realidade concreta dos territórios rurais.

Com base nessa leitura, pode-se perceber que o campo é constituído por diferentes identidades, os quais exigem políticas públicas diversas, e a Educação, como uma política pública, deve vir para atender à diversidade e à amplitude e entender a população do campo como protagonista propositiva de políticas e não como simples beneficiários ou usuários delas. Cabe, portanto, à Educação do Campo, enquanto política pública, se afirmar como

um instrumento de enxergar o campo não como um simples lugar-palco, alheio a identidades, ou como um mero espaço físico, mas, sim, como um conjunto de territórios, onde se cultiva alimentos, valores, e pessoas com seus sentimentos e sua realidade.

É preciso que o campo seja o construtor de sua história. Urge enxergarmos o campo tecido por uma diversidade étnica e variedade de sujeitos (quilombolas, índios, camponeses, mulheres, homens, jovens, adultos, crianças, idosos, ribeirinhos, e outros), com diferentes identidades e imaginários. E são essas diversidades, essa pluralidade que deve construir e produzir a educação para e com os povos do campo. Nesse cenário, quando os sujeitos do campo exigem uma política pública de educação, e esta tem de ser inserida nos conteúdos e nas metodologias baseadas numa história, identidade, cultura e modo de vida, e não somente com base no campo, mas no conjunto de relações que estão envolvidas nesse processo.

Dito com outras palavras, uma Educação do Campo é aquela que tem o jeito e o rosto do camponês, a identidade dos que ali vivem, trabalham e estudam. Uma educação que ajude a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais que também participam do processo de construção da sociedade, com suas lutas, suas histórias, seu labor, seus saberes, suas culturas, seu jeito de ser e de viver. Não se pode pensar numa educação da cidade para o campo nem de uma educação para o campo como espaço geográfico, mas uma educação do e no campo que tenha os sonhos e as utopias do campo.

### **Um projeto de educação do campo: capacitação solidária de jovens e adultos do campo**

O “Projeto de Fortalecimento da Agricultura Familiar, através da Capacitação Social de Jovens e Adultos Agricultores” foi desenvolvido no período de agosto de 2010 a junho de 2011 no Estado do Ceará pela SDA, gerido pela CODEA - SDA e com parceria com a AlfaSol, movimentos sociais e instituições de ensino superior. Foram atendidos 2.500 jovens e adultos distribuídos em 209 salas de aulas nos territórios rurais de identidade do estado do Ceará, a saber: Cariri, Chapada da Ibiapada, Litoral Leste, Litoral Extremo Oeste, Itapipoca, Maciço de Baturité, Médio Jaguaribe, Região Metropolitana de Fortaleza, Sertão Central, Sertão Centro Sul, Sertões de Canindé, Sobral e Sertões de Inhamuns e Crateús. (Figura 1).

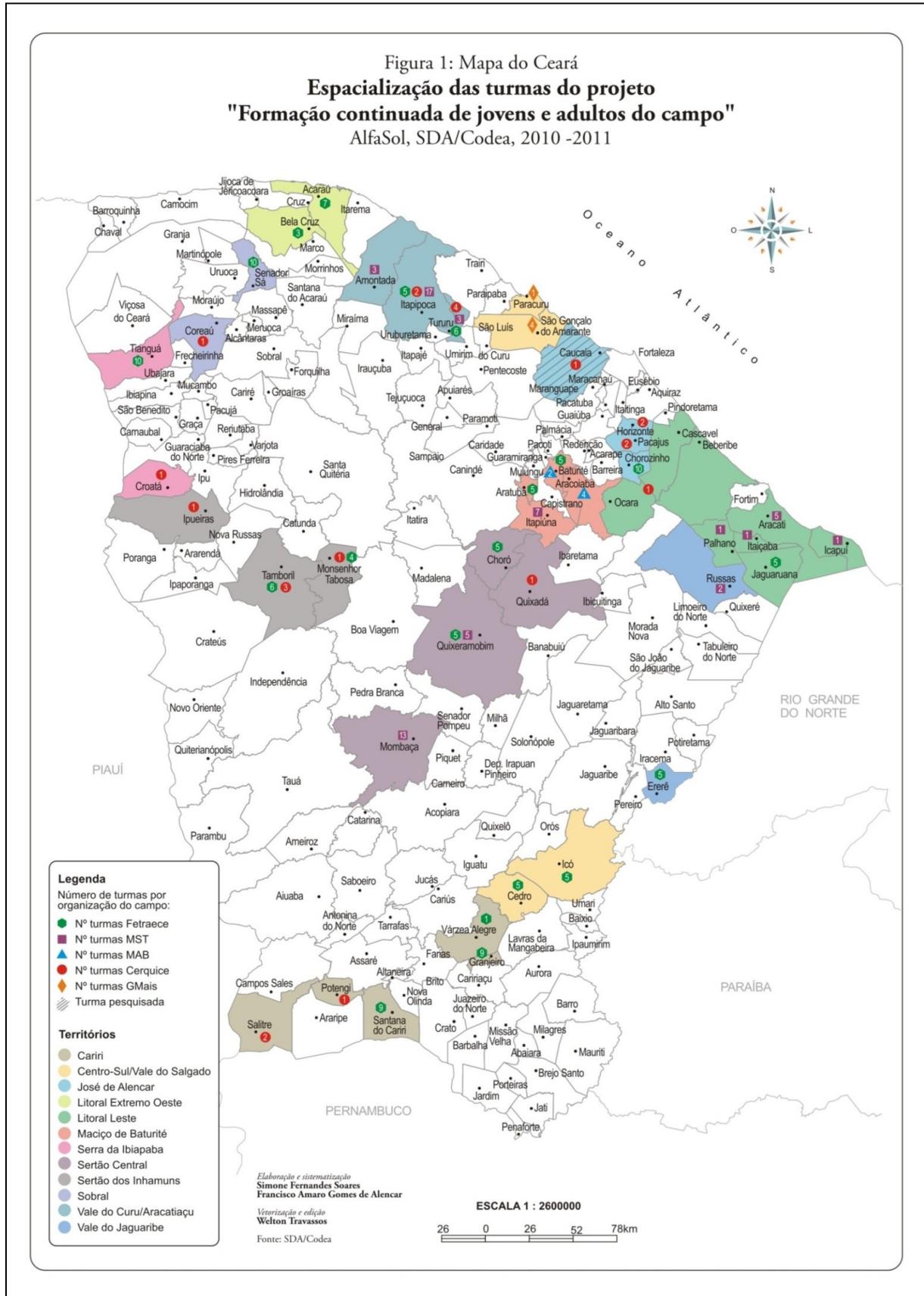
O projeto possui algumas características. A primeira, um Comitê Gestor Executor, com a função de participar do diagnóstico no distrito, apoiar o projeto político pedagógico, e fazer o acompanhamento e a avaliação do Projeto, de forma a assegurar a aplicação efetiva da capacitação social dos camponeses. Esse comitê está composto por oito representantes das instituições executora e parceiras, sendo dois de cada instituição – AlfaSol, SDA/CODEA, Instituições de Ensino Superior (IES): UFC e UVA, movimentos sociais (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST, Movimentos dos Atingidos por Barragens - MAB, Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará - CEQUIRCE e Grupo de Monitoramento de Ações Interinstitucionais e Setoriais do Complexo Industrial e Portuário do Pecém - GMAIS) –, que realizaram três reuniões no decorrer do projeto, para viabilizar a sua contextualização e a das capacitações. A segunda característica, uma Coordenadora Geral que tem o papel de realizar o intermédio entre a AlfaSol, membros da CODEA/SDA e os demais articuladores do projeto. Terceira, Coordenadores dos Territórios, ao todo 16, cuja função consiste no acompanhamento das turmas distribuídas por territórios de identidade. Quarta Coordenadores de Turmas, multiplicadores das ações desenvolvidas nas capacitações, inicial e continuadas, da Equipe de Capacitadores e de Acompanhamento do Projeto. Quinta característica, 209 Educadores, distribuídos por localidades, que acompanham turmas de até 13 educandos. Uma das premissas para a escolha do educador é que ele seja morador da comunidade. Sexta, 2.500 educandos, jovens e adultos, moradores das comunidades, analfabetos ou semianalfabetos. Sétima, exceto o Comitê Gestor, os demais participantes foram indicados pelas organizações camponesas – MST, CEQUIRCE, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Ceará (Fetraece),

GMAIS-CIPP, e do MAB – e passaram por processo de seleção. As organizações camponesas se distribuem no território cearense, tendo a CEQUIRCE sua representação com 23 turmas espacializadas no litoral oeste, região metropolitana de Fortaleza, litoral leste, sertão central, sertão dos Inhamuns e centro sul; a Fetraece com 120 turmas distribuídas pelo litoral oeste, serra da Ibiapaba, região metropolitana de Fortaleza, litoral leste, sertão central, sertão dos Inhamuns, centro sul e Cariri; o GMAIS com 5 turmas na região metropolitana de Fortaleza; o MAB com 6 turmas no maciço de Baturité, e o MST com 55 turmas distribuídas no Litoral leste, litoral oeste, maciço de Baturité e sertão central. (Figura 1). Oitava, todos fizeram capacitação de acordo com a função que desempenham no projeto, com carga horária de 24 horas aula até 32 horas aula. Nona, os coordenadores de território, de turmas, educadores e educandos têm de morar na sua área de atuação profissional. O coordenador de território no seu território, o educador na sua comunidade. Além disso, os coordenadores, os educadores e os educandos, todos receberam prolabore/bolsa para desenvolver as atividades previstas no projeto. Décima,

Foram produzidos 16 Cadernos (Práticas do Aprender – Capacitação Contextualizada de Jovens e adultos do Campo) com temas geradores para ser utilizados pelos alunos em sala de aula na discussão destes temas que partam do interesse dos capacitados, mas, também, alguns previamente selecionados e disponíveis nos 16 Cadernos: associativismo e cooperativismo rural, controle biológico de pragas e doenças, cultura, desenvolvimento sustentável, economia solidária, economia humana de reciprocidade, ética e cidadania, fertilidade e manejo dos solos, gestão das águas, manejo animal, meio ambiente, política pública e participação, raça e etnia, relações de gênero, segurança alimentar e nutricional e terra e cidadania, temas estes considerados fundamentais para a construção da sustentabilidade e da solidariedade nos diversos territórios cearenses (CEARÁ, 2010, p. 7).

Essas dez características, entre outras, compuseram os moldes para a construção de uma proposta de educação para as comunidades atendidas. Para a aplicação da capacitação social contextualizada proposta pelo programa, foi utilizada uma metodologia que agregava conceitos e práticas das temáticas a serem trabalhadas no processo de aprendizagem dos jovens e adultos camponeses atendidos pelo “Programa de Capacitação Contextualizada do Campo”. Assim, o Projeto utilizou dois métodos assistidos pela Associação AlfaSol: o material Viver, Aprender e o método cubano Sim, eu posso! Ambos consistem em metodologias de alfabetização de uma forma diferente.

O método cubano, o qual foi produzido num contexto de luta e poder político cultural em Cuba, foi criado pela professora cubana Leonela Inés Relys Díaz e desenvolvido pelo Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeño (IPLAC). O método foi inspirado na experiência educativa cubana – “que utiliza técnicas de ensino bem desenvolvidas e baseadas nas filosofias educacionais de Vygotsky, Makarenko e Dewey” (CARNOY, 2009, p. 134). O método usa em média 3 meses para o processo de alfabetização, que ocorre pela correspondência entre números e letras, com exercícios de coordenação motora, ensino de leitura-escrita e consolidação. O método foi implementado pelo MST nos territórios nos quais o movimento atua, e é baseado no amplo conhecimento prévio que os educandos possuem dos números, apesar de não saberem ler. A ligação entre o número e a letra constitui-se num elemento motivador e facilitador da aprendizagem em um curto espaço de tempo.



O método utilizado pela AlfaSol é dividido em módulos que duram aproximadamente seis meses. Durante o módulo, o primeiro mês é para a preparação dos alfabetizadores, esse processo de capacitação pode ser menor dependendo de cada IES. Após a formação

dos alfabetizadores estes começam o processo de alfabetização. Cada alfabetizador fica encarregado de uma turma. Esta última pode ter no mínimo 12 a 15 alunos e no máximo 25 alunos. As IES cabe selecionar e classificar os alfabetizadores, avaliar o processo de alfabetização, e decidir a metodologia que será aplicada na mesma. Os municípios, igrejas, algumas empresas, associações entre outros, cedem as salas para a alfabetização. As empresas parceiras são responsáveis pelo apoio financeiros necessários. O material didático utilizado pelo Programa para a alfabetização de jovens e adultos era composto pela Coleção Viver, Aprender, elaborados a partir da proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental (Ribeiro, 1997), adotado e fornecidos pelo Ministério da Educação (MEC) e contemplava as áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Estudos da Sociedade e da Natureza.

Os métodos agiram em conjunto. O método Sim, eu posso! foi executado por três meses em algumas turmas com o MST e logo em seguida dado continuidade com o método proposto pela AlfaSol.

As ações propostas pelo “Programa de Capacitação Contextualizada do Campo” foram pensadas tomando por base uma estrutura de colaboração entre a SDA e a AlfaSol, e os territórios participantes (e demais parceiros). O Projeto possui abrangência nacional e é desenvolvido através de parcerias com empresas, IES e Governos. Neste terreno de marcantes contradições, as políticas educacionais vêm transformando as escolas em instituições que, atuando no nível da ideologia, agem como instrumento de controle ideológico, de maneira a garantir a hegemonia dos padrões estipulados como válidos pela classe dominante, contribuindo para sua perpetuação no comando da sociedade.

Quando o Programa Alfabetização Solidária foi criado, a América Latina estava implementando políticas sociais acordes com o modelo de Estado que, na década de 1990, havia se consolidado na região. Os estados latino-americanos pós-reformas, adotavam políticas sociais compensatórias, cujas principais marcas foram a focalização, a descentralização e a privatização, adaptadas às características de cada país (DI PIERRO, 2001).

O Programa Alfabetização Solidária era um subprograma da Comunidade Solidária, estratégia do governo para a gestão das políticas públicas, que desenvolvia programas inovadores. A Comunidade Solidária, nos seus primórdios, ligava-se à distribuição de cestas básicas, mas foi muito criticada, o que o levou a mudar de foco, escolhendo alguns eixos de trabalho tais como: fortalecimento da sociedade civil (que se concentrou na promoção do voluntariado e do “terceiro setor”) e o desenvolvimento de programas inovadores. (FRANCO, 2000).

O caráter governamental da Associação Alfabetização Solidária não se constitui, já que a mesma se afirma como Organização Não Governamental (ONG) e isso se reside no fato de o programa, como todos os outros programas derivados da Comunidade Solidária, ser um *ensaio de terceirização de políticas sociais*<sup>6</sup>. Assim, a Associação Alfabetização Solidária pretendia mostrar que era possível alfabetizar sem a intervenção do governo ou com apenas o financiamento de parte dos gastos, *terceirizando* numa “grande ONG” (a Associação de Apoio) que, por sua vez, distribuiria os recursos às IES para a implementação do Programa. Esse modelo permitiria também a participação das Empresas, Governos Estaduais e Instituições, provendo de fundos para Alfabetização Solidária.<sup>7</sup>

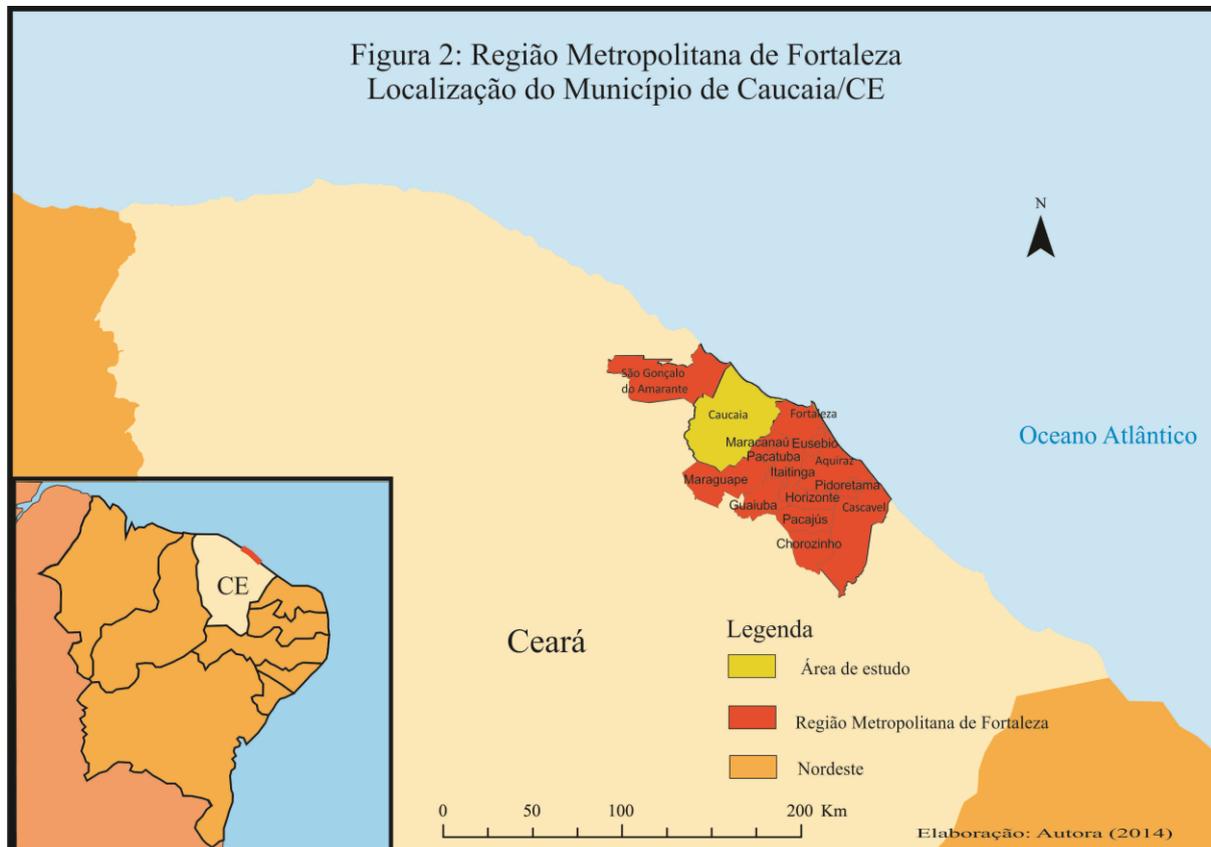
## Identificação e reconhecimento na construção de uma práxis

A Comunidade dos Remanescentes de Quilombolas dos Caetanos de Capuan situa-se no município de Caucaia e é representada no Projeto, pela Cerquice. O município de Caucaia encontra-se localizado na Região Metropolitana de Fortaleza, caracterizado

<sup>6</sup> Sobre *terceirização de políticas sociais* ver Gladys Beatriz Barreyro

<sup>7</sup> Em vários Estados, não são empresas e sim governos estaduais que financiam parte do Programa, dependendo, então, totalmente de fundos públicos.

portanto, nos moldes de um modelo urbano. A comunidade fica ainda, a pouco mais de 4km do Centro do município de Caucaia. Dessa forma, entende-se que a mesma, está inserida no processo de crescimento e expansão da metrópole de Fortaleza. Outro fator que merece destaque, é o fato do município de Caucaia fazer limite com o município São Gonçalo do Amarante que por sua vez possui em desenvolvimento um Complexo Industrial e Portuário localizado no distrito Pecém.



Segundo informações coletadas no site do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), somente neste ano de 2014, foram investidos 630,5 milhões pelo BNDES para o projeto de expansão do Porto. A participação do BNDES é de 90% do valor total do projeto, que soma R\$ 700,5 milhões e corresponde à segunda etapa da ampliação do Porto. A produção do espaço geográfico do município de Caucaia sofre influência com o avanço e desenvolvimento do Complexo Industrial e Portuário, dinamizando a economia, o comércio e recebendo um grande fluxo de veículos impulsionados pela duplicação da Rodovia Estruturante na região.

É nesse cenário globalizante que situa-se a Comunidade dos Remanescentes de Quilombolas, objeto de estudo para análise do Projeto, que traz a identidade negra, a cultura, a dança, e vários outros componentes que fazem desse movimento e dos integrantes dessa comunidade ter uma singularidade que precisa ser explorada e evidenciada. A comunidade, como já dito anteriormente, encontra-se a pouco mais de 4 km do centro do Município agregando, entre sua etnia, os índios Tapebas e Dourados.

A Comunidade firmou-se com filhos e netos de Caetano José da Costa, que fundou o quilombo de Conceição dos Caetanos. Segundo o Coordenador de Turma do Programa, Caetano não era escravo; comprou um terreno e deixou para seus filhos. Aos poucos, primos e outros parentes chegaram ao local. Os casamentos eram realizados entre primos e a presença branca era nula.

Segundo o Coordenador, quase não há documentos da época, apenas um caderno, manuscrito, redigido com base em contribuições de estudantes.

A luta pela terra, pela moradia, pela agricultura camponesa, pelo modo de vida camponês, travada pelos trabalhadores do campo e movimentos sociais traduz-se numa longa trajetória, agregando valor a cada perda e vitória. A conquista da terra pelos escravos negros, tornou-se na história, um legado que, transmitido de geração em geração, constituem territórios das comunidades atualmente conhecidas como remanescentes quilombolas.

As terras de quilombo foram conquistadas por meio de diversas formas de resistência, incluem além de fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, ou a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivaram no interior das grandes propriedades, e a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção. (RAMOS, 2009)

Assegurar aos quilombolas os seus territórios é garantir não somente a sua sobrevivência física, mas também a sua cultura e modo de vida próprio. As terras quilombolas são um espaço coletivo ocupado e explorado por meio de regras consensuais aos diversos grupos familiares que, conforme (ANDRADE, 2007), cujas relações são orientadas pela solidariedade e ajuda mútua. Portanto, as terras de quilombo, não se reduzem a simples somatória de lotes individuais.

As comunidades remanescentes de quilombos caracterizam-se pela prática do sistema de uso comum das suas terras. Tais territórios são concebidos como bem comum ao grupo e explorados segundo regras consensuais próprias que incluem laços solidários e de ajuda mútua e que podem variar de comunidade para comunidade. O território não é concebido pelos quilombolas como uma mercadoria que possa ser dividida e comercializada. O território é a história, a identidade, a liberdade. O local onde se nasce, se vive e que permanece como herança para os descendentes. Segundo (DÓRIA, 1995), os elementos de identidade e território, se constroem sempre numa correlação profunda com o seu território e é precisamente esta relação que cria e informa o seu direito à terra.

Os Quilombolas de Caetanos de Capuan, assim como outras identidades inseridas no projeto, enquadram-se na educação contextualizada de jovens e adultos, ou seja, na educação que oferece uma atenção especial às peculiaridades de diferentes regiões. Discutir a educação de jovens e adultas significa falar de práticas e vivências de um público muito particular e com características específicas: são homens e mulheres que foram excluídos do sistema escolar, possuindo, portanto, pouca ou nenhuma escolarização. De acordo com Oliveira (1999, citar a página, grifos meus.):

[...] são sujeitos que possuem certas especificidades socioculturais, como expressões de suas origens, grupos populares, sujeitos que já estão inseridos no mundo do trabalho, normalmente ocupando funções não qualificadas e, **até os que já dele saíram**, sujeitos que se encontram em uma etapa diferente da infância

Os educandos do Projeto são integrantes, assistidos e representados por movimentos sociais, o que nos leva a entender que cada um deles possui uma luta, um modo de vida, anseios e perspectivas distintos. No intento de compreender esses aspectos é exposto neste trabalho algumas das realizações, sucessos e dificuldades encontradas no estudo de caso da Comunidade em questão por meio de experiências relatadas por representantes do Comitê Gestor, por Coordenadores, Educadora e educandos. É com base em suas falas e experiências que a pesquisa se realizou. Não se pode deixar de considerar a contribuição da Geografia na compreensão dos processos que envolvem e permeiam o programa e a educação oferecida. Na Geografia, não é possível definir um conceito para análise de uma Educação do Campo, no entanto, a noção de lugar exprime o sentido da apropriação, produção e identidade de um processo educacional do campo. Conforme Wizniewsky (2010), o lugar, em sua abrangência, deixa de ser compreendido apenas como

um espaço produzido pela natureza e pelo homem, ao longo de um determinado tempo, para ser visto como uma construção única, singular, carregada de simbolismo, que agrega ideias e sentidos produzidos por aqueles que o habitam, um lugar de vida, portanto, uma educação viva. E aproxima-se também com o conceito de território, tendo este "suas dimensões política, cultural, econômica e natural" (HAESBAERT, 2003, p.13).

Para que uma educação seja viva é preciso que ela tenha participação e protagonismo na sua comunidade, pensada para ajudar no processo de desenvolvimento social, para manter a cultura, a raiz, a história daquele lugar. A Educação do Campo deve contar com professores que entendam e valorizem o espaço, o papel dos educadores do campo, e possibilitar dinâmicas pedagógicas que resgatem a cultura e o significado de se viver no campo com dignidade. Nesse sentido, o relatado aqui para frente tem em vista uma análise do que se mensura para uma educação de jovens e adultos camponeses com uma educação contextualizada que esteja atenta à diversidade.

### **Um olhar geográfico diante de uma construção coletiva**

O processo educacional, ou seja, o ato de ensinar é sensível em todos os seus aspectos. Quando fala-se do ensino para jovens e adultos, tem-se um público peculiar, dotado de experiências, maduro, que tem muito a dizer, que sabe o que quer, mas que, infelizmente, é pouco ouvido. No processo educativo é preciso que o educador ouça, e no ensino de EJA não é diferente. As experiências de vida que carregam os educandos é de uma riqueza ímpar, aliás, toda e qualquer troca de conhecimento assim se constitui.

Os jovens e adultos de aqui expostos, vivem no campo, pertencem a movimentos sociais e lutam pelo seu desenvolvimento pleno. A identidade que traz a turma de Capuan é a reminiscência de Quilombos dos Caetanos, apoiada e representada pela Cerquice, parceira no projeto.

Em conversa com a Educadora da turma, a primeira contribuição e mudança constatada do programa para com os jovens e adultos camponeses, foi a vontade pelo estudo e pelo aprendizado. Em seguida reconheceram ali um ambiente agradável e promissor, pois passaram a se sentir mais à vontade com a sala de aula, com os colegas, embora sejam amigos, vizinhos e conhecidos da comunidade, e começaram a usufruir e contribuir com o processo ensino-aprendizagem. Segundo a Educadora (informação verbal), "os educandos tiveram mudança de humor e de interesse, contribuindo com o lanche às quintas-feiras, um lanche compartilhado...". (Educadora da turma de Capuan - Caucaia, 2011). Essa mudança de humor, retratada na fala da Educadora deve-se à empatia criada durante o processo pedagógico.

O trabalho realizado pela Educadora constituiu no processo de alfabetização dos jovens e adultos de Capuan, objetivo do Projeto, processo esse pautado em uma metodologia contextualizada, para o qual a AlfaSol contribui com o material didático. É preciso, de fato, de um material de apoio para que sejam organizadas e planejadas as aulas, mas assim como na sala de aula de uma escola regular urbana o livro não pode ser único e totalizante na construção do conhecimento, com os jovens e adultos pertencentes aos movimentos sociais não pode ser diferente. Primeiro, a Educação do Campo nasce a partir da luta pela resistência e dignidade de diversos povos que no campo vivem e sobrevivem. Segundo, a realidade dessa população é singular marcada por um modo de vida do campo, que por conseguinte possuem um olhar e uma leitura de mundo e de vida, diferenciados e específicos. Terceiro, que esse modo de vida, em especial Quilombola<sup>8</sup>, carrega simbologias e história e estas não podem ser perdidas, esquecidas ou apagadas.

No processo de alfabetização, o primeiro passo na vida escolar, de reconhecimento do mundo, momento em que os olhos passam a enxergar novos significados, já se deve ter no processo educativo a identificação, a intenção de ensinar o que é significativo para o

<sup>8</sup> Em especial os Remanescentes Quilombolas, pois consiste nesse trabalho como objeto de estudo para a análise do projeto.

educando. Se este último, é sujeito do campo, o educador precisa trazer em seu bojo o conhecimento do campo, de acordo com Arroyo (2007), uma das reivindicações dos movimentos sociais para os programas de formação dos educadores pauta-se nessa questão: a inclusão das questões relativas ao equacionamento da terra ao longo da história, o conhecimento das formas específicas de exercer o ofício de ensinar, educar no campo.

Em entrevista, a Educadora afirma que é preciso ouvir o que os alunos falam; ela percebe as necessidades que eles vão sentindo no processo, e procura suprir a mesma. Embora nem todo conhecimento esteja ao seu alcance, procura sempre atender aos questionamentos dos educandos de forma a "matar-lhes a fome de conhecimento". Segundo a Educadora (informação verbal): "Existem certos assuntos que eu não possuo o conhecimento, mas isso não me impede de pesquisar e buscar a resposta para repassar-lhes. Respondo á eles que irei me informar e que no dia seguinte os informarei". (Educadora da turma de Capuan – Caucaia, 2011.)

Isso constitui uma troca de conhecimento. O educando não está no processo educativo ou numa sala de aula, somente para receber informações e ser preenchido de "conhecimento", como uma caixa vazia em que se deposita o conteúdo. Ele é sujeito que é construído e que constrói. É sujeito que protagoniza e que participa do ato de educar, possui uma vida, uma história, é rico em conhecimento que passa a ser compartilhado entre ele e a educadora. Segundo a Educadora (informação verbal), "Eles me passam informações que não são de meu conhecimento e isso faz com que façamos uma troca e até mesmo eu possa inserir as informações trazidas pelos educandos no processo educativo." (Educadora da turma de Capuan - Caucaia, 2011.)

Uma Educação do Campo é uma educação viva, de vida e para a vida. A questão cultural é um elemento relevante no processo de construção do sujeito do campo; não se pode renegar traços que são as raízes dos povos do campo, dos movimentos camponeses. É preciso que a memória e o que há de mais identitário nela sejam explorados. Um projeto de educação que contemple o campo tem de incorporar uma visão rica do conhecimento e da cultura. O campo da educação do campo, é simbólico e concreto, Sendo "o simbolismo é produto da apropriação e transformação do meio pelo homem." (COSGROVE, 1998). Essa apropriação pelos sujeitos do campo, é carregada de valores, mesmo sendo um espaço geográfico de sobrevivência de onde tira o seu sustento, se torna um lugar de identidade, assim, um espaço concreto.

De fato todo e qualquer conhecimento significa uma descoberta e novas possibilidades para a vida. Os educandos de Capuan obtiveram, através do Projeto, experiências que resignificaram alguns conceitos em suas vidas. O processo educativo não passou longe dos olhos dos educandos, de forma que o entusiasmo pela participação e colaboração com o curso se fez presente em suas falas. Conforme o educando (informação verbal) "esse curso ajudou muito porque a gente fica por dentro de tudo, sabe de tudo o que está acontecendo." (Educando da turma de Capuan - Caucaia, 2011). Dessa forma, evidencia-se em sua fala, O reconhecimento deles por serem contribuintes no processo, não alheio a eles e que lhes dá a oportunidade tanto de ir às aulas para delas participar, como também serem construtores e auxiliares no processo educacional com os seus prévios conhecimentos, de acordo com a educanda (informação verbal) "Eu já aprendi muita coisa, as coisas que eu aprendi assim: o que eu aprendi muito antes é que só se escreve 'M' antes de 'P' ou 'B', isso eu aprendi no tempo que eu estudei, e de lá pra cá eu dou dicas pra professora, eu ajudo." (Educanda da turma de Capuan - Caucaia, 2011).

De fato dar luz aos olhos de quem não enxerga<sup>9</sup> é um ato de bastante grandiosidade. É visto a felicidade de alguns educandos após o pronunciamento de algumas sílabas e palavras que antes não lhe faziam sentido. No entanto, trata-se aqui de jovens e adultos do campo, com uma rica história, que conhecem sua luta e a protagonizam. O sentido da Educação do Campo deve preceder o fortalecimento do movimento, da identidade, dos direitos, da cultura que esses sujeitos possuem. E que para isso ocorra, surge a

---

<sup>9</sup> Refirmo aqui, o ato de aprender a ler como dar vida e significado a visão.

necessidade desses próprios sujeitos serem construtores do processo educativo que os permeiam.

Reforça-se com isso, que o Projeto corrobora com o Estado e fortalece suas ideologias e concepções acerca do desenvolvimento capitalista. Alguns fatores colaboram para essa acepção. O primeiro deve-se a não continuidade do programa. O mesmo teve seu término em junho de 2011 e três anos depois não houve retorno, nem avaliativo, nem de continuidade pelo Projeto. Segundo, a modalidade utilizada era a da bolsa, que também evitava pagamento de encargos e criação de vínculo. Assim, o problema dos custos, num Estado que passava por uma reforma, reduzindo e cortando gastos, aparecia como elemento central; alfabetizadores rotativos e alunos estagiários eram bem mais baratos do que professores com contratos estáveis.

Desta forma, compreende-se que a educação rural, enquanto representada pelo Estado – amparado nos interesses da política de acumulação progressivamente crescente de capital, bem como de manutenção da ordem social de acordo com estes interesses – assegura, conforme Althusser (1985), a perpetuação das regras, dos bons costumes, isto é o comportamento que todo agente da divisão do trabalho deve observar. Neste sentido, a educação rural pode ser compreendida como um aparelho ideológico do Estado na medida em que difunde saberes que enquadram os sujeitos do campo de acordo com a função que exercem no processo de produção no campo, difundindo ideias, concepções, gostos, crenças e categorias do conhecimento alheios à história, aos anseios e às necessidades do trabalhador do campo. Portanto observa-se que:

É através da aprendizagem de alguns saberes práticos envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com explorados (ALTHUSSER, 1985).

A educação rural diferencia-se da Educação do Campo, pois a primeira desvinculava-se dos propósitos da população camponesa, que por meio dos movimentos sociais do campo começaram a reivindicar dentre outros direitos sociais, o direito a políticas educacionais específicas e diferenciadas para o campo. Conforme afirma Fernandes (2006), a Educação do Campo originou-se com as demandas dos movimentos camponeses na construção da política de educação para as áreas da reforma agrária. Assim, ele entende a educação na reforma agrária, como parte da Educação do Campo, “compreendida como um processo em construção que contempla em sua lógica a política que pensa a educação como parte essencial para o desenvolvimento do campo” (FERNANDES, 2006. p. 28). Ainda com base no autor, o atual modelo de desenvolvimento econômico predominante no campo – o agronegócio – não concebe a educação como uma política pública, pois toma como base os princípios do paradigma do capitalismo agrário que vem desenvolvendo a Educação Rural por meio de diferentes instituições, enquanto a Educação do Campo fundamenta-se nos princípios postulados pelo paradigma da questão agrária, tendo os camponeses como protagonistas do processo.

Diante destes fatos, observa-se que se faz fundamental para a elaboração de alternativas transformadoras da realidade a compreensão da educação e escola enquanto um instrumento utilizado pelo Estado para tornar hegemônica a ideologia da classe dominante e para garantir a acomodação e adesão de novos interesses dos sujeitos.

Na fala de um educando (informação verbal) nota-se claramente o que foi colocado acima, “Ajuda muito, porque incentiva até sobre política, aí eu já tô entrando pra trabalhar com um rapaz pra outro prefeito, para ganhar na campanha pra deputado, e vamos trabalhar na próxima eleição pra ele.” (Educando da turma de Capuan - Caucaia, 2011). Não sabe-se que ideologia possui o político em questão, nem se ajuda na causa dessa comunidade, mas deve-se olhar atentamente o direcionamento do educando quanto ao uso do seu novo instrumento de poder: ler e escrever. Dessa forma percebe-se que a Educação do Campo precisa estar vinculada ao saber sobre sua existência e sobre sua luta. A

educação do campo precisa levar aos camponeses, assentados, ribeirinhos, quilombolas, entre outros, o fortalecimento da luta para que seja possível que a realidade de todos que pertencem e lutam por essa questão, mude.

Ainda, em outra fala: “Até pra gente se expressar na sociedade, na comunidade é melhor né?! Antigamente a gente era mais tímida, agora a gente já ta menos desconfiada...” (Educanda da turma de Capuan). O reconhecimento de uma identidade é parte inicial do processo de luta. Segundo o depoimento de uma educanda (informação verbal) da turma, percebe-se sua segurança e seu orgulho quanto as suas raízes: “O curso ajudou muito na identificação... A minha origem vem de Tururu, Conceição dos Caetanos e Arraial de Uruburetama”. (Educanda da turma de Capuan - Caucaia, 2011).

Quando discute-se a identidade quilombola, os conceitos de território e identidade aparecem intimamente imbricados. A construção do território produz uma identidade e a identidade produz o território, este processo é produto de ações coletivas, recíprocas, de sujeitos sociais. A territorialização, também é construção, movimento, no tempo e no espaço. São relações entre os sujeitos com sua natureza. Essa relação é registrada pela memória, individual e coletiva, fruto e condição de saberes e conhecimentos. (MALCHER, 2006).

Abordar reconhecimento como movimento, é andar lado a lado com a autoestima, é identificar os próprios valores e saber lidar com isso perante a sociedade e os problemas que dela decorrem. A baixa autoestima precisa ser superada a começar dos educadores, que constituem a porta de entrada para um novo olhar construído para e com os educandos. É preciso estabelecer a quebra do processo de ruptura com os principais elementos que formam a identidade dos educandos e educadores, a saber: família, comunidade e modo de vida tradicional. O movimento quilombola enfrenta, entre tantas outras questões, a discriminação racial, que origina a vergonha da cor da pele e conseqüentemente os demais elementos que abarcam a cultura dos remanescentes de quilombos.

A valorização da identidade, do movimento, o resgate da história de luta, são os bons frutos colhidos pelo Projeto, pelos educandos pela oportunidade de estudar ou voltar a estudar para que se sintam valorizados e enxerguem uma proposta de mudança para as suas vidas. E para além de estudarem e terem a oportunidade de aprenderem, eles puderam se (re)afirmar como remanescentes de quilombos, e se sentirem importantes dentro da comunidade, no qual, consiste em um passo importante para tantos outros a serem conquistados no processo educacional para o os sujeitos do campo.

Considerando os depoimentos, podemos nos voltar aos sonhos, às possibilidades, às esperanças. O sonho vem alimentar a esperança, a qual se faz necessária para o caminho rumo às conquistas. A falta de esperança, segundo Freire (1999), fraqueja a luta, e sem a luta a esperança torna-se desespero. E se quisermos enxergar a luta, voltemo-nos então, à esperança.

O ato de educar consiste num ato de amor, por ser uma tarefa do sujeito. Não há educação sem amor, que implica uma luta contra o egoísmo. Nesse sentido, devo concordar com Freire (1979) quando ele diz que não há educação imposta, da mesma maneira como não existe amor imposto.

## **Algumas Considerações**

A Educação no Campo e do Campo passa pela compreensão da transformação social em virtude da diversidade de realidades observadas nos povos que passam pelo processo, que constroem espaços de vida, que moldam o campo ao seu jeito e transferem a ele sua identidade. A Educação do Campo deve enxergar nesse espaço geográfico a multiplicidade de identidades, ou seja, ver um território na sua diversidade, onde se cultiva alimentos, mas também valores humanos, uma área composta de gente que pensa de acordo com sua realidade e seu potencial de conhecimentos. O estudo realizado e sistematizado proporcionou, para além da percepção da importância e do direito dos processos educativos para o campo, a visão de que nele vivem sujeitos políticos, que

precisam ser vistos como são e querem ser. A Educação do Campo precisa ter o jeito, o rosto, a identidade dos que ali vivem, trabalham e estudam. Deve propiciar o fortalecimento da luta e da história do educando e do educador.

O “Projeto de Fortalecimento da Agricultura Familiar através da Capacitação de Jovens e Adultos no Ceará” despertou nos educandos de que uma educação contextualizada – direcionada para as necessidades existentes – oferece efeito positivo no processo educativo, quando vinculada à realidade vivida pelo educando, à valorização ao direito e ao dever desse processo, ao fortalecimento do movimento de identidade cultural dos alunos.

No entanto, para além de uma educação, embora contextualizada e integrada, instrumental que possui seu valor, pois caracteriza-se em um direito básico de qualquer pessoa, o Projeto não possui uma proposta pedagógica voltada para o *enraizamento humano*<sup>10</sup>, a saber: memória, mística e valores. A história confirma que as políticas educacionais voltadas para a realidade camponesa brasileira são construídas a partir de um contexto bem delineado das intenções políticas que regem o fortalecimento da estrutura social e produtiva capitalista no Brasil, no que se refere à formação humana dentro do processo produtivo, de modo a viabilizar as prioridades do capital.

Percebe-se neste sentido, que a subjetividade, a história de lutas, a cultura e os anseios dos camponeses são ignorados, predominantemente, na construção das políticas educacionais. Confirmando assim, a utilização da educação enquanto um instrumento de elaboração e difusão de ideologias que garantem a hegemonia, a partir da qual uma classe dirigente e dominante consegue articular, persuadir impor sua direção e seus interesses às demais classes.

A Educação do Campo necessita de um Estado como articulador que garanta um conjunto de ações, já posto em normas, diretrizes e livros, de forma participativa e democrática. Ela nasce no seio da luta pela terra, preza pelo direito e pela condição de os sujeitos reorganizarem o conhecimento sobre outras bases técnicas e científicas, e se banha no próprio campo e nos saberes que dele advêm.

É mister mostrar que o campo é espaço de vida, de ação de produção de cultura e riqueza, de acordo com Damasceno (1993), de troca de saberes sociais, por isso ele se apresenta como um locus que produz vida e dignidade, em que os camponeses são os construtores desses saberes.

Uma educação voltada para os camponeses não pode dispensar seus saberes referentes à natureza, aos diferentes tipos de plantas e frutos que a terra produz, ao uso da terra, e também não pode renegar o que há de mais intrínseco na vida desses sujeitos: o modo de vida.

O projeto em análise constitui uma educação com capacitação voltada para a necessidade dos educandos e com eles propicia perspectiva e mudança quanto ao futuro, com simples ações do cotidiano. Valoriza, ainda que de forma singela, a identidade dos sujeitos, possibilitando-lhes uma compreensão política, social, econômica, ambiental, cultural e de autoafirmação da comunidade com base no resgate de sua história realizado por meio de leituras de vida, num processo educativo contextualizado. No entanto, cabia uma maior ou total, ênfase ao sentido da luta da educação do campo e a importância dos educandos como construtores e continuadores dessa luta.

A Educação do Campo, prática ainda jovem e cheia de vida, está crescendo e faz-se necessário acompanhá-la e fazer com que ela continue nessa estrada para indicar a direção de melhores caminhos. Constitui numa educação que agrega cor, que agrega sabedoria, que carrega história. Uma definição para essa educação não pode ser construída longe do que ela é. E ela é feita por e para os camponeses, os povos do campo e das florestas. Uma educação ligada à agricultura camponesa e não a uma agricultura do agronegócio. Uma educação que faz parte da questão agrária e que não pode ser submetida à lógica do mercado que beneficia o agronegócio e subordina a produção camponesa determinando-a a uma lógica que toma conta da maior parte das políticas de desenvolvimento.

<sup>10</sup> Ver proposta pedagógica do MST.

## Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

ANDRADE, Lúcia. **Comunidades Quilombolas no Brasil, Semana da Consciência Negra**. 2007. Disponível em: <<http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=47>> Acesso: 01 jul 2013.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. Por uma Educação do Campo. In: Bernardo Mançano Fernandes; Miguel Gonzales Arroyo. (Org.). **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, 1999, v. 2, p. 13-37.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores(as) do campo. **Cad. CEDES** [online]. 2007, vol.27, n.72, p. 157-176.

BNDES. **BNDES apoia expansão do Porto do Pecém com R\$ 630,5 milhões**. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Institucional/Sala\\_de\\_Imprensa/Noticias/2014/logistica/20140107\\_pecem.html](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2014/logistica/20140107_pecem.html)>. Acesso em 05 de abril de 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. Brasília, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996.

CALDART, R. S. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Org.). **Por Uma Educação do Campo: Campo-Políticas Públicas-Educação**. 1 ed. Brasília: INCRA/MDA, 2008, v. 7, p. 67-86.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CASAGRANDE, N. A questão agrária e a formação do educador do campo no século XXI: as contribuições da Pedagogia da Terra. **Revista Diálogo Educacional** (PUCPR. Impresso), v. V. 8, p. 765-785, 2008.

CEARÁ. **Projeto de Fortalecimento da Agricultura Familiar, através da Capacitação Social de Jovens e Adultos Agricultores**. 2010.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

DAMASCENO, Maria Nobre. A construção do saber social pelo camponês na sua prática produtiva e política. THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre (orgs.). **Educação e Escola no Campo**. São Paulo: Papirus, 1993, p. 53 - 74.

DI PIERRO, M. C. Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos. **Educação e pesquisa**, São Paulo: FEUSP, v. 27, n. 2, p. 321-337, jul./dez., 2001.

DÓRIA, S.Z. “O quilombo do rio das rãs” In: **Terra de quilombos**. Associação brasileira de antropologia, 1995.

FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. **A pesquisa em Educação do Campo**, v. XX, p. X-I, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. O Campo da Educação do Campo. In: JESUS, Sonia M. S. Azevedo e MOLINA, Mônica Castagna. **Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”. Nº 05, 2004. p. 53-86

FRANCO, A. **O caráter inovador dos Programas da Comunidade Solidária. Estratégias inovadoras de parceria no combate à exclusão social**. Avaliação, diálogo e perspectivas. Brasília: Comunidade Solidária-Pnud-UNESCO, 2000.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 16ªed. 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade. A rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Ir; MOLINA, Mônica Castagna (orgs.). **Por uma Educação Básica do Campo (memória)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. (Coleção or uma Educação do Campo, nº 1).

MALCHER, Maria Albenize Farias (2006). **A Geografia da Territorialidade Quilombola na Microrregião de Tomé-açu: o caso da ARQUINEC – Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos Nova Esperança de Concórdia do Pará**. Belém: CEFET. (Trabalho de Conclusão de Curso)

NASCIMENTO, C. G. Caminhos e descaminhos da educação do campo: um projeto de intervenção político-pedagógico no contexto rural. **Praxis (Salvador)**, Salvador, v. II, n.02, p. 01-23, 2005.

OLIVEIRA, A. M.; SILVA, E. V. GEOGRAFIA E ESCOLA DO CAMPO: saberes, práticas e resultados. **Mercator (UFC)**, v. 8, p.177-186, 2009.

PAOLI, Maria Célia; TELLES, Vera da Silva. Direitos sociais: conflitos e negociações no Brasil contemporâneo. In: ALVAREZ, E. Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

RAMOS, I. C. A. **O lugar do parentesco na aliança entre um laudo antropológico e um território quilombola. Análise a partir do processo de regularização fundiária do Quilombo Cambará em Cachoeira do Sul/RS**. Porto Alegre: UFRGS, 2009 (Dissertação de Mestrado).

RIVERO, José. **Educação e exclusão na América Latina: Reformas em tempos de globalização**. Trad. Norisa Kassim Penteado. Brasília: Universa, 2000.

SAVIANI, Demerval. **A Nova Lei da Educação. LDB – trajetórias, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 2000. 242 p.

WIZNIEWSKY, C. R. F. A contribuição da geografia na construção da educação do campo. In: MATOS, K. S. A. L. e WIZNIEWSKY, C. R. F. (org.) **Experiências e diálogos em educação do campo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

Recebido para publicação em 18 de setembro de 2013

Devolvido para revisão em 07 de junho de 2014

Aceito para publicação em 03 de outubro de 2014

# RESENHA: Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil

**Lorena Izá Pereira**

Graduanda em Geografia – FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente

e-mail: lorena.izap@gmail.com

RESENHA DE: FERNANDES, Bernardo Mançano; WELCH, Clifford Andrew; GONÇALVES, Elienai Constantino. **Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil**<sup>1</sup>. Roma: International Land Coalition, 2012, 61 p.

O livro *Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil* é o segundo volume<sup>2</sup> do “Debate da terra no século XXI: sessões framing the debate”, sendo publicado em 2012 pela *International Land Coalition*. O livro tem como objetivo principal a análise dos paradoxos da governança da terra no Brasil, destacando a subordinação da agricultura camponesa ao agronegócio. Afirmando que o Brasil tem um crescimento espetacular no que diz respeito ao setor agrícola, o livro aborda o surgimento da agricultura de grande escala e a sua evolução até às monoculturas do agronegócio – *commodities* – ao mesmo tempo em que a agricultura camponesa reflui. Utilizando o recurso teórico metodológico do debate paradigmático, os autores explicitam que o paradigma abordado para a elaboração do livro é o Paradigma da Questão Agrária (PQA), no entanto, esse não é o paradigma que está presente no debate pelo viés do agronegócio e muito menos nas políticas agrárias elaboradas pelo governo brasileiro, que não tem conseguido democratizar o acesso a terra e acabar com conflitos por terra, situação que tem mantido a concentração fundiária. Aborda também as tendências no campo brasileiro e seus impactos sociais e ambientais. Uma das principais tendências é a presença de capitais multinacionais no campo brasileiro, ou seja, a estrangeirização de terras, em que o Brasil se mantém ativo neste processo, mas, ao mesmo tempo, é alvo deste. Por fim, os autores propõem uma questão essencial: como o vasto território brasileiro pode ser governado para atender aos interesses de todos e não apenas de um pequeno grupo privilegiado.

O livro está dividido em nove sessões, excluindo prefácio, sumário executivo e referências. Na primeira sessão, intitulada “Brasil agrário e seus paradoxos”, é trabalhado a concentração fundiária no Brasil, o agronegócio e a agricultura camponesa, diferenciando o território para o agronegócio e para o campesinato, uma vez que para o agronegócio o território é apenas lugar para a produção e para o campesinato é lugar não apenas de produção, mas também de moradia, possuindo uma relação do agricultor camponês mais próximo com a terra. O uso do território é uma das diferenças mais importantes entre o agronegócio e o campesinato. O principal paradoxo abordado nesta sessão diz respeito a concentração fundiária e a produção agrícola brasileira. O Brasil agrário é paradoxal porque os camponeses possuem menos terras agricultáveis, menos crédito agrícola, mais são responsável por grande geração de empregos e manutenção de muitas famílias enquanto o agronegócio possui maior parcela de área agricultável, maior crédito agrícola, com menos pessoas envolvidas e menor geração de emprego comparado a agricultura camponesa, promovendo assim a concentração fundiária. Além desta concentração, o agronegócio recebe a maior parte da renda, inclusive a renda gerada pela a agricultura camponesa, uma vez que seus produtos são comercializados pelos capitalistas. Nesta sessão também é essencial o debate paradigmático entre os dois modelos de desenvolvimentos propostos

<sup>1</sup> Land Governance in Brazil A geo-historical review of land governance in Brazil, na versão em inglês. Também está disponível uma versão em espanhol. Ver: <http://www.landcoalition.org/publications/land-governance-brazil>

<sup>2</sup> O primeiro volume foi sobre a África, ver: <http://www.landcoalition.org/publications/land-governance-africa> e o terceiro volume foi sobre a Ásia, ver: <http://www.landcoalition.org/publications/land-governance-asia>

para o campo brasileiro: o Capitalismo Agrário, onde os problemas da desigualdade são oriundos do fracasso das pessoas que não conseguem se manter no mercado e a Questão Agrária, no qual as desigualdades é fruto das relações de subalternidade imposta pela capital, destacando que isso é histórico no Brasil.

Na segunda sessão, denominada “Perspectivas históricas da formação regional do Brasil”, é abordado o processo de formação do Brasil e colonização, onde desde a chegada dos portugueses no Brasil até a República contemporânea são observados variados padrões de ocupação do território e desenvolvimento. A partir da colonização esta sessão aborda a política de capitanias e o sistema de sesmarias. Este último ocorreu no Brasil de modo peculiar, pois o controle sob as terras não era tão eficaz quanto em Portugal, ou seja, facilitou a concentração mesmo de terras improdutivas e foi à base para o latifúndio e monocultura, que marca o território brasileiro. Apresenta a Lei de Terras (1850) como uma medida para transformar a terra em mercadoria para que imigrantes, camponeses e escravos libertos não tivessem acesso a terra e fossem apenas mão-de-obra barata para a lavoura. Destaca ainda a mudança política no Brasil em que o controle das terras passou para o governo de cada estado, assim, o poder era destinado a um restrito grupo de interesses, formando as oligarquias agrícolas, com o papel marcante do coronel. Com Getúlio Vargas no governo, houve mudanças na estrutura política do Brasil, onde procurava diminuir a influência das oligarquias rurais na política. Houve também a organização em forma de sindicatos que, de certa forma, gerou medo nas oligarquias rurais e regionais que preferiram aderir ao golpe militar (1964), assim estava instaurada a ditadura no Brasil.

A terceira sessão é intitulada “Divisões regionais e desigualdade brasileiras” e aborda a divisão regional do Brasil citando a divisão elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que o Brasil é dividido em cinco macrorregiões, mas dá maior enfoque na divisão regional proposta por Milton Santos (2001), conhecida como “Quatro Brasis”. Os autores utilizam a questão agrária para analisar as diferenças regionais presentes no Brasil. A região concentrada (ES, MG, PR, RJ, RS, SC, SP) é onde é mais perceptível os paradoxos da questão agrária. É a região mais desenvolvida, mas, ao mesmo tempo, é palco de intensos conflitos agrários devido a concentração fundiária. O agronegócio se estabeleceu primeiro nesta região, isso tornou-se uma barreira para os camponeses que não conseguem expandir seus territórios. Com a territorialização do agronegócio altera-se a luta camponesa, pois esta deixou de ser apenas contra o latifúndio e tornou-se contra o agronegócio. Na região nordeste (AL, BA, CE, MA, PB, PE, PI, RN, SE) o acesso à infraestrutura e tecnologias é baixo e cerca de 50% da população camponesa brasileira está concentrada nesta região. A pobreza marca a região Nordeste e o papel das políticas públicas se torna fundamental. Outra marca da região é o coronelismo e oligarquias rurais que apesar de antigos ainda estão presentes no Nordeste. A região Amazônica (AC, AM, AP, PA, RO, RR) é a última fronteira agrícola brasileira e suas terras são disputadas por grandes corporações, assim as terras da Amazônia são disputadas pelo agronegócio, camponeses e indígenas. Na região Centro-Oeste (GO, MS, MT, TO) o agronegócio é muito expressivo, com intensa modernização da agricultura. Os camponeses e indígenas desta região estão perdendo seu poder de participação devido a intensificação do agronegócio. A presença de capital estrangeiro no Centro-Oeste também é uma marca da região.

Na quarta sessão, com o nome de “Disputa paradigmática: questão agrária *versus* capitalismo agrário”, os autores realizam o debate dos paradigmas, abordados como visões de mundo, que possuem interesses e ideologias. Afirmam que os paradigmas são construções mentais e que estes paradigmas têm contribuído para a elaboração de leituras sobre o campo brasileiro, deste em universidades, governo, empresas e movimentos sociais e socioterritoriais. São abordados dois paradigmas para o debate do campo brasileiro: o paradigma da questão agrária, que entende que os problemas agrários fazem parte da estrutura do capitalismo; e o paradigma do capitalismo agrário, onde as desigualdades são geradas pelo capitalismo e estas são um problema conjuntural e que pode ser superado.

Posteriormente, a quinta sessão é intitulada “*Stakeholders*: uma luta longa e constante”. Nesta os autores escrevem com está ocorrendo à resistência dos camponeses e trabalhadores do campo contra o capitalismo agrário e de como o governo brasileiro aborda

a questão e reforma agrária desde o governo imperial. Para tal exposição, os autores abordam a Guerra de Canudos e Contestado como forma de resistência, a criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), a criação da CONTAG e Comissão Pastoral da Terra (CPT) em 1963 e 1974, respectivamente. Trabalha também as Ligas Camponesas, que tiveram forte atuação no Nordeste, com a Superintendência da Política Agrária (SUPRA), que foi fundada em 1963 e com o início do governo militar (1964) teve sua função alterada e foi útil, pois o eleitorado rural acabou apoiando de modo expressivo o governo militar durante eleições. O primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), em 1985, estabeleceu metas para a implantação de assentamentos rurais, no entanto, tais metas foram alteradas pelos ruralistas que estavam no Congresso Nacional com a ajuda do então presidente José Sarney. Por fim aborda a criação do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), deixando expresso que por ser uma questão estrutural os conflitos se mantem constantes e que a postura do governo quase sempre foi em favor ao capitalismo agrário.

A sexta sessão é chamada de “Disputa política: agronegócio e campesinato”, iniciando pelas diferentes abordagens de agronegócio e campesinato, enfatizando que o agronegócio e agricultura familiar são conceitos recentes elaborados para referir a agricultura capitalista e agricultura camponesa, respectivamente. A disputa entre estes dois modelos de desenvolvimento para o campo tem crescido juntamente com o aumento da produção de *commodities*, sobretudo daquelas utilizadas para a produção de biocombustíveis, que, conseqüentemente, auxilia na estrangeirização de terras brasileiras.

Na sétima sessão, com o nome de “A experiência de reforma agrária”, afirma que o Brasil possui ao longo de sua história diversas políticas fundiárias, que auxiliaram, sobretudo, na permanência da estrutura fundiária concentradora. Embora a população camponesa e agricultora familiar seja a maior responsável pela produção de alimentos no Brasil, esta ainda conta com uma pequena parcela de terra, enquanto isso a concentração continua para os produtores de *commodities*. Assim, nesta sessão é realizado um apanhado histórico das políticas de reforma agrária e colonização do Brasil, abordando desde a “marcha para o Oeste”, em 1938, do governo de Getúlio Vargas (1930-1945 e 1951-1954), como projeto de colonização, desde a reforma agrária de mercado, da década de 1990, no governo de Fernando Henrique Cardoso (1998-2002), alegando as contradições e ineficiência desta política.

A oitava sessão, intitulada “Disputas territoriais entre as partes interessadas e o estado”, trabalha com a questão do governo brasileiro está tomado pelo modelo de desenvolvimento do capitalismo agrário, apoiando latifúndios e produção de *commodities*, em detrimento dos camponeses, indígenas e quilombolas. Muitas vezes, os próprios latifundiários fazem parte do governo e estão presentes nas tomadas de decisões. A realidade presente no Brasil é que as comunidades que tem na terra o seu modo de vida, tem que disputar o seu território com o agronegócio. O modelo de desenvolvimento utilizado pelo Brasil visa o crescimento econômico em detrimento do social e ambiental.

Na nona e última sessão deste livro, Fernandes, Welch & Gonçalves, expõem as “Tendências futuras da governança da terra no Brasil”. Segundo os autores, tais tendências são: a) impactos ambientais da questão da terra; b) estrangeirização da terra; c) investimentos brasileiros na estrangeirização da terra; d) agrocombustíveis; e) relação Campo-Cidade; f) relações regionais. Analisando este livro dois anos após a sua publicação, observamos que tais tendências estão de fato ocorrendo, um exemplo é a estrangeirização das terras brasileiras e o investimento brasileiro em tal processo, uma vez que o Brasil está ativo em países da África, sobretudo em Moçambique, com o Programa de Melhoria da Capacidade de Pesquisa e de Transferência de Tecnologia para o Desenvolvimento da Agricultura no Corredor de Nacala, em Moçambique (ProSAVANA).

O livro Políticas Fundiárias no Brasil: análise geo-histórica da governança da terra no Brasil traz um amplo apanhado histórico e geográfico da questão fundiária no Brasil, abordando desde a questão agrária, os modelos de desenvolvimento para o campo, o debate paradigmático, a história das políticas de reforma agrária e colonização brasileira, os interesses do agronegócio e governo, chegando às tendências para o campo brasileiro. É

uma leitura indispensável para a compreensão da governança da terra em um país continental e com marcantes peculiaridades como o Brasil.

### **Sobre os autores**

Bernardo Mançano Fernandes possui graduação em Geografia, mestrado e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), atualmente é professor livre-docente do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente, coordenador da Cátedra UNESCO de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe – TerritoriAL – do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI). Clifford Andrew Welch possui graduação em *American Studies*, mestrado e doutorado em História. Atualmente é professor doutor do Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus de Guarulhos. Elienai Constantino Gonçalves possui graduação e mestrado em Geografia. Atualmente é aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente.

Recebido para publicação em 15 de fevereiro de 2014

Aceito para publicação em 23 de abril de 2014

# RESENHA: A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno

**Leandro Nieves Ribeiro**

Mestrando em Geografia – FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente

e-mail: leandro.nieves@gmail.com

MACHADO, Luis Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luis Carlos Pinheiro. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno**. São Paulo: Expressão Popular, 2014. 360p.

## Introdução

Esta resenha objetiva em apresentar o recente livro publicado pela Expressão Popular intitulado de “A dialética da agroecologia” que traz uma importante reflexão e contribuição para *um mundo com alimentos sem veneno*. A relevância do assunto deve-se pela evidencia da questão mundial da insegurança alimentar e da necessidade de se reavaliar o atual modelo de produção alimentar.

A obra demonstra a agroecologia como método viável de produção agrícola com condições de sobra para substituir o agronegócio e atender a demanda da fome no mundo, diferente das árduas críticas de alguns pesquisadores conservadores<sup>1</sup>.

## Sobre os autores<sup>2</sup>

O livro é composto por dois autores. O autor principal é o **Luiz Carlos Pinheiro Machado** e é engenheiro agrônomo e doutor em agronomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atualmente é professor universitário de pós-graduação e consultor agropecuário internacional. Com mais de 60 anos de ensino, de pesquisa e extensão e é especialista em produção de alimentos limpos com experiência em 14 países. É autor de “Os Suínos” (1967) e do “Pastoreio Racional Voisin” (2004), sendo este novo livro um terceiro volume sobre os caminhos para a produção limpa.

O coautor é o **Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho**, graduado em agronomia e mestrado em zootecnia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorado em Ciência Animal na *University Of Guelph* e pós-doutorado em Bem-estar animal na *University of British Columbia*. Atualmente é professor do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Participa da elaboração de projetos de desenvolvimento rural no Brasil e no exterior e sua área de pesquisa abrange o comportamento de bovinos, suínos e animais silvestres.

## Sobre o livro

O livro “A dialética da agroecologia” demonstra **a possibilidade e o dever** de se produzir alimentos limpos, afirmando que é realmente possível produzir alimentos sem agrotóxicos e fertilizantes de síntese química em qualquer escala. O livro, entretanto, como alerta os autores, não objetiva constituir-se como um manual, delineando passo a passo as técnicas agroecológicas, mas sim, de apresentar *os caminhos* viáveis para o método

<sup>1</sup> Cf. Navarro (2014).

<sup>2</sup> As informações sobre os autores foram retiradas do próprio livro.

agroecológico, uma vez, que o método ainda precisa de maiores avanços científicos e de uma contribuição da sociedade de forma geral.

Em base de artigos científicos, de pesquisa acadêmica e da vasta experiência dos autores, o livro é uma importante contribuição para a produção de alimentos limpos e um convite para mudarmos nossos pensamentos.

## O livro

O livro é organizado em dezoito capítulos, sendo possível perceber uma divisão em três partes, a saber: a primeira parte, do capítulo 1 (um) ao 4 (quarto), é uma *introdução* ao tema central do livro que é a produção de alimentos limpos, apresentando justificativas da necessidade de se produzir alimentos pelo método da agroecologia, destacando pesquisas e avaliações ambientais, culturais, econômicas sobre as consequências provocadas pelas multinacionais. A segunda parte, do capítulo cinco ao décimo, é uma *reflexão* sobre o (des)progresso do agronegócio para a produção alimentar e da necessidade de uma produção que preserve a biodiversidade. Por fim, a terceira parte, do capítulo onze ao décimo oitavo, é a parte conclusiva, destacando os preceitos da agroecologia, *os caminhos* e *os limites* para a produção limpa e, por fim, as positivas experiências agroecológicas no Chile, na Argentina e no Brasil. Em seguida destacaremos as principais contribuições e descrições de cada capítulo.

Nos dois primeiros capítulos, os autores destacam que a palavra agroecologia ganhou uma generalização, tornando-se uma panaceia, no sentido, de ser associada apenas aos pequenos produtores e, assim, atribuída especificamente a uma pequena escala de produção, desqualificando o método como insuficiente para atender a demanda mundial. No entanto, a concepção dos autores é contrária e, de acordo com os mesmos, a agroecologia é considerada como um método de produção agrícola que resgata os saberes tradicionais e incorpora os progressos científicos e tecnológicos em harmonia com o meio ambiente, produzindo alimentos e produtos limpos, sem veneno. E ainda, através deste método, pode-se produzir com qualidade em qualquer escala, sendo, portanto, “*uma tecnologia capaz de confrontar o agronegócio, em qualquer escala*” (p.36).

No entanto, os autores criticam que as empresas do agronegócio buscam desqualificar o método agroecológico, afirmando, que além da questão da escala, o custo de produção é mais cara do que a convencional. Neste capítulo os autores contribuem com a desmistificação das ideias defendidas que a desqualificam, demonstrando com exemplos de experiências agroecológica que é possível produzir alimentos em qualquer escala e de que seus custos não são mais caros. No primeiro caso, cita a prática da agricultura ecológica em Andaluzia na Espanha que foi 32% superior do que pelo uso do manejo convencional (p.41). E no segundo caso, cita o arroz ecológico produzido no Rio Grande do Sul, cuja safra de 2013 teve o custo da produção em torno de R\$ 31,00, colhendo mais de 30.000t de arroz, enquanto, o arroz do agronegócio foi vendido por R\$129,00. O custo é reduzido na agroecologia, por justamente, não usar o agrotóxico e de aproveitar ao máximo a captação da energia solar (p.40, p.282).

Outro ponto destacado, é que as empresas conseguem informações através de convênios com órgãos públicos, como a *Embrapa-Monsanto* e como as empresas públicas subsidiam as empresas privadas, como a *Syngenta* e o Acordo Paulista de Tecnologia de Agronegócio (p.42). Dessa forma, as empresas conseguem sobressair na produção, podendo ter contato com outras pesquisas e experiências. Ou seja, a pesquisa e o governo financiam o agronegócio, enquanto, a agroecologia, sem apoio, está nos passos iniciais e ainda precisa de muitos avanços.

No terceiro capítulo, *Os antecedentes*, os autores analisam a produção do campo no Brasil no período anterior a revolução verde, marcada pela tecnologia ultrapassada no campo. Esta condição propiciou a necessidade de implantação do pacote de modernização no campo brasileiro, e nessa análise apresentam as principais produções e as respectivas

formas de produção entre as décadas de 50 a 70, demonstrando um quadro de atraso tecnológico (p.54).

O quarto capítulo trata de analisar a *revolução verde*, e destaca a contribuição da *Fundação Rockefeller* responsável pela exportação da revolução agrícola dos Estados Unidos ao México, que culminou na revolução verde. Outro ponto do capítulo é do período específico da revolução verde no Brasil e as consequências para o campo brasileiro.

O quinto capítulo discute-se sobre os motivos ambientais que permeiam a necessidade da mudança de produção de alimentos limpos e as dificuldades com o processo de transição do modelo de produção. De acordo com os autores, a ruptura não será fácil e que é necessário desconstruir a associação do progresso causado pela revolução verde.

No sexto capítulo, é discutido sobre a importância de preservar a *biodiversidade*, servindo de alerta aos leitores sobre a relevância da preservação do bioma original. Vale salientar, que dentre as piores enfermidades provenientes da monocultura é o que chamam de **erosão genética**<sup>3</sup>, em consequência, da “severa agressão à biodiversidade” modificando o agroecossistema devido à perda significativa de espécies no ecossistema. De acordo com os dados apresentados, a taxa anual da extinção de espécies causadas pela ação humana é de 50 a 100 vezes superior aos índices por causas naturais (p.82). Dessa forma, a biodiversidade reduz-se à medida que optamos pela monocultura e, para os autores, é imprescindível protegê-la por meio da rotação de cultura, do plantio direto, do respeito às culturas locais, da ausência de agrotóxicos, da proteção do solo contra erosão, da sucessão animal-vegetal e entre outras (p.78). Em seguida, os autores deixam claro que a questão primordial é de como em curto prazo conseguir atingir a demanda mundial para produzir alimentos contemplando uma produção limpa que preserve a biodiversidade.

Um motivo explicado pelos autores por não termos uma condição em curto prazo é devido ao motivo das pesquisas serem voltadas para a produção agrícola nos últimos 50 anos, preocupando-se exclusivamente em avançar na produção da monocultura, como: nos avanços das tecnologias maquinarias, produtivas e administrativas. Dessa forma, os autores entendem que é essencial “o desenvolvimento da pesquisa agrícola no sentido de procedimentos que viabilizem a produção limpa” (p.82). Outro ponto levantando é de que, por um lado, com a preservação da biodiversidade a produção agrícola tenderá a diminuir, justamente porque a “área cultivada, por hectare, será menor” (p.82). Por outro lado, a paisagem do campo deixará de ser uma “monotonia dos semelhantes” e passará a construir uma harmonia diversificada da flora e da fauna “em que os pássaros, insetos, bosques, e outros seres intrigarão a mesma sinfonia da natureza a favor da vida!”. (p.82).

No sétimo capítulo, é abordada a concepção de soberania alimentar, que seria a capacidade que um país de tem de alimentar a sua população com os próprios produtos produzidos, podendo importar em alguns momentos, um ou outro alimento que não pode ser produzido no país, tanto por motivos culturais ou agrícolas. Um ponto margeado no livro refere-se à diferença da ideia de soberania alimentar e a de segurança alimentar, que nem sequer foi citada no livro, e que para um leitor de primeira viagem que desconhecer o paradigma da produção agrícola, não conseguirá compreender a importância do conceito de soberania alimentar e, da sua relação concomitante com a produção agroecológica, em frente ao conceito hegemônico de segurança alimentar. De modo geral, é importante que o leitor entenda que, à medida que, a segurança alimentar defenda a ideia de **assegurar** a produção de alimentos para os países que não tem condição de produzir, a soberania alimentar, ao contrário, defende a concepção de que cada país **produza e consuma** seu próprio alimento. Ou seja, a segurança alimentar significa em outras palavras, de **alimentar outros** (a comida como mercadoria), enquanto, a soberania alimentar defende que cada

<sup>3</sup> Citam também a *erosão econômica*. (p.78 e 82).

país em **alimentar-se** (a comida como essência para a vida)<sup>4</sup>. A importância é entender que as instituições multilaterais como a ONU/FAO/OMC são as responsáveis em propagar a ideia de segurança alimentar, contribuindo para a propagação do agronegócio e da produção de alimentos “sujos” que desrespeitam a biodiversidade. O papel destas instituições<sup>5</sup> determinou o percurso que atribuiu o valor de troca à produção agrícola. Do outro lado, o movimento internacional *La Via Campesina* é o principal interlocutor da soberania alimentar e vem disputando as frações do território e desafiando os “centros de poder e decisão” como as citadas organizações multilaterais.

No oitavo capítulo, *Os agentes do mal*, os autores destacam o uso do agrotóxico e do fertilizante abordando alguns estudos sobre as consequências destes produtos químicos, e a sua associação à aplicação do agrotóxico ao aumento da taxa de suicídio no Rio Grande do Sul e a incidência de óbitos por câncer em agricultores. No entanto, os autores colocam que estes estudos são protegidos e escondidos pelos interesses capitalistas e com o apoio do governo que protege os lucros das multinacionais à custa da vida dos agricultores.

No nono capítulo, os autores apresentam a relevância da biocenose em entender o desenvolvimento dinâmico da vida do solo, melhorando a qualidade do solo e assim, a qualidade do alimento. Neste capítulo, destacam-se a importância de aumentar o carbono orgânico no solo e os caminhos, como a técnica do Pastoreio Raional de *Voisin*, que sequestra maior quantidade de carbono do solo, e a técnica do plantio direto que aumenta o carbono do solo, a porosidade, o macroporos, e, por fim, melhora a infiltração do solo implicando na redução da erosão (p.141).

No décimo capítulo, a partir de três pontos - a escala, o tempo e a ruptura - os autores debatem a produção de alimentos limpos. O primeiro ponto é a escala, que segundo os autores, para que a organização da produção atinja uma ampla produção e que contemple os princípios da agroecologia, deve-se apoderar dos *empreendimentos concentradores de capital-intensivos monocultivadores* e ainda, que a produção realize nas mesmas áreas várias produções que se inter-relacionem holisticamente e uma ampla escala de produção – “num, processo de rotação cultural, em harmonia com áreas adjacentes de proteção biológica” (p.155). O segundo ponto é o tempo *da natureza, que tem uma dimensão diferente do tempo humano (e do tempo do capital<sup>6</sup>) e que a produção agrícola com qualidade deve-se respeitar o tempo da natureza, embora, o tempo seja mais flexível. Por fim, a ruptura é o terceiro ponto, e significa em romper totalmente com a forma de produção do agronegócio, uma vez que, o mesmo modelo é a antítese da agroecologia.*

No décimo primeiro capítulo, os autores destacam os *pilares da agroecologia*: a trofobiose; o ciclo etileno no solo e a transmutação dos elementos. A trofobiose é uma técnica que consiste em aumentar a resistência natural da planta contra parasitas. O ciclo etileno no solo é uma importante forma de nutrição das plantas. E por fim, a transmutação dos elementos à baixa energia é a formação de uma nova espécie por meio da mutação com menos energia, diferente da transmutação tecnológica.

No décimo segundo capítulo, o tema é *as dimensões da agroecologia* que, de acordo com os autores, possui as seguintes dimensões: escala, social, política, econômica, ambiental, energética, cultural, administrativa, técnica, ética e soberania alimentar.

<sup>4</sup> Saliencia-se que a segurança alimentar é contemplada dentro da soberania alimentar, uma vez que, a ideia consiste em defender uma ampla e diversificada produção permitindo a alimentação mundial. No entanto, o mesmo não acontece ao inverso. Ou seja, a soberania alimentar não é contemplada na ideia de segurança alimentar, pois, o último defende apenas a necessidade de se produzir em grande quantidade, pecando na distribuição do alimento e da comida como *commodity*, tornando necessário um cuidado quanto aos conceitos. Para-se entender mais sobre a diferença entre segurança alimentar e soberania alimentar ver Desmarais (2013), Valério (2011) e Ribeiro (2013a).

<sup>5</sup> Como exemplo, o papel da ONU em estabelecer o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), como o caso da Coreia do Sul, que assinou o acordo em 1992 tendo como consequência a abertura do comércio coreano e por sua vez, o barateamento do preço da comida importada levando ao endividamento dos camponeses pelos empréstimos agrícolas. Cf. Martinez-Torres & Rosset (2010), Desmarais (2013) e Ribeiro (2013b).

<sup>6</sup> Cf. Harvey, (2007), Valério (2011) e Ribeiro (2013a).

Embora o livro não procure representar um manual com detalhes sobre a produção limpa de alimentos, mas sim uma indicação dos caminhos básicos, os autores apresentam no décimo terceiro capítulo as *técnicas limpas*, como: a rotação de culturas, o plantio direto, a aleopatia e as plantas companheiras.

No décimo quarto capítulo discute-se o *manejo integrado de pragas* avaliando a sua importância e a dificuldade em aplicá-la em lavouras de extensas áreas.

O capítulo seguinte, o décimo quinto, é dedicado a apresentar o método do *Pastoreio Racional de Voisin*, considerada como a coluna vertebral da agroecologia, destacando o momento em que o método é inserido no Brasil, a sua finalidade e o seu funcionamento.

No décimo sexto capítulo trata-se das *realizações agroecológicas* destacando o uso do Pastoreio Racional de *Voisin* no Projeto Alegria de Taquara/RS, em *Magallanes* na patagônia chilena, e no Projeto “*El Verdadero Paraíso*” na província de *Santa Fé*/Argentina e por fim, o adubo orgânico utilizado no arroz ecológico produzido pelo MST no RS, que conseguiu aumentar sua produção em 71 sacas/ha e manter o baixo custo de produção.

No décimo sétimo capítulo, os autores abordam a experiência da *horticultura ecológica como caminho para a produção limpa* e destaca dois impasses sobre a sua realização. O primeiro impasse é referente à escala da produção, pois, as experiências positivas a nível econômico restringiu-se apenas a escala local. E que assim, ainda deve-se avançar em estudos quanto ao método de cultura e ao tipo de máquina que deve ser empregada sem complicar a biodiversidade. O segundo impasse é referente à disponibilidade de sementes limpas, uma vez que, o mercado é totalmente importado sendo, portanto, transgênicas. De acordo com os autores, a única produção de sementes limpas utilizadas no Brasil é encontrada em Candiota (RS) tendo uma escala bem reduzida de produção e conforme criticam, é responsabilidade da Embrapa fomentar pesquisas para aumentar a produção que possibilite atingir a demanda nacional.

No capítulo final, intitulado de *As inadiáveis responsabilidades de pesquisa*, os autores fazem um alerta aos pesquisadores agrícolas como responsáveis à situação de degradação ambiental e social, colocando a pesquisa a serviço da melhoria produtiva da agricultura industrial que culminou na sua expansiva propaganda ilusória. Segundo os autores, os pesquisadores tem a responsabilidade de alterar esse papel, devendo tornar-se *sujeitos da correção* (p.308). De acordo com os autores, a mudança ocorrerá fundamentalmente com o *ensino* (em todos os níveis) e a *extensão* a favor da produção de alimentos limpos e sem veneno, mudando a mentalidade dos próprios docentes e discentes e a capacitação de novos profissionais no mercado de trabalho.

## Considerações finais

Embora o livro seja escrito por agrônomos, a leitura desta obra é de fácil compreensão permitindo que o público alvo seja qualquer tipo de pesquisador e de agricultor.

Sua principal contribuição refere-se a desmistificar que a agroecologia sirva apenas para uma restrita escala e de que o atual modo de produção seja o único modelo e caminho possível para a demanda alimentar mundial.

O livro foi organizado durante oito anos e torna-se um dos mais atuais e completos sobre a temática do *caminho para a produção limpa* e das experiências agroecológicas em diversos lugares, assim como, a própria experiência dos autores, contribui para um livro riquíssimo em informações e detalhes. Contudo, o livro é apenas um pequeno passo para a produção alimentar de qualidade cabendo a nós pesquisadores e produtores em incentivar e aprimorar o método agroecológico.

## Referências

DESMARAIS, Annette Aurélie. **A Via Campesina**: a globalização e poder do campesinato. Tradução de Carlos Alberto Silveira Netto Soares. São Paulo: Cultura Acadêmica; Expressão Popular, 2013.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2007.

MARTÍNEZ-TORRES, María Elena; ROSSET, Peter Miguel. *La Vía Campesina: the birth and evolution of a transnational social movement*. **Journal of Peasant Studies**, v.37, n.1, p. 149-175, jan. 2010.

VALERIO, Valmir José de Oliveira. **Alimentar ou ser Alimentado?** A Expansão da Agroindústria Canavieira e a Soberania Alimentar em Flórida Paulista/SP. 2011. 123f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **Via Campesina, soberania alimentar e agroecologia**. In: Jornada do Trabalho, 15, 2013a. O trabalho e a crise estrutural do capital: resistência, limite e alternativas, Ourinhos.

\_\_\_\_\_. **A territorialização da Via Campesina no Brasil**: uma leitura geográfica de suas ações territoriais. Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 6., Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 7., 2013b. Questão agrária no século XXI: escalas, dinâmicas e conflitos territoriais. João Pessoa.

NAVARRO, Zander. Fadas, duendes e agricultura. **O Estado de São Paulo**. 30 de outubro de 2013. Digital.

Recebido para publicação em 17 de junho de 2014

Aceito para publicação em 09 de julho de 2014

## COMPÊNDIO EDIÇÕES

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 2 – 44, 1998.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados.** Ano 1, n. 1 p. 45 – 58, 1998.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 59 – 72, 1998.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72 – 75, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 1 – 32, 1998.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social.** Ano 1, n. 2 p. 33 – 50, 1998.

MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos.** Ano 1, n. 2 p. 51 – 73, 1998.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74 – 93, 1998

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7 – 27, 2000.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária.** Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas.** Ano 3, n. 3 p. 45 – 57, 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58 – 67, 2000.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68 – 94, 2000.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo.** Ano 7, n. 4 p. 5 – 19, 2004.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural.** Ano 7, n. 4 p. 20 – 28, 2004.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29 – 41, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 7, n. 4 p. 42 – 49, 2004.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do “rural”:** breve abordagem. Ano 7, n. 4 p. 50 – 55, 2004.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade.** Ano 7, n. 5 p. 1 – 12, 2004.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana.** Ano 7, n. 5 p. 13 – 33, 2004.

NEVES, Achilles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos “movimentos” pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35 – 42, 2004.

GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero.** Ano 7, n. 5 p. 43 – 55, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico.** Ano 7, n. 5 p. 56 – 62, 2004.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63 – 72, 2004.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso.** Ano 7, n. 5 p. 73 – 85, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos.** Ano 7, n. 5 p. 86 – 101, 2004.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102 – 112, 2004.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária.** Ano 7, n. 5 p. 113 – 122, 2004.

KARRIEM, Abdurazack. **“Marching as to war”:** a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism. Ano 8, n. 6 p. 1 – 13, 2005.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR.** Ano 8, n. 6 p. 14 – 23, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24 – 34, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional.** Ano 8, n. 6 p. 35 – 45, 2005.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Ano 8, n. 6 p. 46 – 58, 2005.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59 – 74, 2005.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75 – 91, 2005.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005).** Ano 8, n. 6 p. 92 – 117, 2005.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista.** Ano 8, n. 7 p. 1 – 21, 2005.

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra.** Ano 8, n. 7 p. 22 – 34, 2005.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx.** Ano 8, n. 7 p. 35 – 47, 2005.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Occidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48 – 67, 2005.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 – 93, 2005.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94 – 111, 2005.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112 – 124, 2005.

LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125 – 140, 2005.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141 – 155, 2005.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 9, n. 8 p. 1 – 28, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 9, n. 8 p. 29 – 51, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74 – 108, 2006.

CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso.** Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.

TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economía política clásica: David Ricardo.** Ano 9, n. 8 p. 122 – 132, 2006.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídas do território das fabriquetas de queijo.** Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje.** Ano 9, n. 8 p. 151 – 172, 2006.

JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173 – 185, 2006.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1 – 27, 2006.

BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST.** Ano 9, n. 9 p. 28 – 48, 2006.

BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX).** Ano 9, n. 9 p. 49 - 73, 2006.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia.** Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89 – 112, 2006.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113 – 143, 2006.

LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil.** Ano 9, n. 9 p. 144 – 158, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159 – 168, 2006.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica.** Ano 10, n. 10 p. 1 – 10, 2007.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11 – 36, 2007.

MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37 – 56, 2007.

MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la praxis desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).** Ano 10, n. 10 p. 94 – 114, 2007.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115 – 133, 2007.

SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134 – 150, 2007.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition.** Ano 10, n. 10 p. 151 – 164, 2007.

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165 – 173, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 8 – 32, 2007.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33 – 47, 2007.

FELICIANO, Carlos Alberto. **“Grilos” jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48 – 60, 2007.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61 – 80, 2007.

MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81 – 108, 2007.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122 – 130, 2007.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131 – 148, 2007.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft.** Ano 10, n. 11 p. 149 – 169, 2007.

BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Ano 11, n. 12 p. 6 – 17, 2008.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants.** Ano 11, n. 12 p. 18 – 30, 2008.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31 – 56, 2008.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 11, n. 12 p. 57 – 67, 2008.

MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável....** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital.** Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária.** Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108 – 116, 2008.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.** Ano 11, n. 12 p. 117 – 136, 2008.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária.** Ano 11, n. 13 p. 6 – 15, 2008.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária.** Ano 11, n. 13 p. 16 – 25, 2008.

CHENG, T.J. **Overtime in China: law, practice and social exclusion.** Ano 11, n. 13 p. 26 – 46, 2008.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos.** Ano 11, n. 13 p. 47 – 82, 2008.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato.** Ano 11, n. 13 p. 83 – 101, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes.** Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais.** Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable.** Ano 11, n. 13 p. 128 – 143, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão.** Ano 11, n. 13 p. 144 – 155, 2008.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST.** Ano 11, n. 13 p. 156 – 165, 2008.

SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia una Geografía útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España.** Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.

REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil.** Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.

VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST.** Ano 12, n. 14 p. 63 – 71, 2009.

PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS.** Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.

ROOS, Djoni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra.** Ano 12, n. 14 p. 97 – 111, 2009.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas.** Ano 12, n. 14 p. 112 – 124, 2009.

SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE.** Ano 12, n. 14 p. 125 – 141, 2009.

ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia.** Ano 12, n. 15 p. 07– 21, 2009.

CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas.** Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de “vidas inundadas”.** Ano 12, n. 15 p. 34– 65, 2009.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual.** Ano 12, n. 15 p. 66– 87, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense: Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização.** Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.

VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vitor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará.** Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.

GÓMEZ, Sérgio. Urbanização e Ruralidade. **Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social.** Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136–138, 2009.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 13, n. 16 p. 7– 21, 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22-32, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual.** Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya.** Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

PATIÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia.** Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o “levante comunista” de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17 p. 7-28, 2010.

VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.

RINCÓN, Luis Felipe. **¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala.** Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre.** Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.

OLIVEIRA, Nallígia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas.** Ano 13, n. 17 p. 150-156, 2010.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.

JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás.** Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.

SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo.** Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola.** Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais.** Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação versus reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo.** Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

VELTMEYER, Henry. **El itinerario de desarrollo como un idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **“Campesinato como ordem moral”: (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14. n. 19 p. 44-58, 2011.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14. n. 19 p. 59-72, 2011.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14. n. 19 p. 73-89, 2011.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico.** Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe.** Ano 15. n. 20 p. 08-57, 2012.

VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária.** Ano 15. n. 20 p. 83-98, 2012.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglio jurídico.** Ano 15. n. 20 p. 99-130, 2012.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro.** Ano 15. n. 20 p. 131-155, 2012.

LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST.** Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS.** Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.

CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul.** Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro.** Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 09 – 20, 2012.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 15, Edição Especial, p. 21 – 42, 2012.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 15, Edição Especial, p. 43 – 54, 2012.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 55 – 78, 2012.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 15, Edição Especial, p. 79 – 92, 2012.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, Edição Especial, p. 93 – 102, 2012.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 15, Edição Especial, p. 103 – 126, 2012.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 15, Edição Especial, p. 127 – 154, 2012.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 15, Edição Especial, p. 155 – 176, 2012.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, Edição Especial, p. 177 – 184, 2012.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil.** Ano 15. n. 21 p. 08-32, 2012.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni; MARQUES, Erwin Becker; GONÇALVES, Leandro Daneluz. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR.** Ano 15. n. 21 p. 33-49, 2012.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Pelo espaço ou pelo território? Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial.** Ano 15. n. 21 p. 50-68, 2012.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial.** Ano 15. n. 21 p. 69-78, 2012.

MORENO, Glaucia de Sousa; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense.** Ano 15. n. 21 p. 79-99, 2012.

PATRÍCIO, Patrícia Cartes; GOMES, João Carlos Costa. **Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação.** Ano 15. n. 21 p. 100-113, 2012.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo Tekoha-Tekohará.** Ano 15. n. 21 p. 114-134, 2012.

ROSSETTO, Onélia Carmem; GIRARDI, Eduardo Paulon. **Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro.** Ano 15. n. 21 p. 135-161, 2012.

OMENA, Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque; SOUZA, Roberto Rodrigues de; SOARES, Maria José Nascimento. **Contradições do programa sergipano de biodiesel.** Ano 15. n. 21 p. 162-172, 2012.

GARRIDO, Hellen Charlot Cristancho. **Vivir bien ¿paradigma no capitalista?** Ano 15. n. 21 p. 173-180, 2012.

AVILA, Camilo Alejandro Bustos. **O componente social do Plano Colômbia e a territorialidade da comunidade camponesa-indígena Awá do departamento de Putumayo (Colômbia).** Ano 16. n. 22. p. 09-26.

BARRI, Juan. **Renta Agraria em contextos de alta productividad: las contradicciones emergentes en el actual régimen de producción agropecuaria argentino.** Ano 16. n. 22. p. 27-42.

LOBOS, Damian Andres. **Los territorios de la desposesión: los enclaves y la logística como territorialización del modelo extractivo sudamericano.** Ano 16. n. 22. p. 43-54.

BELLACOSA, Julia Marques. **Os desafios da produção camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis, o assentamento Monte Alegre: Araraquara-SP.** Ano 16. n. 22. p. 55-81.

OYAHANTÇABAL, Gabriel. **Los tres campos em la cueston agraria en Uruguay.** Ano 16. n. 22. p. 82-95.

MACEDO, Magno Roberto Alves; DARNET, Laura Angélica Ferreira; THALÊS, Marcelo Cordeiro; POCCARD-CHAPUÍS, Rene. **Configuração espacial do desflorestamento em fronteira agrícola na Amazônia: um estudo de caso na região de São Félix do Xingu, estado do Pará.** Ano 16. n. 22. p. 96-110.

MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Nova lógica na produção de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana: transformações fundiárias para a perpetuação das relações de poder.** Ano 16. n. 22. p. 111-126.

VARGAS, Daiane Loreto. **Trabalho dos extensionistas no contexto da ATES: o caso dos assentamentos de Candiota/RS.** Ano 16. n. 22. p. 127-137.

CARDONA, David Vásquez. **Disputas territoriales con el capital, las subordinaciones, paradigmas y modelos de desarrollo.** Ano 16. n. 23. p. 09-26.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. **Território (i)material e Geografia Agrária: Paradigmas em Questão.** Ano 16. n. 23. p. 27-42.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. **Agricultura de beira de estrada ou agropecuária marginal ou, ainda, o campesinato espremido.** Ano 16. n. 23. p. 43-59.

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **Aspectos da formação da opinião pública paulista: um estudo baseado no Dataluta jornal de 1988 a 2010.** Ano 16. n. 23. p. 60-80.

CASTRO, Cloves Alexandre. **Movimento social e geografia: contribuição ao debate.** Ano 16. n. 23. p. 81-108.

MORALES, Selene. **La “sojización” y la tierra en disputa: desarrollo del capitalismo agrario en Uruguay.** Ano 16. n. 23. p. 109-130.

SILVA, Tanise Pedron da; COSTABEBER, José Antônio. **A (re)organização da produção: um estudo da segurança alimentar nos assentamentos de reforma agrária Santa Rita e Sepé Tiaraju, município de Capão do Cipó (RS).** Ano 16. n. 23. p. 131-149.

SILVA, Raimundo Pires. **As especificidades da nova ATER para agricultura familiar.** Ano 16. n. 23. p. 150-166.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato.** Ano 16. n. 23. p. 167-170.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; HÉRNANDEZ, David Gallar; COLADO, Ángel Calle. **A “nova” questão agrária em Andalucía: processos de recampesinização em tempos de impérios agroalimentares.** Ano 17. n. 24. p. 09-35.

CUTINELLA, César. **La cuestión agraria uruguaya en los manuales escolares de geografia: una aproximación a su evolución histórica.** Ano 17. n. 24. p. 36-50.

BATISTA, Ândrea Francine. **A formação e a organização política na territorialização contra-hegemônica: a experiência da Via Campesina sudamérica.** Ano 17. n. 24. p. 51-70.

BELO, Diego Carvalho; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. **Acampamentos do MST e sua importância na formação da identidade do sem terra.** Ano 17. n. 24. p. 71-85.

JARA, Cristian Emanuel; SPERAT, Ramiro Rodríguez; MANRIQUE, Luis Felipe Rincón. **La agricultura familiar en el desarrollo rural: continuidades y rupturas del paradigma neoliberal en argentina y Colombia.** Ano 17. n. 24. p. 86-106.

PASINI, Isabela Leão Ponce; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; SILVA, Douglas Mansur da. **Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente.** Ano 17. n. 24. p. 107-121.

SILVA, Rafael Navas; SILVA, Ivone da; MARTINS, Cibele Chalita. **Formação de coletores de sementes nativas da mata atlântica.** Ano 17. n. 24. p. 122-132.

NORDER, Luis Antônio Cabello. **Controvérsias sobre a reforma agrária no Brasil (1934-1964).** Ano 17. n. 24. p. 133-145.

VASSALLO, Miguel; CHAVES, Ethel Ferreira. **Colonización y nuevas formas de acceso a la tierra de productores familiares: enseñanzas de la colonia Maestro Soler en Uruguay.** Ano 17. n. 24. p. 146-166.

COSCIONE, Marco; PINZÓN, Viviana García. **Paro nacional agrario en Colombia: TLCS y perspectivas del movimiento social y popular.** Ano 17. n. 24. p. 167-190.

ZIMERMAN, Artur. **Conhecendo a questão agrária por seus atores.** Ano 17. n. 24. p. 191-200.

## COMPÊNDIO AUTORES

ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia.** Ano 12, n. 15 p. 07– 21, 2009.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana.** Ano 7, n. 5 p. 13 – 33, 2004.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59 – 74, 2005.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74 – 93, 1998

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra.** Ano 8, n. 7 p. 22 – 34, 2005.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58 – 67, 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; HÉRNANDEZ, David Gallar; COLADO, Ángel Calle. **A “nova” questão agrária em Andalúcia: processos de recampesinização em tempos de impérios agroalimentares.** Ano 17. n. 24. p. 09-35.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22-32, 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, Edição Especial, p. 93 – 102, 2012.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

AVILA, Camilo Alejandro Bustos. **O componente social do Plano Colômbia e a territorialidade da comunidade camponesa-indígena Awá do departamento de Putumayo (Colômbia).** Ano 16. n. 22. p. 09-26.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63 – 72, 2004.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1 – 27, 2006.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária.** Ano 15. n. 20 p. 83-98, 2012.

BARRI, Juan. **Renta Agraria em contextos de alta productividad: las contradicciones emergentes en el actual régimen de producción agropecuaria argentino.** Ano 16. n. 22. p. 27-42.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

BATISTA, Ândrea Francine. **A formação e a organização política na territorialização contra-hegemônica: a experiência da Via Campesina sudamérica.** Ano 17. n. 24. p. 51-70.

BELLACOSA, Julia Marques. **Os desafios da produção camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis, o assentamento Monte Alegre: Araraquara-SP.** Ano 16. n. 22. p. 55-81.

BELO, Diego Carvalho; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. **Acampamentos do MST e sua importância na formação da identidade do sem terra.** Ano 17. n. 24. p. 71-85.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR.** Ano 8, n. 6 p. 14 – 23, 2005.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária.** Ano 11, n. 13 p. 6 – 15, 2008.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica.** Ano 10, n. 10 p. 1 – 10, 2007.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas.** Ano 12, n. 14 p. 112 – 124, 2009.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST.** Ano 11, n. 13 p. 156 – 165, 2008.

BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST.** Ano 9, n. 9 p. 28 – 48, 2006.

BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Ano 11, n. 12 p. 6 – 17, 2008.

BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX).** Ano 9, n. 9 p. 49 - 73, 2006.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola.** Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade.** Ano 7, n. 5 p. 1 – 12, 2004.

CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul.** Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.

CARDONA, David Vásquez. **Disputas territoriales con el capital, las subordinaciones, paradigmas y modelos de desarrollo.** Ano 16. n. 23. p. 09-26.

CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico.** Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.

CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas**. Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária**. Ano 7, n. 5 p. 113 – 122, 2004.

CASTRO, Cloves Alexandre. **Movimento social e geografia: contribuição ao debate**. Ano 16. n. 23. p. 81-108.

CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso**. Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária**. Ano 11, n. 13 p. 16 – 25, 2008.

CHENG, T.J. **Overtime in China: law, practice and social exclusion**. Ano 11, n. 13 p. 26 – 46, 2008.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil**. Ano 15. n. 21 p. 08-32, 2012.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de “vidas inundadas”**. Ano 12, n. 15 p. 34–65, 2009.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais**. Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

COSCIONE, Marco; PINZÓN, Viviana García. **Paro nacional agrario en Colombia: TLCS y perspectivas del movimiento social y popular**. Ano 17. n. 24. p. 167-190.

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **Aspectos da formação da opinião pública paulista: um estudo baseado no Dataluta jornal de 1988 a 2010**. Ano 16. n. 23. p. 60-80.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglis jurídico**. Ano 15. n. 20 p. 99-130, 2012.

CUTINELLA, César. **La cuestión agraria uruguaya en los manuales escolares de geografía: una aproximación a su evolución histórica**. Ano 17. n. 24. p. 36-50.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos**. Ano 11, n. 13 p. 47 – 82, 2008.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro**. Ano 15. n. 20 p. 131-155, 2012.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Pelo espaço ou pelo território? Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial**. Ano 15. n. 21 p. 50-68, 2012.

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165 – 173, 2007.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72 – 75, 1998.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants.** Ano 11, n. 12 p. 18 – 30, 2008.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe.** Ano 15. n. 20 p. 08-57, 2012.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato.** Ano 11, n. 13 p. 83 – 101, 2008.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 9, n. 8 p. 29 – 51, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 15, Edição Especial, p. 103 – 126, 2012.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Occidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48 – 67, 2005.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 8 – 32, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 55 – 78, 2012.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68 – 94, 2000.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni; MARQUES, Erwin Becker; GONÇALVES, Leandro Daneluz. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR.** Ano 15. n. 21 p. 33-49, 2012.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre.** Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33 – 47, 2007.

FELICIANO, Carlos Alberto. **“Grilos” jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48 – 60, 2007.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112 – 124, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 2 – 44, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24 – 34, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 09 – 20, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 1 – 32, 1998.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61 – 80, 2007.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113 – 143, 2006.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **“Campesinato como ordem moral”: (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14. n. 19 p. 44-58, 2011.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11 – 36, 2007.

GARRIDO, Hellen Charlot Cristancho. **Vivir bien ¿paradigma no capitalista?** Ano 15. n. 21 p. 173-180, 2012.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141 – 155, 2005.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31 – 56, 2008.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75 – 91, 2005.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo.** Ano 7, n. 4 p. 5 – 19, 2004.

GÓMEZ, Sérgio. **Urbanização e Ruralidade. Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social.** Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136–138, 2009.

GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero.** Ano 7, n. 5 p. 43 – 55, 2004.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 9, n. 8 p. 1 – 28, 2006.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 15, Edição Especial, p. 127 – 154, 2012.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition.** Ano 10, n. 10 p. 151 – 164, 2007.

JARA, Cristian Emanuel; SPERAT, Ramiro Rodríguez; MANRIQUE, Luis Felipe Rincón. **La agricultura familiar en el desarrollo rural: continuidades y rupturas del paradigma neoliberal en argentina y Colombia.** Ano 17. n. 24. p. 86-106.

JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás.** Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.

JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173 – 185, 2006.

KARRIEM, Abdurazack. **“Marching as to war”: a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism.** Ano 8, n. 6 p. 1 – 13, 2005.

LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST.** Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.

LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil.** Ano 9, n. 9 p. 144 – 158, 2006.

LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125 – 140, 2005.

LOBOS, Damian Andres. **Los territorios de la desposesión: los enclaves y la logística como territorialización del modelo extractivo sudamericano.** Ano 16. n. 22. p. 43-54.

MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37 – 56, 2007.

MACEDO, Magno Roberto Alves; DARNET, Laura Angélica Ferreira; THALÊS, Marcelo Cordeiro; POCCARD-CHAPUÍS, Rene. **Configuração espacial do desflorestamento em fronteira agrícola na Amazônia: um estudo de caso na região de São Félix do Xingu, estado do Pará.** Ano 16. n. 22. p. 96-110.

MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.

MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Nova lógica na produção de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana: transformações fundiárias para a perpetuação das relações de poder.** Ano 16. n. 22. p. 111-126.

MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos.** Ano 1, n. 2 p. 51 – 73, 1998.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 11, n. 12 p. 57 – 67, 2008.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 15, Edição Especial, p. 43 – 54, 2012.

MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81 – 108, 2007.

MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.

MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável....** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14. n. 19 p. 59-72, 2011.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídas do território das fabriquetas de queijo.** Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje.** Ano 9, n. 8 p. 151 – 172, 2006.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. **Agricultura de beira de estrada ou agropecuária marginal ou, ainda, o campesinato espremido.** Ano 16. n. 23. p. 43-59.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

MORALES, Selene. **La “sojización” y la tierra en disputa: desarrollo del capitalismo agrario en Uruguay.** Ano 16. n. 23. p. 109-130.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 15, Edição Especial, p. 155 – 176, 2012.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas.** Ano 3, n. 3 p. 45 – 57, 2000.

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o “levante comunista” de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

MORENO, Glaucia de Sousa; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense.** Ano 15. n. 21 p. 79-99, 2012.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo Tekoha-Tekohará.** Ano 15. n. 21 p. 114-134, 2012.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação versus reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7 – 27, 2000.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso.** Ano 7, n. 5 p. 73 – 85, 2004.

NEVES, Achiles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos “movimentos” pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35 – 42, 2004.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 – 93, 2005.

NORDER, Luis Antônio Cabello. **Controvérsias sobre a reforma agrária no Brasil (1934-1964).** Ano 17. n. 24. p. 133-145.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.** Ano 11, n. 12 p. 117 – 136, 2008.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual.** Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual.** Ano 12, n. 15 p. 66– 87, 2009.

OLIVEIRA, Nallígia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas.** Ano 13, n. 17 p.150-156, 2010.

OMENA, Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque; SOUZA, Roberto Rodrigues de; SOARES, Maria José Nascimento. **Contradições do programa sergipano de biodiesel.** Ano 15. n. 21 p. 162-172, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro.** Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

OYAHANTÇABAL, Gabriel. **Los tres campos em la cueston agraria en Uruguay.** Ano 16. n. 22. p. 82-95.

PASINI, Isabela Leão Ponce; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; SILVA, Douglas Mansur da. **Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente.** Ano 17. n. 24. p. 107-121.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social.** Ano 1, n. 2 p. 33 – 50. 1998.

PATIÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia**. Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

PATRÍCIO, Patrícia Cartes; GOMES, João Carlos Costa. **Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação**. Ano 15. n. 21 p. 100-113, 2012.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos**. Ano 7, n. 5 p. 86 – 101, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital**. Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes**. Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 15, Edição Especial, p. 21 – 42, 2012.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária**. Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo**. Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005)**. Ano 8, n. 6 p. 92 – 117, 2005.

PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS**. Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial**. Ano 15. n. 21 p. 69-78, 2012.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural**. Ano 7, n. 4 p. 20 – 28, 2004.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx**. Ano 8, n. 7 p. 35 – 47, 2005.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo**. Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia**. Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 59 – 72, 1998.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la praxis desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).** Ano 10, n. 10 p. 94 – 114, 2007.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Ano 8, n. 6 p. 46 – 58, 2005.

REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil.** Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados.** Ano 1, n. 1 p. 45 – 58, 1998.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato.** Ano 16. n. 23. p. 167-170.

RINCÓN, Luis Felipe. **¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala.** Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico.** Ano 7, n. 5 p. 56 – 62, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária.** Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

ROOS, Djoni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra.** Ano 12, n. 14 p. 97 – 111, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense: Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização.** Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem; GIRARDI, Eduardo Paulon. **Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro.** Ano 15. n. 21 p. 135-161, 2012.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya.** Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia una Geografía útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España.** Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS.** Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.

SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89 – 112, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais.** Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131 – 148, 2007.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable.** Ano 11, n. 13 p. 128 – 143, 2008.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista.** Ano 8, n. 7 p. 1 – 21, 2005.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115 – 133, 2007.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft.** Ano 10, n. 11 p. 149 – 169, 2007.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 13, n. 16 p. 7-21, 2010.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 15, Edição Especial, p. 79 – 92, 2012.

SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE.** Ano 12, n. 14 p. 125 – 141, 2009.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74 – 108, 2006.

SILVA, Rafael Navas; SILVA, Ivone da; MARTINS, Cibele Chalita. **Formação de coletores de sementes nativas da mata atlântica.** Ano 17, n. 24. p. 122-132.

SILVA, Raimundo Pires. **As especificidades da nova ATER para agricultura familiar.** Ano 16, n. 23. p. 150-166.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 7, n. 4 p. 42 – 49, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, Edição Especial, p. 177 – 184, 2012.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14, n. 19 p. 73-89, 2011.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do “rural”: breve abordagem.** Ano 7, n. 4 p. 50 – 55, 2004.

SILVA, Tanise Pedron da; COSTABEBER, José Antônio. **A (re)organização da produção: um estudo da segurança alimentar nos assentamentos de reforma agrária Santa Rita e Sepé Tiaraju, município de Capão do Cipó (RS).** Ano 16, n. 23. p. 131-149.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122 – 130, 2007.

SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão.** Ano 11, n. 13 p. 144 – 155, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108 – 116, 2008.

SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.

SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.

SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134 – 150, 2007.

TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economía política clásica: David Ricardo.** Ano 9, n. 8 p. 122 – 132, 2006.

THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17 p. 7-28, 2010.

VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST.** Ano 12, n. 14 p. 63 – 71, 2009.

VARGAS, Daiane Loreto. **Trabalho dos extensionistas no contexto da ATEs: o caso dos assentamentos de Candiota/RS.** Ano 16. n. 22. p. 127-137.

VASSALLO, Miguel; CHAVES, Ethel Ferreira. **Colonización y nuevas formas de acceso a la tierra de productores familiares: enseñanzas de la colonia Maestro Soler en Uruguay.** Ano 17. n. 24. p. 146-166.

VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.

VELTMEYER, Henry. **El itinerario de desarrollo como un idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.

VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vitor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará.** Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.

VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29 – 41, 2004.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. **Território (i)material e Geografia Agrária: Paradigmas em Questão.** Ano 16. n. 23. p. 27-42.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional.** Ano 8, n. 6 p. 35 – 45, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159 – 168, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102 – 112, 2004.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94 – 111, 2005.

ZIMERMAN, Artur. **Conhecendo a questão agrária por seus atores.** Ano 17. n. 24. p. 191-200.